

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *CRY WOLF*

PATRICIA BRIGGS

"Patricia Briggs always
enchants her readers."

—Lynn Viehl, *USA Today*
bestselling author



An Alpha and Omega Novel

HUNTING GROUND





#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *CRY WOLF*

PATRICIA BRIGGS

"Patricia Briggs always
enchants her readers."
—Lynn Viehl, *USA Today*
bestselling author

An Alpha and Omega Novel

HUNTING GROUND

Patricia Briggs

ALFA E ÔMEGA 02

TERRITÓRIO DE CAÇA
(HUNTING GROUND)

[Sinopse 3](#)

graph-definition>

Capítulo 1 4

graph-definition>

Capítulo 2 11

graph-definition>

Capítulo 3 28

graph-definition>

Capítulo 4 40

graph-definition>

Capítulo 5 54

graph-definition>

Capítulo 6 68

graph-definition>

Capítulo 7 82

graph-definition>

Capítulo 8 96

graph-definition>

Capítulo 9 109

graph-definition>

Capítulo 10 124

graph-definition>

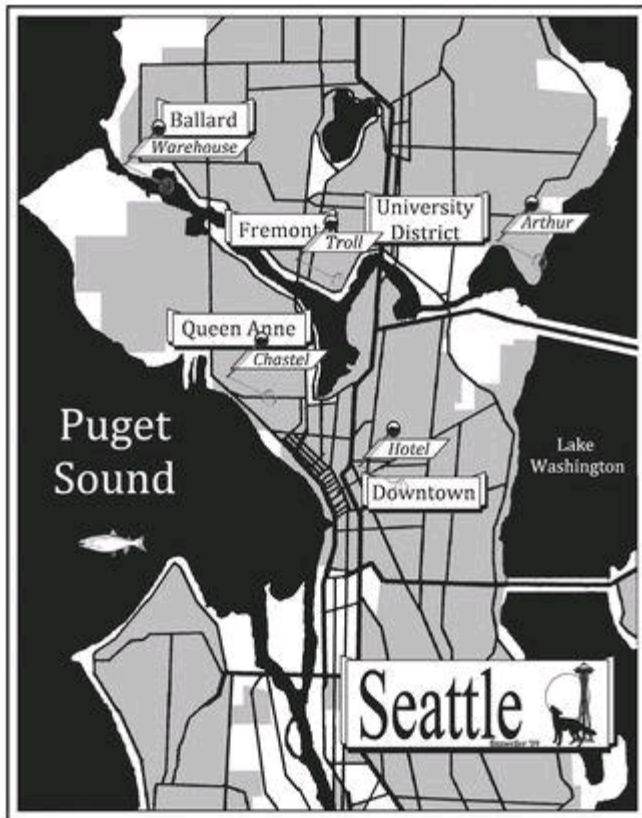
Capítulo 11 138

graph-definition>

Capítulo 12 150

graph-definition>

Capítulo 13 164



Sinopse

Anna Latham, companheira de Charles Cornick – executor e filho do Líder dos homens lobos da América do Norte -, sabe perfeitamente quão perigosas essas criaturas podem ser, principalmente quando um homem lobo que enfrentou Charles e o seu pai é eliminado. A reputação de Charles o torna o principal suspeito. A penalidade por tal crime é a morte. Agora, Anna e Charles terão que combinar seus talentos para apanhar o verdadeiro assassino... Ou o próprio Charles pagará muito caro.

Revisão Inicial: Joema

Revisão Final: Carmen

Projeto Revisoras Traduções

Capítulo 1

Ela o observa do esconderijo, como já fizera duas vezes. Na primeira vez, ele cortava lenha, mas hoje, depois da pesada nevasca típica de meados de dezembro, ele estava limpando a calçada. E hoje ela iria pegá-lo.

Com o coração na boca, ela observa a violência cuidadosamente contida com que ele trabalha na neve. Seus movimentos iguais aos anteriores. Os movimentos da pá produzindo marcas exatamente iguais às anteriores. E sob tal rigidez, ela percebia a fúria aprisionada e contida por pura força de vontade, como o invólucro de uma bomba.

Endireitando-se e respirando levemente para que ele não a visse, ela imaginou como faria. *Por trás, ela pensou, tão rápido quanto possível, para não dar tempo de ele reagir.*

Só um movimento rápido, e tudo estaria feito — se ela não perdesse a coragem, como anteriormente.

Algo dizia a ela que tinha que ser hoje, não haveria outra oportunidade. Ele era cauteloso e disciplinado e - se não estivesse tão zangado – seus sentidos aguçados de homem lobo logo detectariam seu esconderijo na neve, sob a cobertura de abetos do pátio frontal.

Ela tremeu, tensa pelo que havia planejado. Uma emboscada. Débil e covarde, mas, a única possibilidade dela pegá-lo. E precisava fazer isso, porque era uma questão de tempo até ele perder o controle que no momento mantinha, trabalhando com a pá enquanto o lobo se enfurecia dentro dele. E quando seu controle fracassasse, pessoas poderiam morrer.

Perigo. Ele podia ser muito rápido. Se ela falhasse, ele poderia mata-la. Ela precisava confiar em seus reflexos de mulher lobo. Era necessário fazer isso. A decisão deu-lhe forças. Seria hoje.

Charles ouviu o SUV, mas não olhou para cima. Tinha desligado o celular e ignorado a voz do pai em sua mente até que desaparecesse. Como ninguém vivia nos arredores da estrada coberta pela neve da montanha, o SUV só podia significar o próximo movimento de seu pai na intenção de forçar seus limites.

— Ouça, Chefia.

Era um lobo novato, Robert, escolhido para ser o mensageiro do alfa do bando Aspen Creek[1] por ter cometido alguma falta. Algumas vezes o Marrok ajudava esses tipos; em outras, só restaurava a ordem. Se Robert não aprendesse disciplina, provavelmente seria tarefa de Charles executá-lo. E no caso de Robert não mostrar boas maneiras, sua eliminação não o incomodaria tanto. O fato de Bran tê-lo enviado provava o quão furioso seu pai estava com o

mensageiro.

— Chefia! — O homem sequer saíra do carro. Charles concedia a poucos o privilégio de chamá-lo por outro termo que não seu próprio nome, e esse filhote de cachorro não estava entre esses.

Charles deteve-se e encarou o outro lobo, simplesmente deixando-o perceber onde pisava. O homem perdeu seu largo sorriso empalidecendo e baixando o olhar instantaneamente, o batimento cardíaco fazendo o ritmo sanguíneo pulsar em seu pescoço devido ao medo repentino.

Charles sentiu-se mesquinho. E ressentido pela indignidade do transgressor e pela fúria que ele despertara. Dentro dele, seu Irmão Lobo cheirou a debilidade de Robert e gostou. A tensão de estar desafiando o Marrok, seu Alfa, deixara seu Irmão Lobo querendo sangue. Robert serviria.

— Eu... ahn...

Charles não disse nada. Deixou o idiota fazer o trabalho. Entrecerrou as pálpebras e observou o homem se retorcer ainda mais. O aroma de medo agradou seu Irmão Lobo e ao mesmo tempo fez Charles se sentir um pouco doente. Ele e seu Irmão Lobo normalmente mantinham-se equilibrados, mas, talvez, o problema fosse o fato de o homem no momento também desejar matar alguém.

— O Marrok quer vê-lo.

Charles esperou um minuto inteiro, imaginando quanto tempo o garoto levaria para terminar a mensagem.

— Isso é tudo?

— Sim, senhor.

Esse “senhor” estava muito longe do “Ouça, Chefia” de antes.

— Diga-lhe que irei depois que meu caminho estiver claro. — E Charles voltou ao seu trabalho. Depois de limpar a neve por algum tempo, escutou o SUV dar a volta na estrada estreita. O veículo girou e depois partiu ao encontro do Marrok, com Robert desejando urgentemente escapar de Charles. O Irmão lobo ficou satisfeito; Charles tentou não ficar também. Sabia que não era certo chamar a atenção desafiando as ordens do pai, especialmente diante de um lobo que necessitava correções, como Robert. Mas Charles precisava de um tempo.

Tinha que ter mais autocontrole antes de confrontar novamente o Marrok. Necessitava estar verdadeiramente controlado para explicar, de forma racional, porque a decisão do Marrok não era boa – ao invés de simplesmente ataca-la, como nas últimas quatro vezes que Charles tentara convencê-lo.

Desejou, não pela primeira vez, ter facilidade com as palavras. Seu irmão às vezes conseguia mudar o pensamento do Marrok com argumentação, mas ele não tinha a mesma

habilidade. Charles apenas *sabia* que o pai estava errado.

Ele concentrou-se na neve, respirou profundamente o ar frio... e algo pesado aterrizou em seus ombros, atirando-o de barriga para baixo no solo. Dentes afiados e uma boca quente roçaram em seu pescoço e rapidamente se foram, assim como o peso que o derrubara. Imóvel, Charles entreabriu os olhos e avaliou de cima a baixo, cautelosamente, o lobo negro que o enfrentava... a cauda agitava-se rapidamente e as patas dançavam na neve, com as garras estendendo-se e retraindo como as de um gato com excitação nervosa.

E algo fez *click* no interior do seu Irmão Lobo, desativando a cólera aguda que revirava o estômago de Charles há duas semanas. O alívio foi suficiente para que ele enterrasse novamente o rosto na neve. Só ela, somente com ela seu Irmão Lobo se aplacava totalmente. E algumas semanas não era tempo suficiente para acostumar-se a esse milagre — ou para deixar de ser estúpido e pedir a ajuda dela.

Provavelmente, esse era o motivo pelo qual ela tinha planejado a emboscada.

Quando ele estava no limite, explicara para ela quão perigoso seria tentar pega-lo desprevenido. Mas, aparentemente, o Irmão Lobo reconhecera perfeitamente quem o atacava: apenas se deixara derrubar sobre a neve. Charles sentiu-se bem com o frio no rosto.

Pedaços de gelo rangeram debaixo de suas patas, e ela soltou um uivo de ansiedade - provando que não o tinha percebido observá-la. O nariz frio dela tocou sua orelha e ele se esforçou para não reagir. Fazendo-se de morto, com o rosto sepultado na neve, deixou o sorriso aumentar livremente.

O nariz frio se retirou e ele esperou seu retorno com o corpo aparentemente frouxo e sem vida. O leve cutucão das garras dela o manteve firme como uma rocha, mas quando ela mordeu seu traseiro, não pode conter um tremor e soltou um som agudo. Depois disso era inútil fingir, então se virou e ergueu o corpo até curvar-se. Ela rapidamente correu para longe do seu alcance, depois se voltou novamente para ele. Charles sabia que seu rosto não demonstrava nada. Tinha muita prática em controlar sua expressão. Mas ela viu algo que a fez curvar-se para frente e afrouxar a mandíbula em um sorriso aberto de lobo - um convite universal para uma brincadeira. Ele começou a avançar e ela saiu correndo com um som agudo de excitação.

Lutaram por todo o pátio dianteiro, deixando em completa desordem sua passagem bem cuidada e convertendo a neve lisa em um campo de batalha coberto de impressões de patas e corpos. Ele permaneceu na forma humana para equilibrar o jogo, já que seu lobo pesava mais que a forma lupina dela cerca de sessenta ou oitenta libras[2]. E ela não usou as garras ou os dentes contra a frágil pele dele.

Ele riu dos falsos rosnados que ela soltou quando fingiu atacar o estômago dele — depois riu outra vez quando um focinho gelado empurrou seu casaco e meteu-se sob a camisa, provocando cócegas nas laterais de sua cintura. Ele foi cuidadoso para não machucá-la sequer acidentalmente. Que ela se arriscasse tanto era uma prova de confiança imensamente apreciada, mas ele não deixou seu Irmão Lobo esquecer que ela não os conhecia bem e tinha muitas razões para temer o

que eram: macho e lobo dominante.

Ele escutou um carro dar a volta. Ele poderia ter parado a brincadeira, mas seu Irmão Lobo não estava com vontade de entrar em uma batalha real. Agarrou a pata traseira dela e a puxou ao mesmo tempo em que rodava fora do alcance das presas intermitentes. E ignorou o pungente perfume da cólera de seu pai... Um aroma que se desvaneceu abruptamente.

Anna estava inconsciente da presença do pai dele. Bran podia desvanecer-se nas sombras como se fosse um homem qualquer e não o Marrok. Toda a atenção dela estava em Charles, e isso fez com que o Irmão Lobo deixasse até o Marrok em segundo plano. Isso preocupou o homem porque a falta de treinamento dos sentidos lupinos dela poderia deixar passar algum perigo que algum dia a mataria. O Irmão lobo, certo de que podia protegê-la, desfez a preocupação de Charles, arrastando-o de volta à alegria da brincadeira.

Ele ouviu o pai suspirar e começar a despir-se enquanto Anna disparava ao redor da casa, com Charles perseguindo-a. Ela usou as árvores do pátio traseiro para mantê-lo à distância. As quatro patas davam à loba melhor tração que as botas do homem e ela podia esgueirar-se pelas árvores com maior rapidez.

Finalmente ele a afugentou do arvoredado e ela escapou ao redor da casa, com ele pisando em seus calcanhares. Ela virou a esquina para o pátio dianteiro e congelou diante da forma de lobo do pai de Charles à espera deles. Charles mal pode evitar atropelá-la.

Antes que pudesse verificar se ela estava bem, um míssil prateado avançou sobre ele e abruptamente o jogo virou. Enquanto era apenas ele e Ana, na maior parte do tempo Charles comandara a brincadeira. Mas com seu pai juntando-se à disputa, ele se viu forçado a redobrar sua velocidade e os esforços de seus músculos e cérebro para impedir que a loba negra e o lobo prateado o jogassem de cara na neve. Por fim, ele deixou-se cair de costas, sentindo Anna sobre suas pernas e as presas de seu pai nas laterais de sua garganta, em uma falsa ameaça.

—OK, — ele disse, relaxando o corpo em sinal de rendição. — OK. Dou-me por vencido.

As palavras assinalaram mais que um simples fim de jogo. Ele tentara. Mas no final, a palavra do Alfa era lei. O que ele ordenava tinha que ser obedecido. Então ele se submeteria como qualquer filhote do bando dominado por seu pai. O Marrok levantou a cabeça e deixou o peito de Charles. Espirrou e sacudiu a neve enquanto Charles sentava e libertava as pernas do peso de Anna.

—Obrigado, — disse a ela, recebendo um sorriso aberto e feliz.

Charles recolheu as roupas sobre o capô do carro do pai e abriu a porta da casa. Anna entrou saltitante na sala e trotou para o dormitório. Ele lançou as roupas de seu pai no banheiro e quando ele as seguiu, fechou a porta atrás da cauda branca.

Havia chocolate quente e sopa pronta quando seu pai voltou, o rosto ruborizado pelo esforço da mudança, os olhos cor de avelãs, outra vez humanos. Charles e seu pai não eram muito

parecidos. Ele parecia com a mãe Salish enquanto Bran era completamente galês, tendo o cabelo claro e as características conspícuas que normalmente lhe dava uma expressão enganosamente fervorosa – que, no momento, não estava à vista em parte alguma. Apesar do jogo, Bran não parecia particularmente feliz.

Charles não se preocupou em falar. Ele não tinha nada a dizer, de qualquer forma. Seu avô frequentemente dizia que ele se esforçava muito para mover árvores quando um homem mais sábio passaria ao redor delas. Seu avô tinha sido um homem da medicina que gostava de falar por metáforas. Ele normalmente estava certo. Charles entregou uma caneca de chocolate quente ao pai.

— Sua esposa me chamou ontem à noite. — A voz de Bran foi brusca.

— Ah. — Charles desconhecia esse fato. Anna provavelmente telefonara quando ele estava fora, esforçando-se para esquecer as frustrações.

— Ela me disse que eu não escuto o que você diz, — seu pai acrescentou. — Eu respondi que ouvi muito claramente você me dizer que eu sou um idiota por ir a Seattle ao encontro da delegação europeia, como a maioria das alcateias americanas.

Diplomático, esse é meu nome, pensou Charles, decidindo que tomar o chocolate quente era melhor que abrir a boca.

— E eu perguntei se você tinha o hábito de discutir com ele sem uma boa razão. — disse Anna jovialmente, roçando inadvertidamente em Charles ao passar por seu pai. Ela usava o suéter favorito dele, cor de café. Nela, chegava à altura das coxas, soterrando-a em lã colorida e cor de cacau. Seu Irmão lobo apreciava que ela usasse suas roupas.

Anna deveria parecer uma refugiada, mas isso não acontecia. A cor fazia sua pele parecer porcelana e seu abundante cabelo cor de café claro brilhar. Também enfatizava as sardas que ele adorava. Ela deu um salto para sentar-se no balcão e ronronou felizmente quando pegou o chocolate quente.

— E depois ela desligou o telefone — o pai de Charles declarou em um tom mal-humorado.

— Hummm. — disse Anna. Charles não tinha como saber se devido ao chocolate quente ou às palavras do seu pai.

— E ela se recusou a atender ao telefone quando voltei a ligar. — Seu pai não estava nada contente.

Não é tão cômodo ter ao seu redor alguém que não te obedece instantaneamente, velho? Charles pensou, justo quando seu pai encontrou seus olhos. A risada repentina de Bran disse a Charles que seu pai não estava realmente alterado.

— Frustrante. — Charles arriscou.

— Ele gritou comigo. — Anna falou serenamente, golpeando ligeiramente sua frente. O

Marrok podia falar mentalmente com quaisquer de seus lobos, embora não pudesse ler seus pensamentos, independentemente do quanto parecesse fazer isso. De fato, ele era detestavelmente bom em ler às pessoas. — Eu o ignorei, e eventualmente ele desistiu.

— Não há nenhuma diversão em opor-se a alguém que não contra-ataca. — disse Charles.

— Sem poder discutir, eu sabia que ele teria que pensar no que eu disse, — Anna falou com ar satisfeito. — Mesmo que fosse apenas para encontrar as palavras certas para me silenciar da próxima vez que falasse comigo.

Ela ainda não tinha um quarto de século de idade e não estavam acasalados nem há um mês - e já conseguia dobrar todos eles à sua vontade. O Irmão lobo estava satisfeito com a companheira que encontraram.

Charles baixou sua caneca e cruzou os braços sobre o peito. Ele sabia que isso lhe dava um ar intimidador; essa era a intenção. Mas quando Anna se afastou dele, só um pouco, deixou cair os braços e enganchou os polegares nas calças jeans, relaxando os ombros. E sua voz foi mais gentil do que tinha planejado.

— Tentar manipular Bran costuma fazer com que o tiro saia pela culatra. — Ele disse a ela. — Eu a alertei contra isso.

Mas seu pai esfregou a boca e suspirou forte.

— Então, — disse ele — Por que pensa que seria desastroso eu ir a Seattle? Charles se voltou para o pai, sua determinação de opor-se à decisão de Bran de nem um pouco esquecida.

— A Besta vai estar lá e você ainda pergunta isso?

— Quem? — Anna perguntou.

— Jean Chastel, a Besta do Gévaudan — Charles respondeu. — Ele gosta de comer suas presas, e em geral é humana.

— Ele parou com isso. — Bran disse calmamente.

— Por favor, — Charles estalou, — não diga algo que você mesmo não acredita, cheira perigosamente como uma mentira. A Besta se viu forçada a deixar de matar abertamente, mas um tigre não perde suas listas. Ele ainda está fazendo isso. Você sabe tão bem quanto eu. — Ele podia ter acrescentado que Jean gostava de outras coisas reprováveis além do sabor da carne humana, e quanto mais jovem melhor. Mas Anna já tinha experimentado o que acontecia quando um lobo se tornava monstruoso. Não desejava ser quem diria a ela que havia no mundo monstros piores que seu antigo alfa. Seu pai sabia quem Jean Chastel era.

Bran lhe concedeu o ponto.

— Sim. Quase certamente é assim. Mas eu não sou um humano indefeso e ele não vai me

matar. — Ele olhou para Charles com suspeita. — Como você sabe. Então por que pensa que será perigoso?

Seu pai estava certo. Fora a questão da Besta, ainda ficava doente só de pensar na ida do pai. Era perigoso.

— Eu sinto isso, — Charles falou, por fim. — Mas a decisão é sua. — Seu estômago se retorceu com a antecipação de quão ruim poderia ser.

— Ainda não há uma razão lógica.

— Não. — Charles forçou seu corpo a aceitar a derrota e manteve seus olhos baixos.

Seu pai olhou pela janelinha que emoldurava as montanhas de um branco invernal. — Sua mãe fazia isso, — ele disse. — Ela fazia uma afirmação sem qualquer fundamento real e supunha que eu simplesmente devia aceitar suas palavras.

Anna olhava o pai com expectativa. Bran sorriu para ela, depois levantou sua caneca para as montanhas.

— Apreendi da forma mais difícil que ela normalmente estava certa. Frustrante não é fechar a capa. Então... — ele disse, voltando sua atenção para Charles. — Eles já estão a caminho, não posso cancelar agora, e mesmo que não fosse assim esse encontro precisa acontecer. Anunciar ao resto do mundo que há homens lobos entre eles afetará os lobos europeus tanto quanto a nós. Eles merecem a oportunidade de ser ouvidos e nós temos que explicar porque faremos isso. Deveria vir de mim, mas você é um substituto aceitável. Causará alguma ofensa, entretanto, e você vai ter que lidar com isso.

O alívio alagou Charles de tal forma que o deixou com uma fraqueza repentina, como se tivesse consumido todo o sentido do desastre absoluto e todo esse desastre se desvanecesse, deixando um vácuo. Charles olhou para sua companheira.

— Meu avô teria gostado de conhecer você — disse a ela, com voz rouca. — Ele teria dito: “Ela passeia ao redor das árvores...”.

Ela não entendeu, mas seu pai riu. Ele também conhecera o velho homem.

— Ele me chamava de alguém “que tromba contra as árvores”, Charles explicou, e com um senso de honra, necessitando que sua companheira soubesse quem ele era, acrescentou — ou, algumas vezes, de “Águia corredora”.

— Águia corredora? — Anna repetiu, olhando-o sombriamente. — O quanto isso é ofensivo?

— Muito estúpido para voar — Murmurou o pai com um pequeno sorriso. — O velho tinha uma língua malvada... Malvada e ardilosa, então repetia isso até lhe dirigir a ofensa seguinte. — Ele inclinou a cabeça como fazia Charles. — Mas você era muito jovem então, e eu não sou um

ser tão duro como uma árvore. Você se sentiria melhor se...

Anna pigarreou incisivamente. Seu pai sorriu. — Se você e Anna forem em meu lugar?

— Sim. — Charles fez uma pausa porque havia algo mais, mas a casa estava muita ocupada com coisas modernas para que os espíritos falassem com ele claramente. Normalmente isso era bom. Quando se tornavam muito exigentes, ele se retirava para seu escritório, onde os computadores e a eletrônica não os deixavam entrar. Entretanto, havia algo que o fazia respirar mais facilmente agora que seu pai tinha decidido não ir.

— Não mais seguro, mas melhor. Quando nos quer em Seattle?

Capítulo 2

— Amo Seattle. — Krissy levantou os braços e rodopiou. Ela olhou para cima com um grande sorriso ensaiado de garotinha, e seu amante sorriu. Ele estendeu a mão e acomodou um cacho dourado atrás da orelha dela.

— E se nós nos morássemos aqui, princesa? Eu poderia te dar um condomínio com vista para o mar.

Ela pensou a respeito disso e finalmente negou com a cabeça. — Eu sentiria falta de Nova Iorque, você sabe que sim. Não há nenhum lugar para ir às compras como Nova Iorque.

— Está bem, — ele disse, e sua voz foi um ronronar indulgente. — Mas podemos vir aqui brincar de vez, se você quiser.

Krissy inclinou a cabeça e aparou a chuva com a boca, num estalo rápido como um taco de beisebol tirando um farol de luz intermitente do céu.

— Podemos brincar agora?

— O trabalho vem antes da diversão. — disse Hannah, a desmancha-prazeres. Ela tinha sido amante de Ivan antes de Krissy. Krissy tomara seu lugar na cama e no coração dele e deixara Hannah irritada.

— Ivan, — Krissy quis persuadi-lo com súplicas, pondo uma mão sobre a camisa dele e deslizando-a para baixo enquanto lambia os lábios. — Não podemos ir brincar? Não temos que trabalhar esta noite, temos?

Ele deixou-a tomar sua boca e quando ele ergueu o pescoço seus olhos estavam quentes.

— Hannah, leve os outros para o hotel e contate nosso empregador. Krissy e eu estaremos lá em poucas horas.

Chovia outra vez, mas Jody crescera em Eugene, onde só chovia uma vez no ano, de janeiro a dezembro. Além disso, ele não se incomodava com a água.

Ele levantou o rosto e deixou que a chuva o molhasse. O ensaio havia demorado um pouco mais e o sol se pôs antes que ele saísse. A música tinha sido boa esta noite; Todos sentiram isso. Ele puxou as varetas do bolso de trás e golpeou o ar em um ritmo que só ele poderia ouvir. Havia alguma coisa que ele devia mudar no último compasso...

Ele tomou o atalho para seu apartamento — uma rua escura pequena, apenas o suficientemente larga para um carro e meio. — Não era tarde, mas não tinha ninguém ao redor,

exceto por um homem mais velho e uma garota que parecia ter dezesseis anos. Estavam ambos ensopados e se apressaram até ele.

— Desculpe-me, — disse o homem, — estamos de visita e parece que nos perdemos. Você sabe onde fica o restaurante mais próximo?

O casaco que ele usava era caro — Jody, pensou — e o relógio em seu pulso tinha uma pulseira de ouro. A garota, — quando se aproximou dele — era muito bonita, seguro que havia mais de uma geração entre o velho sujeito e a garota; Talvez ela fosse sua neta — usava sapatos de salto alto que mostravam pés pequenos.

Ela o pegou observando-a e desfrutou de sua admiração. Não podia ajuda-lo, mas lhe devolveu um sorriso. Ela pôs sua mão em seu pulso, e disse: — Precisamos encontrar comida. — O sorriso alargou-se um pouco mais, e ele viu as presas.

Estranho, ele pensou, ela não parecia pertencer aos grupos que sua ex-namorada frequentava - usando presas e jogando um game idiota... Algo relacionado a vampiros. Esta garota tinha o cabelo recolhido e se parecia mais com Britney Spears que como uma Vampira. Seus sapatos eram de uma cor de rosa quente, e nem uma peça de roupa era preta. Não gostou que sua garganta se apertasse com medo frente àquelas presas de acrílico.

— Há um lugar algumas quadras para lá, — respondeu, retorcendo o pulso gentilmente, para que o soltasse. — Servem comida italiana. Têm um ótimo molho vermelho.

Ela lambeu os lábios e não soltou seu pulso.

— Adoro molho vermelho.

— Olhe, — ele disse, sacudindo com força seu pulso para liberá-lo, — Pare com isso. Não tem graça.

— Não. — Sussurrou o homem, que de alguma maneira se colocara atrás de Jody enquanto ele falava com a garota. — Não tem graça em absoluto. — E houve uma dor aguda em seu pescoço.

— Onde há um lugar privado? — O homem mais velho perguntou depois de um momento. — Onde possamos brincar por algum tempo sem que alguém nos veja?

E Jody guiou seus novos amigos a umas quantas milhas de distância do estreito, onde ele sabia que ninguém os veria.

— Bem. — Disse o homem. — Muito bem.

A garota fechou os olhos e sorriu.

— O tráfego afogará por completo os gritos.

O homem se inclinou e pôs sua boca perto da orelha de Jody.

— Você pode assustar-se agora.

Jody se assustou por um longo tempo, antes que o jogassem dentro da água como um peixe.

— As rochas o manterão sob a água até que não possam dizer como ele morreu. — disse Ivan.

— Ainda penso que deveríamos tê-lo deixado nu e pendurado em uma árvore como aquela garota na Siracusa.

Ivan esfregou a parte superior de sua cabeça.

— Querida menina, — ele disse, e suspirou. — Essa foi uma situação especial; Ela era uma mensagem para seu pai. Este foi simplesmente um jogo, e deixar os tolos humanos saberem que o matamos interferiria com o negócio.

Ela olhou as paletas de bateria ensanguentadas e suspirou, jogando-as depois do corpo.

— E nada interfere com o negócio.

— O negócio mantém um teto sobre nossas cabeças e nos deixa viajar quando queremos, — Ivan disse a ela. — Precisa lavar o rosto, princesa, e trocar de roupa.

Um grande pico da montanha penetrou através da névoa branca dominando o esplendor impressionante do céu suave e Anna conteve seu fôlego. O monte Mounier, ela pensou, embora a geografia das Cascatas a fizessem tremer. Havia montanhas pulverizadas debaixo deles, mas esta tinha uma magnitude maior que as ondas lentas abaixo no solo. Gradualmente, outros grandes picos se revelaram ao longe, afogando-se nas nuvens.

— Está me ouvindo, Charles?

As montanhas estavam no lado de Charles no avião. Anna se apoiou tão longe dele como podia sem lhe tocar — ele pilotava o avião, — e ela não queria distraí-lo.

— Sim?

Usavam protetores de ouvido que protegiam suas orelhas sensíveis ao ruído do motor. Em seu ouvido, a voz foi o suficientemente para fazer zumbir em sua orelha embora estivesse baixa.

— Só me diga quantos aviões o bando possui?

Este era o segundo no qual ela viajava.

— Só o Lear Jet. — ele disse. — Se você se inclinar mais vai se engasgar. Este Cessna é meu.

Ele tinha um avião? Justo quando ela começava a pensar que o conhecia, alguma surpresa surgia. Sabia que ele dirigia as finanças do bando e sua alcateia não estava em perigo de ficar sem dinheiro em qualquer momento próximo. Ela sabia que ele próprio era financeiramente estável, embora realmente não tivessem falado muito sobre isso. Mas possuir um avião era algo inteiramente diferente de “financeiramente estável”, como o Monte Rainier era uma categoria inteiramente diferente da cadeia montanhosa que ela conhecera em Illinois.

— Não estamos lidando com um assunto do bando? — Ela perguntou. — Porque então viemos neste avião?

— O jato requer uma pista de pouso de cinco mil pés para a aterrissagem, — ele disse. — e não quero que o governo nos siga por todo lado, essa semana.

— O governo te segue? — Ela teve uma imagem repentina de Charles vagando por um quarto escuro enquanto homens avançavam atrás dele, tentando permanecer fora de vista e falhando, com caricato exagero.

Ele inclinou a cabeça.

— Podemos ser um segredo para o resto do mundo, mas pessoas equivocadas sabem que existimos.

E por isso o Marrok decidira que era hora de colocar os homens lobos à luz pública.

— Então pessoas equivocadas estão seguindo você?

Ele deu um sorriso de lobo.

— Só quando quero que o façam.

Ela considerou esse sorriso e decidiu que gostava disso nele. — Então onde vamos aterrissar?

— Em uma pista de pouso mantida pela alcateia da cidade de Esmeralda. Está a aproximadamente trinta milhas de Seattle.

O avião ricocheteou, caindo rápido e fazendo cócegas em seu estômago. Ela agarrou seus braços e riu quando Charles nivelou novamente o avião.

— Verdadeiramente gosto de voar.

Ele inclinou a cabeça e a olhou por cima das lentes escuras por um instante. Logo devolveu a atenção ao seu painel de controle. O avião se inclinou à esquerda.

Anna esperou que ele o endireitasse, mas Charles apenas o manteve com a cabeça inclinada suavemente, até que estavam de volta à vertical.

Sobre o riso dela, ele disse: — Este avião não é o mais apropriado para acrobacias aéreas, mas girar é uma manobra simples — Ele inclinou o avião de outra maneira, e continuou — quando feita corretamente. — E logo ele dançou ao nível do céu.

Ela estava ofegante, e seu diafragma doía de tanto rir quando o avião se nivelou. Ela percorreu o olhar sobre Charles, que mesmo então não sorria. Ele era ótimo sobrevoando o campo.

Charles devia odiava aviões tal como odiava a tecnologia mais moderna, segundo havia dito a ela. Mas ele possuía um e, minha nossa, como sabia pilotar. Quando dirigia a caminhonete, também era cuidadoso e controlado. Então porque tinha decidido brincar de acrobacia com o Cessna? Apenas para entretê-la, ou ele mesmo estava se divertindo?

Uma mulher devia entender mais seu companheiro. Quando a união deles se concretizara pela primeira vez, ela acreditou que o fazia. Mas sua habilidade inicial de toca-lo se desvanecera, enterrada sob camadas de autocontrole e autodefesa. Podia sentir a barreira erguida entre eles. Perguntou-se se ele sentia o mesmo em relação a ela, ou se podia lê-la cada vez que queria.

— Aqui é a Estação aérea Novembro, um, oito, oito, três Victor requerendo permissão para aterrizar. — ele disse, e ela precisou de um momento para perceber que ele falava com alguém além dela.

— Siga adiante, senhor. Digo, adiante, oito e três Victor. — Disse a voz de um desconhecido. — Bem-vindo ao território da alcateia da Cidade Esmeralda, senhor.

Charles lhes deixou cair abruptamente através das nuvens espalhadas, as montanhas de capas brancas se transformando num vale verde suave sob eles. Antes que ela percebesse, se encontraram com a pista de aterrisagem, as rodas pousando com um golpe gentil.

O lugar onde aterrizaram era quase tão remoto como Aspen Creek. Entretanto, havia mais ou menos cinquenta metros de neve acima das colinas enquanto ao pé da montanha, sob a qual tinham aterrizado, estava verde como no verão. Exceto pelo campo de pouso e o hangar, o chão estava entre árvores e arbustos.

Algumas pessoas correram para o hangar do avião enquanto Charles tirava seu protetor de ouvidos e desabotoava o cinto. Ele se afastou dela, diluindo a união entre eles dolorosamente. Se ele a tivesse prevenido disso, ela teria se calado: três anos em sua primeira alcateia tinham lhe ensinado a controlar a dor. Foi uma surpresa que um gemido escapasse de sua garganta.

Charles tirou os óculos e a encarou de cenho franzido. A compreensão repentina alargou seus olhos.

— Nunca pensei... — ele volteou sua cabeça e disse, não para ela, — Bem. Bem. — E o

colapso doloroso de sua união cessou.

Esquadrinhando-a sombriamente, ele se inclinou e tocou seu rosto.

— Sinto muito, — disse a ela. — Não tive a intenção de te deixar fora. Eu simplesmente estava...

Ele se deteve, aparentemente perdendo as palavras.

— Protegendo-se com sua armadura? — Ela sugeriu. — Está tudo bem, eu só não esperava. Faça o que tiver que fazer.

Mas ele não fez isso. Ao contrário, ao invés disso, ele declarou, olhando para os homens que entravam: — Estes não são inimigos. Não desta vez, de qualquer maneira.

Ele estava fora de seu assento antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. E o que diria? Ele se encerrava em si mesmo, a fim de poder matar quem quer que fosse, já que não gostava deles mais do que o devido. Assim não vacilaria em levar a cabo o que tivesse que fazer.

Ela sabia algo a respeito de seu companheiro, afinal. Ela saiu do avião atrás dele e à presença de lobos estranhos, ainda tentando decidir se deveria estar reconfortada ou preocupada.

— Estou contente de que tenha aterrizado bem, senhor. — Disse o encarregado.

Ainda a intimidava, algumas vezes, ela podia dizer quem estava encarregado, pelos movimentos sutis e a posição corporal. As pessoas reais – os humanos normais – não precisavam saber quem era o primeiro e quem era o último.

— Os seguíamos em nosso radar, e Jim aqui presente se preocupou que você pudesse ter tido algum problema, porque sua velocidade parecia um pouco errática.

Charles pôs uma cara neutra, e Anna se perguntou como teriam visto sua acrobacia aérea no radar.

— Nenhum problema. — ele disse.

O outro lobo esclareceu a garganta e baixou seu olhar fixo.

— Bem. Sou Ian Garner da alcateia da Cidade Esmeralda, e estou para ajudá-lo de qualquer maneira que me seja possível.

Enquanto Charles e os outros lobos descarregavam a bagagem e trocaram opiniões sobre como deveria cuidar do avião e guardá-lo, Anna se manteve um pouco afastada. Ela não estava tão nervosa com os desconhecidos como esperara ficar, e levou um minuto para perceber o motivo.

Ian era o intermediário do bando e uma espécie de líder no momento. Entretanto, o presente grupo não estava no topo da hierarquia dos lobos Alfa - não havia nenhum perto de ser mais

dominante; assim, não eram lobos que provocariam o instinto de um macho dominador, ativando a necessidade de colocá-los em seus lugares. Angus Hopper, o Alfa do bando da Cidade Esmeralda, era um homem preparado. Não que ele tivesse que preocupar-se com o controle de Charles, mas apostar na segurança era sempre um movimento inteligente.

Angus agira assim porque machos estranhos ainda assustavam Anna, e ela estava momentaneamente agradecida pela consideração. Haveria muitos machos dominantes para Charles afugentar mais tarde, quando as reuniões começassem.

Cada um dos lobos europeus presente era líder em seu próprio território e boa parte estava no poder há séculos. Mas nenhum poderia machuca-la enquanto ela estivesse com Charles. Sabia disso, contudo, esse medo se fortalecera durante anos, e seria necessário mais que alguns poucos meses para que ela o superasse.

— Vamos nos encarregar do avião. — disse Ian. Ele pegou a bagagem mais próxima e, com um movimento de ombro em lugar de palavras, os convidou a seguir por um caminho de pedra atravessando as árvores.

Charles pegou a outra mala e esperou que Anna seguisse à frente dele.

Quando começaram a se mover, o lobo da Cidade Esmeralda começou a falar rapidamente, o que poderia ter camuflado sua ansiedade diante de um simples humano. Charles causava essa reação nas pessoas, mesmo em sua própria alcateia, e Anna apostaria que o Marrok não sabia o quanto isso o incomodava.

— Angus está trabalhando — o lobo informou — mas ele avisou que você deve ter livre acesso à residência.

Anna lembrou ter vislumbrado uma casa enquanto voavam, mas, em terra, estava completamente oculta pelas árvores. Devia ser para onde se encaminhavam.

— Você pode requisitar o automóvel de qualquer um de nós, mas o bando dispõe de um jipe de trilhas bastante novo e um Corolla que já teve seus melhores dias. Angus também disse que seu BMW está a sua disposição, se desejar.

— Usaremos o Corolla, — Charles respondeu. — E vamos ficar em um hotel no centro. Aqui é muito longe para nos deslocarmos ao local da reunião todos os dias.

— Angus imaginou que você pensaria assim. Ele disse para convidá-los a se hospedarem em seu condomínio, na cidade.

— Não será necessário. — Charles disse. Anna não tinha certeza se ele notara que a boca do outro homem se abrira. Mas era provável que, mesmo que notasse, ele simplesmente não se importaria.

A alcateia da Cidade Esmeralda era anfitriã da reunião, e a recusa de Charles podia ser entendida como uma recusa em tê-los como aliados. Charles preferia ser independente, separar-se

das pessoas às quais ele poderia ser chamado a matar. Era o assassino e o executor da justiça do pai, e essa responsabilidade sombria afetava tudo o que fazia. Ele não se esforçava para ter amigos entre os homens lobos, nem sequer em seu bando. Sentia-se mais confortável sozinho.

Isso não queria dizer que Anna não pudesse limar sua aspereza.

— Nós apreciamos a gentileza. — ela declarou a Ian. — Mas estamos recém-emparelhados e... — não precisou se esforçar para ficar corada quando deixou a voz se desvanecer. E não obstante quão ofendido o homem estivera, ele foi fisgado pelo interesse.

— Então é verdade? — Ian deslizou o olhar por Charles, mas então rapidamente o desviou. — Tinha ouvido isso.

— Causou um choque, eu sei. — murmurou Charles.

O outro lobo ficou rígido e assumiu uma aparência preocupada, estava muito cauteloso com Charles para perceber o humor em suas palavras.

— Ele é um terrível gozador. — Anna disse para o Ian, tentando ajuda-lo.

A cara do lobo da Cidade Esmeralda afrouxou-se em incredulidade absoluta. Charles viu isso e sorriu abertamente para Anna. Foi uma lástima que Ian não visse a expressão de seu companheiro, mas a usual fachada pública de granito de Charles estava de volta antes que o outro lobo o percorresse com o olhar.

— Certo. — Ian disse. Ele limpou a garganta e mudou de assunto. — Então... Angus pediu que eu dissesse a você que as únicas pessoas que ainda esperamos são os russos e o francês. Ele pensou que você também poderia ter interesse em saber que o Alfa Britânico veio só com a companheira. Saberemos quando chegarem os russos, eles vão permanecer no apartamento da empresa de Angus.

— Empresa de Angus? — Anna questionou, pois fizera a bagagem às pressas e não tivera tempo de indagar sobre o bando daqui.

— Angus administra uma empresa de alta tecnologia. — Charles informou. — Eles desenvolvem *softwares* para outras companhias. Usaremos suas instalações esta semana, seu pessoal recebeu férias natalinas adiantadas. — Ele olhou para Ian. — Eu poderia apostar que os lobos franceses já chegaram. E Chastel vai querer verificar suas terras de caça antes mesmo de desfazer a bagagem.

— Não descobrimos o hotel em que eles vão se hospedar.

Charles balançou a cabeça.

— Diga a Angus que Chastel nunca ficaria em um hotel. Muito público. Ele deve ter alugado uma casa – um local agradável. Provavelmente ele já está aqui há uma semana ou duas.

Charles afirmara não ser saber lidar com pessoas, nem as entender... E talvez fosse assim, mas os predadores ele entendia muito bem.

O numero de árvores diminuiu e uma casa emergiu do bosque. Assim como a residência de Bran, esta casa fora planejada para aproveitar a topografia natural do terreno, de forma que as árvores que a circundavam disfarçavam com muita eficácia o seu tamanho. A empresa de Angus devia ser bastante lucrativa.

— Angus diz que o lobo francês é quem dará mais trabalho. — afirmou Ian.

— Não podemos subestimar os russos. — Charles acrescentou — Mas, Angus provavelmente está certo. Jean é poderoso, e loucamente assustador. Ele gosta de assassinar, especialmente se sua presa estiver fraca e com medo. A vida dele não se presta aos holofotes sob os quais estaremos depois de nos revelarmos ao mundo.

— Angus diz que Jean Chastel é quem decidirá a votação, porque os outros têm medo dele.

Charles sorriu sombriamente, seus olhos frios e claros.

— Não se trata de ser democrático: não há votação; não nisto. Os europeus não podem impedir que nós nos revelássemos ao mundo. Estou aqui apenas para ouvir suas queixas e decidir o que podemos fazer para ajudá-los a mitigar o impacto de nos tornarmos públicos.

— Não foi isso o que escutei das delegações europeias que chegaram. — Ian tomou o cuidado de não soar como se estivesse discordando de Charles.

— E quanto aos lobos asiáticos? — Anna perguntou. — Ou Africanos e Australianos? E os da América do Sul?

— Eles não têm importância. — Ian descartou a pergunta de Anna.

— Eles importam — Charles discordou suavemente — mas com eles, tratamos de maneira diferente.

O cheiro afiado do medo se enroscou no nariz de Anna; a resposta de Charles soara ameaçadora e Ian claramente havia captado a mensagem. — Ela franziu o cenho para Charles.

— Pare com o terrorismo. Eu preciso saber essas coisas. Conte-me sobre os homens lobos europeus.

Charles arqueou a sobrancelha, mas respondeu facilmente.

— Os homens lobos são predominantemente europeus e somos numerosos nesta parte do Novo Mundo, também. Há uns quantos de nós na África e um pouco menos na Ásia, onde há outros monstros dos quais não gostamos muito. Há duas alcateias na Austrália, com aproximadamente quarenta lobos. Ambos os Alfas foram informados dos nossos planos, e não expressaram objeções. Bran também discutiu suas intenções com os lobos sul-americanos. Não ficaram muito

felizes, porém, assim como os europeus, não podem mudar o que meu pai decide fazer. Mas, diferentemente dos europeus, sabem disso. Temos lhes devotado o mesmo tipo de ajuda que oferecemos aos europeus, e eles estão satisfeitos com isso. Também receberam convites, mas preferiram não vir.

Danificado e gasto, o Corolla tinha um controle manual de quatro velocidades com uma embreagem suscetível, e isso capturou totalmente a atenção de Anna enquanto ela os conduzia pela interestadual que levava à cidade.

— OK, — ela disse—. Preciso entender melhor. Deveria ter feito mais perguntas, mas tudo aconteceu terrivelmente rápido. O Alfa Britânico, não trazendo outros lobos consigo, pretende declarar a todos que pode enfrentar qualquer um que vá atrás dele?

Charles inclinou a cabeça.

—Não há nenhuma desavença entre Arthur Madden, o Alfa Britânico, e Angus. — Ele fez uma pausa. — Realmente, penso que não há nenhum problema entre Arthur e meu pai, tampouco. Se for o caso, chamarei meu pai e saberei que está havendo. Ele diz que Arthur é o único Alfa que enfrentará Chastel, e essa é uma coisa boa a se ter em conta. Necessitaremos cada vantagem que pudermos obter.

Ele soou... Não exatamente preocupado. Intrigado. Foi o pensamento de Anna; haveria uma luta diferente esta semana; sem envolver presas e sangue, mas sim uma batalha de inteligência. Todos esses lobos dominantes... A maior parte Alfas, no mesmo recinto. Discutindo. Talvez não fosse realmente uma forma diferente de lutar. Mas, no momento, Anna conduzia e não tinha ideia de onde eles estavam indo.

— Vamos para o hotel?

— Sim. — Charles respondeu, dando-lhe as coordenadas. Mas ao deixarem a estrada e chegarem às ruas do centro da cidade de Seattle, ele disse — Vamos fazer algo antes. Por que não passarmos para ver Dana, a *Fae* que concordou em moderar este apuro? — E talvez, como o pai, ele estivesse lendo os pensamentos de Anna, pois acrescentou — Além de ser...uma embaixatriz, uma graciosa anfitriã para auxiliar Angus, ela também deverá garantir a civilidade e nos livrar de ter que lavar as manchas de sangue dos tapetes dele. Tenho um presente de meu pai para ela, um agrado, pois vamos pagar uma pequena fortuna por sua ajuda.

— Nunca ouvi falar sobre *Faes*. — Anna nunca vira uma *Fae* antes, ou pelo menos achava que não. Por um momento ela sentiu um arrepio de excitação e apertou as mãos no volante. — Bran incumbiu uma *Fae* de mediar os assuntos dos homens lobos?

—Precisamos de alguém neutro para assegurar que não haverá violência.

Anna pensou nos lobos que havia conhecido: A violência sempre tinha saído do controle.

Ela tentou imaginar alguém que poderia dar um basta nisso. Bran, Charles... Mas tinham que utilizar-se de mais violência.

— Ela pode fazer isso?

— Sim. E o mais importante: todo mundo sabe disso.

— Que tipo de *Fae* ela é? Dana não é um nome alemão? Pensei que uma *Fae* seria um ente britânico, oriundo da Irlanda, Gales ou Escócia.

— A maioria das *Faes* dos USA é do norte europeu: Francês, Celta, Alemão, Inglês. Dana não é realmente o nome dela. Nesta década ou algo em torno disso, é o nome que ela está usando. Dana Shea, uma variante de *daoine sidhe*. Uma grande maioria das velhas *faes* e algumas bruxas não usam seus nomes... Algo que lhes pertença há muito tempo desenvolve poder sobre elas e pode ser usado contra elas, até mesmo algo que desprezem, e cabelos e unhas também serve ao mesmo propósito.

— Você sabe o nome verdadeiro dela? Ou o tipo de *Fae* que ela é?

— Não sei, e acredito que nem meu pai sabe. Mas ela é uma das Senhoras Cinzas, poderosa entre as *Faes*. Elas regem às *Fae* como meu pai faz com os lobos. — Charles correu o olhar por Anna. — Se Dana fosse uma assassina em série psicótica, creio que eu saberia. Você deve conhecê-la e conversar um pouco com ela. Depois me diga o que pensa dela.

Anna, ligeiramente divertida, respondeu.

— O que eu ganho se acertar?

Os olhos de Charles se iluminaram com o brilho do lobo que espreitava dentro dele, e a fome em seu olhar fixo informou a ela no que exatamente ele pensava ao responder: — O mesmo que você obteria caso errasse.

Anna esperou pelo medo ou mesmo pelo sobressalto que pensamentos sobre sexo normalmente causavam a ela... Mas nada aconteceu. Sentiu apenas um arrepio bem-vindo em seu estômago. Em menos de um mês, Charles havia feito sérios ataques a seus problemas nessa área.

— Certo. — respondeu.

Ele sorriu e relaxou contra o assento.

As ruas de Seattle eram menos niveladas que as de Chicago. As ruas se elevavam sobre a água, enredavam-se e continuavam sobre colinas onde as casas posavam imperturbadas pelos milhares de automóveis viajando frente a elas. Acima dos gases desprendidos pelos veículos prevalecia o aroma de água e de sal de Puget Sound e outros lagos e lagoas de água salgada. O céu cinzento gotejava ocasionalmente, não o suficiente para ligar os limpadores de para-brisas

intermitentes, apenas quando a chuva acumulava.

Seguindo as direções indicadas pelo Charles, ela saiu da estrada e se encontrou dando buzinas ao longo de uma lenta estrada que bem pode ter sido de um pequeno povo em Grã-Bretanha como de uma parte de Seattle. Viu-se velha, arcaica e bela, e um tanto curiosa.

Na água a sua direita estavam uma série de docas com botes e casas flutuantes, enquanto que a sua esquerda, os edifícios estreitos cobriam o lado de uma colina que se voltou progressivamente mais elevada enquanto ela conduzia.

Uma enorme ponte prateada, arqueou-se sobre a água e a estrada a qual ela conduzia, subia até terminar no topo de um escarpado. O nome do cruzamento de rua corria diretamente sob a ponte, e Anna teve que pôr seu pé no freio, para assegurar-se de que tinha lido corretamente o pôster.

— Troll?

— O que? — Charles tinha estado olhando para a água, mas se voltou para olhá-la.

— Há uma rua chamada Troll?

Ele sorriu repentinamente.

— Tinha-me esquecido disso. Por que não a segue para ir acima da colina?

Ela conduziu o carro acima da estrada e pensou por um momento que a decisão era um engano porque o carro azul pequeno se esforçava em avançar lentamente acima da colina. A estrada era estreita e claustrofóbica. Ela estava tão ocupada preocupando-se com a condução que não o viu até que estivesse muito perto. A estrada em que estavam acabou e começava outra rua. A ponte no alto lavrado no topo de uma colina. E no espaço entre a estrada e o fim da ponte se encurvava uma coisa gigante.

Sem consultar ao Charles, ela estacionou.

Alguém tinha esculpido um monstro humanoide enorme de cimento, levantando-se na areia: Um troll para a ponte.

O cabelo de cimento caía fracamente sobre um olho, enquanto o outro estava com o olhar fixo sobre Anna. Uma de suas mãos descansava sobre um escaravelho real, suficientemente grande para engolir o carro. O nariz do carro se escondia sob a barba do troll, como se procurasse refúgio ali.

Anna saiu do carro lentamente e caminhou ao longo da estrada, Charles a seu lado. A estátua tinha sido atacada com grafites recentemente, e as brilhantes cores rosadas e verdes, só realçavam a raridade da criatura. As unhas e as linhas de nódulos juntas esboçavam as mãos da criatura. As flores rosadas e verdes e cretáceas seguiram os contornos do para-lama do carro, e na janela de atrás, no vidro de cimento, alguém tinha escrito:

“Recém-casados.”

Anna sentiu que estavam sendo observados. Por cima do troll, no entalhe onde a ponte se chocava com o topo da colina, três ou quatro vagabundos os observavam precavidamente. A esquerda um jornal que tinham estado lendo e baixo fazia eles.

Ele era de uma estatura, visto de cima, baixa, embora à medida que se aproximava diminuiu bruscamente ainda mais. Ele usava um avental de pano velho, que estava generosamente salpicado com lama. Tênis Nikes descombinados guarneciam seus pés. O direito tinha um oco no dedo do pé e o esquerdo outro que deixava a mostra o lado de seu calcanhar, expondo as sujas meias três-quartos. A calça jeans que vestia era nova e rígida, entretanto salpicada como seu avental. Ela percebeu vislumbres de capas de camisas, uma camisa vermelha de flanela sob uma manta amarela com o botão branco de acima tão obscurecido até ser uma marca cinza.

Anna registrou a presença do homem, mas com Charles a seu lado o desconhecido não era uma ameaça, e Anna estava mais interessada no troll. Assim deixou Charles tratar com ele, enquanto ela subiu à parte de atrás do carro e ainda por cima do braço da criatura, então mais alto ainda até que pôde apoiar sua mão sobre seu nariz extragrande.

— Gosta de meu pequeno troll, né? — O desconhecido disse para Charles, sua voz era rouca, como a de um homem que tinha fumado um pacote de cigarros ao dia por anos. Ele não cheirava a cigarros, entretanto. Seu perfume atravessou o ar até o nariz de Anna, mundano e mágico, afiado com o almíscar de um predador.

— Era real? — Anna perguntou, sentindo-se segura onde estava, na presença de Charles.

O desconhecido a contemplou e riu, expondo uns farrapos de dentes enegrecidos tão afiados como seu aroma.

— Bom, agora. Poderia ser que o artista o tenha visto assim. — Ele deu uma pancadinha no braço de cimento em que ela estava em pé, e ela retrocedeu um passo cauteloso. — Ocorre que ele me construiu um amigo, de modo que estamos todos felizes. Ainda a Senhora Cinza, ali, achou gracioso. Nem sequer me machucou quando o viu e eu não tinha contado a ela.

As *fae* podiam esconder o que eram. Podiam-se ver como qualquer outro. Mas a fome que brilhou em seus olhos quando ele a olhou foi tão imortal como ela era e bastante mais velho. A sua loba não gostou dele, e Anna estreitou os olhos nele e deixou que ele escutasse seu grunhido.

Ele deveria saber que ela não era uma presa.

Ele riu outra vez e bateu na coxa com uma mão enluvada.

— É muito ruim que tenha se esquecido de mim, não trazendo um pouco de comida. — Ele estalou seus dentes conjuntamente e na escuridão sob a ponte, ela viu a faísca quando chocaram. — Ela me mastigaria e me daria como alimento para os grandes polvos que vivem por aqui, ela o faria. — O pensamento pareceu lhe divertir. — Embora um bom pedacinho carnudo de carne de

lobo poderia valer a pena.

—Troll. — disse Charles.

Ele estava se divertindo tanto com a Anna, que tinha esquecido a ameaça real. Recordado, sacudiu-se ao redor, se encurvou, e assoviou.

Charles tirou um dos adornos simples de ouro que usava em suas orelhas e o lançou ao *fae*, que o apanhou com mãos cruelmente rápidas.

— Pegue seu pedágio e vá, velho. — Charles disse.

— Hey, Jer — uma voz soou preocupada e espaçada, acima deles. — Não os incomode ou a polícia nos encontrará aqui. Você sabe que o farão.

O troll com aparência humana levantou o pedacinho de ouro até seu nariz e o cheirou. Seu rosto mudou bruscamente, e seus olhos formaram redemoinhos com uma luz azul estranha, antes que se assentassem e se convertessem em simplesmente olhos outra vez.

— O pedágio, — ele disse. — O pedágio.

— Jerry?

— Não há problema, Bill. — disse a seus... que... amigos? Seus companheiros de quarto, seus companheiros da ponte, que eram mais humanos que ele. — Seria uma brincadeira dizer boa tarde.

Ele olhou para Charles e por um momento fugaz, uma expressão honrada cruzou seu rosto e ele endireitou as costas, puxando os ombros para trás. E com uma voz clara, disse:

— Um conselho por seu pagamento. Não confie na *fae*. — Ele riu outra vez, voltando a ser o homem que os tinha saudado no primeiro momento, e tinha engatinhado de acima da colina e sob a ponte.

Charles não disse nada, mas Anna desceu e seguiu de retorno ao carro.

— Trolls são realmente grandes como essa estátua? — Ela perguntou, entrando.

— Não sei. — Charles respondeu. E sorriu à aparência alarmada dela. — Não sei tudo. Nunca vi um troll em sua forma verdadeira.

Ela pôs o carro em movimento.

— Supõe-se que um pedágio é por cruzar a ponte. Não cruzamos a ponte.

— Mas íamos cruzar. Pareceu apropriado.

— E quanto ao conselho que ele te deu?

Ele sorriu outra vez, seu rosto se iluminando com diversão.

— Você sabe o que dizem. Não Confie nas *fae*...

— OK. — Foi um conselho comum. Era a primeira coisa que as pessoas diziam e o ponto central na maioria das histórias a respeito delas. — Especialmente quando eles nos dizem que não o façamos, eu suponho. Aonde vamos agora?

— Dê a ré abaixo da estrada do troll. Vê as docas lá embaixo? Dana vive em uma casa flutuante ao pé do troll.

Ele só tinha visitado Dana em sua casa uma vez antes, mas Charles não teve problema para encontrá-la outra vez: Exatamente a casa não estava camuflada.

Havia quatro docas; Três delas lhes asseguraram um número de botes de diversas classes para eles. O quarto tinha só um. Uma casa flutuante de dois níveis, parecida com uma mansão vitoriana em miniatura, adornada com gengibre em todas as cores de um por do sol no oceano: O azul e o alaranjado, o amarelo e o vermelho.

Dana levava a ocultação a simples vista a um novo nível. Nenhum de seus vizinhos, com exceção das *fae*, sabia o que ela era.

Ela era o suficientemente capitalista que podia permitir-se escolher entre expor-se ou não... E ela tinha escolhido continuar escondendo-se.

Charles era poderoso, também. Mas ele não tinha alternativa.

— É esta? — Anna perguntou—, parece-se exatamente a algo em que uma fada deveria viver.

— Espera até ver o interior. — Disse a ela.

Por quase dois séculos ele tinha feito uma viagem difícil tinha terminado felizmente... ou ao menos satisfatoriamente, sempre por um caminho direito. Sua vida sempre tinha sido dedicada a servir seu Alfa, que era seu pai e Marrok, em qualquer coisa que ele necessitasse.

Quando seu pai contara o que pretendia, havia declarado precisar de indivíduos que fornecessem uma boa imagem pública para os homens lobos, e nos quais Bran pudesse confiar que não estragariam tudo perante o público; Charles tinha concordado em ser um deles. Não que teria feito diferença ele se recusar; no fim das contas, um lobo obedecia ao seu Alfa ou era morto por ele. E Charles sabia com uma certeza absoluta que o deixava contido que ele nunca poderia tomar a seu pai.

Mas isso tinha sido antes de Anna. Agora sua vida se tratava dela, a respeito de mantê-la segura. Tanto como ele estava de acordo com seu pai sobre o curso da ação correta a seguir, ele e seu Irmão Lobo estavam preocupados em preservá-la e apresentar-se ao público como um homem lobo não era compatível.

Esta semana, ele não poderia deixar escapar nada mais que um suspiro que pudesse expressar seus sentimentos verdadeiros nisto. Era preciso que os lobos saíssem à luz pública. Ele sabia isso. Mas agora ali estava Anna, e ela mudou as coisas.

— Deveríamos ver se ela está aqui? — Anna perguntou, ainda examinando a casa flutuante da segurança da terra.

Dana, sem dúvida, já sabia que estavam ali, ele sentiu um percurso mágico sobre sua pele enquanto andavam pela sua doca, mas ela esperaria até que se aproximassem dela corretamente.

Dana - “a Belle me dê sãs Merci” - tinha desempenhado este tipo de tarefa para o pai de Charles antes. E era muito bem remunerada, mas, com uma *fae*, sempre era bom adicionar um presente ao invés de agradecer...dizer “obrigado” a uma *fae* podia ser perigoso já que algumas interpretariam a palavra como a admissão de uma dívida. O Marrok não seria o único a oferecer um presente, mas o dele teria que ofuscar todos os demais. Charles podia ter entregado o presente quando se reunisse com ela, ao invés de fazer ir vê-la especialmente para isso, mas o pai dele sugerira que Dana apreciaria uma visita pessoal, e Anna também poderia desfrutar disso. Assim foram, ele com uma pintura pequena envolta sob seu braço, e Anna, que, alguns passos à frente, tinha posto o primeiro pé em cima da doca e descobriu um dique flutuante que ricocheteava. Deu-lhe um olhar feliz enquanto ele a seguia sobre o caminho de madeira molhado.

— Isto poderia ser divertido. — ela disse, então mudou de direção, deu um passo rápido depois dois passos para atrás, como um menino de escola no meio do recreio.

Charles deteve-se e a luxúria, o amor e o medo se misturaram em uma onda de emoções que ele, apesar de sua idade, não tinha ideia de como dirigir.

— O que é? — ela perguntou, um pouco ofegante pelo exercício. Anna afastou o cabelo ondulado do rosto e ficou séria. — Algo errado?

Charles apenas poderia responder que tinha medo por não saber o que faria se algo acontecesse a ela. Que sua inesperada reação tinha posto o Irmão Lobo em primeiro plano.

Anna desequilibrou-se; seu autocontrole que geralmente retornava sem esforço, no melhor dos casos, estava errático.

Severamente, ele tratou de encarrilhar seu Irmão lobo para recuperar o equilíbrio.

Anna se sobressaltou e levou as mãos às têmporas.

— Veja, se você não quer que eu saiba o que você sente, precisa se distrair. Dói quando me deixa de fora.

Ele não percebeu que o fazia. Não queria machucá-la. Ele começou a abrir-se, e o Irmão Lobo assumiu o controle e abriu o caminho a ambos. Foi muito parecido a abrir um guarda-chuva que tinha sido guardado por anos. Algumas partes chiavam e soltavam gemidos e pó, outras rachavam sob o repentino estiramento e ameaçavam quebrar-se.

Ele se sentiu nu, só. Como se se tivesse despojado de sua pele, e esperando nervoso o cru final de ser envolvido pelo seguinte vento perdido.

Tudo o que ele era, tudo o que ele tinha sido, estava ali à luz do dia, onde nunca se viu. Nem sequer por ele.

Houve uma pausa, um momento de espera, e depois lhe bateu. Houve também muitas lembranças, coisas que ele tinha visto e tinha feito. A dor, o prazer e o pesar: Tudo ali como se estivesse ocorrendo agora, era muito, muito, e ele não podia respirar... E Anna estava ali, lhe sujeitando e liberando esse manancial que ele havia aberto, permitindo que seus pensamentos e sentimentos retornassem a esses lugares privados, mas não escondidos como tinham estado.

Ele esperou que a dor se reacomodasse, mas se dissipou no som da canção que Anna deixou fluir através dele.

Seus amparos, as paredes que ele mantinha entre ele e o mundo, voltaram a levantar-se outra vez, mas Anna estava dentro deles. Sentiu-se estranho, mas não doloroso, como se alguém tivesse arrancado o tapete de debaixo dos seus pés. Foi íntimo, como todo um inferno horripilante, e milagroso. Ele estava se acostumando a sentir-se assim ao redor dela.

O rosto de Anna estava pressionado contra o peito de Charles, os braços ao redor dele, e ela cantarolava baixinho uma composição de Brahms em um tom doce.

Ele acariciou com uma mão abaixo de seu cabelo e beijou a parte superior de sua cabeça.

— Sinto muito, e obrigado. O Irmão Lobo tende a ser um pouco literal, e não gosta que algo lhe cause dor. — Ele se encontrou sorrindo, embora ainda estivesse cambaleando. — Brahms?

Ela deu uma risada incerta e deu um passo atrás para assim poder olhá-lo de frente.

— Sinto muito, tive medo. E a música parece me ajudar a enfocar... o que seja que eu faça. A música me apazigua. E o Arrulho simplesmente me parecia apropriado. Estão os dois bem?

— Bem. — ele disse, logo se deu conta de que ele mentia. Então emendou. — Estarei bem. — É, esse era o curso que sua vida havia tomado. Ter uma companheira estava tirando ambos, ele e seu lobo, do jogo — e ele não estava inclinado a se queixar. Sorriu. Ela tinha cantarolado par ele... E ele gostara.

De certa forma ele tinha conseguido ficar em seus pés, sem molhar-se com a água fria, e ainda tinha o presente de seu pai para a Dana.

— Vamos ver a *fae*? — perguntou cortesmente, como se ele não tivesse tido alguma sorte da Epifania, repartição metafísica... Ele não tinha palavras para defini-lo.

— Seguro. — Anna tomou sua mão livre, e o toque de sua pele foi melhor que seu abraço porque era sua carne na dele.

O Irmão Lobo deu um gemido de satisfação e se assentou, mesmo enquanto estava sempre descontente ao redor das *fae*, qualquer *fae*. Não era sua alcateia e nunca poderiam ser. Ele mesmo gostava dela assim como também alguma vez lhe tivessem gostado de qualquer *fae*.

No que respeitava a Dana, ele e seu Irmão Lobo estavam de acordo em discordar.

O bote tinha uma porta, algo assim como uma casa verdadeira. Anna esperou enquanto Charles tocou. Ela usou suas pestanas para esconder seu olhar fixo nele. Ele tinha um controle muito bom, Então ela não tinha nem ideia que havia algo errado, até que olhou para cima depois de um par de pestanejos, para ver seus olhos, de cor ouro e selvagem... E logo ela sentiu, completamente. Muito para processar, muito para ver, tudo o que ela havia sentido era sua dor. Ele reconstruía as paredes entre eles agora. Ela nesse momento não estava segura de se ele o fazia de propósito ou não.

Ele se via como se tivesse tudo reagrupado agora, mas ela conservou sua mão em suas costas, colocando-a por debaixo de sua jaqueta, onde ela pôde lhe apalpar os músculos, lisos e relaxados sob as pontas de seus dedos. Sobre o cheiro de maresia, a vegetação, e a cidade, ela poderia cheirar terebintina... Mas ninguém veio saudá-los.

Charles abriu a porta colocou sua cabeça dentro.

— Dana? Meu pai nos encarregou de entregar um presente a você.

Sentiu-se como se o mundo inteiro fizesse uma pausa com interesse, mas a *fae* não disse nada.

— Dana?

O som, quando veio, emergiu sobre suas cabeças.

— Um presente?

Anna olhou para cima e viu que uma segunda janela de fábula estava aberta.

— Isso é o que ele me disse. — Charles respondeu.

Anna poderia dizer que ele gostava da *fae* pelo calor em sua voz. Ela não estava preparada para que gostasse; gostavam de poucas pessoas. O lobo dentro dela, emergiu para o que fora que fosse que estivesse passando no mole, de uma forma ansiosa, possessiva e protetoramente.

— Traga-me querido menino. Estou acima no estúdio, e não quero deixar um rastro de tinta por toda parte.

Querido menino? Anna sentiu seus olhos estreitarem. Parecia que o afeto era mútuo.

Ele tomou sua mão distraidamente. Sua loba se reacomodou com seu toque enquanto ela o seguiu através da porta. Charles parecia saber aonde ia, ou talvez ele só seguisse o cheiro forte da terebintina.

Ela deu uma olhada ao redor quando o seguiu ao interior. Havia pinturas de mariposas e traças iluminando o vestibulo. Os quartos eram pequenos e confortáveis, decorados em tons de púrpura, rosa e azul, como se uma equipe de animadores da Disney tivesse entrado para fazer a morada perfeita para uma fada. Um quarto tinha uma cascata artificial que borbulhava com alegria maníaca. Uma cama de dois lugares ocupava o resto do espaço. O lugar inteiro tinha cheiro de maresia e o mesmo cheiro estranho que ela sentiu quando se encontraram com o troll... Talvez fosse o cheiro de uma *fae*.

O vestibulo terminava em uma cozinha acolhedora e uma escada estreita iluminada por claraboias e forrada com flores crescendo em diversas painéis rosadas, azul pálido, e cor de lavanda. A frente havia um quarto grande, um lado inteiramente de vidro com vista para a água. No centro da... Estufa ou quarto, ou o que é que fosse, esperava a *fae*.

Sua pele era pálida, um contraste sombrio com o cabelo grosso que fluía para seus quadris em cachos de cor mogno. Seu rosto tinha marcas de concentração que a fazia... Linda. Os dedos finos e longos estavam lindamente salpicados com a tinta de um pincel pequeno. Seus olhos eram azul escuro, como um lago no sol alto de verão. Sua boca era escura e cheia. E ela era alta, tão alta quanto Charles, que media mais de um metro e oitenta.

Além do cabelo, ela não era nada do que Anna tinha esperado. Havia rugas nos cantos de seus olhos, e o rosto estava preso entre a maturidade e a velhice. Ela usava uma camiseta cinza que tinha menos pintura que suas mãos, e as calças curtas de ginástica, revelavam pernas musculosas com o poder fibroso da idade, em vez de a juventude tensa. Diante dela estava um cavalete prendendo um tecido bem grande virado para outra direção, Então Anna não podia ver o que havia nele.

— Dana, — Charles disse com voz cavernosa.

Anna não queria à mulher olhando seu companheiro. Que não falava racionalmente. A *fae* não era bela, e ainda não tinha prestado atenção ao Charles. Ainda devia ser uma reação residual do estranho momento nas docas. Ou talvez fosse o: “querido menino”.

A mão de Anna encontrou seu caminho de volta sob a jaqueta de Charles, e agarrou com força a camisa grossa de seda que ele usava e fez um intento para não expressar com um grunhido — ou para levá-lo embora.

Dana Shea desviou o olhar do cavalete e sorriu de forma radiante, com a alegria de uma mãe

olhando pela primeira vez para seu bebe ou o triunfo de um menino por sua primeira rebatida bem sucedida. Foi quente, íntimo e inocente, e foi dirigido ao Charles.

— Dana, — a voz de Charles foi áspera. — Basta.

A *fae* fez uma cara de dor.

— Essa magia não surte efeito comigo, — ele disse a *fae*, e começou a soar seriamente zangado. — E não pense que o favor a meu pai dá liberdade de ação comigo.

Anna fechou seus olhos. Era um feitiço. Ela respirou pelo nariz, lhe permitindo ao cheiro agudo de terebintina e ao Charles limpar sua cabeça. Um feitiço, mas ela não pensou que foi dirigido ao Charles, não precisamente. Dana conhecia o Charles; Ela sabia que ele tinha suas defesas contra a magia.

Anna soube o que foi isto... Uma provocação. A mulher *fae* não era um homem lobo, mas ela era a dominante em seu território. E considerava Charles parte de seu território. Como ele certamente uma vez tinha sido.

Isso foi o que sua loba sentiu. Esta mulher se deitou com o Charles.

Anna supôs que em duzentos anos, ele tinha tido relações sexuais com uma grande quantidade de mulheres. Mas Dana não tinha sido a companheira de Charles.

Tomando outra respirada profunda, Anna apoiou a testa no braço de Charles e pensou a respeito do que o perfume a fazia sentir, do som de sua risada e o trovão de sua voz em sua cama na noite. Ela não andava procurando a paixão, entretanto abundava, pela claridade profundamente centrada que ele trazia para ela... E lhe retornava.

Havia algo além que ela sozinha lhe poderia dar: Paz.

Os músculos dele se atenuaram contra sua frente, e seus lábios baixaram a escovar a parte superior de sua cabeça. Ela abriu seus olhos e encontrou o olhar fixo da *fae*.

— Meu. — ela disse firmemente.

A *fae* deu a ela um sorriso lento.

— Vejo isso. — Ela olhou ao Charles. — Você entende o impulso, — disse-lhe a *fae*. — Não podia resistir a prová-la. Ouvi muito sobre o cãozinho que apanhou o cão velho em sua armadilha.

— Cuidado. — Charles advertiu. — Isso está perigosamente perto de uma mentira.

A *fae* levantou uma sobrancelha pela ofensa.

— Você não me quer, — disse a ela. — Não seja como o cão do jardineiro que nem come

nem deixa comer.

Ela tirou o nariz da pintura e pôs-se a andar outra vez, quase lhes dando a costas.

— Eu gosto de Tristan e Isolda, Romeo e Julieta, e você me fala desse grego velho e seco.

— Suponho que está ocupada, Dana; podemos lhe entregar o presente do Marrok amanhã. — Disse Charles sem fazer menção de sair.

A *fae* suspirou.

- Você sabe que eu gosto de você, o que odeio é o fato de você nunca saber brincar direito. Sou a mulher mais velha deixada plantada cujo último galã encontrou uma mulher mais nova, mais bonita. Supõe-se que teria que ter vergonha de que seu novo amor soubesse de nós. — Ela olhou a Anna. — E a ti. Esperei algo melhor de ti... É sua mulher. Deveria ao menos estar furiosa com ele por não te advertir que tínhamos sido amantes.

Anna deu à *fae* um olhar tranquilo, recordando-se que precisava ser agradável com alguém que os ajudaria a cumprir uma tarefa, e não para dizer, “Você não tem direito de se sentir ofendida”. Em lugar disso, simplesmente lhe disse:

— Ele é meu agora.

Dana riu.

— Você, depois de tudo poderia desempenhar esse papel. Recreei que ele tivesse encontrado alguém que tentasse mandar nele, o que teria sido péssimo. — A *fae* começou a estender a mão, mas logo olhou com tristeza. — Estreitaria sua mão, mas te mancharia com tinta. Sou conhecida aqui como Dana Shea e você deve ser a companheira de Charles, Anna Cornick, antes Anna Latham, de Chicago. — Anna, recordando que Charles tinha contado a ela sobre os nomes reais, estava um pouco intranquila em como... A mulher *fae* tinha-a renomado.

— Não sou a única, — Dana continuou—, que se sentiu curiosa sobre a mulher que conseguiu domesticar o nosso velho lobo. Assim, prepare-se para uma grande quantidade de mulheres rudes, — sua voz ultrapassou uma nota séria de advertência quando ela olhou ao Charles. — E de homens paquerando.

— Você ouviu alguma coisa? —

Charles lhe perguntou.

Dana negou com a cabeça.

— Não. Mas conheço os homens, e conheço os lobos. Nenhum deles é suficientemente dominante para te confrontar diretamente, mas vão interpretar a presença de Anna como uma fraqueza. Quando seu pai escolheu ficar em casa, deu a eles uma oportunidade para provocá-lo. Você não é um alfa e eles ficarão ressentidos por ter que escutá-lo. — Ela elevou um trapo

encharcado de terebintina e limpou as mãos. — Chega de advertir você, venha cá e dê uma olhada.

Que mulher imprevisível - pensou Anna – *tentou nos antagonizarmos e em seguida mostra-nos algo importante para ela*. Na expressão de Dana não houvera nada que demonstrasse que suas opiniões importavam, mas Anna podia ver isso pela linguagem corporal dela.

Anna não sabia o que esperar, mas conteve o fôlego quando obteve a primeira visão da pintura. Era algo destramente executado, rico em detalhe, cores, e textura. Uma jovem robusta com cabelo avermelhado e cútis pálida apoiava a cabeça contra uma parede e estava com o olhar fixo em algo ou alguém. Havia uma flor amarela, delicada e muito bem texturizada. As cores estavam confusas, mais brilhantes... Mas havia algo familiar na curva da bochecha da mulher e a forma de seu ombro.

— Parece com algo pintado por um dos velhos Professores Holandeses. — Anna opinou.

— Vermeer. — Charles estava de acordo. — Mas eu nunca tinha visto este quadro.

A *fae* suspirou e se moveu para uma mesa. Ela começou a limpar seus pinceis com movimentos rápidos, quase febris.

— Ninguém o vê desde que se estragou em um incêndio há uns dois séculos. E ninguém jamais o verá de novo porque esta pintura não é a original. — Ela olhou a Anna. — Vermeer. Sim. O que vê na mulher?

E foi quando Anna viu a estranha sob o glamour. A estranha e... Reconhecível.

Ela nem sequer me machucou, o troll havia dito. Esta mulher era uma predadora, uma predadora na cúpula. Incomodada pelo olhar fixo e estranho, Anna balançou a cabeça.

— Não sei...

Dana fez um gesto agudo com sua mão.

— Você não o está olhando.

Bastante exato. Anna olhou à mulher na pintura, que chocou com seu olhar fixo com olhos azuis claros, várias matizes mais ligeiros que Dana. A única resposta que a ocorreu foi estúpida, mas ela a disse de qualquer maneira.

— Há alguém neste quarto?

Os ombros da Dana se encurvaram e ela recorreu ao Charles.

— Não. Você vê? Quando ele terminou o original, ele colocou à força a uma camponesa das ruas... E até mesmo os ignorantes podem ver. Os estudantes do Vermeer que estavam ali o dia que

o pintor terminou, chamaram-no, como a camponesa disse ao Professor: Ela Olha o Amor. Vermeer mesmo lhe deu o título de Mulher com Flor Amarela ou algo prosaico, como ele preferia.

Anna olhou a pintura, e quanto mais a olhava, mais tinha algo errado. Não mal. nada poderia subtrair-se da habilidade que apanhou a textura deliciosa da pele, o cabelo e o tecido do vestido da mulher... Mas era como escutar um desses programas de computador que tocavam música escrita: Perfeito em técnica e estilo... e sem alma.

— Não sei muito de pinturas. — Anna disse desculpando-se.

Dana negou com a cabeça e deu a Anna um sorriso pesaroso, o estranho predador não se via em nenhuma parte.

— Não, está bem. Minha gente está amaldiçoada pelo amor às coisas belas e nenhuma habilidade para criá-las. — Ela lavou as mãos. — Não todas as *fae*, é claro. Mas muitos de nós que estamos mais profundamente imbuídas na magia entregamos habilidades criativas de todo tipo. OH bem.

— Os dragões são assim. — Charles disse misteriosamente.

Ele conhecia um dragão? Anna o encarou, interessada. Ele sorriu um pouco, mas sua atenção estava na *fae*, que tinha terminado de se limpar.

— Os dragões não podem criar coisas?

Ele encolheu os ombros.

— É o que meu pai diz. Na maioria das vezes, ele diz coisas que sabe ser verdadeira.

Ela sorriu, e foi como se o sol tivesse saído.

— Ser como um dragão não é uma coisa tão má. Só vi um, quando estava explorando. — ele disse. — Eu acho. Não conversamos muito, mas ele foi como o Vermeer. Uma obra de arte. — Ele inclinou sua cabeça. — Exatamente.

Dana inclinou a cabeça no mesmo caminho e olhou ao Charles, realmente olhou-o.

— Você é o braço aniquilador do Marrok. Rude. Perigoso.

— Certo, já basta. — Charles respondeu.

Anna achou interessante o fato de a *fae* o definir como “rude” de forma mais enfática que “perigoso”.

— Desenhei isso para você, — Dana disse a ele. — Pensei que te conhecia intimamente. Mas nunca soube que também podia ter bom coração. — Ela pôs as mãos em seus ombros e, com um sorriso aberto para Anna, beijou-o na bochecha. Anna podia sentir o pulso da magia que ela

enviava sobre Charles, como um manto ou uma rede. Saiu do rumo, mas Anna, que tinha sido o foco, podia sentir a fascinação e a luxúria que ela gerou. — Veja — disse para Anna— Uma irmã não teria sido mais fraternal. Agora, não disse que trouxe algo para mim?

Ela não estava mentindo. Ou sim? Anna não poderia dizer, e uma *fae* podia mentir? A magia pode ter sido involuntária; Talvez isso ocorresse todo o tempo e a *fae* nem percebia.

Charles não *parecia* afetado, mas era difícil ter certeza. O rosto dele era o usual. Nem o vínculo de casal fazia diferença já que a conexão entre eles não dizia nada a ela. Mas não era possível que uma *fae* com magia como essa o beijasse e ele não percebesse nada, ou era?

Ele não sentia o afeto, a admiração ou a luxúria? De forma voluntária ou não, a magia da *fae* tinha sido dirigida contra ele, e uma pálida sombra havia roçado Anna...que nunca em sua vida tinha ficado atraída por outra mulher.

Anna tocou Charles ligeiramente no braço. Ele não tinha tentado reconstruir suas barreiras, porque ela repentinamente soube exatamente o que ele sentia por Dana Shea: cautela. Nem desejo ou medo, mas sim um respeito cauteloso, talvez como o de um predador para com outro em um território neutro. E ali estava o Irmão Lobo...

Ela ouvira homens lobos falando dos lobos com quem compartilhavam a existência como se ambos fossem um só. Alguns homens lobos não tinham nada mais de lobo neles, ainda em forma de lobo, que um temperamento sujo e uma necessidade de matar que escapasse deles. Além de brigar por manter sua prudência nos primeiros meses depois de sua transformação, Anna não tinha pensado muito a respeito disso em um ou outro sentido.

Charles algumas vezes falava de seu lobo como se estivessem separados, sendo o que compartilhava seu corpo: Seu Irmão Lobo.

Pela primeira vez, possivelmente provindo desse momento raramente aterrador, foi quando ela tinha sentido tudo o que ele era, muito para ser absorvido ou presenciado, ela poderia sentir o lobo dentro de Charles. Duas almas bem definidas. E o Irmão Lobo, sentia também.

Companheira, disse a ela, não desprovido de gentileza. *Saia de nossa mente e poderemos tratar com Ela Que Não É Parente.*

O “Não é parente” não foi a única informação que ela obteve. Assassina poderosa e cruel. O salto pelo domínio. Na superfície, civilizada. Inimiga respeitada. A voz do Irmão Lobo era clara em sua mente, ainda mais que a do Marrok. E o Marrok utilizava as palavras, já o Irmão Lobo não se limitava a algo tão humano.

Anna tirou com força sua mão de Charles, como se ele a tivesse queimado, e fixou o olhar nos dedos. O ombro de Charles chocou nela com tranquilidade silenciosa, um gesto casual que a mulher *fae* provavelmente não tinha notado. Ou era suficientemente educada para comentar.

Mais tarde, o Irmão Lobo murmurou tranquilo, e então ela estava só. Sozinha com os restos

de ciúmes e... dor, pelo rechaço do Irmão Lobo. A certeza de não precisar se sentir assim não ajudando em nada.

Charles pegou o embrulho que ele havia trazido e o entregou a Dana, cujas sobrancelhas se ergueram.

— Papel de embrulho e barbante?

Charles deu de ombros.

— Meu pai me entregou isso desse modo.

A *fae* meneou a cabeça e abriu a gaveta de uma escrivaninha, tirando dela uma delicada tesoura de prata genuína. Colocou o pacote em cima da mesa e cortou o barbante, abrindo o pacote.

E a coisa estranha que Anna tinha vislumbrado mais cedo apareceu em sua completa magnitude. Dana não se moveu, não fez mais que piscar, mas um presságio encheu o espaço em que estavam.

Cada músculo, cada pelo no corpo de Anna dizia para ela correr. Anna olhou para Charles. A atenção dele estava na *fae*, mas não parecia alarmado.

Acaso ele não percebia? Ou estava tão confiante de que podia encarar a ameaça representada por Dana? Mas a calma dele ajudou Anna a recuperar-se. Ela esperou para ver o que teria causado uma reação tão forte.

Até antes que Dana abrisse o pacote, estava óbvio que uma pintura estava dentro. Não era grande. De dez a doze polegadas, talvez emoldurado em carvalho de um par de sombras de matiz acre mais escura que o escritório.

— Papai me pediu que te dissesse que é como ele o recorda, — Charles disse. — Que pode ter alguns pequenos detalhes errôneos, mas ele acredita que não.

— Não sabia que o Marrok pintava. — A voz da Dana foi... mais profunda em certa forma. Rica e chapeada com a idade. Suas mãos tremeram quando ela tocou a pintura. O poder da *fae* que Anna havia sentido fortemente, só alguns momentos atrás, se foi como se nunca tivesse existido.

— Ele não o faz. — Charles negou com a cabeça. — Mas temos um artista em nossa alcateia, e ele tem um dom de pintar palavras alheias... E meu pai é muito bom com as palavras.

— Não sabia que seu pai já esteve lá. — A *fae* soou...confusa.

Charles se encolheu de ombros.

— Você sabe meu pai é. Ninguém o nota a menos que ele o queira. E ele é um bardo. Pode ir a toda parte.

Dana levantou a cabeça e seus olhos estavam inchados, o nariz vermelho, entretanto nenhuma lágrima escorria por suas bochechas. Ela parecia muito humana.

— Como ele soube?

Charles levantou ambas as mãos.

— Quem sabe como meu pai se inteira de algo. Ele pensou que te agradaria.

Ela olhou para ele outra vez, e Anna não podia dizer se ela estava encantada ou não, mas desconcertada, certamente. Chocada.

— Minha casa. Faz tempo que desapareceu. Destruída pela magia e a geologia, a primavera secou faz séculos. O sítio que ocupava é uma rua da cidade que suporta o nome de cem outras ruas em cem outras cidades. Pensei que toda memória disso estava perdida. — Ela tocou a pintura da maneira que Anna tocava Charles: Ligeiramente, cuidadosa com a dor, mas incapaz de resistir ao apelo disso.

Ela o inclinou para que ambos o pudessem ver melhor. O lado de um lago, Anna pensou. Um lago profundo para apanhar a cor do firmamento e fazer mais escuro o azul até aproximar-se do negro. O trabalho era mais simples que a pintura em que Dana tinha estado trabalhando, e o tecido menor. Mas em pinceladas simples, o artista tinha captado uma qualidade pouco mundana, que fazia do pequeno quadro uma janela a um lugar estrangeiro. Um lugar que não abraçava boas vindas para a Anna, mas em certa forma correspondia à aparência estranha que ela tinha vislumbrado nos olhos da Dana.

— Diga a seu pai, — Dana disse, voltando sua atenção à pintura, — que verei se posso lhe devolver um presente de valor igual ao dele. E minhas desculpas se não o fizer.

— Bem, — disse Anna, uma vez que estiveram seguros no caminho. — Isso foi... Inacreditável.

— Você não gosta dela?

Ela o olhou, logo devolveu sua atenção à estrada. Quando o feitiço da *fae* lhe havia roçando, Anna tinha querido gostar dela, render-se a seus pés e esperar migalhas de bondade. O resto do tempo ela quis matar a *fae* por paquerar o Charles... Por haver-se deitado com ele.

Ela quis arrastá-la a um oco escuro, a fim de que nunca incomodasse ao Irmão Lobo, com sua presença outra vez, o qual ela sabia que era estúpido. Não tinha lhe virado as costas. Não realmente. Mas ali houve tal... Despacho em sua exortação. Sua atenção tinha estado centrada em Dana.

Dana, uma *fae*, uma Senhora Cinza, confiante e poderosa. Não uma mulher de vinte e três anos de idade com uma meia educação que inclusive não sabia, depois de três quartos de ano, uma

parte do que ela deveria saber sobre ser um homem lobo. Ela não era uma contraparte adequada para o Charles.

Não havia forma de ela poder falar com Charles a respeito disso sem soar como uma recriminação estúpida, uma complicada, severa e constante recriminação. Felizmente ela podia responder sua pergunta sem deixar transparecer o que realmente lhe incomodou a respeito de visitar a *fae*.

— Em Chicago, no campo do zoológico do Brook, têm a casa do réptil.

Uma vez fui a uma excursão lá com a escola, quando era menina. Têm uma cobra verde africana. É a serpente mais bela que alguma vez já tenha visto; Não era vistosa, simplesmente esta... Indescritível sombra de verde, e tão venenosa que se alguém fosse picado por ela, não haveria tempo de lhe administrar um antídoto.

— Pensa que ela é bela? — Ele o considerou. — Interessante aparência diria, mas não bela. Poucas das *fae* são belas com seu encanto adiante. A beldade não se mistura muito bem. E as *fae*, como nós, passam muito tempo aprendendo a esconder-se a simples vista.

Anna ficou com o olhar fixo diante.

— Ela é bela. Peculiar. Em um quarto de estrelas de cinema, todo o mundo consideraria olhá-la em primeiro lugar.

Ele a observava fixamente; Ela o poderia sentir ainda que seus olhos estivessem no tráfego.

— Isso é dominação, — ele disse. — Não beleza.

— Não? — Ela passou por dois garotos em uma Ferrari, que tomaram isso como uma ofensa e correram atrás dela até estarem tão próximos que ela poderia dizer que um deles precisava barbear-se melhor. — A beleza nem sempre é fácil, — ela disse. — Olhe Paganini, por exemplo.

— Isso é música.

— Sabe o que quero dizer.

Ele não se conformava facilmente com uma conversa agradável, e a agradou a forma como ele considerou o que ela disse ao invés de somente deixá-la continuar.

— Vi-a sem seu encanto, — lhe disse finalmente. — Talvez tenha me cegado para as coisas mais sutis. Quando nos convertemos em amantes, o fiz porque a achei interessante. — Ele observou sua reação.

Essa manhã lhe haveria dito exatamente como ouvir descrever a uma anterior amante o fazia sentir. Mas após ela tinha tido esse pequeno vislumbre dele, cru e nu, embora tenha feito o melhor que pôde para não olhar. Ninguém deveria levantar-se completamente nu ante outra pessoa. Mas ela tinha notado algo... inesperado. Ela conheceu quem ela era – e ela conheceu quem era ele.

Não era que ela não se valorizasse; O fazia. Mas Charles era... Uma força da natureza. E ele se preocupava que ela não pudesse alguma vez ver quem ele era e amá-lo, porque ele se olhava no espelho e via só o assassino. Essa era a razão pela qual ele mantinha a união entre eles apertada. Ele a amava além de toda razão e não esperava que ela o amasse igualmente. Ele simplesmente esperava que ela soubesse.

Ela se sentiu aterrorizada, como se tivesse recebido um delicado e valioso adorno de cristal, e qualquer jogada equivocada o romperia. Ela sentiu como se devesse ter sido entregue a mãos mais fortes e capazes, assim não seria danificada. Não é que ela não tivesse arriscado fora de sua reclamação diante da Dana o suficientemente rápido.

Como Anna não disse nada, ele continuou.

— Ela me tomou por amante porque, tendo percebido que sua habilidade de ser desejada não funcionava em mim, sentiu-se curiosa sobre como seria o sexo sem que seu companheiro fosse vítima do glamour.

Anna bufou.

— Estou segura que a embalagem não a incomodou muito tampouco.

Charles suspirou.

— Fiz mal? Devo-te uma desculpa. — Lhe percorreu com a olhar. — Não tive a intenção de te afligir com uma história antiga, mas tampouco a detive o suficientemente rápido. E logo... as palavras não são sempre minha melhor maneira de comunicação. Deixe-me esclarecer as coisas: não há nada entre nós exceto a avaliação mútua, e um século ou mais.

— Está bem, — lhe disse. — Entendo. — *Segue o jogo ela pensou, tem que estar em seu ponto.*

Termina o jogo.

— Tiveste um tempo muito logo para adquirir antigas amantes sobre as quais posso te culpar.

Uma mão quente se fechou sobre seu joelho, e uma voz quente, muda frisou-se ao redor dela quando Charles disse, — Eu gostei hoje, quando me reclamou diante dela. — Ele vacilou. — Penso que machucaria meus sentimentos que você pudesse falar dela sem estar com ciúmes.

Ela tirou sua mão direita do volante e correu sua mão abaixo de seu braço.

— Precisa verificar seu nariz, Kemo Sabe. — Se ele podia ser honesto, também ela poderia. — Eu não gosto de te ver falando dela. Quis rasgar Seu rosto quando ela te beijou. E quando o Irmão Lobo me empurrou fora...

— Ele não quis dizer desse modo. — A mão livre de Charles golpeado ligeiramente no

marco da porta. — Ele não é capaz de evasões, nem ainda para simplificar as coisas. Ele é muito franco.

Os meninos da Ferrari estavam ainda em sua traseira, e ela golpeou ligeiramente seus freios uma vez em forma de aviso.

— Pois bem, — ela disse. Franco. — Suponho que isso explica tudo. — Mas não a incomodou mais. Não foi a explicação de Charles a que a acalmou, mas a forma como ela sentia.

O franco Irmão Lobo estava de acordo com o prazer de Charles na maneira em que ela enfrentou Dana e o reclamou no bote da *fae*. Ela não poderia lê-lo tudo. Não muito de Charles agora, mas o Irmão Lobo, parecia desejar ser mais aberto.

— Vocês dois têm muito mais em comum que o fato de compartilharem o mesmo corpo. — ela disse.

Charles começou a rir e se deslizou em seu assento.

— Suponho que sim, para o bem ou para o mau, né? Não gosta das *fae*, nem mesmo de Dana. E ele... ainda nos estamos ajustando a te ter. Protegemos nossa alcateia, esse sempre foi nosso trabalho. Especialmente submisso que é nosso coração.

— E ele... Você acha que sou muito submissa, — ela disse. Ele era o que ela era, um Ômega, de forma alguma submissa. Mas ela tinha de alguma maneira o mesmo propósito na alcateia. Os lobos dominantes... Podiam relaxar-se ao redor dela porque sabiam que nunca os desafiaria, não porque ela pudesse, mas sim porque ela não o faria. Ômegas não se preocupavam com sua posição na alcateia, simplesmente preocupavam-se com a alcateia.

— Você é nossa, — ele disse inequivocamente, o humor tinha passado. — Do Irmão Lobo e minha. Nossa para te manter a salvo. Dana é muitas coisas, mas segura não é uma delas. Distraía-nos... E se tivéssemos falado contigo muito tempo, ela o haveria sentido e ofender-se-ia. Não é difícil de ofender a maioria das *fae*, e Dana não é a exceção.

— Sua reação com a pintura que lhe enviou Bran foi peculiar. — Anna disse.

— Poderosa, — Charles adicionou. — Mas não nos teria feito dar a ela um presente que fosse inferior aos presentes que os outros lhe dessem durante esta convenção. Estar no lado correto com a *fae* é um baile interessante, e o concederei a meu papai saber exatamente como dar um passo.

— O Vermeer... Por que o copiou, em lugar de pintar algo dela?

— Suas pinturas são piores. Recorda as pinturas do palhaço triste? Ou é muito jovem? Estavam em todas as partes em uma época. Enche de cores brilhantes e lacônicos sentimentos. Vazia.

Anna tremeu.

— Meu dentista tinha um desses em seu escritório.

— Tal qual, — Charles disse.

— Talvez ela devesse pintar a paisagem, — Anna propôs. — O fundo do Vermeer estava muito bem.

— Sugeri isso uma vez, mas ela não teve interesse. Ela quer pintar as classes de temas que gosta de olhar... Os amantes e os sonhadores.

— Pensa que a alcateia tem bom seguro de automóvel? — Anna perguntou, olhando no espelho retrovisor outra vez.

Charles percorreu o olhar atrás deles e entrecerrou seus olhos.

O Ferrari repentinamente ficou para trás.

— Ok, — Anna disse. — é muito útil ter você por perto.

— Obrigado.

Anna pensou em Dana enquanto seguia o caminho através do tráfego, sua opinião mais caridosa em relação a mais cedo.

Como seria amar a música e não poder cantar ou tocar? Ou pior, ser hábil, mas nunca cruzar a linha entre uma coleção de notas e ritmo para a música verdadeira? Saber que um o perdia por simplesmente um cabelo, mas não ter ideia de como alcançar a exatidão da medida de poder e beleza verdadeira.

Ela tinha conhecido algumas poucas pessoas assim na escola. Alguns deles tinham feito à transição, outros não. Em Northwestern, antes de sua mudança, vira-se forçada a abandonar a escola na qual era uma estudante avançada de música. Seu instrumento principal tinha sido o violoncelo.

O primeiro violinista do quarteto no qual ela havia tocado na escola, tinha sido um professor meticuloso da técnica que foi muito bom enganando os professores para que pensassem que tocava música.

Uma classe regular de vaga.

Ela pensava que ele fosse inconsciente disso, até uma noite, depois de uma atuação, quando todos eles foram ao bar local e tinham brindado pelo concerto entre cerveja e cerveja. Outros dançavam, mas ela ficou na mesa com ele, estava preocupada com a forma séria em que ele tentava deixar à barra seca de tanto beber, quando o mais usual era que se declarava a si mesmo o condutor designado, e se apegava a chá gelado ou café.

— Anna, — ele havia dito, olhando perdidamente para o líquido âmbar em seu copo, como

se sujeitasse a sabedoria da idade, — não lhe engano? Esses outros... — Ele fez um gesto ambíguo com sua mão assinalando a seus camaradas. — Pensam que sou tudo isso, mas você tem melhor critério Não?

— Saber o que? — Ela tinha perguntado.

Ele se inclinou para frente, tinha cheiro de cerveja e cigarros.

— Você sabe que sou uma fraude. Posso sentir à besta dentro de mim, gritando para sair. E se o deixo, levantara-me a grandeza apesar de mim mesmo.

— Então por que não o deixa sair? — Ela não era uma mulher lobo então. O mundo era um lugar mais suave, os monstros estavam seguros em seus armários, e ela tinha sido valente em sua ignorância.

Seus olhos estavam velhos e rendidos, sua voz articulava um pouco mal. — Porque então todo mundo veria. — disse a ela.

— O que veriam?

— A mim.

Para fazer arte, a alma tinha que ser exposta e algumas coisas precisavam ficar na escuridão. Por algum momento, depois que ela tivesse sido forçada à mudança, Anna não havia feito música de maneira nenhuma, e não só porque ela tinha tido que vender seu violoncelo.

— Anna?

Ela apertou seu agarre no volante.

— Só estava pensando em Dana e no motivo pelo qual ela não consegue pintar como gostaria. — Ela vacilou. — Pergunto-me se é porque ela não tem alma, como algumas religiões afirmam. Ou porque o que ela traz dentro de si a assusta demais para ser exposto.

Charles escolhera o hotel pensando na comodidade de Anna. Havia lugares fascinantes no centro de Seattle, que brilhavam intensamente, joias de aço e vidro.

Ele podia permitir-se isso.

A companhia do Marrok possuía imóveis e sólidos investimentos sólidos em diversas cidades. Mas Charles lembrava que Anna sentira-se intimidada em sua casa, há algumas semanas, e seu lar sequer era particularmente grande ou extravagante. Então pensou que ela ficaria mais confortável nesse hotel, que, aliás, era o seu favorito.

Às vezes ele sentia-se embaraçado pelo impulso de mostrar a Anna as coisas que gostava

esperando ela estima-las também. Ele estava muito velho para esse tipo de coisa: gabar-se do avião, levá-la a este hotel em particular. Precisava contar a ela sobre a carteira de investimentos que havia aberto em seu nome. Mas ele era um velho caçador e sabia que era melhor não assustar a presa. Esperaria até ela estar mais a vontade com ele, com a alcateia...com tudo.

Anna se deteve diante da sarjeta e ele pôde senti-la estressar quando o manobrista veio pegar as chaves. Ela abraçou a si mesma, enquanto Charles dava seu nome e uma gorjeta ao jovem por não ver-se surpreso pela Toyota maltratada. Ele tomou sua bagagem, e, seguiu olhando para Anna, que tinha o olhar fixo nos pés, recusou a ajuda deles. Ela se sentia melhor sem alguém lhe servindo.

Talvez ele devesse tê-la levado a um lugar mais impessoal? Em alguma parte onde a gente estacionava seu carro e ninguém perguntava se a gente necessitava ajuda? Talvez ela estivesse ainda inquieta com o intento da Dana de pô-la com ciúmes. Ou talvez ela estivesse preocupada com o Irmão Lobo.

O Irmão Lobo nunca tinha falado com ninguém assim. Nem sequer com seu pai. Talvez a alterou? Ou talvez fosse a forma do Irmão Lobo de abrir-se e expô-los, na casa da *fae*. Tinha visto algo que a desgostou? Estava assustada? Talvez a distância que ela pusera entre ambos ao deixarem a casa de Dana não fosse ciúmes.

Ele não estava acostumado à montanha russa emocional em que estava desde que a encontrou. Era uma coisa boa que ela fosse um Ômega que podia apaziguar todo mundo ao seu redor, e não uma dominante. O Irmão Lobo tinha os nervos de ponta; Só quando ela o tocava ou quando ela estava feliz, ele ficava autocontrolado.

Precisavam conversar, mas não em público.

O hotel era velho: Tijolo em lugar de aço, e de onze pisos, não trinta. Mas era do velho mundo acima da escala, decorado com uma extravagância tão apreciada por ele, com a aspiração do deleite em vez da estampagem de um estilo com influência mediterrânea de *Art Déco**.

*Expressão francesa referente à **arte** decorativa.

Quando entraram no vestíbulo, Anna, que seguia quieta, se deteve simplesmente dentro da porta. Olhou para cima, à árvore de Natal cenário de púrpura castanho, profundo, e os arcos do tecido de prata em lugar de lâmpadas, com um ouro até maior e verde profundo que se inclinam por cima. Anna lhe sorriu e tomou seu braço. E ele soube que tinha escolhido bem. Ela o amou.

O Irmão Lobo se deleitou na satisfação de agradar a sua companheira.

Seu quarto estava no sétimo piso, algo que seu Irmão Lobo desaprovou. Ele teria preferido usar as janelas como uma segunda saída conveniente, em vez de uma rota arriscada de escapada. Mas Charles preferiu ter um quarto mais difícil para o acesso de visitas inesperadas, e o lobo tinha lhe concedido o ponto.

O elevador se abriu e diante deles estava um espelho para fazer ver-se ao vestíbulo mais amplo e mais ligeiro, e um peixe dourado em uma vasilha claro em uma mesa pequena.

— Um peixe dourado? — Ela perguntou.

— Dura criatura o peixe dourado. — ele disse.

Ela riu.

— Sem discussão. Conheci alguém que resgatou um peixe dourado de uma casa onde tinha estado vivendo em uma tigela de cerveja. Mas por que um peixe dourado em um hotel?

Ele se encolheu de ombros.

— Nunca perguntei a ninguém. Embora se vier só, eles poriam o peixe dourado em seu quarto como companhia. — Não disse a ela que esta era a única vez que vez tinha estado aqui, que ele não teria um peixe dourado em seu quarto.

Ele tinha estado sozinho muito tempo, apesar da alcateia, apesar das amantes que tinha tomado e as que o tinham tomado. Ele precisara que fosse assim, porque era, como Dana disse, o braço aniquilador de seu pai. Ele teve que estar sozinho: Os conhecidos eram mais fáceis de matar que os amigos.

E agora ele não estava. Ele amava isso, celebrou, embora algumas vezes, pensasse que a união entre eles seria sua morte. Pelo bem dela, ele destruiria o mundo.

Provavelmente não teria que chegar a isso.

Ele abriu o quarto e esperou na porta enquanto ela explorava seu novo território. Ela vagou por ali, tocando a mesa e o sofá no quarto de estar. Atirou ligeiramente de uma borla nas cortinas da tapeçaria que separavam o dormitório do resto.

— Parece-se com Um set do Sheik, — Anna disse. — Completo com o papel de parede rajado, como uma loja de campanha, tem um tecido divisória. Cool.

Ela estava sentada sobre a cama e gemeu.

— Poderia me acostumar a isto. — Logo ela virou seus olhos café quente para ele, e disse: — penso que temos que falar.

Que estivesse de acordo com ela não deteve o frio revolto em seu estômago. A conversa não era sua especialidade.

Ela se virou para trás e se sentou com suas pernas cruzadas ao outro lado da cama, dando tapinhas no colchão ao lado dela.

— Não morderei. — ela disse.

— OH?

Anna sorriu abertamente, e repentinamente tudo estava claro em seu mundo – sim, ele o deixaria mal.

— Ou pelo menos me assegurarei de que o desfrute se o faço. Charles deixou sua bagagem diante do quarto de banho, bloqueando a porta para o vestibulo, e seu Irmão Lobo nem sequer objetou a obstrução entre eles e a via de escape. O calor lhe aqueceu como um fogo no inverno, e não havia escape para ele ou seu irmão em carne. E a nenhum deles lhe importou.

Ele tirou sua jaqueta de couro que caiu no piso. Logo se sentou na cama e tirou suas botas. Ele ouviu os tênis dela, batendo no chão enquanto ele se esticava na cama ao lado dela sem olhá-la.

Conversa. Ela havia dito “conversa”. E ele faria isso melhor olhando à parede.

Ele esperou que ela começasse. Se ele começasse com as perguntas que tinha, Anna não poderia lhe perguntar o que precisava saber. Era algo que ele tinha aprendido há muito tempo, com os lobos menos dominantes.

Ao cabo de um momento, ela deitou na cama ao lado dele. Ele fechou seus olhos e deixou que o perfume dela o rodeasse.

— É esta união tão estranha para ti como é para mim? — Ela disse em voz baixa.

— “Algumas vezes é esmagadora e desejo que fique suspensa, mesmo que doa quando acontecer. E quando é mais estreita, perco a intimidade de saber o que você sente.”

— Sim, — Charles estava de acordo. — Não estou acostumado a compartilhar com ninguém exceto meu Irmão Lobo. — Sua companheira, ele pensou. Ela tinha tomado um gole amargo, e necessitava tudo o que lhe pudesse dar. Sendo assim ele usou as palavras com que ele não confiou em si mesmo para dizer a ela o que ele poderia. — Não me importa o que meu Irmão Lobo pensa de mim. O que você... se me importar. É... difícil.

Ela se moveu até que seu fôlego tocou a base de seu pescoço. Muito calmamente ela disse:

— Desejou alguma vez que não tivesse passado?

Ele se voltou direito e se virou para ela, examinando seu rosto em busca de indícios do que se referia com essa pergunta. Seu movimento repentino a fez sobressaltar-se, e se a cama não fosse tão grande, ela teria caído em seu intento de afastar-se dele. Ele fechou os olhos e se controlou. Não havia inimigos aqui para matar violentamente.

— Nunca, — disse a ela com uma sinceridade absoluta que esperou que ela ouvisse. — Nunca lamentarei. Se tivesse visto minha vida antes que entrasse nela, não faria essa pergunta.

Ele sentiu seu calor, cheirou a seu redor antes de lhe tocar.

— Causo-te uma grande quantidade de problemas. Provavelmente te causarei mais antes que terminemos.

Charles abriu seus olhos e se deixou afogar em seu perfume, em sua presença, e lhe beijou uma sarda que agraciava a bochecha de Anna. Logo lhe deu um beijo em seu nariz e outro a cima do lábio.

— Por muito tempo, meu irmão Samuel esteve me dizendo que necessitava que algo me estremecesse.

Ela o beijou... Era uma estranha ocorrência que ele ainda a mantinha abraçada e ela saboreava esse presente de confiança. Ela tinha sido torturada por monstros, e algumas vezes ainda mantinham o controle sobre ela.

Anna se afastou.

— Se isto continuar, não haverá nenhuma conversa.

Bem, ele pensou. Mas sabia que havia coisas que ela ainda necessitava discutir, assim se recostou e fez descansar sua cabeça sobre seus braços como se fossem travesseiros embora havia ao menos três travesseiros na cama.

— Eu sigo sentindo que estamos fazendo as coisas errado, — ela disse. — Que este vínculo entre nós implica muito mais do que nós estamos preparados para enfrentar.

— Não há nada errado entre nós. — disse a ela.

Ela fez um ruído de frustração, e ele supôs que essa não era a resposta que ela estava procurando.

Charles fez outro intento.

— Temos tempo, amor. Tanto que temos que ser cuidadosos com onde pisamos em nosso caminho para a compreensão, temos um tempo muito comprido para entendê-lo bem.

Ele podia senti-la enfocando sua atenção nele.

— De acordo. — ela disse finalmente. — Posso viver com isso. Isso significa que posso dizer quando acreditar que estas caminhando em uma direção equivocada?

Ele sorriu abertamente.

— Poderia te ajudar?

— Não há nada errado entre nós, — ela repetiu suas palavras com mais satisfação. — Isso significa sim, correto?

Ele a olhou outra vez,

— Isso quer dizer sim. Correto.

— E está tão confuso a respeito disto como eu?

Parecia importante para ela que os dois estivessem em igualdade. Mas ele não podia mentir.

— Não. É uma confusão diferente, eu acredito. E possivelmente mais confusa. Você não teve a maior parte de uns duzentos anos para decidir-se quem é e quem não é. Quando tudo muda... — Charles encolheu de ombros.

Ele não estava acostumado a toda esta emoção. Ele tinha tomado os sentimentos e os desejos de sua metade humana e as tinha guardado em alguma parte, assim não interfeririam com as coisas que ele tinha que fazer. E agora tinham saído, e ele não tinha ferramentas para tratar com elas, e ele não era o suficientemente estúpido para pensar que alguma vez poderia guardá-las outra vez.

— Confusão diferente, — ela disse. — OK. Isso está bem. — Ela estendeu a mão e tocou seu braço, percorrendo-o com um dedo. — Quando te toquei hoje... senti como se tivesse duas almas em um corpo. Assim sou eu?

— Anna, — disse a ela. — Você é como é. O Irmão Lobo e Eu... você sabe eu nasci sendo homem lobo, não fui transformado. Isso gera algumas diferenças, acredito. Para que funcione, a maioria dos homens lobos tem que fazer a seus lobos obedientes se não ser que completamente subordinados. Ao cabo de um momento, o espírito do lobo é reduzido a uma parte do espírito do homem. Uma parte irrefletida, violenta cheia de instintos e desejos mas não pensamentos reais.

Ele olhou a mão pálida dela na camisa verde de seda que ele usava.

— Não sou meu avô, para ver dentro do coração de um homem, — disse. — Não sei se o que te disse é verdade. É só o que vi e senti. Meu Irmão Lobo e eu alcançamos um compromisso diferente. Em situações onde sou mais capaz, ele me consente o controle completo... E eu lhe ofereço a mesma cortesia.

— Duas almas. — ela disse.

— Não. — Ele negou com a cabeça. — Uma alma, uma, dois espíritos. Somos um, Irmão Lobo e eu. Inseparáveis. Se ele morrer, eu também morreria.

— Inabilitei a minha loba?

Ele girou sobre seu lado, para estar mais próximo a ela por sua preocupação.

— Não é algo para angustiar-se. É simples sobrevivência. Mas se ajuda, penso que você e sua loba alcançaram um compromisso inteiramente diferente. — Ele sorriu. — Penso que por isso meu Irmão Lobo lhe escolheu em primeiro lugar, antes que tivéssemos sequer uma oportunidade para nos dizer olá. Balançamo-nos, você sabe. Você para mim, sua loba é para mim. Ela é tímida

a menos que esteja ameaçada, mas ela está ali.

Anna fechou sua mão em seu braço.

— OK. Posso tratar com isso melhor que com as alternativas.

— Necessita mais palavras entre nós? — Ele perguntou, o toque dela fez a sua voz enrouquecer.

Capítulo 4

Antes que ela pudesse responder, seu telefone celular chamou. Não era o toque de seu pai, e se estivesse em casa, ele teria deixado na secretária eletrônica. Mas não estava em casa. Ele veio aqui para fazer um trabalho, e implicava responder chamadas telefônicas em momentos inconvenientes. Assim ele levantou seu casaco do piso e tirou seu celular do bolso.

— Charles, — ele disse.

Foi o que respondeu com um muito fluido francês sulista, tão rápido como capto uma palavra em quatro. Mas foi suficiente.

— Já vou, — ele disse, e desligou o telefone enquanto o outro lobo ainda falava.

— Escutou isso? — Lhe perguntou procurando suas botas.

Anna colocou de um empurrão seus pés em seus sapatos.

— Não falo francês.

— Os lobos Espanhóis estavam comendo no restaurante em que Jean Chastel decidiu levar a seus lobos. O assunto se incrementou, para incrementar a diversão, o Alfa Britânico está ali, também.

— Quem chamou?

— Michel, um dos outros Alfas Franceses, que será castigado se Jean vier a saber. Deduzo que nosso informante ligou do banheiro masculino. Espero que ele tenha tomado precauções para proteger-se. — Ele sacudiu seu casaco. — Seattle é uma cidade grande. Difícil para que três facções de homens lobos terminem no mesmo restaurante ao mesmo tempo. Se souber que alguém planejou isto, rodarão cabeças.

— Se o restaurante for o porão da Bubba Barbeque, poderia ser um acidente, — Anna disse, arrastando seu casaco. — Teve ao menos cinco membros de alcateias, incluindo a seu pai e Asil. Aparentemente é famoso por suas costelas intermináveis, interminavelmente boas. Asil disse-me que ele nunca tinha feito propaganda, mas sua reputação é tão boa que se propagou até as alcateias da Europa.

Charles a olhou atentamente.

— As pessoas falam contigo. — ele disse. — Isso poderia ser útil.

Aparentemente, correram para o restaurante. Anna se alegrou de usar seus tênis sobre a

úmida e pronunciada colina sobre a que se precipitaram.

Charles, com seus passos de gato, escorregou-se e arrastou na chuva torrencial. Suas botas de vaqueiro tinham a sola escorregadia, e ela não acreditava que pudessem ajudar a frear muito. Ambos correram silenciosamente, mas ela poderia sentir a atenção que atraíam. Na cidade, as pessoas prestam atenção quando a gente corre porque a gente bem poderia ser predador ou presa.

Isso a preocupou por um momento, mas a avaliação de risco era algo que teria que deixar a Charles. Ela não sabia qual era a implicação ou quão tão longe estava o restaurante, exatamente. Ele mantinha sua velocidade facilmente dentro dos limites humanos, então, sim, ele dava alguma importância à atenção que eles atraíam.

Ela gostou de correr com ele. Sem ele, algo dentro dela, sempre temia que se convertesse na presa. Ela não poderia imaginar o Charles sendo a presa de alguém.

Depois de algumas quadras, ele desacelerou a um passo enérgico, e trocaram de direção em uma rua nivelada paralela ao Som. Como o lago Michigan em sua Chicago nativa, a água tinha uma presença, um peso que poderia sentir, ainda se ela não tivesse olhado furtivamente entre os edifícios e as ruas.

Um sinal vermelho de néon proclamando o Porão da Bubba como o lugar com o melhor andaime em Seattle, tinha uma flecha apontando os passos para o porão de algo que poderia ter sido alguma classe de edifício de um banco ou de um escritório, tinha essa aparência neutra de alta escala. Charles abriu um lado da porta dupla na entrada, liberando a combinação embriagadora de carne vermelha, molho assado à churrasqueira, e café. O restaurante estava fracamente iluminado e, logo depois de um olhar rápido de Anna, em sua maior parte cheio. Havia uma sensação pesada sobre o quarto, como o peso de uma tormenta, tão forte, que Anna se perguntou se até os humanos podiam sentir.

Charles inspirou e virou à esquerda, passeando ao redor de uma parede de zona de arbustos, através de uma porta de vaivém, e em um quarto afastado do resto do lugar. Um discreto sinal por cima da porta advertia que o quarto poderia ser reservado para grupos grandes por uma pequena retribuição e podia albergar até sessenta pessoas. Quando Anna seguiu ao Charles através, ela reparou que havia apenas uma quarta parte da quantidade de gente agora, e não teria sido bastante grande para eles ainda se tivesse sido quatro vezes maior.

Os lobos alfa não se misturavam bem com outros. Anna se perguntou se todos eles se congregaram aqui a propósito, ou se alguém havia dirigido mal às pessoas no vestibulo de espera do restaurante decidindo conservar a todos os clientes potencialmente problemáticos em um mesmo lugar.

Alguém tinha feito um esforço apressado para dar espaço à batalha, porque duas mesas jaziam sobre seus lados contra uma parede, e as cadeiras tinham sido lançadas em qualquer lugar que aterrizaram.

— Você não tem a coragem de um híbrido meio-sangue, — disse um dos dois homens

parados no centro da habitação com fresca deliberação. — Ele tinha um acento, mas era tão leve que não pôde identificar imediatamente.

Charles a olhou, logo à porta pela qual eles haviam entrado. Anna entendeu. Este era assunto particular, e não necessitavam que qualquer visita inesperada complicasse as coisas mais à frente. Ela fechou a porta e se apoiou contra ela.

Também deu a ela uma fuga rápida, tantos lobos dominantes... Ainda com o Charles, ela não podia ajudar recordando o que os lobos dominantes de sua primeira alcateia lhe tinham feito. E seu batimento do coração melhorou. Não aterrorizado. Ainda não. Mas tampouco confortável.

O quarto se via como nada mais que uma cena do “*West Side Story*”, ou, com mudança de vestuário, ao o “*Tiroteo en el Corral Ok*”. Quatro homens estavam em pé sobre um lado do quarto, seis por outra parte. Alguns passos diante de qualquer grupo aguentavam um homem, em condição de brigar. O nível de testosterona era tão alto, que ela estava espantada que os brigões não tivessem detonado o pequeno teto.

Havia um décimo terceiro homem que ainda estava sentado no canto do quarto. Ele tinha seu adversário contra a parede e limpava as mãos em um guardanapo úmido. Ele notou a entrada Charles primeiro e inclinou sua cabeça em uma saudação casual.

— Ah, — ele disse em um belo acento britânico aristocrático, — me perguntava quando a cavalaria chegaria. Ditosos os olhos que lhe veem, Charles. Ao menos os russos não estão aqui, né? Ou os Turcos.

A ação se deteve por um momento quando todo mundo percebeu que um novo jogador se entrou no jogo.

— Você sabe como ver o lugar brilhante em um dia nublado, — disse um homem bronzeado no grupo maior. — Sempre gostei disso em ti, Arthur. — Seu acento lhe fez, e por conseguinte o grupo de lobos ao que lhe deu apoio, espanhóis.

O que significava que o homem que tinha lançado impropérios devia ser Jean Chastel, a Besta de Gévaudan.

Ele não era bonito, precisamente, mas havia poder em seus lábios e a maneira em que ele se comportava teria dado a seu primeiro Alfa, Leão, uma aparência de um cachorrinho meio crescido. Ele dava impressão, como a maioria dos Alfas que ela tinha encontrado; Ele ocupava mais espaço no quarto, do que deveria, como se fosse física e metafisicamente maior, do que devia ser.

Ele percebeu a presença de Charles, mas seus olhos pálidos ficaram firmemente em seu adversário. Nenhum alto nem curto-circuito, Chastel tinha uma constituição magra. Seu cabelo era algo comprido e atirando a marrom, escovando seus ombros.

Sua barba era vários tons mais escuros que o cabelo brilhante. Mas os detalhes físicos não

tinham importância quase igual à força de quem e o que ele era. Seu adversário não tinha possibilidade contra ele, e o espanhol sabia. Anna o podia ver em sua postura, na maneira em que ele não olhava aos olhos do francês. Ela poderia cheirar no perfume de seu medo.

— Sergio, meu amigo, — disse o espanhol escuro que tinha falado antes. — Acalme-se. A briga está terminada. Charles está aqui.

O lutador espanhol não tinha notado a aproximação de Charles, e sua aparência alarmada esteve quase a ponto de desvanecer-se. O braço direito do Jean Chastel saiu disparado e se teria conectado com o pescoço de seu adversário, mas Charles já se moveu, como se soubesse o que o lobo francês ia fazer antes que ele mesmo o soubesse.

Charles interceptou o golpe e sacudiu com força ao Chastel ao redor, usando o momento para propulsá-lo contra sua gente. Um olhar rápido aos lobos espanhóis disse que tinha seu apoio, logo sua atenção estava enfocada ao primeiro lobo.

—Tolos, — Charles grunhiu. — Este é um lugar público. Não os deixarei alterar a ordem pública enquanto sejam convidados nas terras da alcateia da Cidade de Esmeralda.

— Você não nos terá , cachorrinho? — Murmurou o francês, que tinha se recuperado rapidamente do impacto imprevisto com seus lobos. Ele atirou fortemente das mangas largas, que estavam arregaçadas na camisa, um gesto que se viu mais habitual que eficaz. — Tinha ouvido que o velho lobo tinha enviado seu cão para nos deleitar, mas pensei que era somente um desejo feliz.

Havia algo sobre o resto do contingente francês, pela forma em que atuavam, que disse a Anna que nenhum deles gostava do que seu líder estava fazendo, que eles seguiam ao Jean Chastel por medo. Isso não os fazia menos perigosos, talvez mais ainda. Sua loba os reconheceu como Alfas, cada um deles, com todo seu medo.

Sob toda a agressão e a postura exagerada no quarto, ali havia uma corrente oculta de medo: o dela, o dos espanhóis e o dos lobos franceses, tão grossa, que ela espirrou pelo cheiro disso, atraindo atenção não desejada. Os olhos do Jean Chastel encontraram os dela, e ela os sujeitou, apesar da violência que prometiam.

Aqui, ela pensou, aqui há um monstro pior que o troll sob a ponte. Ele emprestava ao mal.

—Ah, — ele disse, soando quase suave. — Outra história que havia descartado. Então encontrou outro Ômega, uma híbrida. Uma garota bonita. Tão suave e delicada. — Ele lambeu os lábios. — Aposto que ela é um bocado saborosa.

— Nunca saberá, Chastel, — disse Charles brandamente. — Retrocede ou saia.

—Tenho uma terceira opção, — Chastel sussurrou. — Penso que poderia tomar aquela.

Não haveria um bom final para isto, Anna se deu conta, Charles poderia ter aliados entre os espanhóis, e talvez o lobo britânico, mas ainda assim, se se envolvessem, demonstrariam que Charles era débil. Ela tinha uma fé ilimitada nas habilidades de Charles para limpar o chão com o

lobo francês, mas ainda isso seria um fracasso de alguma maneira. Este era um lugar público, uma briga se traduziria em policiais e exposição, um bastante diferente do que Bran queria.

Talvez ela pudesse ajudar a desativá-lo. Ela tinha estado trabalhando com o Asil, um velho lobo de sua nova alcateia, para tentar compreender um pouco do que ela podia fazer. Sua companheira morta tinha sido um Ômega como Anna, então ele sabia algo de sobre o efeito de suas habilidades, o que era mais do que qualquer outro sabia. Mesmo Bran, o Marrok, só tinha uma ideia do assunto. Com ajuda do Asil, ela tinha manipulado algumas coisas que chamavam a atenção.

Charles não disse nada ao Chastel. Ele só se levantou, seus braços caíam a seus lados, seu peso sustentado em seus pés, como se ele esperasse ao Chastel para tomar uma decisão. Só Charles permitiu a ela libertar-se do medo, Charles, seu lobo, e a porta.

Ela imaginou um lugar em sua mente, profundo no bosque onde a neve cantava ligeiramente na terra e seu fôlego cristalizado no ar. Estava tranquilo ali, e acolhedor. Pacífico. Um riacho cheio de trutas sob uma capa magra de gelo brumoso. Em sua imaginação ela seguia uma truta, uma sombra de prata, através da água que se movia rápido.

Quando ela o teve claro e perfeito em sua mente, ela deixou o sentimento sair.

Seu poder pegou primeiro o lobo britânico; Ela o viu relaxando seus ombros. Ele reconheceu o que ela estava fazendo, arqueou uma sobrancelha, logo tomou sua caneca de café (ou talvez de chá Acaso todos os britânicos não bebiam chá?) e tomou seu conteúdo. Vários espanhóis começaram a respirar mais devagar, e a tensão no quarto diminuiu.

Charles mudou de direção, seus olhos estavam de cor ouro puro e cego... E grunhiu. A ela. Deixando a Anna só em um quarto cheio de violência e lobos dominantes. Os aromas disso eram tão familiares que seu corpo se encheu com fantasmas de dor, e doeu deixar acontecer o ar. Ela escapou através da porta que tinha estado mantendo fechada, fugiu antes de tornar-se cega de terror a isca que causou uma orgia de violência. Ela tinha visto isso ocorrer, também, sem embargo nunca em um lugar tão público.

O francês disse algo grosseiro quando a porta se fechou detrás dela, mas não prestou atenção. O pânico, cru e feio, tornava difícil respirar enquanto seu condicionamento tentava controlar seu sentido comum. Ela precisava encontrar alguma outra coisa em que focar-se. Então ela olhou ao redor.

Os patrocinadores na parte principal do restaurante aguardavam ainda de maneira pouco natural em silêncio, e havia bem menos dos que havia quando ela entrou com Charles no restaurante. A maior parte deles olhava para baixo, uma reação involuntária a tantos Alfás, ela pensou. Até os humanos poderiam sentir, embora felizmente não sabiam o que os punha tão inquietos.

Embora estivessem todos no quarto contíguo, havia um peso por sua presença, assim como houve um peso para o som do rugido. Enquanto Charles estivera ao seu lado, ela conseguira

forçar-se a afastá-lo, mas agora isso a corroía. O som de seu coração lhe golpeava forte em suas orelhas.

Mas os lobos estavam do outro lado da porta, e Charles não os deixariam tocá-la.

Ela se deteve frente à porta de saída. Podia voltar para seu quarto de hotel e podia esperar. A cidade na noite não sustentava terrores para ela, todos os tipos ruins estavam aqui. Mas isso seria covardia. E Charles faria uma ideia equivocada.

Longe do drama e do primeiro impulso de sair fugindo do ataque, ela pensou na razão pela qual ele tinha grunhido: Ele precisou detê-la.

Ele não poderia permitir o luxo de deixar seu Irmão Lobo tranquilo. Charles poderia ser naturalmente mais dominante, mas ele era o único lobo no quarto que não era um Alfa de alguma alcateia. Ela sabia que havia lobos menos dominantes que assistiriam à convenção, mas nenhum deles estava aqui.

Tantos Alfas deixavam Charles em uma má posição. Deviam temê-lo, sabiam que ele os mataria caso se movessem contra ele, ou cheirariam a debilidade e o atacariam conjuntamente, como uma alcateia de lobos atacando uma rena. Estavam testando-o.

Havia um piano quebrado em um pequeno cenário no canto do salão, que a chamava como um oásis no deserto. Ela poderia esperar até encontrar algo em que pensar que não fossem memórias velhas de dor e a humilhação. Anna chamou a atenção de uma garçonete.

— Se importa se eu tocar?

A garçonete, percebendo que Anna estava um tanto estressada, fez uma pausa e então deu de ombros.

— Está bem, mas se você não tocar bem, o cozinheiro pode sair e pode pedir que pare. Ele faz uma grande produção disso. Ou as pessoas vão via-la completamente. É um pouco uma tradição.

— Obrigada.

A garçonete olhou ao redor.

— Toque uma melodia feliz, se puder. Alguém precisa amenizar este lugar.

Era um velho piano reto, que tinha sido velho faz muito tempo. Alguém o tinha pintado de negro, mas a pintura se desvanecera para um tom desbotado de cinza. A maioria das teclas de marfim estava lascada e havia uma mais alta que as outras.

Algo feliz.

Ela tocou o tema de Vila Sésamo. O piano tinha um tom muito melhor do que parecia a

primeira vista, e estava afinado. Não era seu instrumento, mas depois de seis anos de lições, ela era bastante competente.

A percepção viva e as linhas de música medianamente fáceis da peça a tentaram a tocar rápido também.

Charles observou Anna sair e soube que sua relação voltara à estaca zero. Mas se ele não a tivesse detido, teria sido desastroso. Não podia permitir o luxo de deixar-se distrair. Nem mesmo por sua Ômega e frente à possibilidade de ter destruído algo entre eles.

A maioria das companheiras estaria zangada por serem castigadas diante de outros. Mas a maioria das companheiras não tinha sido tratada brutalmente na tentativa de quebra-las. Anna não se quebrara, não completamente. Mas ele não podia arriscar-se a permitir que ela aquietasse seu Irmão Lobo antes de afetar à Besta.

A agressividade do Irmão Lobo, sua vontade de matar, era a única arma de Charles para controlar a situação.

Completamente cansado de Chastel, embora só tivesse estado em sua presença menos de quinze minutos, Charles chamou o Irmão Lobo, que não se incomodaria em tomar um lugar central. As negociações, com as quais ele devia estar preocupado, estavam esquecidas desde o momento em que teve que grunhir para Anna. Ou talvez desde quando Chastel a chamara de garota bonita, como se ela não fosse ninguém.

— Você não quer falar de minha companheira, — respondeu a Chastel com a mesma voz suave. Ao Irmão Lobo não importava a política. Chastel o forçara a magoar Anna, e não o incomodaria nem um pouco mata-lo aqui e agora.

Chastel levantou o lábio superior, evitando falar por estar enfrentando o Irmão Lobo. Eles estavam ali, olhar contra olhar. Então Chastel desviou o seu, agarrou o casaco e saiu da sala.

Charles o seguiu, atento ao rastro da Besta, assegurando-se de que ele não iria atrás de Anna; deu dois passos para a parte principal do restaurante antes de deter-se, só vagamente notando Chastel deixar o edifício, porque, depois de tudo, Anna não se fora.

Charles pensou que Anna estaria a meio caminho do hotel, a estas alturas. Mas ao invés disso, ela estava sentada sobre um banquinho que cambaleava em baixo dela e tocava o infame piano quebrado, de costas para ele e para o resto do salão. A peça que estava tocando não era complicada, mas tinha uma melodia feliz. Familiar. Ele franziu o cenho, mas não pode identificá-la, além da sensação de que era uma melodia infantil.

Automaticamente, ele varreu o quarto em busca de possíveis ameaças e não encontrou nenhuma. As únicas pessoas ali eram humanas, e estavam relaxadas com a música. Alguém riu e outro pediu mais costelas.

Ela não se fora. E isso significava que ele podia limpar a desordem que Chastel tinha deixado atrás de si. Só tomaria alguns minutos, logo ele poderia retornar aqui e protegê-la de... Charles se deteve e aspirou profundamente. O Irmão Lobo pensou que poderia arrumar isto por aí e salvá-la de qualquer perigo, ele não entendia muito bem às mulheres. O fato de Anna ter permanecido era um sinal de esperança, e indicou a Charles que ele não a compreendia tão bem quanto pensava.

Ela percorreu com o olhar à audiência e viu que o incomum e peculiar silêncio do restaurante havia se dissipado um pouco. Ela tampouco ouviu nenhum ruído repentino que apontasse uma briga, então havia esperança de que Charles tivesse tudo sob controle. Agora precisava tocar algo mais moderno e apropriado ao público predominantemente de meia idade, que em geral preferia Elton John ou Billy Joel - ambos pianistas que também cantavam. Ela tocou as últimas notas do “Maple Leaf” para trocar “The Downeaster Alexa”. Não era uma “melodia feliz” precisamente, mas era bela.

Não tomou muito tempo para Charles tranquilizar os outros lobos. Sem Chastel para aguilhoá-los e empurrá-los, ninguém estava interessado em uma briga pública. Charles mandou vir comida para todos - o especial da casa era costelas ilimitadas - e pediu que o desculpassem por alguns minutos enquanto ele se assegurava de que sua companheira estava bem. Os lobos franceses estavam um pouco inquietos, seguros de que Chastel notaria quanto tempo se atrasaram para segui-lo, mas ninguém objetou. Os Alfas compreendiam melhor observando a si mesmos.

Anna continuava ao piano, agora tocando uma peça melodiosa. Sem a letra, ela arriscou algumas notas musicais para localizar a canção. Charles era um admirador de Billy Joel, mas “The Downeaster Alexa” não era uma de suas canções favoritas. Recordava-lhe pessoas que ele havia conhecido e que haviam sucumbido. Essa canção o lembrava de seus nomes, os calafrios remetentes de memórias que era melhor esquecer... Mas era bela.

As mãos de Anna se arqueavam graciosamente sobre as teclas danificadas do piano e extraíam música e algo mais do salão. Era sutil, mas podia-se ver isso na conversação e até na forma como um velho, antes curvado sobre seu prato, lentamente se endireitou e, com os olhos brilhantes, sussurrou algo ao jovem corpulento sentando ao seu lado. O homem respondeu discretamente e o velho balançou a cabeça.

— Vá e pergunte a ela, — ele disse, sua voz tranquila, mas suficientemente forte para que Charles captasse as palavras sobre a música. — Aposto que uma garota que pode tocar tão bem o ragtime conhece outras das antigas canções.

— Ela está sozinha, Vovô. Vou assusta-la. A Tia Molly...

— Não, não. Molly não fará isso. Não vai quer que eu passe vergonha ou me exercite. Tem que ser você; agora mesmo. — E o fraco homem velho praticamente jogou o jovem fora de seu

assento.

Charles sorriu, aprovando. Muito frequentemente as pessoas tratavam os mais velhos como crianças, como pessoas que deviam ser mimadas mas eram incapazes. Ele tinha melhor critério, assim como aquele grande jovem. Os idosos estavam mais perto do Criador de Todas as Coisas e deviam ser tratados com deferência quando falavam. Ele se esticou um pouco quando o homem grande atravessou lentamente o restaurante até sua Anna. Mas não havia ameaça na linguagem corporal do humano. Charles pensou que o homem grande gastava muito tempo tentando não se parecer com um lutador de quase dois metros. Charles se compadeceu do rapaz, embora ele mesmo costumasse aproveitar o efeito que tinha nas pessoas em vez de camuflar isso.

Antes que Anna realmente tivesse terminado, notou que um homem grande estava de pé, miseravelmente, ao lado do piano, curvando os ombros e se esforçando para não parecer horripilante. Ela julgou seu êxito como moderado. Ele tinha uma cicatriz no queixo e umas quantas mais nos nódulos e era cerca de uma polegada mais alto que Charles. Talvez se ainda fosse humana, Anna ficasse preocupada com a presença dele. Mas sentia que ele não era uma ameaça para ela. A linguagem corporal raramente mentia.

O homem estava, obviamente, esperando para falar com ela, então quando soou a última nota da canção, Anna deteve-se. Por alguma razão não estava a fim de canções felizes, então a interrupção provavelmente era bem vinda.

Algumas pessoas notaram que ela terminara e começaram a aplaudir. Os restantes continuaram sentados e se voltaram para a comida.

— Perdoe-me, senhora. Meu avô quer saber se você poderia tocar "Mr. Bojangles"... E se você não se incomodaria por ele cantar com você.

— Não há problema. — Anna respondeu sorrindo e mantendo seus ombros relaxados para demonstrar que não estava assustada.

“Bojangles” havia sido cantado por um grande número de pessoas, mas o homem velho, apoiando-se excessivamente na bengala, mantinha-se firme enquanto caminhava para o piano, parecendo-se com as imagens das últimas fotografias que ela tinha visto de Sammy Davis, Jr., o interprete de sua canção favorita.

A voz dele, quando ele falou, revelou-se bem mais poderosa que seu corpo débil.

— Vou cantar algo para vocês, — disse à audiência, e todos no salão levantaram o olhar. Ele tinha essa classe de voz. Ele fez uma pausa. — Vocês terão que me perdoar, pois não danço mais. — Ela esperou até que as risadas que provocara morressem, antes de começar.

Normalmente, quando Anna tocava pela primeira vez para alguém que não conhecia, especialmente se a peça era bem conhecida, ficava obcecada por ter que amoldar sua

interpretação com a percepção que a outra pessoa tinha da canção. Mas desta vez, desde o princípio foi mágico.

Charles se preocupou um pouco quando o velho homem se perdeu, preocupou-se mais ainda quando isso se repetiu uma segunda e depois terceira vez. E fechou os olhos quando ele começou a cantar no momento errado. Mas Anna evitou o desastre tocando mais agilmente, e ele soube que ela era melhor no piano do que ele tinha imaginado a partir das musicas que tinha escolhido.

A voz do homem velho estava em seu ponto. Isso, mais o piano meio destruído e a doçura de Anna, tudo combinava com um desses momentos estranhos, quando a atuação e a música se mesclam e fazem algo mais.

“Bojangles” era uma canção que demorava a chegar ao ápice, imagens da vida de um homem velho. O alcoolismo, a prisão, a morte de um camarada amado, nada disso tinham derrotado Mr. Bojangles, que em sua hora mais escura ainda tinha uma risada e um baile para um companheiro aprisionado.

He jumped sou high...

Era uma canção guerreira. Uma canção de triunfo. E ao final, apesar de suas anteriores palavras, o homem velho executou um suave sapateado. Seus movimentos estavam rígidos por articulações machucadas e os músculos eram menos poderosos do que estavam acostumados a ser. Mas seguiam tendo graça, e uma completa alegria.

He let go a laugh...he let go a laugh...

Quando Anna terminou com sucesso, o homem velho tomou seu braço e ela o fez, também.

— Obrigada, — disse. — Isso foi realmente divertido.

Ele levou sua mão às suas e a aplaudiu.

— Obrigado, minha querida. Você me transportou aos bons tempos... Dá-me vergonha dizer quão velhos. Você fez feliz a este homem em seu aniversário. Espero que quando você tenha oitenta e seis, alguém a faça feliz em seu aniversário, também.

E essas palavras ganharam uma segunda rodada de aplausos e gritos de “bis”. O velho homem balançou a cabeça, falou com Anna um pouco mais, depois sorriu quando ela inclinou a cabeça.

— Supomos que vocês gostam dos antigos - ele disse - só que para mim não, estes não são velhos.

E ele começou a cantar “You’re Nobody ‘til Somebody Loves You” uma canção que Charles não ouvia há quarenta anos ou mais. Anna se integrou ao grupo e depois de algumas notas no piano

deixou-se guiar pela voz treinada do homem.

Quando terminaram, o salão estalou em aplausos, e Charles chamou a atenção de uma garçonete. Deu a ela seu cartão de crédito e disse que gostaria de pagar pelo jantar daquele senhor e de sua família, em agradecimento pela música. Ela sorriu, tomou seu cartão, e andou devagar.

O homem velho tomou a mão de Anna e fez outra reverência. Ele beijou sua mão, depois solicitou ao filho que o escoltasse à sua mesa em triunfo. Sua família se levantou, abraçando uns aos outros, enquanto ele se sentava como um rei e recebeu merecidas boas-vindas.

Anna pôs a cobertura protetora sobre as teclas e, olhando para cima, viu Charles. Ela vacilou, e isso fez que o coração dele doesse - havia feito com que ela o temesse. Mas ela levantou o queixo, seus olhos ainda cheios de música, e foi até ele.

— Obrigado, — Charles agradeceu antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Ele não estava certo se agradecia por Anna ter saído da sala quando ele pedira, se por ela permanecer no restaurante, ou se pela música a qual lhe recordara que tudo isso não se tratava apenas dos homens lobos. Tratava-se também dos humanos com quem eles compartilhavam o país.

A garçonete, que retornava com seu cartão, ouviu inadvertidamente o que Charles dissera.

— De minha parte também, querida, — disse a garota a Anna. — Estava tão triste aqui quando você começou. Como um funeral. — E para Charles: — Está feito. Imaginei que você preferiria permanecer anônimo, acertei?

— Sim, — ele disse. — Sortirá um melhor efeito desse modo, não acha?

A garçonete respondeu com um sorriso, depois ofereceu outro a Anna antes de voltar-se apressadamente para seu trabalho.

— Sinto muito. — Charles disse a Anna.

Ela devolveu-lhe um estranho olhar sábio.

— Nenhum problema. Tudo bem?

Ele não sabia. Em sua maior parte dependia dela. Mas sabia que não era isso que ela queria dizer. Ela estava indagando sobre os lobos na sala ao lado, então ele encolheu os ombros.

— Em sua maior parte. Chastel sempre é um problema. Talvez fazê-lo voltar para casa o force a ser mais agradável. Algumas vezes é assim que funciona.

A música ajudou. A música sempre ajudava. Fazer às pessoas felizes ajudara ainda mais. O fato de Anna olhar para cima e ver Charles a sua espera com um pequeno sorriso no rosto também ajudara muito. Ela desejou dizer a ele que ninguém tinha morrido, que ela não complicara as

coisas para ele e que ele não a tinha aborrecido.

Charles a escoltou para onde os lobos os esperavam. Chastel fora-se. Anna não o tinha notado sair, e ela deveria tê-lo visto, ainda mais parada junto à saída e com a música sob os dedos. Era perigoso não ter cuidado com coisas como essas.

As mesas tinham sido movidas outra vez até formar uma larga mesa na metade da sala. Havia três enormes recipientes de comida, um cheio e dois quase vazios.

Não que repentinamente todos fossem amigos. Os lobos espanhóis conferenciaram sobre um lado da mesa, os franceses pela outra parte. O homem lobo britânico estava em um extremo da mesa e havia dois serviços de mesa que não tinham sido usados na cabeceira.

— Seria uma lástima ter vindo até aqui e não provar a comida, — Charles murmurou, com uma mão nas costas de Anna. Ela não podia ver seu rosto, porque ele estava atrás dela, mas viu que o impacto de seu olhar fixo no quarto cheio de Alfas, dava perseverança de que eles acreditavam que ele era o lobo maior, e pior do lugar.

A maior parte deles pareceu contente com isso. Os lobos não se queixavam das coisas que não podiam mudar, a única exceção, ela pensou, poderia ser o Alfa Britânico. Algo lhe entristecia, certamente. Mas ele manteve seus olhos baixos enquanto Charles lhe tinha à vista de qualquer maneira.

— Cavalheiros, minha companheira e minha esposa, Anna Latham Cornick, Ômega da alcateia de Aspen Creek. — Charles levantou a mão para seu ombro.

— Com seu perdão, monsieur, — um dos franceses disse. Ele tinha um de esses fortes acentos, francês com alusões britânicas. — Possivelmente poderíamos nos apresentar e logo nos dar permissão para nos ausentar. Nós nos demoramos em comer, e não podemos atrasar muito mais.

Chastel não é nosso Marrok, não como Bran é para os lobos aqui, mas ele pode fazer nossas vidas bastante incômodas.

— É obvio.

O francês procedeu a apresentar a seus compatriotas com rapidez, e enquanto ele os apresentava, inclinavam de modo respeitoso suas cabeças. — E sou Michel Girard.

— Gostaria de, mais tarde, conversar sem pressa. — Disse Anna.

— Eu também. — Ele sorriu com olhos rendidos. — Até manhã. — E saíram.

— Anna, este é Arthur Madden, Senhor dos Isles, o equivalente britânico ao Marrok.

— É bom conhecê-lo, senhor, — ela disse. Não é um Alfa, ela pensou, ou não simplesmente um Alfa.

— Encantado, — Arthur disse, quando se levantou de seu lugar e respondeu ao chamado para beijar sua mão. — Sinto muito confessar que, embora Chastel não espera me castigar, estivemos aqui muito mais tempo do que me propus. Minha esposa me espera, e devo atendê-la. A mim, entretanto, eu gostaria de publicar um convite antes de sair. Tenho um condomínio no Distrito Universitário, e seria um prazer tê-los para o jantar amanhã.

Anna olhou ao Charles. Era claramente provocador ter excluído aos espanhóis, que se sentiu torpe. Ela não soube o que dizer que não o piorasse.

— Obrigado, — disse Charles. — O discutiremos, e lhe deixarei saber.

Arthur sorriu, e ela pôde ver que ele era bonito. Ela não tinha prestado atenção antes.

— Muito bem. — Arthur olhou para os espanhóis. — Meu controle não é simplesmente bastante bom, cavalheiros, para ter mais que um dominante em meu território de uma vez. Sinto pesar.

— De nada, — o homem de pele escura, que era de fato o líder disse graciosamente. — Entendemos, é óbvio.

Arthur se desculpou. O quarto inteiro ficou silencioso, ela pensou. Quando a porta do restaurante no outro quarto se abriu e se fechou, sentiu como se o mundo inteiro se relaxasse.

Sergio, o lobo que enfrentou o Chastel, lançou um osso em seu prato.

— Pomposo asno. — Ele disse.

— Inteligente, pomposo asno. — disse Charles.

— Enganador, inteligente, pomposo asno. — disse o homem de pele escura. — Ainda não decidi como vai nos apresentar? Quem sabe pela idade? — Ele olhou para Anna. — Charles conhece todos nós, e provavelmente aos franceses, também. Seu companheiro sabe tudo.

Era uma provocação, menos séria, entretanto não menos importante, Anna entendeu, com a briga próxima entre o Charles e Chastel. Somos importantes para você? Foi o que o espanhol quis dizer.

— Se o dirigir, você estará no conselho. — Charles estava tão relaxado como ela nunca o tinha visto.

— Bem.

— Sergio do Fino, — disse Charles. O homem a quem lhe dirigiu a palavra se levantou, pôs uma mão sobre seu coração, e se inclinou de modo respeitoso.

Ele transpassou a outros sem dar um passo em falso até que chegasse aos últimos dois: O homem de pele escura e um ruivo. Ele fez uma pausa e logo indicou o homem moreno inclinando a

cabeça.

— Hussan Ibn Hussan. — Logo ao outro homem. — Pedro Herrera.

Hussan sorriu.

— Mau. Sou mais velho que Pedro.

Pedro sorriu mais largo.

— Filho, eu assisti seu nascimento. Não sabia que Charles soubesse isso.

Charles abaixou sua cabeça sem baixar a vista.

— Asil deixou escapar.

Hussan bateu em sua perna.

— Penso que caí em uma armadilha. Diga-me que meu pai não te disse que me pusesse nesta situação.

Charles só sorriu.

— Você é o filho do Asil? — Anna perguntou. Agora que ela prestava atenção, seu tom de pele era tão escuro quanto o de seu mentor nos assuntos Ômegas, e o nariz era igual.

— Tenho essa honra. — esteve de acordo Hussan.

— Ibn Hussan? Minha árabe bolinha com o inexistente, mas você logo não deveria ser Ibn Asil? — Sergio perguntou.

— Hussan é o nome de meu pai. Mas por muito tempo ele usou Asil. — Hussan deu as elucidações com indiferença. — Ele é velho. Ele pode fazer como queira. — Ele deu um sorriso azedo. — E ele normalmente o faz. Como está meu pai? Ele ainda está zangado comigo por recusar-me a lhe matar quando me pediu isso. Ele não respondera minhas chamadas telefônicas ou minhas cartas. Então deixei de ligar e de escrever.

— Ele está bem. — Disse Anna. — Melhor.

Charles sorriu um pouco.

— Ele provavelmente receberá suas chamadas telefônicas agora.

Hussan inclinou sua cabeça.

— Algo ocorreu?

— Sim. — Charles tirou uma cadeira e assinalou para que Anna tomasse assento. — Se não

começarmos a comer, estes diabos acabarão com tudo, e teremos que esperar a seguinte rodada.

Anna se sentou, e ele empurrou sua cadeira antes de tomar a sua. Ele poderia soar informal, mas estava ainda atuando formal. Talvez era porque estes eram em sua maior parte lobos maiores, quem esperaria que Charles a tratasse assim. Ela não estava segura se gostava disso, mas estava disposta a seguir a corrente. Em sua maior parte. Ela usou as tenazes e jogou um punhado de costelas em seu prato: Tinha passado muito tempo desde que ela tinha comido.

— Asil estará bem. — ela disse. — A menos que incomode ao Bran mais que o devido.

Ela olhou para cima e viu que Hussan cravava os olhos nela.

— É você. — ele disse. — A ômega. Você lhe salvou.

Ela negou com a cabeça.

— Lhe pergunte.

— Ele te dirá que foi ela. — Charles predisse. — Ela te dirá que não. Sem embargo, ele estará bem por outro século ou assim, tão bem como pode estar.

Voltaram caminhando para seu hotel. Ainda chovia forte, mas a água nunca tinha incomodado Anna, e Charles parecia ter uma mente parecida. Caminharam lado a lado, sem se tocarem.

— Vamos aceitar o convite para jantar de Arthur Madden? — Perguntou.

— Se você quiser. Angus programou algum entretenimento para a noite seguinte, mas amanhã está aberto.

— Se formos, provocaria algum problema diplomático?

Ele fez um gesto impaciente.

— Como me mantenho dizendo a eles, esta não é uma negociação. Acordamos ouvir nossas preocupações, e me ocuparei delas.

Mas meu papai é inflexível. Na primeira oportunidade em que meu pai decidir que é oportuno nos apresentar, sairemos a público. Não tem importância se alguns se ofendem se sentem que jogamos para ser favoritos. Não os estamos cortejando.

Anna se calou.

Finalmente, ele disse:

— Arthur pode ser encantador, e ele é interessante. — Ele percorreu com o olhar seu rosto e logo depois de retorno à rua. — Diz a todo o mundo que ele é Arthur. O rei que retornou.

— O que?

— Fala sério. Ele honestamente acredita que ele é esse Arthur.

— Realmente?

— Realmente. Antes de sua mudança, ele era um arqueólogo amador, sua família não é da realeza, mas nobre e ainda bastante rica, por isso não tinha que encontrar um trabalho real. Também significava que ele não tinha que ter nenhum treinamento especial para seguir com seu hobby. Ele afirma que um pouco depois de sua mudança, ele encontrou Excalibur em uma escavação, e quando ele a sujeitou, ele foi possuído pelo espírito de Arthur.

Ele se encolheu de ombros.

Logo, ele começou a assumir o controle de todas as alcateias da Grã Bretanha. Primeiro ele matou os Alfas, mas a combinação das alcateias criou um conjunto novo de problemas. Então ele modelou seu domínio depois de meu pai. — Lhe sorriu. — Meu pai está convencido que foi sua decisão usar um título que o designasse ao Arthur a declarar-se como o Arthur. Afinal, Sir Marrok era só um cavalheiro do Reino de Arthur.

— Então seu pai pensa que ele está mentindo? Como ele pode fazer isso sem que todo mundo cheire a mentira?

— Meu pai pode mentir tão bem como ninguém, mas Samuel ou eu podemos detectá-lo, — disse Charles. Ele a olhou nos olhos, a primeira vez que a olhava de frente desde que deixaram o restaurante. — Não diga a ninguém... Supõe-se que é um segredo.

— Que tão velho é Arthur?

Charles sorriu.

— Refere a este tempo aproximado? Penso que ele foi trocado justo depois da Primeira guerra mundial. Pensa que ele não é o suficientemente velho para ter os mesmos truques que um lobo velho como meu pai? Papai diz que o segredo é convencer-se que um não mente.

— Então ele só tem que acreditar firmemente em seu discurso?

— Provavelmente trouxe Excalibur com ele, — Charles disse. — Ele usualmente a mantém perto, poderia lhe mostrar isso se pedir.

— Realmente?

— Realmente.

Ela passou suas mãos por seus braços.

— Isso poderia ser interessante.

— O Chamarei depois. — Caminharam a outra metade da quadra em um silêncio amigável. — Te assustei. — ele disse.

— Quase faço que lhe matem, — Anna replicou rotundamente. — Obrigado por me deter antes que colocasse tudo a perder.

Ele se deteve de repente, sacudindo-a com a detenção.

— Você entendeu.

— Não nesse momento, — ela admitiu. — Reagi primeiro... Sugou-me realmente. Cada vez que penso que não serei uma grande covarde, me encontro escapando.

Ele começou a andar outra vez.

— Não é covarde. Uma covarde nunca teria sobrevivido o que você o fez. — Ele disse distraidamente, como se estivesse falando próximo de alguma outra coisa. — Sabe que não te machucaria.

Ele não o disse como se acreditasse nisso. Ela apertou seu agarre em seu braço.

— Sei. Meus instintos algumas vezes estão descontrolados, mas sei que nunca me machucaria.

Ele a olhou, com um largo olhar prudente. Ela levantou seu queixo.

— Eu disse que sei que nunca me machucaria. — Logo ela teve que modificá-lo, assim ele sentiria a verdade absoluta disso. — A propósito. — Isso não foi o suficientemente forte. — E tudo o que você faz é a propósito. — Isso não era de tudo correto. — Você esta todo o tempo cuidadoso do que faz. De mim.

— Alto. — Seus ombros vibravam e seus olhos dançavam. — Por favor. Acredito em você. Mas em um minuto, você vai convencer-se a desconfiar de mim outra vez.

Depois que tinham caminhado um pouco mais à frente, ele disse:

— É uma noite formosa.

Anna olhou para cima à chuva e as ruas da cidade, ainda chiando com tráfico. Gostou da forma em que as luzes cintilaram na tormenta. Os ruídos da cidade eram tão familiares e bem-vindos como sua infância em sua casa. Em certa forma, sem embargo, ela não pensou que Charles normalmente pensasse que isso era formoso. Sorriu para ele.

— Estamos preocupados com os inocentes, — disse o lobo russo do pódio. Ostensivamente, falava com a multidão, mas suas palavras eram para o Charles. Ele falava em inglês, o qual estava bem porque o falatório de Charles em russo não era de confiar nos temas sérios, e ele estava distraído por Anna, sentada muito quieta ao lado de ele. — Somos fortes, — o russo disse—, e podemos nos proteger. Mas temos companheiras que são humanas, famílias que são humanas. Sofrerão, e isto não pode ser tolerado.

Havia algo incongruente a respeito da jurisdição em que eles estavam: Um salão de convenção elegante com carvalho se destacava, recortado em tecidos de matizes cinza, subestimado e caro. Um lugar onde Angus caçava os CEOs de empresas de envergadura e os capturava com visões do poder que sua tecnologia poderiam conceder. Os homens e mulheres que ocupavam os assentos esta manhã eram uma classe diferente de predadores. Vestidos com seus melhores trajes, os ocupantes usuais desses assentos bonitos teriam a aparência de CEOs como filhotes em comparação.

— Se você não pode proteger sua gente, merece perdê-los. — Chastel comentou da quarta parte de atrás do auditório. Ele não falou em voz alta, mas em uma sala desenhada para o som e povoado por homens lobos de orelhas afiadas, ele não tinha que fazê-lo.

Charles esperou. O lobo russo, que tinha o turno de falar, olhou-o para que implementasse disciplina. Mas não era o trabalho de Charles. Não esta vez. O Irmão Lobo confiava que seria deles muito em breve. Então disciplinariam o Chastel, e o sangue fluiria. Mas aqui, neste salão, era o trabalho de alguém mais.

A manhã do primeiro dia de reunião foi uma boa oportunidade para comprová-lo.

— Jean Chastel, — disse Dana. — Você não falará outra vez nesse salão até que seja seu turno para fazê-lo.

Charles foi provavelmente o único no auditório que não se surpreendeu que, quando o lobo francês com desprezo, abriu sua boca para dizer algo para a *fae*, não o pôde fazer. No próprio território de Chastel, com sua alcateia atrás dele, ela não teria sido capaz de fazer esse encantamento tão facilmente. Mas este era o território da Dana (uma das razões pelas que o Marrok tinha decidido sustentar estas conversações em Seattle). Chastel tinha só sua coleção de infelizes Alfás que não compartilhavam seu poder com ele, não importa quanto medo tivessem, porque Chastel nunca lhes teria deixado estar tão perto dele. Chastel não era o Marrok.

Ele poderia ter sido, não foi um pensamento assustador. Tinha existido em um tempo um equivalente europeu de governante como o do pai de Charles. Depois da Praga Negra... Ele não era o suficientemente velho para ter estado ali, mas o pai e o irmão de Charles sim. Tinha sido horrendo. Desumanizante. Especialmente para esses que não eram verdadeiramente humanos mais já. Tanta morte, tantas perdas.

Alguém tinha visto fé escrita na parede, e soube que a humanidade se recuperaria, e foi procurar os monstros que se alimentavam dos moribundos. Então o primeiro Marrok tinha sido criado. Ele não foi chamado de Marrok, esse título era do pai de Charles no Mundo Novo, mas havia sido um. Alfa de todos os Alfas e com poder suficiente, capaz de tomar o de qualquer outro. Ou deveria ter sido.

Chastel o tinha matado, e a qualquer um depois dele que tenha tentado restabelecer a autoridade. Chastel poderia ter tomado para si mesmo, mas ele não quis. Não quis a responsabilidade. Ele só queria a liberdade de matar e seguir matando ao bel a prazer.

Arthur Madden, Senhor das Ilhas, era o equivalente mais próximo do Marrok que Chastel permitiu na Europa, em sua maior parte porque Chastel não considerava as Ilhas Britânicas uma ameaça. Ainda com tanto poder, Chastel seguia assassinando agora, mas clandestinamente, a diferença dos primeiros tempos depois da mudança. Mas como, Charles pensou, era porque havia uma pessoa neste planeta que a Besta temia. E seu pai havia dito ao Chastel que ele não queria saber de mais monstros assoladores na França. Esse foi a um par de séculos atrás.

Pensando a respeito disso, Charles não se surpreenderia descobrir que ao Chastel não importava nada que o Marrok traga os homens lobos à luz pública. Nem sequer lhe tivesse importado que o fizesse séculos atrás. A razão mais provável que Charles podia pensar a respeito da presença de Chastel nesta reunião, era que ele havia querido uma oportunidade de tirar-se de cima ao Marrok, a qual não teve. Ao menos ele guardava silêncio por agora.

Charles volteou sua cabeça para a Dana e saudou com a cabeça com avaliação. Ela se via mais bronzeada do usual hoje. Deram-se vinte libras mais nos quadris, tirou-se 6 polegadas de altura e trazia posto um traje caro, mas pouco atrativo e uns sapatos de professora de escola. Ele se perguntava se o tinha feito para ver se ela poderia obrigar a qualquer dos lobos a desafiá-la, ou se, como Anna havia dito, sua outra aparência era muita distintiva, e também bela.

— Bonito disparo, Tex, — murmurou a bruxa da alcateia da Cidade Esmeralda, em uma voz que poderia, por toda sua ternura carregar-se a toda a multidão. Ela e seu companheiro estavam justo detrás de uma pequena mesa, em que Charles e Anna estavam, como um guarda de honra.

A bruxa era uma coisa pequena, a companheira de um dos lobos dominantes de Angus, um homem tranquilo com uma cicatriz na cara chamado: Tom Franklin, que estava quase tão infeliz a respeito de que sua companheira estivesse no salão como Charles, embora os dois por razões inteiramente diferentes. A bruxa era cega, e isso queria dizer que, ao menos para seu companheiro, ela era vulnerável.

Normalmente isto não era um problema para o Tom. Charles o conheceu como um descarado rude, mas que não demoraria um segundo para poder proteger a sua companheira nesta multidão. Em outras circunstâncias, Charles teria contado que a bruxa fosse capaz de proteger-se bastante bem, mas esta cheirava a clareza e pureza. As bruxas brancas não eram tão capitalistas como suas contrapartes negras. Charles queria a sua companheira fora deste salão, também. Ele tratou de focar a atenção no russo, que continuava falando agora que se freou a interrupção. Mas muito dele estava enfocado em Anna.

Ela tinha começado bem. Sentada perto dele e prestando atenção. Mas havia mais que cinquenta Alfás no pequeno auditório. Cinquenta Alfás, algumas de suas companheiras, e uma quantidade menor de lobos inferiores, todos somavam ao redor de cem, e a maior parte deles estavam mais interessados em ver sua loba Ômega que em observar a quem quer que seja que falava. E sob o peso de todos esses olhos, Anna estava estremecida.

Matarei a todos eles, seu Irmão Lobo sussurrou, *por assustá-la*.

Charles passou o olhar por Anna, mas ela não ouviu o Irmão Lobo desta vez. Por que ela o ouvira na casa de Dana e não agora? Charles arquivou isso como um mistério que se solucionaria eventualmente.

Deixando a um lado a nervura protetora do Irmão Lobo, não era por Anna que ele estava preocupado, não diretamente. Ela era arruda, e resistiria até o final as horas de estresse, e ele se asseguraria de que isso seria tudo. O problema eram os lobos.

Os lobos próximos a Anna, ao menos os homem (e um par de mulheres também), estavam focados completamente nela. Suas qualidades Ômega pediam a gritos seu amparo, e estes eram Alfás e lobos dominantes em quem o instinto de proteger era de capital importância. Uns poucos deles sabiam que isso não iria acontecer e o porquê. Arthur chocou com seus olhos e sorriu abertamente. O bastardo. Ele desfrutava disto.

O russo terminou seus comentários e fez retroceder seu pé direito, girando seu corpo para o Charles, convidando ao Charles a expor seus negócios sem pedir-lhe verbalmente. Charles ficou em pé. Ele poderia ter tomado o pódio e o microfone que o lobo russo tinha indicado que lhe cedia, mas fazendo isso deixaria Anna sozinha (com o segundo da alcateia da Cidade de Esmeralda, sua bruxa e Dana para protegê-la) e o Irmão Lobo estava oposto a isso.

Era uma coisa boa, que este fosse um auditório pequeno, que e os homens lobos, como seus primos nos contos de fadas, tinham orelhas muito grandes.

— Escutem no , — Charles disse, projetando sua voz para levar suas palavras à fila de atrás. — Tem razão em ter preocupações. Quase três decênios atrás, o ano em que as *fae* saíram fora, três de nossos lobos reportaram ser contatados por organismos governamentais anônimos que os ameaçaram com exposição se não cooperassem. A um lobo foi dito que sua família corria risco. Este ano, quarenta e dois de nossos lobos foram contatados, por organismos governamentais, por países estrangeiros, e por ao menos três organizações terroristas diferentes. Em muitos casos os seres queridos e os membros familiares estavam ameaçados ou estavam sujeitos sob ameaça implícita. Meu pai se encarregou ele mesmo deste assunto, e se encarregou deles. Com dinheiro, poder, e influência em sua maior parte, entretanto várias pessoas morreram. — Ele havia matado a dois deles.

— Mas ao final, só há uma forma de enfrentar a chantagem. — Ele fez uma pausa e olhou para os lobos. — Se atirmos à luz pública nossos segredos, eles não terão mais munição. E devemos ter conosco à opinião pública quando o fizermos. Só assim estaremos verdadeiramente a salvo.

Ele girou seu olhar fixo para o lobo russo, que lhe fez a cortesia de baixar o olhar imediatamente.

— Não digo que seja uma solução perfeita, somente que é o melhor disponível para nós. — O primeiro dia, ele se recordou a si mesmo, apegar-se ao guia. Hoje ofereceu a primeira parte das propostas que tinham tirado de entre mãos para os lobos europeus.

— Planejamos que tendo à opinião pública, manteremos o governo sob controle, obrigando-os a ser, como mínimo, circunspeto em suas negociações. Meu pai é consciente de que a opinião pública é uma arma muito maior aqui nos Estados Unidos que em alguns outros países onde os governos são menos responsáveis para com seus cidadãos. A consequência disso, lhe oferece isto: pelos seguintes cinco anos ele permitirá a qualquer lobo que tenha o desejo de emigrar para cá. — Essa era uma grande concessão. Usualmente as migrações eram só admitidas depois de uma grande quantidade de negociações. — Também, ele está disposto a considerar a migração de alcateias inteiras. — Agora ele tinha sua atenção.

Ele se assegurou de não olhar os lobos franceses, que tinham mais raciocínio para querer sair de onde estavam. As mandas só se mudavam a um território vazio ou a um em que tiveram que matar para obtê-lo.

— Haverá condições. Devem submeter-se ao Marrok e devem acessar as regras com as que vivemos aqui, em seu território. Devem acordar ir onde são informados. Em troca, receberão os benefícios que todos os lobos de meu pai recebem... O amparo e a ajuda.

Ele percorreu com o olhar o relógio grande na parte de trás do quarto e notou com algum alívio que seu relógio interno estava correto. Eram as onze, ainda era cedo para um recesso para almoçar mas não era absurdo entretanto.

O lobo russo se inclinou para trás para o microfone.

— Recebemos suas ofertas recrutadores como algo bom. Infelizmente, nossa resposta nem sempre quis dizer que as únicas baixas entre nós provêm de nossos inimigos. Não estou tão seguro como o Marrok ou você de que a melhor resposta seja nos expor, mas... Dado a oferta abundante de recolocação, estamos dispostos a admitir que nos descobrir frente aos humanos seria uma solução para muitas coisas. — Ele se inclinou ante o Charles, e ofereceu uma reverência a *fae*.

Uma vez que o russo se sentou no meio de seus compatriotas, Charles disse:

— Nosso anfitrião serviu comida no primeiro piso. Façamos uma pausa no trabalho para almoço.

Ele apanhou o companheiro da bruxa pela manga quando ele se dirigia para fazer algum mandado, provavelmente tinha que ver com o almoço.

— Tom, fica um momento. Com sua companheira, por favor.

De perto da porta, Angus olhou a mão de Charles. Um bom Alfa protegeria a si mesmo.

Charles deixou cair sua mão e lhe deu uma inclinação de cabeça para lhe dizer que ele não significava dano para o lobo de Angus. Tom viu o que passava, e fez um gesto parecido com a mão para ter mais efeito em Angus que para a tranquilidade de Charles.

— Não Houve tempo para apresentações esta manhã, — disse Charles quando estiveram a sós. — Anna, este é Tom Franklin, o segundo de Angus, e sua companheira... Sinto pesar, não me foi apresentada.

— Moira, — a bruxa disse. A armadura de seus óculos fazia difícil ler a expressão de seu rosto, mas seu olfato lhe disse, que conhecer o assassino do Marrok não a assustava. Algo incomum, mas ela não o podia ver de qualquer maneira. — Encantada de conhecê-los.

— E esta é minha Anna. — Ele olhou ao Tom. — Há muitos lobos dominantes, e ela esteve... — Assustada não era a palavra; Ele encontrou uma melhor palavra e a usou, — afligida esta manhã.

Anna ficou rígida.

Foi Tom quem salvou a situação.

— É bom conhecê-la. Diabos. Estou um pouco afligido, também. Quem não o estaria?

— Mas você não é um Ômega, — Charles lhe disse. — Tom... Provavelmente não puseste atenção...

A bruxa lhe interrompeu.

— Porque ele estava muito preocupado por mim até ficar “afligido” ele mesmo, — deu uma cotovelada ao Tom com seu ombro, — por todos esses lobos dominantes. Não me sinto deficiente pelos impulsos superprotetores, mas se tivesse observado tivesse prestado atenção a outras coisas. Concluindo, eles estavam todos focados em Anna não é certo?

Charles sentiu sua sobrelance arquear-se enquanto ele olhava à bruxa.

— Ouça. — Moira se encolheu de ombros. — Sou cega, não sensorialmente despojada.

— Causei-te problemas, — disse Anna. — O sinto. Tratarei de não... Sob o olhar fixo de Charles, sua voz se desvaneceu.

— Não o faça, — disse a ela brandamente, — Pede-me perdão por algo que tem feito a ti. Se você fosse o problema, eu não me preocuparia.

— Você é capaz de ficar aqui sem se sobressaltar, embora a mesma Besta saltasse babando em Seu rosto. Sua coragem não está em dúvida.

A bruxa franziu seus lábios, e disse:

— Wow. Isso foi muito bom.

Depois de avaliar com o olhar ao Charles, Anna recorreu a Moira, e disse, em uma voz muito séria.

— Ele anotou uns poucos pontos, está bem. — Ela voltou o olhar atrás para o Charles. — Então qual é o problema, se não sou eu?

— Ômega. — Disse Charles formalmente, — é um privilégio para os dominantes proteger a nossos submissos, o coração de nossas alcateias. Os Alfas estão chamados a proteger fortemente. Um Ômega chama-nos mais forte que qualquer coisa.

Anna inclinou sua cabeça desconcertada. Ela já sabia isso, Charles pensou. Ela só não poderia ver o que tinha que fazer com a situação. Ela estava muito acostumada a olhar os lobos dominantes como ameaças.

— Que doce, — disse a bruxa, — enquanto você acima aqui tremendo por esses vis lobos enfocados em ti, eles estavam tratando de figurar-se o porquê estava tão molesta, eles tinham a necessidade de matar por ti.

— Ahn, — disse Anna quando compreendeu o alcance do problema. — Eu... — ele a viu refrear suas desculpas. — Preciso ir, não? Eu posso voltar para o hotel.

— Bem..., —disse Charles com ar de desculpa, — temo que não funcionará.

— Por que não? — Anna sorriu, e perguntou maliciosamente, — você está alugando o quarto durante o dia? Escondendo alguma namorada ali?

Ele não teve que inclinar-se muito para tocar a parte superior de sua cabeça com seu queixo. Pôr sua boca ao lado de sua orelha requereu simplesmente um pouco mais de curvatura.

— Porque o Irmão Lobo esteve gastando a manhã inteira trabalhando bastante nisso, também. — Ele deu um passo para atrás e deixou a seu irmão exposto só a adequada quantidade, para que o pudesse ver em seus olhos.

— Se estivesse em nosso quarto de hotel, nunca conseguiria terminar algo aqui para que ele não se irritasse. — Ele olhou ao Tom. — Você tampouco o está fazendo muito bem.

O segundo de Angus começou a sorrir.

— Você quer que Moira e eu tiremos sua senhora a jogar?

— Se Angus te deixar.

Tom tirou um telefone celular.

— Não acredito que ele tenha nenhuma objeção.

Charles entrecerrou seus olhos em Anna.

— Isto é igualmente importante. Tem os cartões de crédito. Quero que os use. — Ele observou a negativa em seu rosto, ela não se sentia parte dele... Em parte deles ainda. Seu dinheiro não era dele, não para ela. Ela era independente, e tinha gasto ao menos os últimos três anos quase nada até para alimentar-se. O dinheiro era mais importante para ela, e gastar o de alguém mais era uma tarefa impossível. — Necessita roupas de todos os tipos. O que pode usar em Aspen Creek não é suficiente para esta jurisdição. Seu status como minha esposa quer dizer que necessita roupas para ocasiões formais. Vestidos, sapatos, e todos os adornos. Ela ainda estava amotinada, mas se debilitava. Tom sob seu telefone.

— O chefe tem razão.

— E...— ele disse—, se for comprar os presentes de Natal, não terei que fazê-lo eu.

Ela sorriu abertamente repentinamente nisso, e ele soube que ele a tinha.

— OK. De acordo, estupendo. Quais são os limites?

Tom arqueou a sobrancelha, que Charles dirigia as finanças do Marrok... E que era muito bom nisso, era bastante conhecido. Charles inclinou sua cabeça.

— Se decide comprar uma Mercedes, poderia ter que esgotar ambos os cartões. Vê. Conquista o centro da cidade de Seattle assim não tenho que fazê-lo eu.

— Desterrada. — Anna suspirou, mas não pôde ocultar que seu humor tinha suavizado em sua expressão quando recolheu sua jaqueta e sua bolsa. Mas ele tomou a sério seu comentário.

— Não permanentemente, — ele disse. — Iremos e lhe apresentaremos mais apropriadamente com o Arthur esta noite. Você conhecerá bem ao Tom e Moira ao final do dia de hoje. Penso que se lhe mantemos afastado do auditório hoje, tudo resolverá por si mesmo.

— Amanhã de noite Angus convidou todo mundo para nossas terras de caça. — Tom disse.

Charles inclinou a cabeça.

— Isso será menos formal, e todo mundo estará prestando atenção aos caçadores. Você terá a oportunidade de observar sem parecer estar encarando e vice-versa.

— Onde você estará caçando? — Perguntou ao Tom. — Pela pista de aterrizagem?

Tom negou com a cabeça.

— Angus tem um par de armazéns.

— São legais, — disse Moira. — Ele converteu tudo em um labirinto, túneis, montões de ruas sem saídas e paredes que pode ser movidas até trocarem de lugar. Será divertido.

— O que vamos caçar? — A voz de Anna tinha perdido a tensão de antes.

— Um tesouro, — disse Tom. — A natureza exata da qual é uma surpresa não sei. Arrastamos coisas por todo o armazém ontem. — Ele sob o olhar. — Os lobos comem rapidamente. Se formos sair, devemos sair agora.

Anna deu ao Charles um beijo tímido na bochecha e saiu do salão sem olhar atrás. Até que alcançou a porta, e logo, com uma completa visão de quão curiosos tinha tido a coragem ou a descortesia de atrasar-se no auditório, depois de que ele os tinha despachado, ela beijou sua palma e lançou um beijo a ele.

E apesar de... ou por sua audiência, ele o apanhou com uma mão, e se o levou a seu coração. O sorriso dela desapareceu lentamente, e a expressão em seus olhos o ia alimentar por uma semana. E as expressões nas caras dos lobos que conheciam o Charles, ou conheciam sua reputação, faria o rir tão logo quando ninguém o pudesse observar. Manter-lhe fora de balanço não era uma má coisa tampouco.

Ela se perguntou se os cartões que Charles tinha dado a ela não estavam queimando em bolsa. Já tinham deixado uma carga de compras no hotel e agora estavam completando outro turno.

— Estamos a meio caminho entre o hotel e os escritórios de Angus, — ela disse. — aonde deveríamos nos dirigir?

— A Levarei de volta com o Charles. — disse Tom.

— Se for comer com esse Britânico presunçoso, precisa aprontar-se. — Aconselhou Moira falando depois dele. — Vá ao hotel e começa a aprontar-se. Tem um celular, seu companheiro tem um celular. Se ele não sabe onde está, pode te chamar.

Anna olhou o Tom.

Ele se encolheu de ombros, seu rosto não se via nem a metade de mansa que suas palavras.

— Se pensar que vou discutir com ela, pode ir pensando em outra coisa.

Moira lhe chocou com seu quadril.

— Oooh. Está com tanto medo de mim.

O lobo grande, horripilante sorriu abertamente, sua boca ficou um pouco tensa pela cicatriz em seu rosto.

— A verdade. Nada menos que a verdade. — Ele o estragou esfregando a parte superior da cabeça dela, logo ele conservou sua mão onde estava assim ele poderia ficar fora de alcance quando ela batesse nele.

Anna tinha deixado de estar nervosa ao redor dele depois da primeira hora, quando ele pacientemente as conduziu de uma loja a outra. Ela ouvira falar de Pike Place Market por anos... e a princípio não tinha se impressionado. Parecia-se a simplesmente outro mercado de pulgas... Com pescado e fruta fresca.

Logo Moira começou a puxá-la daqui e lá, para uma mulher cega era uma fantasia de diabo como compradora. E Tom estava todo o tempo no lugar correto para tomar seu braço para guiá-la e queixando com voz baixa quando se chocavam com outros compradores através do piso desigual.

Tom era consultado a respeito dos talhes e cor enquanto Moira tocava os tecidos com dedos e regateava com os vendedores. O resultado foi menor do que ela tinha gasto em um par de pares de calças jeans em escola secundária, ela tinha o princípio de um guarda-roupa completo. Quando na loja se anunciava que não aceitava o pagamento a crédito, Tom pagou descartando os protestos de Anna.

— Acalme-se, — disse a ela. — Charles é bom para isso. — A última declaração pareceu lhe divertir.

Anna também adquiriu um lote completo de presentes de Natal, como lhe foi ordenado. No ano passado, ela tivera receio (e também estava quebrada) de enviar presentes para seu pai e seu irmão. Este ano ela... Ela e Charles tinham que comprar presentes para trocarem entre si e para toda a família de Charles, além de para um punhado de outras pessoas.

A convenção podia transcorrer durante o Natal, ela tinha a impressão que ali tinha havido algum incidente que tinha transtornado o itinerário do Marrok. Charles tinha ido a um par de dias e havia retornado até mais sombrio que o usual. Ele não se alistou como voluntário para onde ele tinha ido ou o que ele tinha feito, e ela havia estado muito intimidada por seu silêncio opressivo para lhe perguntar. Foi ao dia seguinte de que o Marrok começasse a planejar esta cúpula, e ele e Charles brigaram por causa disso.

Ela tinha encontrado um par de brincos pequenos de ouro com pedacinhos redondos de âmbar para Charles, para substituir aos que tinha dado ao troll. E na mesma loja, não aguentou mais e comprou uns mais baratos, para si mesma. Isso lhe causou problemas de consciência, mas talvez pudesse pagar a ele por eles. Eram mais baratos do que lhe houvesse custado em Chicago.

Saiu da pequena loja orgulhosa da nova aquisição de três camisas de seda, e seu olhar fixo lhe deu alcance à cristaleira de uma loja algumas portas abaixo .

— O que? — Moira disse urgentemente. — O que é isso, Tom?

— Um acolchoado, penso, — ele retumbou. — Jesus, Moira, se as duas comprarem alguma coisa mais, eu vou precisar ajudá-las a carregar os pacotes e isso me deixaria como um guarda-costas piolhento.

O acolchoado estava adornado com tiras de vermelho e verde, as cores das mantas velhas

do Pendleton. No interior, havia quatro quadrados e uma seção do centro que estava ao redor. Os painéis quadrados tinham cenas abstratas de uma montanha. O fundo era à noite, o outono e o inverno. O painel central era verde pintalgado profundo, com a silhueta vermelha de um lobo uivando.

— Não penso que vamos enfrentar algo que seja pior que um ladrão de carteira, — Moira disse ao Tom. — Confio em que possa manipulá-los com algumas bolsas em um braço. — Moira tocou o ombro de Anna. — Que esperas? Entra e compra-o. Tom, como se veem?

Anna considerou o preço em uma etiqueta discreta cravada no bordo do acolchoado e se engasgo.

Voltaram para hotel depois disso, Anna orgulhosa da nova aquisição de três... três... acolchoados. Um para seu papai, um para o Marrok, e um para o Charles, que ela tinha visto na janela.

— Pode pôr sobre a cama, — Tom disse, soando divertido. — Não vão se romper... Ou sair correndo.

— Estou em choque, — Anna disse. — Exceto pela primeira vez em que vi Charles, não creio que eu já tenha cobiçado algo tão desesperadamente, antes - e então, apenas por que Tom, ao menos, perceberia que ela não estava sendo completamente sincera, Anna adicionou: — OK. Houve um violoncelo no Lutier, em Chicago, que custava mais que a maioria dos automóveis e valia cada centavo.

—E ela se manteve adquirindo mais acolchoados. — disse Moira para o ar, sua diversão evidente.

—Não pude evitar. — Anna disse. Embora estivesse brincando, em sua maior parte, escandalizava-se ainda pela onda de possessividade que havia sentido. Tiveram sorte de que se deteve em três. — Talvez terei que começar a fazer acolchoados.

— Costura? — Moira perguntou.

— Ainda Não. — Anna ouviu a determinação em sua voz. — O que acha? Poderei encontrar alguém em Aspen Creek Montana que me ensine como fazê-lo?

Tom riu.

— Anna, eu acredito que Charles lhe levaria voando a Inglaterra duas vezes por semana se você o quisesse. Pelo qual deveria encontrar a alguém mais próximo que isso.

Sua declaração lhe causou um sentimento estranho. Ela tocou o pacote que tinha envolto para o Charles, logo lhe deu volta com um sorriso quando Moira lhes disse que ambos precisavam ficar em movimento porque havia sapatos que comprar, e o dia se desperdiçava.

Anna fechou a porta do hotel atrás deles e tratou de ocupar-se da revelação, ela estava

bastante segura de que Tom estava certo. Não foi até que estivessem na frente dos elevadores que ela encontrou seu balanço. Então ele voaria para Inglaterra se ela o pedia... Tinha-lhe seguido a uma montanha congelada sepultada nas profundidades de Montana o inverno não? Isso os deixava iguais.

— Ouça. — Moira estalou seus dedos diante do nariz de Anna. — Os sapatos, lembra?

O elevador abriu a porta.

— Sinto muito. — ela disse. — Tive uma revelação...

— Ah. — Moira pareceu considerar isso por um momento. — Não. Os sapatos são mais importantes. Especialmente se for ter a esse esnobe britânico comendo em seus pés.

E então Anna se preparou para uma nova maratona de compras. A escuridão se antecipou no mais robusto do inverno, ainda chovia. Quando Moira fazia o pior, quando Tom se queixou de seus pés intumescidos, e Anna teve sapatos – e seu cabelo decorado e estilizado, Moira finalmente aplacada e lhes disse que podiam retornar. Para o hotel, a bruxa insistiu firmemente, não para o auditório.

Moira se apoiou ao redor do Tom como se precisasse ver a cara de Anna quando ela fez seu pronunciamento final.

— Os homens não se preocupam com a vestimenta para um jantar. Eles barbeiam-se e colocam uma gravata e pronto, ficam suficientemente bem. Wow...

Saíram violentamente da escuridão de um oco de uma escada do porão de um apartamento e com eles um feitiço de silêncio e uma sombra. Um feitiço que se escondeu dos sentidos do Tom, assim como também, com menor efetividade, das habilidades sensoriais treinadas de Anna.

Pegou primeiro Tom, mas não por muito. Anna ouviu o Tom ofegar, mas antes que ela pudesse ver o que lhe acontecia, um delicado e forte como o aço braço lhe apertou a garganta.

A magia se moveu e se acomodou ao redor de todos eles, um feitiço familiar, do tipo usado pelas alcaideias para encobrir brigas ou matanças ou qualquer outra coisa que não queriam que o resto do mundo soubesse. Mas os assaltantes não cheiravam como lobos.

Enquanto ela brigava por liberar sua garganta, pôde ver um dos assaltantes, uma mulher, correu chocando contra a bruxa como defensor de linha, derrubando-a, fora da calçada até a rua.

Um grito fez um corte abrupto, e um corpo pegou contra o pavimento duro em direção ao Tom. Ela não o podia ver, mas não foi Tom quem tinha gritado; Ela estava disposta a apostar a que Tom nunca havia feito um som tão agudo em sua vida. A assaltante de Moira deixou a bruxa cega para ajudar os outros com o Tom.

— Bonita Anna. — Seu assaltante era uma mulher, e enquanto sussurrava lambia a garganta de Anna.

Ela não era humana, entretanto. Nenhum humano insignificante podia ter imobilizado a Anna tão facilmente, ou ter atirado ao Tom ao piso.

— Venha comigo, garotinha, e os outros sobreviverão...

E, o choque imediato do ataque terminou, Anna chutou e rompeu o joelho do inimigo. Ela não era uma “garotinha”. Ela era uma mulher lobo.

A mulher gritou em sua orelha, um ruído bem definido, agudo que a ensurdeceu, machucou e levou a Anna ao chão para livrar-se dele. As mãos duras caíram em seus ombros preparando-se para arrastá-la a alguma parte. Anna se retorceu e se contorceu e bateu na mandíbula da mulher com seu calcanhar. Isso parou o ruído.

Sua loba assumiu o controle depois. Não em corpo da loba mas em sua forma humana, Anna ensinou à mulher o que ela já sabia: um Ômega não queria dizer felpudo. Não queria dizer débil. Queria dizer que era o suficientemente forte para fazer exatamente o que fora para triunfar, seja rastrear a presença de lobos dominantes ou quebrar seus inimigos.

Anna estava em forma para precisar exatamente quando ela entendeu o que eram seus atacantes: Vampiros. Mas recordou as lições de Asil sobre como matá-los. Quando o vampiro jazeu, com seu corpo em dois pedaços a seus pés, com a cabeça mais perto da Moira, que gritava incoerências, a loba deu um bufido de satisfação e deixou Anna assumir o controle. E Anna escutou o que a loba não podia. O que Moira gritava era: Merda, merda me diga onde está, Tom! Tom!... Anna!

E, quando correu a velocidade para o montão de corpos que deviam ter ao Tom no fundo, Anna disse a ela:

— Vampiros.

Moira não a ouviu, assim Anna agarrou o braço do vampiro que mantinha a força o Tom e gritou:

— Vampiros, Moira. Vampiros!

E uma luz estalou ao redor deles, quente e brilhante, e os vampiros que ela e Tom não tinham matado deixaram de brigar e correram. O vampiro que Anna agarrou o braço rasgou o mesmo para sair correndo atrás dos outros. Anna deu um passo para ir atrás deles, logo se forçou a deter-se. Havia ainda quatro vampiros, e provavelmente três mais, muitos para ela, e ela não podia abandonar seus amigos cansados.

— Tom?

— Ele está vivo, — disse a Moira depois de um exame cabal e rápido, feito a cinco pés de distância. — Mas ele vai necessitar um momento antes de estar preparado para entender que não somos o inimigo. — Ela se ajoelhou ao lado da bruxa. — Está bem?

— Estupendo, maldita seja. Ótimo.

Moira sangrava, Anna podia cheirar, mas não bastante. Ela viu cortes nos joelhos e cotovelos, mas nada horrível. A coisa horrível não tinha nada a ver com o ataque do vampiro.

Os óculos da Moira tinham sido golpeados contra o pavimento e Anna viu o que tinha escondido atrás dele. Um olho cheio de cicatrizes além da crença, como se alguém o tivesse esmigalhado com uma mão dando arranhões. O outro murchou como uma passa, uma passa branca amarelada e enjoativa.

Sem falar, Anna encontrou os óculos escuros, os quais estavam intactos-e os deixou na mão da Moira. As mãos da bruxa vibraram quando ela colocou de um empurrão em seu rosto, logo ela se estabilizou.

Anna entendeu a respeito de escudos e a estranha forma que algumas vezes tomam.

— Ele ficará bem, — Anna disse, contente por Moira não poder ver como Tom parecia. Era fácil convencê-la de que ele estaria bem. Os homens lobos eram rudes.

— Pode nos proteger para não sermos vistos? Os vampiros estavam fazendo isso... — Que havia sentido como a magia da alcateia. — e agora que eles escaparam, isso se foi. — Ela não conhecia muito sobre a magia da alcateia para fazê-lo ela mesma e usualmente requeria uma alcateia de qualquer maneira. Sua alcateia, sua nova alcateia, estava em Aspen Creek, a dois estados de distância.

— Posso me enganar um pouco, mas você terá que me dizer se funcionou.

Moira lhe disse, soando mais como a mulher dogmática com quem Anna tinha estado esgotando o dia e menos como a bruxa horripilante.

Anna jogou uma olhada ao redor, mas os corpos dos vampiros decapitados haviam se tornado cinza, seja de morte verdadeira ou da luz do sol da Moira, ela não sabia muito sobre os vampiros.

— Isso funcionará, — disse Tom, embora não fez nenhum esforço para mover-se. Sua voz foi um grunhido quieto, e seus olhos amarelos brilhavam na escuridão. — Anna, meu celular está quebrado, e Moira não tem o dela. Precisa pedir ajuda, não vou caminhar a nenhuma parte por alguns dias.

Os lobos dominantes não negociavam com lesões como essa. Essas que os deixavam vulneráveis. A alcateia de Angus estava estabelecida como a maioria das demais. Angus claramente na cabeça, logo dois ou três mais perto, o resto em condição de entrar quando fora oportuno.

E Tom tinha um braço quebrado, e ela estava bastante segura de que havia outro dano que não era evidente de imediato.

— Tem algum curador, verdade? — Anna perguntou.

— Alan Choo, — disse Tom. — Mas você chame o Charles e lhe diga que envie...

Decidido ele não ia mudar de opinião, ela recorreu a Moira, que tinha seguido a voz do Tom até poder lhe tocar. Pela aparência de seu rosto, era bom para os vampiros que tinham fugido.

— Moira, me conte sobre o Alan Choo. Que tão dominante é ele?

— Ele não é. — Tom soou exasperado. — Não pode te manter segura.

Um momento antes, Anna tinha estado intumescida e trepidante com as consequências da briga. Mas quando suas palavras se registraram, Anna estava repentinamente furiosa de que Tom fique em perigo por ela. Outra vez. Porque os vampiros a tinham estado caçando.

O poder veio a sua chamada, e ela disse:

— Eu mesma me encarregar de me manter segura. — Quando ele não teve nada para dizer a isso, ela recorreu à bruxa. — Moira tem o número do Alan Choo?

— Me dê seu celular e eu o chamarei, — Moira disse em uma voz estranha.

Anna o entregou e começou a tratar com o companheiro da bruxa e o encontrou olhando-a com um sorriso pequeno.

— Merda, mulher, — ele disse, — não fui posto em meu lugar da última vez que Charles o fez. Você melhor lhe chama. Seu companheiro vai perguntar-se por que se inspirou nele desse modo.

Que modo? Mas lhe dizer que ela não tinha nem a remota ideia do que falava não atraía a Anna. Ela tinha informado de debilidades reveladoras, também. Ainda assim gostou dele.

— Ele terá que esperar, Moira, diga ao Mr. Choo que nos encontre em meu quarto de hotel.

— E como vai conseguir ir ao hotel sem ajuda? — Tom perguntou. Ele tentou se endireitar e falhou. — Merda, — ele disse. — Não vou poder me mover por algum tempo.

Anna esperou até que Moira terminasse de falar com seu médico e devolvesse o telefone. Logo respondeu sua pergunta.

— Sua companheira vai nos manter invisíveis, e o levo de retorno ao hotel.

Na cara assombrada da Moira, ela pôs seus olhos em branco antes que ela se lembrasse de que a bruxa não a poderia ver.

— Mulher Loba, aqui. Não posso me parecer com um macho forte, mas posso levar ao Tom para o hotel como foi pedido.

Tom relaxou um pouco.

— Não temos nenhuma fêmea, — ele disse. — Você se vê bastante fraco e ossudo. Esqueci. — Lhe olhou, e deu a ela um sorriso apenas perceptível. — O sinto.

Não estavam muito longe do hotel, mas parecia cem milhas. Tom não era ligeiro, os homens lobos são mais pesados que os humanos, e ela manteve-se inquieta pelos sons atormentados que ele fazia apesar de quão cuidadosamente ela caminhava. Logo ele deixou de fazer esses sons e foi pior. E lembrar-se de advertir a Moira sobre as sarjetas e os buracos nas calçadas foi mais duro do que Tom fazia parecer. Quando estava a ponto de lhe advertir de novo, olhou acima, e ali estava o hotel.

Seu celular timbrou. Um par de pessoas que saíam do restaurante pego ao hotel apalparam seus bolsos e olhavam desconcertados, então Anna pensou que talvez o feitiço da Moira estava se desvanecendo.

As mãos de Anna estavam ocupadas, então Moira pegou rapidamente o telefone na jaqueta de Anna e o silenciou. Tom tinha perdido a consciência por um momento, e Anna preocupou-se com os rastros de sangue, mas não havia o que fazer quanto a isso.

Ela havia resolvido um plano de ação no caminho de volta. Ela chamaria o Charles e explicaria a situação. Se ela entendia a respeito da hierarquia da alcateia e o perigo do Tom como dominante ferido, certamente Charles o faria, também.

— A porta, — ela murmurou ao ouvido da Moira, e a bruxa arrastou seus dedos de seu lugar em seu ombro para a porta de cristais e a manteve aberta enquanto Anna entrava com sua carga ferida.

— Noite ventosa, — alguém no vestíbulo comentou quando a porta fechou-se atrás deles. Por sorte não havia ninguém no vestíbulo pelos elevadores, ou em seu andar quando se deteve. Anna teve que colocar sobre revisto ao Tom para encontrar o cartão que abria seu quarto. Moira ficou ao lado dele, murmurando brandamente, quando Anna lhe deixou ali.

Levantar o Tom outra vez, tomaria um tempo que elas não tinham. Ele estava semiconsciente e defensivo, e Anna estava tudo, menos calma. Finalmente, só lhe levantou. Se ele a mordesse, ainda teria tempo para colocá-lo e fechar a porta. Ele estava também em posição de fazer qualquer dano real, não comparável ao dano que os vampiros tinham feito a propósito. E ela percebeu que estava disposta a arriscar-se.

Mas ele não a mordeu. Meteu-o no quarto, na cama. Moira fechou a porta, e ambas exalaram um suspiro de alívio. O telefone de Anna tocou outra vez. Moira o separou de um empurrão de suas mãos ensanguentadas.

Era Charles.

— Anna?

Sua voz era escura e urgente, e logo que ela a ouviu, o sentiu correndo através das ruas escuras. Sentiu seu pânico e sua fúria nascente como uma maré escura de violência.

— Estou bem, — lhe disse, entretanto depois que o disse, ela não estava completamente segura se era certo. No calor da batalha nada dói, mas ela tinha apanhado alguns bons golpes e havia dado uns poucos, também. Não o recordava, realmente. Mas seus nódulos estavam machucados, e assim como também seu ombro. E seu estômago não estava muito feliz com ela tampouco.

Felizmente, não tinha feito inventário até depois de que ela havia-lhe dito isso.

— O curador de Angus me telefonou para dizer que ele havia sido chamado em nosso quarto de hotel. — Charles disse. — Pouco depois que senti sua necessidade.

Anna recordou o poder que ela tinha chamado para calar ao Tom, e a convicção deste, de que Charles o sentiria.

Leah, a companheira do Marrok, algumas vezes usava o uivo de Bran até mesmo quando o próprio não estava presente. Evidentemente, Anna podia fazer o mesmo.

— Sim, pois bem. — Anna olhou ao redor e ingeriu um fôlego profundo.

Esse feitiço de secreto, que os vampiros usaram, teve alguns efeitos estranhos nos combatentes, também, ela recordou, haver-se esforçado por mantê-lo. Ela deveria ter chamado ao Charles de imediato.

— Eu gostaria que viesse. —gostaria disso bastante. — Talvez Angus... Mas ninguém mais. Tom está bastante machucado.

— O suficiente para que qualquer um de sua alcateia fique bem longe. — disse Charles serenamente. Sua percepção dele se havia desvanecido com sua urgência, e ela não estava segura que deveria confiar nesse frescor. A queda da violência à calma tinha sido muito rápida.

— Bem. — ela respondeu, embora não tinha sido uma pergunta verdadeira. —Moir e eu lhe recuperamos aqui, mas não me precavi de que tão mal se sangrava. Há provavelmente um rastro de sangue...

— Não, — disse Moira firmemente, entretanto ela estava tão branca como a savana em que estava sentada, tão branca como podia porque todos eles estavam cobertos de sangue. — Me encarreguei do sangue.

Anna tinha aprendido bastante a respeito da bruxaria para saber que ela não queria saber mais. Alertou à besta dentro dela a aceitar provisoriamente que eles estavam a salvo.

— Escutou isso?

— Sim.

— Então estamos a salvo no quarto. Tom não está mortalmente ferido, não acredito... — O quarto abruptamente ondulou diferente. — Ele está mudando.

— É o melhor para ele, se pode fazê-lo. — Disse Charles. — Mantenha-se longe dele, Moira deveria mantê-lo suficientemente calmo para estar segura ao redor. Estou a caminho e direi a Angus que se ele aprecia seu segundo em comando, deve falar para sua alcateia manter a distancia. Estarei aí em um par de minutos, e aí me pode dar a história completa. — Seu telefone deixou de fazer ruído, Então ela percebeu que ele tinha desligado.

— Ficou ao redor do Tom quando ele mudava? — Anna perguntou a Moira brandamente.

— Sim, — disse a bruxa.

— Bem. — Ela se deixou cair na cadeira à frente da cama. — Simplesmente fica quieta. Será mais demorado desta vez, e se transformar quando se está machucado é doloroso. Ele terá um estado de ânimo vil quando mudar. Talvez não seja realmente ele, não por algum momento. Dê-lhe um pouco de tempo antes de tocá-lo. Provavelmente te deixará saber quando ele puder suportar.

— Quase nos mataram. — Moira disse. — Se os tivesse podido ver...

— Essa de luz do sol foi impressionante. — Anna lhe disse. — A próxima vez que formos atacados por vampiros, eu vou me esconder atrás de você e gritar em suas orelhas aonde eles estão. — Ela fez uma pausa. — É uma coisa boa que estivesse conosco. Teríamos perdido. Alguém sabia muito a respeito do Tom. — Ela recordou o monte de vampiros que tinham estado tentando lhe matar, virtualmente ignorando ela e a Moira. — Mas lhe descartaram.

— Por que nos atacavam os vampiros? — Moira perguntou. — OH, sei que não são amigáveis, mas são práticos. Atacar à companhia de Charles é algo menos prático.

— Alguém lhes pagou, suspeito. — Anna disse cansadamente. — Alguém que tinha a absoluta certeza de que poderiam manter o Charles afastado deles. Alguém que sabia que nós iríamos às compras o hoje. — Ela olhou para baixo em suas mãos enquanto Tom grunhia e respirava com dificuldade, com a dificuldade da mudança. Logo ela disse o final devagar. — Alguém que lhes pôde proporcionar a magia da alcateia para mascarar o ruído e os corpos até que terminassem.

— Pensa que um homem lobo está por trás disso?

— Não sei. — Mas ela tinha medo de que se soubesse.

Tom completou sua mudança. Seu fôlego saiu fora com um rude ofego, e um gemido. Sua pelagem era cor morena de chocolate exceto onde estava uma ferida chapeada da cicatriz ao redor de seu focinho, e ele era quase tão grande como Charles em forma do lobo. Charles era um lobo muito grande.

Moira estendeu a mão e tocou seu pescoço, e o lobo se equilibrou, remetendo a Anna para seus pés. Mas antes que ela fizesse algo estúpido, ele ficou quieto outra vez, sua cabeça no regaço

da Moira.

Alguém golpeou a porta, e não era Charles.

Charles se obrigou a caminhar. Não havia pressa. Tom haveria sido um problema sob outras circunstâncias. Mas sua companheira estava ali, para mantê-lo sob controle. E apesar da loucura pela dor e a debilidade, Tom não machucaria uma Ômega.

Ele estava fora de balanço: Por causa de Anna. Ele não estava acostumado a aterrorizar-se, e isso lhe pôs ao bordo.

Havia poucas pessoas de quem ele tinha cuidado o suficiente para aterrorizar-se, e a maior parte deles faz tempo que estavam mortos e por sempre além da necessidade de sua ajuda. Seu pai e seu irmão Samuel, que ele usualmente podia confiar em que se cuidassem de si mesmos...

Anna lhe deixava vulnerável.

Ela havia dito que ela estava bem, e o quis dizer. Ele tinha ouvido a tensão nervosa de sobrevivência nela ao falar, mas estava a salvo por agora. E Tom precisava acalmar-se para ocupar-se de suas feridas, não de algum lobo levantado em adrenalina que não fora de sua alcateia. Mas ainda em um passo lento e constante, o Irmão Lobo brigou contra seu controle, acrescentando sua alteração, não diminuindo. E a metade humana não estava muito atrás. Alguém tinha tentado machucar sua Anna, e ele não tinha estado ali para impedi-lo.

Um jovem caminhava na outra direção e sacudiu com força sua cabeça para cravar os olhos no Charles, -e rapidamente deixou cair seu olhar fixo quando seus olhos encontraram os de Charles. Só então Charles percebeu que ele grunhia brandamente.

Ele parou, aspirou profundamente, e vacilou quando o ar que havia tomado disse algo... incomum. Algo desaparecendo. Algo assim como a concentração usual de aromas da cidade.

Ele estava em pé sobre uma fileira larga do pavimento que estava tão limpo como se tivesse sido o dia de limpeza. Nenhum lixo visível não era realmente estranho, não em Seattle, onde a chuva lavava as calçadas de forma regular. Mas nenhum lixo, nenhum perfume, não algo, isso era estranho. O suficiente estranho como para lhe permitir manter afastada a necessidade frenética de encontrar a Anna e reconfortar-se em que ela estava bem, só o suficiente como para deter-se pensar.

A bruxa do Tom se ocupou do rastro de sangue, ela havia dito, e ele estava disposto a apostar a que ele tinha à vista os resultados: Uma elasticidade cambaleante de passeio dois ladrilhos mais brancas que o cimento ao redor. Mas ali havia ainda um rastro para alguém que queria segui-lo, embora ele supôs que uma mulher cega não poderia sabê-lo. E seu trabalho foi bastante bom, já que o sangue teria enviado um montão de policiais humanos ao hotel.

Ele poderia seguir para o hotel... Ou ele poderia ir de caça. Ele aguentou muito quieto e consultou o Irmão Lobo. Logo eles deram as costas ao Hotel.

Sim, disse seu Irmão Lobo, esteve de acordo com sua metade humana. O sangue e a carne eram bem-vindos. Anna os esperava. Ela estaria a salvo com Angus em poucos minutos. Angus tinha levado seu carro ao hotel.

Então havia tempo para alimentar-se. Para que ambos se isolassem, ele e seu irmão lobo, então poderiam aplacar a cólera e recuperar o equilíbrio.

Não estava longe, só faltavam algumas quadras para a calçada anormalmente branqueada retornasse à sujeira usual. Apesar da chuva, o perfume de Anna permaneceu muito tempo no ar.

Estava completamente escuro, embora pela hora não era tarde, depois das seis, ele pensou. Tinham passado vinte minutos desde que Anna tivesse lançado mão de seu poder, quinze desde que ele falou com ela. As sombras não eram ainda tão escuras, mas ainda assim o suficientemente escura para uma grande quantidade de coisas sujas que deviam caçar.

Ele deu um passo atrás no espaço limpo e olhou ao redor. Um pedacinho enegrecido de tecido, molhado e sujo, uma sacola de plástico que levava uns pares de sapatos de mulher e outro sapato mais, a vários pés de distância. Um pouco fora dos limites do feitiço da bruxa...e ele cheirou o odor de vampiro.

Vampiros em Seattle, atacando lobos. Ele considerou os fatos, e apertou com força os punhos ao pensar em sua Anna lutando contra os chupadores de sangue.

O tecido não tinha cheiro de nada. O sapato rosado solitário não tinha estado tão a fundo apanhado no feitiço limpador da bruxa. Quando o levou a seu nariz, teve fracamente o cheiro de ardor de carne e a vampiro.

Os outros quatro sapatos eram novos e tinham cheiro de couro, e, ligeiramente a Anna. Um par era de salto baixo e o outro de couro vermelho e de salto alto, da classe que as mulheres usavam para os homens.

Ao Charles não poderia importar menos os sapatos, e suspeitava que não estava sozinho entre os homens nesse sentimento. Com sapatos, sem sapatos, não lhe importava. Nua estava bem, embora nas passadas duas semanas, ele tinha começado a pensar que vestida nas roupas dele estava muito bem...

Até sorria ao pensar em Anna com seu suéter.

Ele contínuo com sua caçada. Ele rastreou o bordo do feitiço da bruxa até que encontrou o rastro que os vampiros deixaram, não foi difícil, já que ao menos um deles sangrava muito. Ele deixou seu nariz trabalhar, logo ele já não sorria.

Um vampiro, ele tinha pensado, ou possivelmente dois. Seu nariz agora o dizia que ali houve mais que isso. Ele percebeu seis cheiros individuais. Seis vampiros que tinham ido detrás de sua Anna.

E ele se perguntou se ela tinha sido tão honesta como ele pensou quando disse que estava

bem. O sapato rosado invadiu sua mão, e ele caiu. Ele grunhia outra vez quando seguiu os vampiros para uma garagem: o espaço número quarenta e seis.

Quatro minutos, e um pouco de intimidação, não foi difícil, pela forma em que ele se sentia e ele descobriu que o espaço tinha sido pago há seis meses mas tinha sido ocupado apenas agora.

Não havia forma de dizer se os vampiros estavam relacionados à pessoa que alugou o espaço ou se só tinham encontrado um espaço vazio para usar. Ele estava propenso a suspeitar do mais recente. Não tinham planos de ficar muito, e os automóveis eram comprovados cada duas horas.

— Yeah — o homem, não muito maior que um menino, realmente, disse. Ele não tinha a vista no Charles agora, e não fazendo isso tinha lhe permitido acalmar-se um pouco. — Alguém veio estando em efervescência como se fosse conveniente que estivesse amarrado. Recordou porque era uma minivan, azul – não é o tipo de veículo que faz ruído na cidade. Não o notei quando entrou, mas fiz a comprovação do veículo quando comecei a trabalhar esta noite. Não recordava uma minivan exceto a do Mrs. Sullivan que esta estacionada aqui dentro quando o fiz.

Charles não estava preocupado por isso. Truques de mente funcionava muito bem em humanos, era um dos mais comuns talentos dos vampiros. Se haviam dito ao assistente que não recordasse, ele não o faria.

— Me conte sobre a minivan.

— Três homens e uma mulher. Todos eles se pareciam com o FBI, você sabe? Luxuosos e conservadores. — O homem olhou o Charles. — É você um policial ou algo pelo estilo? Não deveria mostrar alguma identificação? — Ou algo no estilo. — Charles murmurou, e o assistente empalideceu e desviou o olhar outra vez.

Amavelmente, Charles agradeceu o homem pela informação e saiu. Ele poderia ter obtido seus rostos pelas câmeras, mas não havia necessidade de traumatizar o jovem mais à frente, ele tinha seu cheio, e ele não esqueceria. Se não era hoje, logo eventualmente ele os encontraria, o mundo não era tão grande para um homem que vivia para sempre. Quando finalmente os encontrar, ele ia recordar-lhes esta noite.

Quando ele alcançou o lugar onde o ataque tinha ocorrido, deteve-se e guardou os sapatos novos de Anna no plástico e tomou com ele. Não havia sangue, nem nenhuma carne ao final desta caçada... E seu Irmão Lobo não ficou satisfeito. Nem por indício.

Quando chegou ao hotel, tinha um semblante controlado. Teria que controlar-se.

Angus estava sentado sobre o piso diante de seu quarto, lendo um periódico. Ele não se parecia muito com um guardião, mas havia poucos outros lobos que Charles confiaria proteger a porta de sua companheira. Não havia muitos que pudessem adiantar-se ao velho lobo que

governava Seattle.

— Algo interessante no papel? — Charles perguntou atentamente.

— Não realmente, não. — Angus dobrou para trás o papel em sua forma original com precisão econômica, logo ficou em pé.

Ele manteve o rosto precavido e baixo. Aí estava o Alfa da alcateia da Cidade Esmeralda. Charles poderia pôr seu rosto de jogo, mas qualquer lobo que valesse, cheiraria a frustração de uma caçada frustrada nele, a vinte pés de distância.

— Sua companheira estava preocupada em deixar entrar alguém antes que você viesse. Com o Tom fora de combate e Moira...

— ...Sem suficiente magia para iluminar uma vela. — Terminou Anna, abrindo a porta. — E sinto muito, mas não diferencio Angus de Adam, sei que fomos apresentados mas conheci um montão de gente esta manhã. E penso que nosso ataque foi desenhado por um de nossa classe. Abrir a porta somente porque alguém dizia ser Angus não me pareceu muito inteligente.

Charles deu a ela uma aparência bem definida – ele tinha cheirado só a vampiros. Terá havido um homem lobo, também? Ele pôs o predador nele sob um melhor controle outra vez. Necessitava algumas respostas. E tinha que assegurar-se de que ela não adivinhasse que tão duro era para ele dar a aparência de estar calmo e dono de si mesmo. Era bom que ela estivesse ainda trabalhando em escutar a seu nariz.

— Como não havia um perigo urgente ameaçando, a sabedoria ditava que esperasse aqui até que alguém, que ela conhecesse melhor viesse. — Disse Angus, soando bastante contente com a Anna.

— Anna, — disse Charles, ignorando o desejo de inspecioná-la mais estreitamente, para assegurar-se de que estava bem. — Este é Angus, o Alfa da alcateia da Cidade Esmeralda. Ele não o faria nunca, baixo nenhuma circunstância, deixar o Tom a mercê de um grupo de vampiros.

Angus deu ao Charles uma aparência bem definida enquanto Anna o examinava, e Charles tratou de reprimir seus instintos possessivos. Ela só avaliava a Angus. O Alfa da Cidade de Esmeralda era só uma polegada ou duas mais alto que Anna, que não era excessivamente alta para uma mulher, e ele não pesava muito mais. Ele era alto e magro. O cabelo arenoso e os olhos escuros lhe davam uma postura casual que usava cruelmente. As pessoas que não o conheciam, subestimavam-no todo o tempo, o qual era provavelmente, uma das razões pelas quais ele estava tão contente com a cautela de Anna. A outra razão era que ela protegia a um de seus lobos.

Mas Anna conhecia o Bran, que era inclusive melhor que Angus no de ser subestimado: Bran o fazia a propósito.

— Sinto se o ofendi. — A desculpa de Anna foi sincera.

— Nenhum problema, — Angus disse. — Me vejo ofendido? Entremos, e você nos pode

dizer o que aconteceu, assim já veremos o que deve fazer-se. Vampiros, né?

Anna ficou atrás da porta. O cheiro de seu desassossego e o fedor de medo recente permeavam o quarto. Seu lábio se encaracolado quando ela se cheirou.

— Sinto muito, — ela disse. Sua camisa estava coberta de sangue, e o ar no quarto estava fragrante com a crueldade das feridas abertas.

Não é dela, o Irmão Lobo lhe disse avidamente. Mas poderia ter sido. Ele não poderia precisar de quem foi o último pensamento, talvez dos dois. Não ajudava a seu controle: Ele tinha um momento extraordinariamente difícil mantendo-o.

Teve que conservar sua distância, só até poder estar calmo e assim poder concentrar-se. Charles permitiu a Angus passar entre ele e Anna, e quando isso não encheu o Irmão Lobo de fúria, Charles tomou um fôlego profundo de alívio e se permitiu examina-la.

Suas sardas se sobressaíam em suas bochechas pálidas, mas o perfume de seu medo não era fresco. Angus não a tinha assustado, ela só tinha estado sendo cautelosa. O Irmão Lobo se assentou, mas só um pouco.

— Aqui, — Charles disse a ela, e lhe deu a bolsa de sapatos.

Ela olhou a bolsa inexpressivamente antes que seu rosto se iluminasse em um sorriso aberto.

— É sobrenatural, Charles. Absolutamente sobrenatural.

Ela abriu o armário e colocou os sapatos junto a uma pilha de bolsas que não tinham estado ali esta manhã. Havia dois vestidos cobertos com sacos plástico, pendurados ao lado dos roupões do hotel. Ela tinha indo às compras em vários turnos, e de retorno em um deles foram atacados. Os vampiros deviam estar esperando, observando o hotel, e os seguiram até fora.

Um grunhido desço no quarto trouxe de volta sua atenção à tarefa à mão. A pequena bruxa, ainda usando seus óculos escuros, estava acomodada no travesseiro gigante à cabeceira da cama. Se Anna estava pálida, a cara da bruxa era branco giz, em contraste com seu cabelo negro e curto, e ela se via fraca, como se tivesse perdido dez libras desde que ele a tinha visto mais cedo esse dia.

Pela amolgadura na colcha, Charles poderia dizer que o lobo café, que era Tom, tinha sido acomodado na frente de sua bruxa, mas a invasão de outros lobos o tinha enviado a seus pés. Uma de suas patas dianteiras estava visivelmente quebrada e devia doer, mas isso não o perturbava.

Charles fechou as mãos nos ombros de Anna antes que ela pudesse interpor-se entre Angus e Tom, e a trouxe de volta contra si.

— Não, — disse a ela. — Está bem. Angus o tem sob controle.

Havia Alfas pelas que ele poderia estar preocupado, mas Angus havia sido um Alfa por

muito tempo, e ele soube o que ele via: Um lobo protegendo a sua companheira de uma ameaça desconhecida. Não um desafio.

Em uma voz fresca que obrou mais como uma ordem pequena, Angus disse: —Tom. Não vou te fazer mal. Nenhum dano. — Angus não poderia ser um homem grande, mas sua voz, quando ele escolhia usar, era o suficientemente capitalista para ressuscitar aos mortos.

Os lábios do lobo se frisaram fora de suas presas impressionantes e se expressou com um grunhido outra vez.

— Abaixo, — Angus disse, pondo uma séria energia na palavra. E o lobo se afundou instantaneamente para sua barriga, sua respiração estava agitada enquanto dirigia sua reticência a que houvesse outros ao redor de sua companheira, enquanto ele estava ferido, enquanto seu Alfa demandava por obediência.

— Tom? — A bruxa soou perdida, e Charles se perguntou a respeito de que estaria pensando ela que acontecia. Era uma merda ser um cego em um mundo de monstros.

— Ele está bem. — Anna lhe disse. — Só quer te proteger. Ele sabe que não pode te proteger bem agora, e ele não teve tempo para juntar-se dessa mudança ainda. Ele está muito sentido e não está pensando bem. Todo mundo vai dar uns minutos para que se acalme.

Ardilosa, ele pensou com um secreto sorriso. Anna deslizou a informação para Angus enquanto falava com Moira, assim ele não pensaria que ela lhe dizia o que fazer. Logo o jogou a perder ordenando a todos, Charles incluído, que deixassem sozinho ao Tom. O brilho branco dos dentes de Angus lhe disse que ele o tinha apanhado, também, e tinha eleito divertir-se.

— Bem façamos isso. — Angus disse, apoiando-se no braço da cadeira mais próxima à janela. — Alan chamou enquanto estava no vestíbulo. Ele está há cinco minutos. Enquanto estamos esperando a ele e ao Tom, por que alguém não me ilustra no que se refere o que prejudicou meu lobo?

— Vampiros. — Disse Anna. — Seis deles... E caçavam como uma alcateia. — Ela percorreu com o olhar o Charles.

— Quer dizer como se tivessem caçado em conjunto antes. — ele disse.

Charles sabia que sua fachada de calma estava em seu lugar, porque ela inclinou sua cabeça em acordo.

— Exatamente, — ela disse. — Eles não agarraram cada qual para seu lado, nem mesmo quando cinco deles se atiraram acima do Tom, depois de ter nocauteado a Moira. Estavam em um oco da escada de um porão de apartamento e escondidos nas sombras. Cheirou-me como lobo mágico, a menos que os vampiros tenham acesso ao mesmo. Se Moira não houvesse trazido o sol, estaríamos mortos.

Cinco fazendo o mesmo era algo difícil de articular, especialmente com um lobo velho e

ardiloso como Tom, quem sabia como maximizar as debilidades dos outros. E um feitiço de sombras... Anna tinha razão, isso soava como a uma alcateia em caçada... Exceto que se tratava de vampiros.

— Há feitiços vampíricos que poderiam imitar os nossos, — disse Angus. — Tom é o suficientemente velho para conhecer a diferença. Quando ele possa pensar outra vez, podemos perguntar. Por isso pensa que foram enviados por um lobo?

Anna inclinou a cabeça, mas Moira disse:

— Os Vampiros não recebem ligeiramente a bordo dos lobos, não nesta cidade, de qualquer maneira. Eles estavam tratando de sequestrar a Anna, e... O que é o que fariam com a companheira de Charles?

Angus sorriu friamente. Os lobos foram a voz predominante de Seattle por décadas.

— Vampiros agitados aqui... Certamente chamarei a seu senhor, mas suspeito que são mercenários. Ele deve saber deles, e se for assim, talvez tenha alguns nomes para mim.

—Um deles era uma mulher que usava um sapato tamanho seis. — Charles disse. — Mas não penso que ela seja um problema para alguém outra vez.

A parte da Moira nesta história o incomodava. Ela tinha salvado a Anna, mas... Olhou-a severamente.

— Bruxa, nunca escutei a respeito de uma bruxa branca que possa chamar luz do sol. Isso nem sequer é uma bruxaria que se deveria poder chamar... As bruxas sabem da mente e o corpo, não dos elementos.

— Não chamei a luz do sol, — ela estalou, respondendo ao tom de voz ao invés de às palavras, ele pensou. — Simplesmente fiz os corpos dos vampiros acreditar nisso, inclusive os cadáveres. — Ela retorceu seus dedos. — Sssst, e virarão pó ou saíram correndo.

— Essa é uma grande quantidade de magia. Os vampiros têm alguma resistência... E logo fez desaparecer seus rastros pela maior parte de uma milha.

— Ela é uma bruxa branca. — rompeu Angus.

Moira sorriu aberta e ferozmente.

— Sou um mutante, está bem. Uma pobre, cega e pequena bruxa branca...

— Sacrifício, — disse Charles lentamente—, é o poder do que as bruxas atiram. Em sua maior parte é a perda de sangue de outras pessoas e do corpo, mas corre o rumor que uma das razões pelas que as bruxas têm família, é que os podem usar como um sacrifício superior, não só a morte do animal mas a morte de algo a que a bruxa tem amor.

— Pensa que mato gatinhos para energizar meus feitiços? — Sua voz estava dura, e apesar da suspeita fastidiosa que tudo não estava como deve ser, o Irmão Lobo a passou.

Ele não o podia deixar passar, não com segurança de Anna pela qual preocupar-se, mas a aprovação do Irmão Lobo lhe deu uma pausa. Poderia haver uma resposta diferente.

— Sempre ouvi que o sacrifício de si, como quando a bruxa usa seu sangue para dar combustível a um feitiço, tem algum poder, mas é difícil que faça efeito.

A bruxa tirou seus óculos e ele viu que sua hipótese tinha sido correta. Um olho tinha sido amaldiçoado pela magia. Ele tinha visto resultados similares antes, e não era algo que ele esqueceria logo. Seu olho estava branco manchado e enrugado, como se algo se fartou dele até secá-lo.

O dano tinha ocorrido faz muito tempo porque nenhum cheiro dele se aferrava a ela, e quando isso tinha ocorrido, ela teria emprestado à magia por um bom momento. O outro olho tinha estado destruído mais mundanamente, embora igual de doloroso, e provavelmente também faz muito tempo.

Interessantemente, Angus se enrijeceu, como se não soubesse, e Anna não teve qualquer reação absolutamente. Não para a cara da bruxa de qualquer maneira, ela definitivamente reagia contra ele. Não estava nada contente com a forma em que ele se dirigia a bruxa.

Depois que Moira sentiu que ele tinha tido a possibilidade de ver até encher-se, voltou a pôr os óculos. Tom cravou os olhos no Charles com olhos amarelos e inteligentes que prometeram retribuição, e Anna não se via muito mais feliz com ele.

— Não sabia Moira, — disse Charles para o lobo que era Tom, pois ele entendia sua reação muito bem. — Só que nunca havia escutado a respeito de uma bruxa branca, que pudesse fazer o que ela fez. E se uma bruxa negra se faz passar por uma bruxa branca... Primeiro, o engano insinua que ela é um dos inimigos. E em segundo lugar... — Deu ao lobo um sorriso pequeno. — Nunca hei encontrado uma bruxa que pudesse esconder sua natureza de mim.

— Estivemos perto de sermos assassinados por uma bruxa negra algumas semanas atrás, — Anna respondeu, embora ele percebesse que ela ainda estava zangada. — Isso nos deixou um pouco nervosos.

Moira estendeu a mão e tocou o flanco do Tom e deixou roçar com seus dedos sobre sua cauda, a qual ela atirou fortemente em brincadeira.

— Está bem, Tom. Estes são os bons tipos... Até se ele for grosseiro. Ela volteou sua cabeça para o Charles. — Para ser justa. Nunca hei escutado a respeito de uma bruxa branca que possa fazer o que eu tampouco. E não estou segura como ocorreu exatamente. Posso entender que seja cauteloso.

—Sinto muito tê-la pressionado. — Charles disse, honestamente.

— Estou segura de que encontrarei a maneira de lhe devolver o favor, — ela disse, mostrando seus dentes em um sorriso branco. — Pelo menos você não saiu gritando.

A cólera quente gerada pelo ataque dos vampiros se tranquilizou um pouco mais no estômago de Charles, e ele deixou um pouco dela escapar em sua voz.

— Espero que você tenha transformado quem lhe fez isso em um porco.

Ela se acalmara, assombrada por sua reação, Charles pensou.

— Esses covardes não merecem nada melhor. — acrescentou Angus.

A bruxa claramente não esperava apoio da parte dele, tampouco. Terá havido tanta repulsa por suas cicatrizes?

Mas qualquer coisa que ela pudesse ter respondido foi adiado pela batida na porta.

— É Alan, — o curador disse. — Podem me deixar entrar?

Ao minuto o lobo submisso da alcateia da Cidade de Esmeralda passou pela porta, Charles se sentiu mais decidido. Alan Choo era um chinês puro sangue, e ele o viu: Delicado e inesperadamente forte, como uma espada bem feita.

Exceto quando ele estava sozinho com a Anna, Charles tinha passado sua vida inteira com o furor do Irmão Lobo dentro dele, caminhando com passados compridos e lentos e grunhindo contra os atavios da civilização forçado a suportar. Isso é o que significava ser dominante e estar preparado para matar algo que ameaçava a esses que estivessem sob seu amparo. Matar ao primeiro aviso.

Hoje foi pior que o usual. O Irmão Lobo estava raivoso, e foi tudo o que Charles pôde fazer para assegurar-se de que ninguém soubesse o que tão duro ele lutava para agarrar-se por seu controle. Ele pensava que era só a adição menor o fato de que havia outros dois lobos dominantes, que não eram de sua alcateia ali no quarto, com ele e sua companheira.

Mas isso foi antes que Alan Choo entrasse no quarto. Ele não era um Ômega como Anna, mas ele era submisso, e sabia como tratar homens lobos que rugiam. De certa forma balanceando a atmosfera no quarto, e entre ele e Anna, apaziguaram a todo mundo, incluindo Charles.

Charles se sentou na cadeira diante ao outro lado da mesa pequena de Angus. Foi mais para dar ao Choo espaço para trabalhar que porque quis tomar assento, mas poder sentar-se com os outros lobos no quarto era uma melhoria.

Anna jogou uma olhada rápida ao redor, assim Charles soube que ela havia sentido a quietude nova no quarto, também. Ela apanhou seus olhos e deu um sorriso rápido e estava instalada sobre o braço de sua cadeira.

— Ele está ferido por minha causa. — disse ao Choo. Charles negou com a cabeça e lhe

disse a verdade como ele a via.

— Não é sua culpa que alguém decidisse tentar te sequestrar. Tom cumpriu com seu trabalho, não tem que te desculpar.

— Hey, Tom, homem, o que você está fazendo para si mesmo? — As palavras de Choo poderiam ter sido frívolas, mas suas mãos eram cuidadosas, enquanto manipulava as feridas do lobo. Tom permitiu ao Alan endireitar sua perna sem pronunciar um grunhido de dor, a pequena bruxa fez mais que bastante disso por ele.

— Maldição, maldição, — ela resmungou, enquanto Alan trabalhava. — Com simplesmente um pouco mais de poder, poderia te liberar dessa dor, o sinto. Sinto muito.

Finalmente, Angus, que não estava acostumado a ordenar a ninguém que não fora um lobo, disse:

— Basta, Moira. Só é uma pequena dor, que só dura um momento, assim não vale a pena queixar-se continuamente. Seria muito pior se não tivesse estado com eles, seis vampiros são mais que um fósforo para dois lobos e qualquer outra bruxa que alguma vez hei visto. Se não tivesse gasto sua magia quando o fez, nossa preocupação não seria só uma coisa pequena como uma perna quebrada. Suficiente.

Houve um fio na última palavra que terminou silenciando-a e o Alfa ganhou um resplendor de seu lobo. Angus levantou uma sobrancelha, e Tom deixou cair seu olhar fixo. Angus pôs seus olhos em branco.

— Deus me salve dos apaixonados. — ele disse, e seu olhar fixo se iluminando no Charles e Anna.

Eles não estavam amontoados: Anna não estava amontoadada. Charles teve a sensação de que se a vida tivesse sido justa para ela, ela teria desfrutado disso, e talvez, ela o fizesse dentro de alguns anos. Mas, por agora, ele estava agradecido por ela não se acovardar cada vez que ele a tocava.

Ela continuava sentada suficientemente perto, como que para fazer o velho Alfa expressar um sorriso.

— Todos vocês, os apaixonados, — ele disse. — Se metem no caminho, e por natureza não tenho paciência. Você...

Ele assinalou Anna com o dedo e Charles se levantou e ficou no meio deles.

Foi um reflexo. Talvez ele não estivesse tão relaxado como havia pensado. Angus abaixou o dedo, mas terminou a frase.

— Conte-me o que aconteceu. Quero mais detalhes.

— Os americanos nativos não gostam de ser assinalados, — observou Choo calmamente, enquanto enfaixava a costela do Tom para que se curasse corretamente.

— As bruxas nativas, caminhanter de peles e coisas do estilo, usam o gesto de assinalar para lançar maldições e enfermidades.

Angus lançou as mãos para o alto e caiu para sua cadeira.

— OH pelo amor de Deus. Não sou uma bruxa. Não lanço maldições... Só quero saber que demônios se passou esta noite.

Ele soou frustrado e ofendido, mas todos os lobos na sala entenderam a verdade: Charles o amedrontara. Ele não estivera com medo antes, não até que ele viu nos olhos o Irmão Lobo e conheceu a ameaça de morte.

Angus era um Alfa velho e poderoso, mas não havia dúvidas quanto a quem era mais dominante.

Não havia nenhuma ameaça da parte de Angus. Charles entendeu, mas acalmar-se outra vez levou mais esforço que o usual. Se o retiro rápido de Angus não tivesse deixado satisfeito ao Irmão Lobo, teria havido derramamento de sangue.

Charles tomou seu lugar lentamente e pôs uma mão no joelho de Anna, o contato o apaziguando.

— Pois bem, — ela disse brilhantemente, — Isto não foi interessante? — Anna estendeu a mão e a pôs sobre o ombro de Charles, como se necessitasse de ajuda para balançar-se no braço da cadeira. Eram os únicos que sabiam que seu toque o ajudava a encontrar equilíbrio enquanto ela distraía os outros com suas palavras.

— OK. O que aconteceu. — Anna soltou um suspiro. — Tom e Moira me levaram a Cale Pike e curvamo-nos com tantas coisas que tínhamos que carregar e as deixar aqui. Tinha tudo o que necessitava exceto pelos sapatos... Assim Moira me levou a seu lugar favorito a uma distância de várias milhas. Quando estávamos de volta, saltaram sobre nós. Não houve advertência, nenhum som, nenhum cheiro, eles caíram justo em cima de nós. — Uma mão fria se rendeu em seu joelho. Ela não estava tão calma como soava. Ele subiu sua mão e sujeitou seus dedos em seu agarre quente.

— Quatro deles atacaram o Tom, alguém pegou a Moira, e o outro me agarrou. Matei o meu...

Houve um grunhido de satisfação sob a tensão nervosa em sua voz, e ele apertou seu agarre. Sua companheira era arruda.

— Para então Tom tinha matado a um de seus assaltantes e eles decidiram que Moira não era uma ameaça e se concentraram no Tom.

Estava quase entregando por completo a briga quando meu cérebro alcançou as minhas orelhas e eu finalmente me dei conta disso... Moira estava tentando inteirar-se do que tinha nos atacado. O que tão atemorizante era para ela. E Então disse. Logo todos nós estávamos quase cegos por luz do sol. Os vampiros ermos arderam, e outros escaparam. Chamamos o Alan, e trouxe o Tom e a Moira de volta enquanto ela fez a limpeza atrás de nós e manteve-nos afastados da vista. — A bruxa, ligeiramente mimava o Tom com dedos preparados, deu a Anna um ar inocente, e Anna bufou. — Pobre pequena bruxa cega. Uma mulher demolição. Eles nunca saberão o que os golpeou.

— Pensa que há um lobo atrás disso. — Charles disse. Anna o olhou e, agora que a história foi contada, ela vacilou. — O instinto, — ele disse a ela, — frequentemente esta correto.

Sua boca se relaxou.

— Sim. Penso que foi um lobo. — Ela fechou os olhos enquanto refletia sobre isso. — O ataque se sentiu como um ataque de alcateia. Oculto à simples vista, muitas pessoas para fazer um trabalho fácil. Não sabiam a respeito da Moira, ou a menosprezaram. — Lhe olhou e deu um sorriso pequeno. — E eu. Concentraram seu ataque no mais forte de nós primeiro... Os métodos do homem lobo. E quiseram me levar com eles. O que queria um vampiro comigo?

— Lobos. — Charles tratou de senti-lo fora. Mas os espíritos guardavam silêncio como habitualmente quando estavam na cidade. Ou em qualquer outro momento nos que poderiam ser úteis. — Então o que pensa, Angus? Pode ser Chastel? Tivemos um choque ontem à noite, e ele estava o suficientemente zangado para matar alguém.

Angus se ajeitou deliberadamente em sua cadeira, mostrando o quão relaxado estava na presença de Charles.

— O francês é uma besta. Uma besta poderosa... Mas ele é muito viciado a matança. Ele não enviaria qualquer outro. Ele não queria que alguém mais derramasse o sangue que ele poderia deleitar-se.

— Então em quem pensa?

Angus franziu o cenho irritado.

— Não conheço o suficiente a maior parte deles. Poderíamos interroga-los, se quisermos iniciar uma guerra. Os europeus são nervosos a respeito de sua honra. Se só quiseram um lobo Ômega... Chamarei os italianos e lhes advertirei que mantenha o deles perto.

Charles levantou as sobrancelhas.

— Soube que tinham um, mas não que haviam trazido aqui. — Ele olhou a Anna. — Se ele teria sido útil para ti, te teria contado sobre ele, mas só é um lobo por um ano ou pouco mais ou menos e sabe menos que você a respeito de ser um lobo, e muito menos de ser um Ômega. Asil, que estava acasalado com uma Ômega, é um professor muito melhor, mas não conte a ele que eu

disse isso.

Angus fixou sua atenção na Anna.

— Ele é um jovem alemão, realmente, que foi esquiar nos Alpes italianos e teve uma queda muito forte. O salvador que o encontrou era um homem lobo e se empenhou em lhe salvar da forma que pudesse.

— Transformando-o em um homem lobo. — Anna disse.

Charles inclinou a cabeça.

— E os alemães ferveram como chamas quando os italianos o reclamaram como deles.

— Foi uma batalha de custódia, de fato. — Disse Angus. — Suspeito que por isso é que os italianos o trouxeram, para esfregá-lo nos narizes dos alemães que ele escolheu ficar com eles.

Charles observava o interesse na cara de Anna. Sim, ele pensou, não está sozinha. Ele deveria ter pensado a respeito disso. Ele se ocuparia disso, ela conheceria o jovem Ômega Alemão.

— Talvez seja isso, — disse Moira atentamente. — Todo mundo na alcateia esteve falando disso, sinto-o Anna. Mas a maior parte deles estavam mais interessados em ti que em todos os lobos estranhos entrando. Talvez seja alguém que deseja ter um Ômega.

— Conheci alguém assim uma vez, — disse Anna serenamente. — Assegure-se de advertir aos italianos.

— Sim, — disse Angus, com um olhar pouco divertido ao Charles quando Anna lhe deu outra ordem.

— Não esqueça que tem um jantar para a que te preparar. — disse Moira.

Charles olhou a bruxa, e ele não foi o único. Ela sorriu a todos eles. — Não sabemos exatamente o que estavam tratando de fazer.

Provavelmente estavam tratando de sequestrar a Anna. Mas pode ter outra razão de menor peso, que não quiseram que você não se encontre com o Arthur da Grã-Bretanha.

— Além disso, — disse Angus, — por que lhes dar o poder de mudar seus planos quando nenhum dano permanente se feito?

Sim, Charles se precaveu. Isso era algo lógico que ele pensasse nisso. Ele tinha poucas vontades de sair e fazer a coisa social como se fora o melhor dos momentos e este ataque lhe fez querer tomar a sua companheira e armar uma barricada em um lugar onde ela estivesse a salvo.

— Irei ver outro quarto. — ele disse. — Tom e Moira podem ficar aqui até que ele esteja

curado, e o serviço de quarto estará à disposição.

— Ficarei aqui, também, — disse Angus. — Até que Tom possa cuidar de si mesmo.

Charles olhou o Alfa e se deu conta de que ele não era o único sentindo-se protetor.

— Bem. — ele lhes disse , e saiu.

Um suspiro coletivo de alívio passou através do quarto quando Charles saiu, mas ninguém disse algo até que se ouviu o elevador fracamente através das paredes.

Anna sabia que Charles tinha esse efeito nas pessoas, mas ela não tinha visto ou sentido nenhum mal-estar esta noite. Exceto por isso do dedo assinalando-a.

— Bem, — disse Angus, e Tom choramingando. — Há uma razão pela que Bran usa-o para assustar os patifes. Penso que todos nós o vimos esta noite.

— Ver o que? — Moira perguntou.

— Exatamente, — disse Alan Choo, que guardava a bolsa que havia trazido. — Angus apontou a Anna e não lhe vimos mover-se. Ele só estava entre sua companheira e Angus. — E logo falo algumas frases em chinês.

Anna percebeu que não gostava que estivessem com medo de Charles. Isso o machucava, embora ele o aceitava de todo o mundo. Até se isso era mais seguro para ele, não era bom.

Angus negou com a cabeça.

— Você viu a expressão de alguns lobos, quando Charles falou com eles hoje? Suspeito que ainda não soubesses que ele podia se comunicar, e muito menos que o fizesse tão bem. Foi quase como se um tubarão começasse a falar com o Rei inglês.

Tom levantou o pescoço e olhou para Angus, e Alan terminou com seu barboteo chinês para cravar os olhos em seu Alfa.

— É Rainha inglesa, — corrigiu Anna, mais secamente do que pretendia — E não há nada de errado com Charles.

— Não para Deus, — Angus percebeu seu desgosto. — Estava pensando comigo mesmo... Aparentemente, Charles dirigiu a reunião como qualquer outro faria. Talvez os rumores a seu respeito sejam exagerados, também. Mas não quero voltar a encarar as presas e garras desse homem.

—Se você não se calar, — Anna cortou o assunto pela raiz— não vai ter que preocupar-se com isso.

Então Angus voltou a se recostar na cadeira e sorriu com satisfação.

— Bem, agora, — ele disse em uma voz inteiramente diferente. — Talvez eu não o faça.

Ela estranhou isso, e ainda mais quando percebeu o olhar trocado entre Tom e Alan Choo. Ela tinha confundido o assombro de Tom. Angus estava jogando com ela.

— Por que o teste? — Anna perguntou.

Angus encolheu os ombros.

— Conheço Charles há muito tempo. Vi-o converter-se de um menino quieto à arma mortífera da qual seu pai necessitava... Da qual nós necessitávamos. Só porque compreendo a necessidade, não quer dizer que não posso lamentar. Só quis me assegurar de que você via o homem sob o assassino.

— Então você o provocou de propósito?

O sorriso de Angus se ampliou em um sorriso aberto.

— Com a coisa do dedo? Quando ele já tinha sede porque você esteve em perigo e ele tinha ido a caça sem resultados? Vejo-me tão estúpido? Não, isso foi simplesmente um acidente.

Anna olhou para baixo no braço da cadeira e esfregou um lugar ligeiramente com uma ponta do dedo. Agora que ela ocorreu prová-lo, ela poderia cheirar a sinceridade de Angus. Ele se tinha preocupado por Charles, preocupado de que lhe machucasse.

— Sei que às pessoas dá medo ele, — ela disse. — Você em realidade pensa que eles acreditam que há algo mal com o Charles?

Angus inclinou sua cabeça, mas foi Alan quem respondeu.

— Algo assim, de qualquer maneira. Não tão louco como... Diferente. Seu pai é um assassino sem espírito, ele é leal ao Marrok e a ninguém mais. Cada palavra que sai de sua boca está posta ali pelo Marrok, como o boneco de um ventríloquo só que mais horripilante.

Anna pensou na briga entre o Charles e seu pai, a qual finalmente Charles tinha ganho, e ela abriu sua boca para responder. Mas então ela a fechou outra vez. Se isso era o que as pessoas pensavam, era porque Charles queria isso.

— Charles o faz deliberadamente, — Angus disse a ela, observando-a estreitamente. Ela esperou não ter delatado nada, mas suas palavras estavam tão perto de seus pensamentos que ela devia ter. Ele golpeou ligeiramente o braço de sua cadeira com dedos impaciente. — Se os outros lobos estão todos assustados com ele, não serão estúpidos para fazer-se matar por ele. E estarão corretos, já seja que saibam ou não. Há algo fora do comum, não pôs cuidado? Seu lobo anda completamente descontrolado. Deveria tê-lo convertido em um assassino irrefletido, mas não o fez.

O Irmão lobo, pensou Anna.

— Por que você supõe isso? — Choo perguntou.

Angus levantou uma sobrancelha e a olhou, como se ele pensasse que ela poderia subministrar uma explicação.

Havia um lobo responsável pelo ataque a eles esta noite. Ela realmente não acreditava que Angus fosse o inimigo tampouco. Ele até poderia ser amigo de Charles se ela poderia acreditar em seu nariz. Mas não compartilharia qualquer apreciação a respeito de seu companheiro, até se ela as tivesse, com Angus da alcateia da Cidade Esmeralda. Ela o olhou e descansou sobre seu assento no braço da cadeira de Charles e esperou que ele retornasse.

Fúria. Ele estava tão furioso.

Charles tinha estado bem com o passar do caminho para o escritório principal. Ele tinha focado a atenção na tarefa à mão, havia obtido um segundo quarto, e estava bem até que foi ao elevador e considerou o ataque a Anna. Tinha pensado que ele poderia pegar o que ele tinha ouvido da história de Anna e descobrir algo novo, algum indício de por que ou quem.

O controle que sempre tinha estado nas pontas de seus dedos pareceu desvanecer-se. Ele observou os números do piso subindo, e pareceram proceder em um passo cruelmente acelerado quando ele tinha tanto o que pensar para fazer.

Dois.

Tom esteve perto de ser assassinado. Se Charles tivesse deixado Anna com qualquer outro dos lobos de Angus, e poderia tê-lo feito, ele a teria perdido.

Três.

Seis vampiros.

Quatro.

Se a bruxa do Tom tivesse sido o que aparentava, Anna teria sido sequestrada.

Cinco.

Se ele a encerrasse a seu lado, iria perdê-la. Ela não era submissa, ela não necessitava seu cuidado. Não desse modo. Ela necessitava que ele desse um passo para trás e a deixasse voar.

Seis.

E se ele ia fazer isso, ele teria que controlar seu temperamento. O temperamento do Irmão Lobo. Não só agora, hoje, mas para sempre. Amarrar sua necessidade de preservá-la a fim de poder mantê-la feliz.

Sete.

Hoje, entretanto, ela não estaria fora de sua vista outra vez.

A porta do elevador se abriu.

Arthur Madden se queixava continuamente disto e aquilo, movendo os serviços de mesa mais à frente do bordo, logo lhes dando uma cotovelada mais próxima.

— Meu amor, — disse sua companheira com diversão, — o que está fazendo? Ele pode ser o filho do Marrok, mas você rege as Ilhas Britânicas. O excede em posição, não há necessidade de estar nervoso.

Ela não entendia. Mas ele estava acostumado a isso. Sua esposa era humana, e havia bastante que ela não entendia. Não lhe guardava rancor. Não explicaria que Charles era dominante, isso somado a todos os lobos atrás dele, e mais, Charles podia fazer retroceder a Arthur com apenas um olhar. O que significava que ele necessitava de todas as suas defesas. O que significava que o jantar devia ser perfeito. Ele podia confiar em sua companheira para que tudo fosse perfeito.

— Tem razão, claro, — ele disse. — Sou um tolo Parvo por fazer tanto alvoroço.

Ela deslizou sob seu braço, continuava tão magra quanto quando tinham se casado há quarenta anos. Ele a amava agora como então, mas a idade dela o entristecia. Quando saíam para jantar agora, as pessoas pensavam que eles eram sócios de algum negócio, ou mãe e filho. Quando ela era jovem e bela, ele nunca havia pensado em seu envelhecimento, e ela tampouco.

Ela tinha cheiro de rosas.

— Tudo vai ficar bem — ela disse. — Entretereirei a companheira, e você pode contar histórias a ele.

Ele beijou seu cabelo saxão iluminado pelo sol, mantido colorido com descrição com tinturas... Eram naturais quando ele a conheceria.

— E como você fará isso?

— Mostrarei a ela minhas costuras e falarei sobre coisas de garotas.

Ele trocou de direção e fugazmente captou uma imagem deles no enorme espelho dourado do hall. Ele usava uma camisa de seda dourada que dava a seu cabelo um tom avermelhado mais intenso; seus olhos eram azuis, e as calças largas e negras que usava podiam ser as mesmas que usou para suas bodas décadas atrás.

Sunny usava uma camisa azul, que faz tempo que tinha, as mangas deixavam luzir a força de

seus braços transluzir como sua pele evidenciava sua idade. Havia uma flacidez sob seu queixo e delineador ao redor dos olhos.

A sua Sunny gostava de rir. Ela morria a cada dia. Ainda tem um comprido momento, ele pensou, décadas, enquanto sua pele irá ficando menos tensa e seus músculos magros e frouxos. E ele tinha que observar isso ocorrer.

Ela apanhou seu olhar fixo no espelho.

— Vê-te muito belo como sempre, — ela disse, abraçando-se com os braços por cima dos seios.

— Amo-te. — ele sussurrou em sua orelha, acariciando seu cabelo perfeito, fechando seus olhos para assim poder cheirar seu perfume precioso.

Ela esperou até que abrisse os olhos para poder olhar diretamente ao espelho perdidamente para eles. Logo ela sorriu o sorriso enorme que fez que ele a chamasse Sunny.

— Sei disso.

Eles estavam atrasados. Sunny tinha abandonado a tarefa de conter seu marido e se sentou em um dos sofás Queen Anne e ficou observando-o.

Ele estava magnífico. Ele desprezava a comparação, mas ela sempre pensou nele mais como um leão do que um lobo, quando ele estava em sua forma humana. Ainda quando ele estava em sua forma quadrúpede, ele era leonino e cor de ouro.

Ele se levantou agora, para observar pela janela com os braços cruzados nas costas, dando a ela uma vista preciosa de seu traseiro.

Nunca havia dito, é obvio, ele não apreciaria, mas ela sempre tinha amado seu traseiro. Ainda não poderia acreditar que havia conseguido lhe apanhar, nem mesmo depois de todos esses anos. Ele era tudo o que ela alguma vez tinha querido: Rico, poderoso, honrado e bem educado. Ele não poderia reclamar, não agora, bastante depois que ele deveria ter estado morto, mas era o filho menor de um barão. Ele era preparado e simpático, ainda lhe trazia flores por absolutamente nenhuma razão além de querer que ela as recebesse. Gostava de viajar, e ele não podia fazê-lo, não sendo quem e o que ele era. Mas permitiu a liberdade dela fazê-lo se quisesse.

Ela ainda amava seu traseiro.

Ela silenciou seu sorriso e tratou de ficar séria quando ele se virou para ela. Ele franziu o cenho, e o soslaio inocentemente. Ela havia aprendido anos atrás que havia algumas piadas que não poderia compartilhar, e não servia de nada tentar.

Finalmente, em uma voz resmungona, ele disse:

— Vou acima terminar algum trabalho. Se vierem, diga que estou ocupado. — E começou a subir as escadas.

Sunny lançou um olhar ao Rolex de ouro em seu pulso e balançou a cabeça. Passaram-se apenas cinco minutos; paciência nunca tinha sido uma das virtudes de Arthur. Ela recolheu o livro que tinha trazido, um livro de mistério em Barbados, seu lugar favorito para estar, e começou a ler.

O golpe na porta foi baixo, mas não tão baixo a ponto de Arthur não ouvir. Quando ele não desceu, Sunny deixou seu livro e ficou em pé. Ele sairia desse estado de nervosismo extremo logo. Ela conhecia seu homem: Não havia possibilidade dele ignorasse uma audiência por muito tempo. Até então dependia dela fazer seus convidados sentirem-se bem-vindos.

Nervosamente, ela alisou sua camisa. Tinha ouvido histórias sobre Charles Cornick, o assassino do Marrok, mas nunca o tinha conhecido. Esperava que sua companheira fosse amigável.

Quando houve um segundo golpe, ela abriu a porta... E trouxe seu sorriso.

O homem que estava na porta era grande. Não só alto, mas também largo.

Claramente nativo americano, com sua pele escura e olhos negros. Seu rosto estava imperturbável, não o podia ler absolutamente, mas tinha um ar sinistro, como uma capa escura ao redor dele.

Nada do que ela não tinha suposto das descrições de Arthur, e por seu nervosismo, era o esperado, exceto que Charles Cornick era belo. Não dentro dos padrões dos Westerns, não com suas características amplas e lacônicas e com os brincos que usava... E como se lidava com um homem lobo com as orelhas perfuradas?

Um homem não poderia notar a atração de todos seus músculos e quente pele café, mas ela apostaria que ele nunca passou por uma sala sem atrair o olhar fixo de cada fêmea.

Sobressaltada, ela se sacudiu para tirar seus olhos dele e se chocou com os olhos da mulher que estava ao lado dele.

Anna Cornick era cerca de uma polegada mais alta do que Sunny, o que ainda a fazia um pouco mais baixa do que a média. Era magra, abaixo de seu peso inclusive, entretanto tinha músculos fortes.

Seu cabelo era cor café uísque e pendurava em suaves cachos sobre seus ombros. As sardas adornavam as maçãs do rosto, e seus olhos eram de um tom claro de ouro queimado. Ela usava uma camisa branca com uma saia de seda que caía acima dos tornozelos.

Ela não era tradicionalmente bonita, mas não era pouco atraente, tampouco.

Anna parecia cansada e sem classe, em comparação com seu muito mais exótico companheiro, mas então ela sorriu abertamente com arrependimento, uma expressão que deixou em Sunny uma forte inquietação, relutante a seguir admirando o Charles, expressou sua simpatia para a outra mulher que caiu sob o feitiço dele.

Foi uma cálida expressão, e Sunny sentiu que todos os nervos que provocavam Charles Cornick tinham que ser dissipados, para assim poder adquirir o papel familiar de anfitrião.

— Olá, — ela disse com um sorriso grande que não foi tão difícil de chamar, como um momento antes. — Bem-vindos. — Ela deu um passo para trás e os convidou a entrar. — Sou Eleanor, a companheira de Arthur, podem me chamar Sunny, todo mundo o faz. Vocês devem ser Charles e Anna.

— É um prazer conhecê-la, Sunny, — disse Anna, tomando sua mão em um aperto forte. Quando seu companheiro não disse nada imediatamente, Anna golpeou-o com seu ombro.

Ele a olhou e ela arqueou suas sobrancelhas, e Sunny reconheceu o olhar de seu próprio repertório construído para tratar com um macho dominante que nem sempre seguia as regras da

civilização.

— Essa é uma boa expressão, — disse a Anna. — Embora tenha percebido que elevar só uma sobancelha é mais efetivo. Se isso não funcionar, tenho descoberto que é melhor ignorá-los até que decidem apelar-se. Por que não entram, e lhe oferecerei algo para beber. Arthur descerá em um momento. Posso-lhe oferecer um scotch ou brandy? Ou temos um vinho branco realmente bom.

Anna deu a ela um sorriso aberto e a seguiu para dentro enquanto seu companheiro fechou a porta e ficou atrás delas.

— Ignorar funciona? Eu só alfineto até que ele reage. Tem água? Nada de álcool para mim esta noite, estou dirigindo. Não poderia me afetar mais, mas se for parada, não quero cheirar a álcool.

— Ele te deixa conduzir? — Sunny perguntou, tomada por surpresa e mais do que um pouco de ciúmes. — A última vez que conduzi foi quando conheci Arthur. Estava conduzindo o carro de meu pai para o Devon, e seu carro estava fechado ao lado da estrada com dois aros desinflados.

— Eu não gosto de conduzir, — disse Charles. — O brandy está bem, obrigado.

Sua voz foi tão deliciosa como o resto dele. Profunda e lenta com um indício de galês e alguma outra coisa alternada com o acento americano usual.

Perturbada porque ela nunca havia se sentido assim com nenhum outro dos homens lobos que Arthur tinha levado para casa antes, Sunny tomou a desculpa de suas palavras e foi ao bar no canto da sala de estar e começou a servir as bebidas para seus convidados.

Não era como se ela nunca tivesse tratado com outro homem, mas ela nunca havia se sentido tão... afetada. Era uma reação inesperada para um homem que ela sabia que era perigoso, e isso a tirou do prumo.

Desprende o frasco de cristal esculpido que tinha comprado há alguns anos em Veneza, e Anna estava ali para pegar o dela e colocá-lo no balcão.

— é compreensível, — a outra mulher disse brandamente. — Está tudo bem. Deveria sentir isso quando o Marrok entra em um quarto de lobos estranhos. Ele se assentará em um momento, e não te chocará como agora. — Ela olhou a seu companheiro, logo puxou o plugue do frasco, e o cheiro de bom brandy brotou. — Ele teve um mau dia, e isso o piora.

Sunny tirou um copo para o brandy da despensa sob o balcão e o entregou a Anna.

— O que aconteceu?

Anna sorriu e se encolheu de ombros enquanto ela vertia o brandy.

— As mesmas coisas, dia diferente. — Isso soou evasivo. — Ele não gosta das cidades

mais do que gosta de conduzir ou de telefones celulares ou aviões...

— Fala dele como se ele não estivesse aqui. — grunhiu o homem lobo como se tivesse sido empurrado a falar.

Quando Arthur soava assim, ela sabia que era melhor deixá-lo só. Sua companheira apenas sorriu ironicamente para ele.

— Vem e toma seu brandy... Como pode aguentar estas coisas, de qualquer maneira? Nunca poderia beber, ainda quando o álcool fora o ponto disso. Deixa de assustar a nossa anfitriã.

Ele aspirou profundamente e... ele era simplesmente um homem exasperado na metade de sua sala de estar. Ele deu uma pernada e tomou o copo que sua esposa lhe deu, logo fixou sua atenção em Sunny.

— Minhas desculpas, — ele disse, e sua voz não fez que seu ritmo cardíaco melhor em resposta. — Como Anna disse, estou de mau humor esta noite. Mas não há razão para me desforrar em você.

Descartar as desculpas como desnecessárias seria um engano, de forma que Sunny fez a seguinte melhor escolha.

— Aceitas.

Anna olhava ao redor do quarto.

— Isto parece mais com um lar do que com um lugar que alguém aluga por umas poucas semanas, tem um bonito toque.

Sunny lhe deu uma garrafa de água fria da geladeira.

— OH, Arthur tem alguns lugares esparramados pelos arredores. Ele não vem muito aqui, mas o adquiriu para mim em nosso trigésimo aniversário. Usualmente venho aqui por um mês no verão. Ele não gosta de viajar, mas sabe que eu sim.

Ela se impediu de dizer mais coisas embaraçosas. Silenciando um cenho franzido atrás de um sorriso acolhedor, ela tirou uma garrafa de seu vinho branco favorito. Ela nunca dizia tolices como essa. Ela estava acostumada a conservar segredos. Não é que suas viagens ou este condomínio fossem segredos, exatamente. Entretanto, ela não havia tido a intenção de falar deles.

Foi salva pelo chiado das escadas quando Arthur desceu por elas em uma pressa fácil.

Ana viu o leão britânico, um descendente do rei.

— Estão atrasados, — ele disse a maneira de dizer olá. — Estava preocupado que algo

pudesse ter ocorrido.

— Não, — disse Anna alegremente. Tinham falado sobre o que dizer a respeito do ataque, finalmente chegaram à conclusão de que o melhor que podiam fazer era advertir ao outro Ômega e por outro lado mantê-lo calado. O ataque não era assunto de ninguém mais, e Charles disse que não queria inspirar plagiadores. Então ela assumiria a responsabilidade por terem chegado tarde. Não havia ninguém que conhecesse Charles que acreditaria que ele se atrasaria. — Demorei muito para ficar pronta. Sinto muito.

Sunny serviu uma segunda dose de brandy para Arthur, o outro homem lobo ainda não tinha bebido, apesar de não ser capaz de aproveitar-se dos efeitos do álcool. A companheira de Arthur serviu-se de uma taça de vinho.

— O jantar será servido em questão de uma meia hora, acredito, — Arthur disse. — Enquanto isso, pensei que lhes interessaria olhar minha coleção.

— Uma coleção? — Anna perguntou.

— O que tenho aqui não é muito valioso, — ele explicou. — Nem historicamente significativo. Não passamos muito tempo aqui, e mesmo com um serviço de segurança... — ele encolheu os ombros. — Entretanto, tenho algumas coisas que chamam a atenção.

— Trouxe Excalibur? — Charles perguntou.

A sobancelha de Arthur subiu elegantemente quando ele sorriu um pouco.

— Nunca vou a lugar algum sem ela.

— Não é um pouco problemático? — Anna perguntou. — Voar internacionalmente com uma espada?

— Viajo com um avião privado. — ele disse.

— É obvio. — Anna murmurou com um repentino sarcasmo dirigido aos “ricos e importantes”. — Todo mundo não faz o mesmo?

— Pobre plebeia. — Charles murmurou, e ela ficou bastante segura de ter sido a única a perceber o humor em sua voz, enquanto Arthur e Sunny apenas se mostraram surpreendidos.

— Arthur tem dificuldade com os voos comerciais. — Sunny se apressou a explicar.

— Sinto muito. — Anna deu a Charles um olhar de “me ajude”. — Ela não podia pensar em outra coisa que dizer sem piorar a situação.

Charles foi ao seu resgate.

— A primeira alcateia de Anna era... Problemática e muito pobre. Estamos casados há

menos de um mês, e ela teve muito a que se ajustar.

— Viver muito tempo não quer dizer que alguém ficará rico, — disse Arthur com uma aparência pormenorizada. — Mas isso não causa dano.

— Os investimentos longos proporcionam um significado inteiramente novo ao termo “interesse”. — adicionou Sunny.

— Me fale a respeito de sua coleção, — disse-lhe Anna desesperadamente. E logo, porque ela não podia conter seu interesse — A respeito de Excalibur.

— Estava acostumado a ser um arqueólogo, — Arthur explicou. — Estritamente amador, que era aceitável para meu pai de um modo que uma profissão não teria sido. As escavações não estavam bem regulamentadas então, e escavava as terras de um velho Cornish convenientemente situada na fazenda dos pais de um companheiro de escola, quando a encontrei, simplesmente puxei para cima.

Ele não parecia louco, nem parecia prestar atenção às perguntas. Se não estivessem falando a respeito... a respeito de Excalibur, pelo amor de Deus, ela estaria fascinada pela história.

— Como sabe que era Excalibur a espada que encontrou?

Ele sorriu.

— Diga-me, minha querida, acredita em reencarnação?

Não. Mas essa não era uma resposta educada.

— Nunca ouvi um argumento convincente para isso.

Seu sorriso se ampliou.

— Suponho que é suficiente dizer que eu sim, e que acredito que eu sou o antigo e futuro Rei, que retornará nos tempos de máxima necessidade. — Logo ele piscou o olho. — Não proponho que os outros comprem ações de minhas excentricidades.

Se as pessoas recordassem alguma vez que tinham sido criadas na cozinha, ou que eram agricultores que simplesmente morreram de velhice, poderia reconsiderar minha postura na reencarnação - Anna pensou, enquanto devolvia o sorriso ao lobo britânico. Ela recordou que seu pai uma vez havia observado secamente que se quatorze pessoas acreditassem que foram Cleópatra em uma vida anterior, isso significava que... Cleópatra tinha uma desordem de personalidade múltipla?

Logo Arthur os conduziu ao seu quarto do tesouro, provavelmente havia sido destinado a ser um escritório, ou um dormitório pequeno. Três tapeçarias esmagadas entre folhas claras do que poderia ser vidro, ou acrílico, estavam penduradas na parede. Havia um par de cristaleiras ao longo da mesma parede.

— Este não é um desdobramento ideal, — ele disse. — Estes ficam aqui durante todo o ano, não posso arriscar nada de valor real. Meus artefatos mais valiosos não deixam minha casa em Cornwall. Adquiri todos estes na América. Esta tapeçaria é do século XV, e como muitos, tem um tema religioso. Você pode ver St. Stephen sendo crucificado de cabeça para baixo, como a tradição sustentava.

Anna olhou a figura construída sobre uma cruz, um halo de sangue escorrendo da cabeça abaixo se diluindo em suas mãos.

— Que alegre. — ela comentou.

Ele sorriu.

— Não é meu favorito, tampouco.

O segundo mostrava uma mulher sentada em um banco sob uma árvore, costurando, com um pássaro grande sobre sua cabeça. As cores estavam descoloridas, mas esclarecidos com fios inundados debaixo da superfície. Uma vez, pensou Anna, este foi bem mais colorido do que é agora.

— Este é escocês. — Arthur soou desaprovador. — O décimo terceiro século ou ali perto.

— Bárbaros, esses escoceses, — disse Charles com diversão. — Meu pai galês diz exatamente isso.

Arthur riu.

— Bem, você me pegou. Suponho que não importa o tanto que viva, seguirei, em alguns aspectos, sendo um homem de meu tempo, não é? Tal como você, velho amigo. Este está extraordinariamente em boa condição, como estive em museus e coleções ao redor de duzentos anos, e foi tratado com cautela antes disso.

Ele foi e fez um gesto flamejante na tapeçaria final, e menor.

— O terceiro é meu favorito dos três. É também provavelmente do século XV, obtive-o na Califórnia, de uma coleção privada. Tem uma forma áspera, e foi costurado em cima de uma musselina ácida para estabilizá-la. Todos eles estão hermeticamente selados para protegê-los do clima.

Arthur estava correto, não estava em muito boa forma. Só uma parte, dos dois pés que o quadro tinha, sobreviveu. Um cavaleiro montava um cavalo que galopava marchando, a boca um pouco aberta. Ele tinha na mão uma espada ligeiramente levantada em um ângulo de quarenta e cinco graus.

Arthur tocou suavemente o revestimento claro sobre a figura.

— Como podem ver, é um esboço de Arthur lutando com a Excalibur.

Anna não poderia ver por que ele estava tão seguro que era Arthur até que se fixou bem na espada. Da palavra que uma vez tinha sido gravada na folha só ficavam três letras. Um “x”, um “k”, e um “u”. Ela teve que admitir que não poderia pensar em muitas palavras que alguém gravaria em uma espada com essas letras particulares.

— Ele parece bastante infeliz, — Anna comentou. — Me pergunto o que ele perseguiu.

— Poderia ser qualquer coisa, — disse Arthur. — Ele foi o Campeão da Inglaterra e se opôs aos dragões e outras bestas, assim como defendeu sua terra natal dos saxões.

A primeira vitrine estava cheia de um punhado duplo de artefatos romanos. Anna presumia que parte do que havia ali era ilegal. Entretanto, talvez uma pedra da parede de Adriano poderia ser original quando Arthur a havia colecionado.

O segundo caso sujeitava uma camisa de cota de malha coberta com uma brilhante túnica azul adornada com muito colorido com três coroas de prata.

— Essa é uma réplica, — Sunny disse. — Entretanto vale muitos milhares de dólares. O pano foi tecido segundo métodos tradicionais e tingido com tinturas vegetais naturais, o fio de prata é verdadeiro e a camisa de malha foi feita à mão. — Ela tocou o caso. — É o brasão do Rei Arthur, ou o que ele deveria ter em seu escudo, de qualquer maneira.

— O brasão de Arthur, — Anna disse duvidosamente. Ela duvidou que o Arthur verdadeiro alguma vez tivesse usado uma cota de malha; talvez o Senhor Britânico houvesse lido O Morte D'Arthur muito poucas vezes.

Sunny cabeceou.

— O rei Arthur, não meu Arthur. Mas meu Arthur não quer usar o escudo de armas de sua família...

— Um porco, — disse Arthur sobre o ombro de Sunny.

— Um porco, — disse Sunny, impassível. — Há ainda alguns membros de sua família que poderiam reconhecê-lo... Um primo jovem e sua irmã menor.

— Que fará oitenta e quatro no próximo mês de maio — Arthur falou com afeto óbvio. — Eu a visitaria, mas ela está ainda é hábil com uma espingarda e pode disparar tiro ao prato sem colocar seus óculos. Então escolhi o brasão do REI.

Ele disse com letras maiúsculas insinuadas, como se nunca tivesse existido outro rei.

— Não havia brasões lá pela era de Arthur, — disse Charles. — Não se supõe que ele é do século VI?

— Ou final do V. — Arthur acordou. — O herói da batalha do Mount Badon, e isso foi pelo ano de 518 ou pouco mais ou menos. A heráldica e todos seus atavios foram muito posteriores.

Entretanto, há uma tradição... E além disso fiz tudo por absoluta diversão, de qualquer maneira. — Seus olhos ficaram sonhadores. Anna se perguntou se ele brincava com a espada desenterrada quando ninguém estava por perto para ver.

Seu irmão maior estava acostumado a mover-se clandestinamente escada abaixo na noite, pegar a espada velha da cavalaria da Guerra Civil que seu pai tinha pendurado acima da parede sobre a chaminé e brigar com inimigos invisíveis. E uma vez, memoravelmente, com sua irmã pequena, a quem ele armou com uma vassoura. Ela obteve dezesseis pontos, e ele um nariz quebrado. Homens, ela pensou, tinham uma estranha atração por coisas afiadas. Ela manteve seu sorriso escondido.

— Agora para a *pièce de résistance*. — Arthur fez uma pausa. — Eu sempre acho que as pessoas estão desiludidas com Excalibur. Penso que é tudo pelo cinema. Isto não é um enfeite, é uma arma feita para matar.

Ele ajoelhou, moveu o tapete e levantou uma seção de pisos da madeira dura. Debaixo havia uma caixa forte. Ele pôs a palma da mão na caixa forte, e depois de emitir um bip por um momento ela se abriu com um movimento lento e constante. Dentro havia uma caixa de madeira estreita medindo algo mais que três pés.

Ele a recolheu e colocou em cima da mesa, abrindo-a. A caixa em si era bela, feita à mão, mesclando madeira clara e escura. Ele abriu os trincos que a mantinham fechada e abriu a tampa completamente.

E ela entendeu por que um homem poderia pensar que isto... Isto era Excalibur. Era sóbrio, tão parecida com a espada de cavalaria de seu pai como um jaguar a um leão... Ambos os predadores muito efetivos.

A Excalibur de Arthur era mais curta e larga que a espada de seu pai, e era afiada de ambos os lados. A folha era escura abaixo do centro, onde estava amolgada, e podia-se ver os padrões no aço como se fosse de Damasco, e possivelmente era. Os bordos eram suaves e brilhantes, entretanto, corriam paralelos a cada lado, na maior parte da longitude da folha. O punho era feito de aço e, em contraste a tudo, esta Excalibur de Arthur, do filme e da que TV havia mencionado, era muito útil e curta. Era uma espada feita para ser brandida na mão, uma espada para matar.

— Tinham aço no século VI? — Ela perguntou.

— Tinham espadas de aço em alguns lugares, ao menos milhares de anos antes. — Respondeu Arthur. — As espadas de aço de Toledo foram mencionadas pelos romanos lá pelo primeiro século A.C.

— Esta é... — Ela ia dizer bela, mas isso não era correto. A espada de seu pai era larga e elegante, uma arma desenhada para a beleza assim como também para a funcionalidade. Esta era diferente. — Poderosa.

— Nenhuma gema, nenhum ouro ou adornos em suas partes. — Arthur soou satisfeito.

— Não os necessita. — O impulso de tocá-la era forte, mas ela reteve as mãos em suas costas.

— A espada não era a única arma que Arthur levava, — Arthur disse, sua voz soando com veemente paixão. — Só a mais famosa. Ali estava a Espada na Pedra, a qual reconheceu Arthur como Rei. Essa é provavelmente também conhecida como a espada de Clarent, usada para outorgar autoridade, como um reinado ou hierarquia. Certa quantidade dos contos antigos galeses menciona a adaga, Carnwennen, com a qual ele matou violentamente uma grande Bruxa Negra.

Um timbre soou. Sunny deixou escapar um gemido, comprovou seu relógio de bracelete, e saiu do quarto vociferando a respeito de cronômetros e oferendas queimadas.

— Sua companheira é adorável. — disse Charles.

— Sim — Arthur disse. — Ela me traz alegria. — Ele tocou o cabo de sua espada. — Excalibur tem mil e quinhentos anos de idade, e ela estará comigo outros mil e quinhentos anos. Minha Sunny... — ele tragou as palavras. — Minha Sunny morre lentamente todos os dias.

Era tarde quando saíram. Para alívio de Anna, a noite havia passado em sua maior parte sem incidentes. Tinha estado preocupada que o anterior estado de ânimo de Charles continuasse, mas ele tinha sido perfeitamente cortês no jantar. Não havia falado muito, mas quando Arthur ficou sem histórias do Rei Arthur, ele conseguiu fazer o lobo britânico falar das dificuldades que os CCTVs (as Câmaras que Grã-Bretanha instalava por toda parte para vigiar seus cidadãos) causavam aos homens lobos.

— Pois bem, — ela disse, quando se aproximaram da Toyota maltratada, — isso foi quase civilizado...

O homem que estava sentado atrás da zona de arbustos levantou-se rigidamente. Ela reconheceu seu cheiro um momento posterior e tragou o som que tinha estado a ponto de fazer.

— Michel. — disse Charles.

Ela o tinha conhecido no restaurante ontem à noite, mas sem outros ao redor, leu-o melhor. Alfa, mas não muito dominante. Em sua velha alcateia, em Chicago, ele poderia ter chegado a meio caminho, mas não mais que isso. Seu rosto estava maltratado e seus olhos enegrecidos disseram que alguém tinha fraturado seu nariz. Ele se curava, mas para alguns era mais lento que para outros. Ele ainda não havia endireitado e tinha um braço sobre seu estômago.

— Charles, — ele disse em voz baixa. — A Besta tomou meu telefone celular, e não estava seguro de que outra forma lhe contatar.

— O que necessita?

O francês negou com a cabeça.

— Vim para lhe advertir. Sua companheira, ele a quer. Você entende? Ele mata mulheres e inocentes, e está obstinado com ela como uma vítima. Ele tem sede dela. Você deve mantê-la fora do seu caminho, se puder.

— Obrigado por sua advertência. — Disse Charles. — Venha, vamos dar um passeio a qualquer lugar que precise ir.

Mas o lobo francês deu um passo atrás.

— Não. Se eu voltar com seu cheiro, ele me matará.

— Mas não se cheirar a mim, — disse Arthur.

Anna não o tinha ouvido, mas nenhum dos outros lobos estava surpreso.

— Percebi que você se machucou pelo caminho, — continuou Arthur, percorrendo com o olhar a rua que corria depois do acesso. Ele fez um som suave entre seus dentes. — Que vergonha, Jean, não cuidar melhor de seus lobos. — Ele olhou ao Charles. — Quando terminar com ele, Jean estará tão enfurecido comigo que se esquecerá de machucar Michel.

— Ele odeia você também. — Michel advertiu, embora a aceitação do plano fosse evidente em seu rosto.

— Sempre o fez. Não o temo — disse Arthur. E ninguém disse que sabiam que era uma mentira. Até Anna poderia dizer que ele tinha medo.

Ele olhou para Charles.

— Vá para seu hotel. Alimentá-lo-ei com algo que o ajude a curar-se. Depois o enviarei de volta.

Com uma inclinação de cabeça bem definida, Charles rodeou o carro para o lado do passageiro. Anna abriu sua porta, depois disse para eles: — Dizem que o Rei Artur era um homem valente também.

Ele tinha medo, mas se encarregou do mais débil, menos dominante lobo, se bem que Michel era um Alfa em seu direito.

— É um bom homem, nosso Arthur, — disse Charles brandamente, enquanto ela deu ré na rua. — Até se ele for um muito louco homem do norte-noroeste. Ao menos o vento é usualmente do sul.

— Shakespeare. — Ela atirou dentro, então ele soube que ela reconheceu sua alusão. — Não acredita que ele seja Arthur?

Ele sorriu um pouco.

—A maior parte dos velhos lobos está louca por algo. Para nosso monarca britânico, ele é o Rei Artur. Uma loucura relativamente benigna. Prefiro-o muito mais que a Chastel.

— Arthur não é tão velho como você. — ela estava segura disso.

— Não. Mas ele é o suficientemente velho.

Ela não fez beicinho. Anna sugou seu lábio inferior, cruzou as pernas e mexeu os dedos dos pés. Ela tinha concordado em esperar em alguma parte segura, durante as reuniões seguintes. Charles não quis arriscar-se a mandá-la para fora por conta própria, outra vez, e ela não quis arriscar a vida de alguém. Tom estava melhor, mas ainda rígido e zangado esta manhã, e Moira ainda estava dormindo, completamente exausta, quando Anna averiguou-os.

Ela havia tentado sentar-se ao lado de Charles e relaxar, mas havia tantos desconhecidos que cravavam os olhos nela... Estava protegida por Angus, que a levou aos escritórios, um piso acima do auditório. Ele a tinha feito passar ao seu santuário privado, depois tinha fechado a porta dando-lhe instruções de trancá-la. Trancada, o aço da porta provavelmente não manteria fora um homem lobo decidido, mas lhe daria tempo de usar o telefone celular e chamar auxílio.

O escritório de Angus estava muito distante de uma prisão. Havia uma TV e um sofá além da escrivaninha e uma poltrona ridiculamente luxuosa. Havia revistas e ela trouxera um livro para ler.

Então por que não estaria sentada na cadeira de couro muito confortável de Angus ao invés de fazer beicinho? Não havia nenhuma razão absolutamente.

Alguém bateu na porta.

— Quem está aí? — Ela perguntou.

— Angus. Tenho um convidado para você. Ric, o Ômega italiano.

Ela tirou o ferrolho da porta e abriu-a de repente com um pequeno som explosivo a respeito de seis polegadas. Uma cabeça loira com uma barba abruptamente vermelha se inseriu na abertura estreita.

— Disposto. Seu entretenimento está aqui. — Ele se esgueirou para o aposento e fechou a porta atrás de si. — Manso e seguro. — Seu sotaque tanto podia soar como da Grã-Bretanha quanto da Alemanha.

— Francamente, — disse, — mesmo que tivesse que dar as boas-vindas a uma alcateia de vilões que viessem me rasgar em pedacinhos, estaria aborrecida aqui dentro.

— OH destino, não sou um vilão, — ele disse grandiosamente, pilhando um molho de frutas secos da tigela no escritório de Angus. — Mas posso fingir se você quiser. — Ele rebolou suas

sobrancelhas nela. — Seu companheiro decidiu que meus amigos italianos e alemães decidiriam um pouco melhor sem a minha presença. Embora ele não tenha dito precisamente isso. — Ele sorriu abertamente para ela. — Acredito que o total de suas palavras foram: “Ômega. Vá”. Angus decidiu que ele quis dizer aqui. — Ele inclinou sua cabeça para o lado como se isso lhe desse uma vista diferente à sua. — É a primeira Ômega que já conheci.

— Igual a mim. — Anna acordou. — Pensei que era alemão?

Ele negou com a cabeça e passeou descansadamente por cima da janela.

— Austríaco.

Sua escolha de unir-se aos italianos repentinamente teve muito mais sentido. Ele devia ter lido os pensamentos no rosto de Anna, já que riu.

— Sim, os italianos são bastante mais vivazes e alegres que os alemães. Até os homens lobos. — Ele pensou a respeito disso um segundo, logo adicionou—, Talvez especialmente os homens lobos.

— Por que os austríacos não quiseram você? — Ela perguntou.

Seu rosto ficou sóbrio.

— Não há mais nenhuma alcateia austríaca agora. Havia só dois bandos, mas quatro anos atrás Chastel estava aborrecido e caçou a ambos os Alfas. Ele... — O outro lobo aspirou um fôlego afiado. — Mas essa não é uma conversa para hoje. Então devo ser italiano ou alemão. E escolho italiano. Meu Alfa diz que se eles tivessem sabido o muito que eu falava, os Alemães seriam felizes por isso.

— Seu Inglês é muito bom. — Anna se recostou abaixo na cadeira de Angus. Deu voltas então poderia seguir a pista à exploração do Ric do quarto sem caminhar com passos largos e lentos ao lado dele.

Ele voltou às costas à janela para poder olhá-la, ou ela olhar para ele.

Pôs ambas as mãos no peito em um gesto flamejante que parecia muito italiano para a ela, apesar dela não conhecer muitos.

— Sou um intelectual — ele disse. — Fiz mais de um doutorado em psicologia antes de minha mudança. Posso falar inglês, e muito melhor o italiano. Meu amigo francês disse que eu estou sendo modesto quando digo que posso falar muito pouco de francês. — Ele estava sentado sobre o batente da janela, que não suficientemente largo para fazer um bom assento. — Meu Alfa diz que você não é uma loba há muito tempo.

— Três anos.

— Há dois anos e seis meses mais do que eu. Então pode me dizer exatamente o que é uma

Ômega, algo que meus rapazes realmente ainda não conseguiram explicar satisfatoriamente. Eu gostaria de saber algo mais que “nos faz feliz”, que é a melhor explicação até agora. Meus fãs me dizem que isso é bom, não? Minha alcateia de lobos, machos em sua maior parte, me dizem coisas assim e não me soa muito bem. “Traz-nos alegria” é ainda pior, então deixei de perguntar. Preciso saber mais, sim?

Seu olhar atormentado era tão exagerado que não poderia evitar rir.

— Desconcertante. — Ela tratou de imaginar o que faria Charles se outro homem chegasse à altura dele e dissesse: “Você me traz alegria”.

— Não sei muito, — ela confessou. — Meu professor é um homem que foi casado com uma Ômega por um par de séculos antes que ela morresse. O problema é que não há muitos de nós. Somos tão estranhos na população humana, mas raramente mudamos. — *Sunny*, ela pensou, *poderia ser uma Ômega humana...* Ou talvez apenas muito submissa. — Mesmo os homens lobos enfurecidos raramente atacam os humanos Ômega, e entendo que ainda que a Ômega desejasse ser transformada seria difícil de encontrar um lobo disposto a fazê-lo.

— Então entendo, — ele disse. — Tive um acidente de esqui e fui afortunado pelo homem que me encontrou, um amigo e membro da patrulha de esqui, ser um homem lobo, um segredo que ele tinha guardado por todo o tempo de nossa amizade. Estava morrendo e ele me mudou para me salvar. — Deu a ela um sorriso premente. — Eu pensei que era porque fomos amigos, mas ele disse ao seu Alfa que era porque ele sabia que eu era um Ômega e seria um tesouro para sua alcateia, e o Alfa aceitou isso como a verdade e não o disciplinaram por me transformar sem permissão.

— É ele ainda seu amigo?

Ele suspirou e se balançou de volta, o movimento fazendo sua cabeça golpear a janela com um golpe suave.

— Sim.

— Então talvez só tenha dito ao Alfa a verdade que ele necessitava. Uma pessoa muito frequentemente tem mais de uma razão para fazer algo, em particular algo tão... grande como transformar um humano mortal em um lobo imortal.

Algo em seu rosto se suavizou, e ele inclinou a cabeça uma vez.

— Nem mais nem menos. Não tinha pensado dessa maneira. — Deu a ela um olhar rápido por debaixo de suas pestanas. — Verdadeiramente, não tinha notado que me incomodou tanto assim até que falei contigo. Como foi sua transformação?

Ela apartou o olhar.

— Sinto muito, — ele disse, e repentinamente se aproximou mais.

Ele tinha abandonado seu assento na janela e se curvado acima da escrivaninha. Pela velocidade da mudança de posição, ele devia ter saltado de lá.

— Foi algo mau? — Ele disse calmamente. — Não tem que me contar sobre isso. — Ele se reacomodou, deslizando uma perna sob a outra assim ele descansava sobre um quadril. — Para muitos não é algo que se importem em discutir.

— Um lobo louco pode atacar qualquer um, — disse roucamente.

Se ela fechasse os olhos, sabia que veria a cara de Justin, então os deixou abertos. — A companheira de um Alfa estava perdendo o juízo e ele pensou que uma Ômega a ajudaria a manter o controle. Então ele me encontrou. Ele não podia forçar-se a me machucar, entretanto, ele tomou um lobo que estava louco no sangue, louco na lua, e o enviou por mim. — E ele a tinha caçado e a brutalizado mais tempo do que era necessário para a mudança. — Não penso que fui a primeira em que ele tinha provado. Mas com outros falhou, eles morreram.

Ele sustentou seus olhos, ou tentou.

— Um diamante bruto.

Ela encolheu os ombros com indiferença sem esperar que ele acreditasse. Mas não queria chorar em seu ombro. Embora suspeitasse que ele não teria se importado, mas Charles o faria. Ela sorriu, e foi genuína.

— As coisas estão bem melhores agora. Charles veio como um cavaleiro branco e me resgatou.

Ele devolveu seu sorriso.

— Conheci Charles. Um cavaleiro branco muito horripilante.

Ela inclinou a cabeça.

— Sim. Mas isso era exatamente o que eu necessitava. Então quer saber mais a respeito de ser um Ômega?

— Sim, um pouco. Percebo que estou ao final da alcateia, mas como é que sou diferente dos lobos submissos?

— Disseram-lhe que estava no fundo?

Ele recostou o queixo na perna direita.

— Não exatamente.

— Bem, — ela disse. — Porque não está. Está fora da estrutura da alcateia. É o único que pode desafiar o Alfa. — Ela vacilou. — Isso não quer dizer que ele te deixará evadir da

responsabilidade... Mas um lobo submisso é muito menos dominante que o alfa, e teria problema em lhe enfrentar. A maioria dos homens lobos têm um... — Ela lutou por encontrar uma explicação exata, logo optou por não preocupar-se com ela. Ele era um homem lobo, ele entenderia. — Um instinto que lhes diz se for um lobo dominante para eles ou não. Se o instinto não lhes disser imediatamente... Pois bem, usualmente resolvem com golpes.

— Isso eu sei. - ele disse.

— Bem, então. Isso é algo que a falta em nós. Digo, ainda posso dizer, inclusive com humanos, quem está no comando e quem não está. Mas não tem nada para fazer com sua relação comigo.

— Certo, — ele disse sacudindo com força sua cabeça acima e batendo na mesa. — Pensei que havia algo errado comigo, porque não me sentia assim. Sem necessidade de baixar meus olhos ou inclinar de modo respeitoso minha cabeça.

— Provavelmente nem sequer ocorreu a eles dizer isso. — Anna disse.—E... entretanto é mais seguro baixar o olhar ao redor dos lobos mais dominantes.

Ele tomou um fôlego profundo e se inclinou para frente.

— Pensei que tinham problemas machucando alguém como você e eu.

Anna recuou.

— Yeah, bem, sempre há os loucos.

— Isaac, meu Alfa, disse-me que houve um problema ontem. Vi-o, mas não pude decifrar por mim mesmo. Ele diz que algo te assustou, e cada lobo no quarto estava preparado para te defender, e todos estavam olhando os lobos do lado deles para ver quem era o problema. Isso tem a ver com ser um Ômega, também?

Anna suspirou.

— Conte-te algo sobre minha primeira alcateia, eles me deixaram com alguns assuntos. Muitos lobos dominantes, e me converti em uma galinha. O que sabe a respeito da diferença entre os lobos dominantes e os submissos?

Ele se encolheu de ombros.

— Não me dizem nada. Estes lobos não falam muito. Eu falo todo o tempo. Talvez você já tenha percebido. Como podemos solucionar as coisas se não falarmos? Falar é útil. Embora observar também seja. Os lobos dominantes brigam com cada um e se encarregam dos lobos submissos. Os submissos não são ameaça. Necessitam de disciplina no entanto, uma palmada na cabeça. Um toque reconfortante é fundamental para eles.

— Para explicar de forma simplificada, — disse Anna. — os lobos dominantes, — ela fez

mais funda sua voz para um barítono passável, mas ela realmente não podia obter o acento de Asil. — Seus instintos dizem-lhes que protejam com violência e controlem seu ambiente. Estão preparados para matar. Para os lobos mais dominantes, o mais rápido é matar. Os lobos menos dominantes cedem à autoridade para proteger o lobo mais dominante. Um Alfa é o último fenômeno de controle, em condição de matar alguém que ameace a sua alcateia. Ele protege o mais fraco do forte e não é desafiado em sua vontade. Há outras coisas, outras coisas mágicas, mas essa é a essência do assunto.

— Sim, — ele disse. — Vi isso.

— Os lobos submissos são os lobos mais amáveis, mais suaves. Perdem o instinto aniquilador. Isso não quer dizer que não matarão sob as circunstâncias corretas, simplesmente que não é sua primeira resposta para cada problema. Não precisam controlar todo mundo ao redor deles. Com um lobo submisso, um lobo dominante relaxará porque o lobo inferior não é ameaça.

— Bem. Sim.

— Um lobo Ômega é um lobo Alfa extremamente zen.

Fez uma pequena pausa enquanto ele absorvia isso. Ela agarrou um punhado de frutos secos e tirou um montão de castanhas do Pará e um amendoim. Angus, evidentemente, não gostava dessas castanhas.

Finalmente, Ric disse lentamente.

— Um Alfa é o lobo mais dominante da alcateia, o mais propenso à violência.

Anna inclinou a cabeça.

— Ninguém bobeia com ele, e seu trabalho é proteger a alcateia. Ninguém vacila com os Ôegas tampouco, e nosso trabalho é proteger nossas alcateias, até deles mesmos. O zen em parte é porque não temos que matar alguém para conseguir o que almejamos.

— Alfa, — ele disse outra vez, acostumando-se a isso. E houve uma punção pequena atrás disso. Fúria inclusa.

— Alfa, — disse Anna, comendo algumas nozes. Não desprezou as castanhas do Pará, embora preferisse as amêndoas. — Tirando a maior parte das coisas difíceis, e nossa magia é diferente. Com nossa magia, fazemos a alcateia feliz.

Ric sorriu abertamente para ela.

Evidentemente ele podia guardar silêncio também, porque inclinou a cabeça para o céu raso e pensou por aproximadamente dez minutos, o suficientemente para que Anna tivesse tempo de reconsiderar o que havia dito a ele. Ela não tinha estado atuando como uma Alfa zen; Ela tinha estado atuando como uma loba submissa... Não, porque um lobo submisso normalmente punha seu rabo entre as patas ao primeiro sinal de um dominante. Ela tinha matado um vampiro. Ela havia

matado uma bruxa tão horripilante que tinha afugentado Asil de sua casa e o mantido fugindo por duzentos anos. Asil o mouro, cujo nome era sussurrado com temor (ou, algumas vezes com grunhidos) em qualquer lugar que ele fora.

— Anna, — ele disse, a fim de contas.

— Sim?

— Eu gostaria de ensinar à minha alcateia esta tua verdade. Que não sou um menino, um brinquedo que podem encontrar conveniente. Um lobo super submisso, sim? Devem ver-me como o lobo zen que eu sou.

O lobo zen. Isso tinha um maior apelo que Ômega.

— E como decidiste fazê-lo?

Ele sorriu, seu rosto iluminado com travessura.

— Tenho uma ideia. Esta noite há um festim, sim? E depois disso, uma caçada. Alguém que não seja um lobo submisso pode unir-se à caçada. Essa exceção é para seu amparo, com tantos dominantes ao redor. Alguém. Penso que eu deveria caçar.

Charles estava mais cômodo consigo mesmo ou, se isso fosse impossível, com sua alcateia em estado selvagem. Falar por horas e horas em um auditório abarrotado não estava em qualquer lista de coisas que ele desfrutava, ou das coisas nas que ele era hábil. Ao menos ninguém havia morrido. Ainda.

Os alemães se aplacaram logo que o Ômega dos italianos tinha saído com uma impetuosa dignidade ofendida. Os italianos, por sua parte, fizeram um bom trabalho em encobrir seu regozijo e trabalharam sério. Os entendimentos foram elaborados duramente.

Às duas da tarde, Charles e os delegados finlandeses encerraram a complicação de um conjunto de futuros assuntos confusos, por problemas de tradução. Eles clamavam não ter alguém que falasse inglês. Ele próprio não falava finlandês. Então traduziram através de um lobo norueguês que falava finlandês e espanhol, e um espanhol que falava inglês. Ele suspeitava que fosse um estratagema para ganhar tempo para pensar, e ele não tinha objeções.

Ele concedeu um empréstimo sem juros para os finlandeses usarem em publicidade positiva, amparada pelo braço caridoso da companhia do Marrok. Embora Charles se encarregasse da distribuição e esperasse ver resultados do dinheiro, continuava sendo um bom negócio.

Os finlandeses não foram os únicos a sorrirem quando chegaram ao final. Todo mundo tinha estado seguindo de perto as negociações, muitos deles fazendo apontamentos, quando finalmente decidiu-se acreditar que o Marrok não pretendia deixá-los a seco e estava disposto a assinar acordos, contratos legais que poderiam ser levados aos tribunais assim como quaisquer outros - um benefício que nenhum deles tinha até então. Gradualmente, conforme o dia progredia, um espírito de otimismo cauteloso começou a se propagar através dos lobos.

— Estamos de acordo? — Charles perguntou ao homem que estava atuando quando os finlandeses levavam a dianteira.

Quando a tradução ultrapassou as barreiras idiomáticas e os finlandeses começaram a inclinar a cabeça, Jean Chastel ficou em pé, e disse:

— Não.

O francês esperou até que o finlandês, que tinha parado na metade das negociações, lentamente se sentasse antes de continuar.

— Não aceitaremos dinheiro como indenização para esta traição a todos os tratados com o Marrok no qual ele acordou manter o nariz fora dos nossos negócios.

E estaria maldito se ele não abria a malaleta escorregadia amontoadada de papéis, e pergaminhos que pareciam mais velhos que Chastel, e poderiam ser suficientemente antigos para

ter cheiro de pó em vez de cordeiro.

— Não necessitamos o dinheiro do Marrok. Não estamos sob seu “amparo”. Ele não tem jurisdição em nossos territórios.

Houve um triunfo sombrio na cara de Chastel. Os lobos franceses, incluindo Michel, com machucados e tudo, viram-se impossivelmente solidários. Não tinham alternativa.

A quietude se assentou sobre o quarto, uma quietude incômoda enquanto focavam a atenção em Chastel. A Besta não poderia impedir o Marrok de revelar a existência dos lobos. Mas poderia deixá-lo sem a ajuda dos lobos europeus, e isso poderia ser desastroso para todo mundo.

Chastel podia reger o continente europeu quando ele quisesse, e o tinha marcado como seu território, deixando a Charles a escolha de manter a reclamação de Chastel ou desafiá-lo categoricamente.

— Sim, — disse Dana em uma voz maternal. — Obrigado por isso, monsieur. Você foi ouvido. — A *fae* sorriu sociavelmente ao Chastel, logo levantou seus olhos para os outros.

— Em nome da alcateia da Cidade de Esmeralda, tenho um convite para todos vocês que se congregaram em Seattle para esta convenção. Como uma parte de nossa hospitalidade, organizamos uma caçada esta noite nas terras de caça da alcateia. Não haverá sangue, o Marrok me pediu que estendesse suas desculpas. Mas desde que há mais que uma alcateia caçando, consideramos que nenhum sangue manteria baixa a ameaça de violência...

Charles não poderia estar confortável ou ser particularmente bom na arte da oratória, mas Dana era. Quando seu pai tinha pedido a ela para que moderasse, Charles tinha se preocupado porque ela não conhecia os lobos. Seu pai tinha sorrido. “Ela conhece os homens”, ele havia dito. E estava certo.

Todo mundo já tinha a informação a respeito da caçada. Ela despojava Chastel de ser o centro da atenção pública, e de seu poder, e todo mundo sabia isso. Sem ela, Chastel poderia ter assumido o controle da reunião, deixando Charles e ... Talvez, simplesmente talvez, Arthur vencer com o olhar ou retroceder e lhe deixar correr com isso.

E se o tinham desafiado e o matassem, Dana estaria obrigada pela honra a destruí-los. Ele não estava seguro de que ela poderia dirigir isso, não se ele e Arthur trabalhassem ombro a ombro.

Mas ele não sabia se ele e Arthur iriam trabalhar em conjunto; Arthur poderia ser muito difícil de prever.

E nada disso teria funcionado se ela já não tivesse provado por si mesma ser mais poderosa que Chastel ante todos eles. O francês deixou-a assumir o controle porque tinha medo de desafiá-la. E como ela deu a informação que todo mundo já tinha, já que Charles enviara por correio eletrônico a todos eles os detalhes da caçada na semana anterior, cada lobo no quarto entendeu o

que ela estava fazendo.

Chastel ficou em pé e saiu violentamente do quarto, deixando atrás seus papéis. Angus chegou a um degrau ao lado e bloqueou a porta.

Foi uma coisa temerária para fazer. Se Chastel escolhesse não recordar que Angus estava sob o amparo do Marrok, a vida de Angus poderia terminar. E talvez, simplesmente talvez, ele contasse com isso. Se Chastel derramasse o primeiro sangue... Mas o francês sustentou seu temperamento. Simplesmente.

— Senhora? — Angus disse reservadamente.

A Besta volteou sua cabeça para a *fae*.

— Necessito ar fresco. Algo fede aqui dentro.

O sorriso de Dana foi uma arma, mesmo que suave.

— Com tudo o que implica. — ela disse. — Vá.

Angus moveu-se para o lado e abriu a porta.

E a Besta se retirou. Mas ele se retirou triunfante. Nenhum dos lobos estrangeiros desafiaria o direito de Chastel tomar a decisão por eles. E quando o Marrok revelasse os homens lobos à luz pública, na Europa, então, também fracassaria o intento de persuadir à população humana de que os homens lobos não eram uma ameaça, e isso refletiria no território do Marrok.

Charles não podia mudar isso, mas perguntava-se se as coisas teriam sido diferentes caso seu pai estivesse aqui.

Angus tinha mais de cem canais em sua TV: Canais esportivos, canais de notícias, canais de comédia, os canais de desenhos animados, canais de ciência, e ao redor de cinquenta canais de compras. A única coisa que tanto Anna como Ric puderam aguentar ver foi a maratona do South Park.

Os meninos estavam sendo perseguidos pelo Nazgûls de quinto grau, e a estação mudou para os anúncios publicitários de produtos de realce masculino.

— Então, — Anna disse distraído-se do sorriso absurdo na cara do homem na TV, — Pensa que te introduzir a caçada será útil como?

O homem deve ter incomodado Ric também, porque ele saltou de susto no sofá e desligou a televisão antes de voltar para a escrivaninha.

— Não penso que meu Alfa entenda a diferença entre um Ômega e um submisso. Agora que

eu entendo, gostaria que ele também entendesse. Penso que a caçada ajudará, um jogo no qual eu posso confrontar os dominantes impunemente.

— Pensa que funcionará? Charles simplesmente me estrangularia e me tiraria de seu sofrimento.

Ele se reclinou e gesticulou com as mãos.

— Olá, psicólogo, sim? Ou quase. É obvio que não sei. Acredito que ajudará, e penso que participar da caçada te ajudará com esse assunto que tem com os lobos dominantes.

— Como jogar o menino que teme a água em uma piscina, para afundar ou nadar?

Ele sorriu abertamente.

— Não tão ruim como isso. Penso que se tiver algo a fazer, alguma tarefa, como encontrar o prêmio que a senhora *fae* e Angus esconderam nas terras de caça da alcateia, penso não estará tão assustada. E se não tem medo, não a apertarão. E quando tiver um momento para preocupar-se com eles... — ele estalou seus dedos, — terão lhe rodeando, estarão caçando contigo, e parecerá absurdo estar assustada.

Ela o olhou. Charles tinha sugerido algo semelhante, ela recordou. Embora ele de fato não tivesse pretendido que ela participasse.

— O oceano. É como jogar em um menino de dois anos no oceano. Com tubarões.

Ele riu.

— Olhe. Não sou um lobo há muito tempo, mas observo. Meu mentor na universidade diz que sou um gênio. Dar-te-ei seu número, e ele te dirá isso. — Ele fez uma pausa, e expressou com um sorriso um pouco autoconsciente. — É obvio que ele também dirá que morri tragicamente em um acidente de esqui. De qualquer maneira, significa que você deveria me escutar.

— Nós lobos somos mais resistentes que quando humanos. O lobo está todo tempo no presente, não se preocupa muito pelo passado ou o futuro. Sua loba te liberará do medo se ela puder. A caçada dará a ajuda que necessita. Finalmente ficará melhor porque ela te ajudará.

— A menos que faça com que me matem. — Anna disse.

— Nenhum sangue, — Ric disse. — Está nas regras. Viu a forma em que a fada fez à Besta calar-se ontem, ou isso foi depois que se foi?

— Antes, — Anna disse. — E elas preferem que as chame *fae*. Uma fada é uma classe específica de *fae* cuja forma real tem ao redor de doze polegadas de altura, e estou bastante segura de que Dana não é uma dessas.

— E ela estará disponível para manter a coisa segura: Eles se conterão.

Ela sabia que Charles não ficaria feliz se ela escolhesse estar na caçada. Os acidentes ocorrem. Especialmente quando são de propósito. Charles tinha inimigos, e não lhe agradaria muito ser vingada depois de morta. Não queria entristecer Charles por sua causa.

— Olhe, — disse Ric seriamente. — Isaac, meu Alfa, estará nesta caçada, também. Penso que ele concordará em ser tanto seu guarda-costas como o meu. Ninguém mais vai trabalhar em conjunto. Pode imaginar os Alfas cooperando um com o outro? Nós três vamos esperar uma melhor oportunidade para ganhar. E nós lhe manteremos segura.

— Duas pessoas já se machucaram tentando me defender ontem, — Anna disse. — E isso foi em um passeio de compras.

— Alguém tentou te machucar?

Ela sabia que Charles tinha ligado a seu Alfa ontem à noite para lhe advertir sobre a possibilidade dos vampiros terem tentado pega-la porque era uma Ômega, em vez de porque ela era a companheira de Charles. Aparentemente ele tinha optado por não compartilhar a informação.

— Deveria ter sido informado, — ela disse, e logo se encarregou de fazê-lo.

— Somos considerados tão frágeis, — Ric disse com desagrado, quando ela terminou. Tinham devorado um grande número de castanhas, tinham comido o almoço entregue por dois lobos de Angus, depois encontraram um contrabando secreto. Ric procurou e encontrou dois pedaços de damasco seco. Logo os lançou para o ar, apanhando-os com a boca na queda em dois estalos rápidos. — Talvez não sejam somente meus lobos que necessitam ser esclarecidos, mas todos os outros também. Este mundo não é seguro se parecemos débeis. Isso faz com que sejamos considerados presas.

— Se seu Alfa não a visse como uma espécie muito submissa, ele teria te contado sobre o ataque dos vampiros, e você estaria alerta sobre o perigo. — Anna estava de acordo.

Lançou a ela um par de batatas fritas, e ela as agarrou com força no ar sem suas mãos também.

Ele a saudou.

— Entretanto, imagine, penso que é uma merda essa forma de proteger alguém, mesmo se fôssemos submissos. Eles não são meninos... São homens lobo. — Ele fechou seus olhos, lançou um mirtilo vermelho e azedo no ar, e o comeu na queda. — Diz que somos como lobos submissos que não obedecem. Pergunto-me se há lobos dominantes que não protegem?

— Sim.

Anna olhou para cima, mas Ric teve que girar-se completamente para ver o Chastel parado na porta.

— Chamam-nos bestas. — Sorriu a Anna, seus olhos estavam famintos. — Te dou medo,

pequena?

Ric poderia perfeitamente não estar ali, pelo caso que Chastel lhe fez. Estava completamente focado em Anna, seus olhos largos e de ouro. Um rubor apenas perceptível sobre suas maçãs do rosto disse a ela que estava excitado, ele se parecia com Justin, o lobo que a tinha transformado, ele parecia assim antes de... Ela tragou esse pensamento. Este homem andava procurando uma presa. E ela não seria sua vítima. De ninguém. Nunca mais.

Ela chamou sua loba, não tanto para iniciar a mudança quanto para pedir emprestada a coragem do lobo e senti-la em seus ossos. Quando esteve segura de que seus joelhos não tremiam, ficou em pé enquanto o silêncio ganhava peso como uma tormenta formando-se. Ela demorou tomou a responder, ele ostentava a paciência de um bom caçador.

— Você é que deveria ter medo, — ela disse finalmente, deixando sua voz prática levar a mensagem que ela queria dar: não tinha medo dele. Porque ele dava medo, e não podia negar porque ele sabia. Mas podia distorcer a verdade e fazer que funcionasse. — Se você me tocar, Charles o caçará e comerá suas vísceras enquanto ainda estiver vivo para gritar. — Ela entregou-se à atuação e deixou a boca abrir-se—. Estarei encantada de observar. — Ela passou a língua nos lábios.

O sorriso desapareceu do rosto dele, e ele grunhiu.

Ela não era indefesa, não como fora em Chicago quando Justin a caçava, ou mais tarde, quando a alcateia o ajudava a dobrá-la a sua vontade. Aqui, a única outra pessoa no quarto era Ric e ele a ajudaria. Chastel poderia ser melhor que ela, provavelmente melhor que ambos juntos. Mas ela se asseguraria de que ele ficasse ferido e depois Charles o mataria. Sua loba aprovava isso, e seu medo foi diminuindo, deixando-a balançando-se ligeiramente sobre seus pés e pronta para sangue e morte.

Só existia o agora, entre este fôlego e o seguinte, e isso não deixava nenhum tempo para o medo.

— Sua vampira foi adorável. Ela morreu muito rápido. — Anna imitou o movimento que tinha usado para romper o pescoço da mulher. — Espero que você faça um trabalho melhor.

— Minha vampira? — Ele descartou suas palavras com uma mão impaciente. — Você é tola e seu companheiro um vândalo, carente de inteligência. Nada menos que o cão mulherengo do pai, que comanda os estratagemas e as matanças.

Ela deixou seu sorriso florescer.

— Isso é o que você pensa? O tolo é você.

Com a mão que o francês não podia ver, Ric gesticulou agudamente, para que ela parasse de provocar a Besta. Ela sabia que era estúpido, mas Ric não sabia que a alternativa era acovardar-se num canto. Então ela o provocava.

— *Salope*, — Chastel grunhiu.

Ela conhecia algo de francês.

— Obrigada.

E repentinamente, porque ela nem tinha visto nem tinha ouvido, Charles estava ali, parado diretamente atrás de Chastel.

— Tenha cuidado com quem chama de cadela, Jean, *mon cher*, — ele disse em uma voz que era muito calma para ser confiável. — Alguém poderia pensar que foi um insulto.

Chastel se virou, dando as costas para Anna para confrontar o perigo maior.

— Ah, ei-lo aqui. Sua mulher disse que você me caçará e comerá minhas vísceras enquanto eu ainda estiver vivo.

— Falou isso? — Charles a olhou, e ela viu a aprovação em seu rosto. Ela duvidou que qualquer outro tivesse lido algo absolutamente. Sua voz foi uma carícia, simplesmente para ela. — Você gostaria disso, amor?

Ela pôs suas mãos embaixo do queixo na melhor pose de estrela de cinema mudo.

— Só se puder observar.

Charles riu e, ao final do som, rodeou Chastel, usando o movimento para colocar-se entre o francês e Anna, e ele não ria em absoluto.

—Vá.

Ela não podia ver o rosto de seu companheiro, mas viu a expressão de desgosto de Chastel e ele baixar os olhos. Seus punhos se fecharam, mas isso não o impediu de dar um passo atrás. Com um xingamento baixo, ele se virou e foi embora.

Charles inclinou a cabeça, obviamente escutando Chastel sair.

— Enquanto ainda está vivo? — Ele disse.

— As mulheres são sedentas de sangue, — disse Ric tristemente. — Nós carregamos a reputação, mas isso só porque as mulheres ficam atrás de nós, e dizem: “mata isso”, “Esmaga aquilo”.

Anna pensou que era hora das apresentações formais.

— Charles, este é Ric, sinto muito, não gravei seu sobrenome.

Ric saltou fora da mesa do escritório, onde tinha estado curvado em posição de saltar ao

ataque se precisasse, e estendeu sua mão.

— Postinger. Heinrich Postinger.

Charles sacudiu sua mão.

— Sou Charles Cornick.

Ric olhou para Anna.

— Seu desafio foi admirável, mas não o mais brilhante que já vi alguém fazer. Ele agora vai atrás de você. Ele deve fazê-lo.

— Ric é um psicólogo, — Anna esclareceu.

— Ele ia atrás dela sem importar o que ela fizesse. — disse Charles.

Anna sorriu abertamente.

— Há certa satisfação em saber que mereço isso, entende? É melhor que pensar que ele virá por mim porque corri como uma galinha.

Charles a beijou.

— Sim, — ele disse, arrastando sua boca. — Está tudo bem, certo? Tenho que voltar... Todos ainda estão no auditório, a minha espera. Poderia, por favor, *trancar a porta dessa vez?* Não é bom deixá-la aberta para qualquer um entrar, Mulher Que Não É Uma Galinha.

— É claro. — E com uma corrente de confiança, ela ficou nas pontas dos pés e beijou-lhe o queixo, o qual foi tão alto como ela poderia alcançar. Ele não a ajudou, mas seus olhos sorriam quando ela terminou.

— Bem, — ele disse, embora não estava claro se foi pelo beijo ou por seu acordo de fechar a porta.

Ele tinha alcançado a porta quando ela se lembrou de que havia algo que ele devia saber.

— Ele não sabia nada a respeito dos vampiros. — Quando Charles voltou a olhar para ela, ela disse, — contei que matei um dos vampiros, e ele não tinha ideia do que eu estava falando.

— Chastel nunca foi um bom suspeito de contratar Vampiros, — Charles disse. — Mas é bom saber com segurança.

Ele sorriu. Depois se despediu de Ric e saiu, fechando a porta atrás de si. Ela esperou um momento.

— Anna. — A voz exasperada de Charles soou através da porta de metal.

Ela sorriu abertamente para Ric e passou a chave. Charles golpeou ligeiramente a porta e saiu. Ela não podia ouvi-lo, mas podia senti-lo se movendo mais adiante.

Havia se sentido bem ao defender-se de Chastel, mesmo que só com palavras. Estava cansada de ter medo da própria sombra e por um breve instante não temera absolutamente. Gostara disso.

Com a *fae* fiscalizando a caçada, sem mencionar ao Charles observando - ele não se uniria à caçada; já que, como Angus, era um dos anfitriões -, estaria segura mesmo rodeada de Alfas.

Ela recorreu a Ric. — Se seu Alfa concordar em agir como guarda-costas, eu gostaria de me unir à caçada esta noite.

Ele inclinou a cabeça.

— Vou perguntar a ele.

Sunny franziu o cenho para a unha que tinha quebrado quando tomara o elevador até a garagem do estacionamento. Arthur estava preso às funções de homem lobo esta noite, então ela havia aproveitado a oportunidade para jantar com algumas amigas. Ela não tinha nenhuma amiga próxima, era difícil não poder explicar que a razão pela qual seu marido parecia tão jovem era ser um homem lobo. E os amigos que alguém tem por muito tempo tendem a reparar no não envelhecimento de um marido. Então ela tinha condomínios em cidades diversas e depois de viver em um lugar por cerca de uma década, ela se movia para outra parte onde ninguém a conhecia. Escrevia cartas ou correios eletrônicos por alguns meses, logo deixava que a amizade se distanciasse.

Estas eram mulheres que tinha conhecido há uns dois anos, amigas informais que gostavam de sair sem o marido ou namorado de vez em quando e falavam de assuntos femininos. Ela as tinha conhecido no ginásio, e não compartilharam interesses reais, mas eram inteligentes, divertidas e era fácil falar com elas a um nível superficial. Faziam-na sentir-se conectada, não tão sozinha.

Ela as tinha deixado antes da sobremesa, entretanto, porque não confiava em si mesma em não ceder. O restaurante que tinham escolhido era famoso por seu bolo de queijo exótico. Ela não tinha mantido a linha permitindo-se provar comida que poderia gostar muito, e tinha notado que começava a escurecer. Arthur não gostava quando ela ficava fora até muito tarde, preocupava-se com ela.

O elevador se abriu no piso de seu carro. A luz ao lado do elevador estava apagada. Ela se apressou através da escuridão até a seguinte luz, então se sentiu enjoada pela ansiedade. Alguém do outro lado da garagem discutia com a namorada. Nenhum deles estava muito alterado. Provavelmente a estimulação sexual que precede ao coito, ela pensou. Ela e Arthur faziam o mesmo, e reconheceu o tom. Ela olhou, mas não pôde ver o casal porque um SUV ficou no meio. Antes que tivesse uma vista clara, o barulho de portas fechando recortou o som da rixa. Um motor

de carro foi ligado e um Porsche prata passou, suas luzes momentaneamente cegando-a.

Ela deixou cair as chaves e começou a ajoelhar-se para pegá-las. A mão de alguém estava ali primeiro.

— Me permita. — O homem era mais alto que seu Arthur, entretanto não tão largo de ombros. Por um minuto ela se preocupou, como faria qualquer mulher só em um estacionamento com um desconhecido. Mas então ela viu o corte de seu casaco: Os vândalos não usavam casacos caros e camisas de linho brancas.

— Obrigada, — ela disse, pegando as chaves da mão enluvada em couro.

— Nenhum problema, — ele disse—. Você me perdoará a pergunta... Mas o que faz uma mulher preciosa como você aqui fora sozinha?

Uma parte dela se envaideceu com a óbvia admiração, sabia que seu envelhecimento angustiava Arthur.

A avaliação honesta nos olhos de um homem de aparência agradável apaziguou uma ferida crescente em seu coração. Este homem era alguns anos mais velho que ela, e suas maneiras eram galantes.

— Jantava com amigas, — lhe disse. — Meu marido está me esperando.

— Ah. — ele abriu seus dedos como se sustentasse algo precioso que tinha que deixar ir. Foi tão habilidosamente feito, que ela estava segura de que ele tinha que ser um ator ou talvez um bailarino. — Deveria saber que uma mulher tão preciosa não estaria livre... Mas um homem vive de esperanças. Seu acento é encantador, você é britânica?

— Sim. E também meu marido. Obrigado pelas chaves e pelo elogio. — Ela sorriu-lhe e foi para seu carro com passos enérgicos que davam a entender que embora apreciasse sua admiração, ela não estava disponível.

O sorriso em seu rosto esquentou um pouco mal deu as costas a ele. Ela abriu a porta do carro, e uma mão se fechou ao redor de sua boca.

— Me perdoe o pequeno flerte inofensivo, — ele disse em sua orelha. — Me pareceu ser uma amabilidade. Lamento que sua morte não será tão amável. Meu empregador me falhou, então não tenho que seguir suas instruções explícitas. Meus amigos estão tristes, e um pequeno jogo lhes fará sentir um tanto melhor.

Ela gritou, mas o ruído apenas perceptível sob a mão dele não foi longe. Com a mão livre ele acariciou o rosto dela, enquanto sussurrava, seu fôlego com cheiro de hortelã.

— Assegurar-me-ei de que seu marido saiba que não paquerou comigo. Que foi fiel até a morte. Acredita que isso o confortará?

Ele era forte. Ele controlou suas lutas sem esforço algum embora ela se exercitasse diariamente. Homem lobo. Ele devia ser um dos homens lobos.

— Venham, meus meninos — ele disse, e ela percebeu que ele não estava sozinho. Ela ouviu pessoas moverem-se atrás dela, mas só podia ver uma mulher que saltou em cima do teto do seu carro. Uma bela mulher com cabelo cor de mel preso em um rabo de cavalo.

— Podemos brincar com o jantar? — A mulher perguntou, e o terror fez os joelhos de Sunny cederem. A mulher tinha presas.

Não eram homens lobo. Vampiros.

— Vamos ver se ela é sua companheira, ou meramente sua esposa, Hannah. — Seu capturador disse.

— Isso quer dizer sim. — A voz veio de sua esquerda, mas não podia ver o homem que falou. Mas o sentiu devorar seu braço e afundar suas presas no interior de seu cotovelo.

Doeu.

As terras de caça da alcateia da Cidade Esmeralda ficavam em um distrito de armazenagem que tinha visto melhores dias. Os depósitos de água mais próximos estavam iluminados e, embora não se visse atividade, obviamente funcionava com um turno completo de pessoas. No terreno distante da água, os armazéns pareciam menos e menos prósperos.

Seguindo as coordenadas de Charles, Anna continuou acima da estrada de asfalto danificado até dois edifícios enormes rodeados por uma cerca encadeada, de doze pés de altura, hospitaleiramente finalizada com arame afiado.

A propriedade inteira aparentava não ter sofrido reparos nos últimos cinquenta anos, e nenhum dos outros armazéns nas imediações parecia ocupado. Reforçando o ar de abandono, parte do teto de metal de um dos edifícios estava faltando.

As pessoas na portaria devem ter reconhecido o carro, porque a abriram para ela entrar. Quando conduziu mais perto dos armazéns, Anna viu que os edifícios eram maiores do que à primeira vista e, quando passou entre eles, o céu noturno ficou parecendo uma estreita fita de seda sob a lua cheia, simplesmente uma lasca de prata, no céu por cima deles.

Havia trinta ou quarenta automóveis em um espaço grande o suficiente para estacionar cem. A maioria estava estacionada ao lado do armazém maior, então ela estacionou ali também.

— Está calada esta noite. — disse Charles.

Ela olhou suas mãos e as flexionou no volante, aliviando o agarre quando a roda chiou. Tinha tido a intenção de calar o assunto de unir-se à caçada, porém quanto mais o momento de

saltar e enfrentar todo mundo se aproximava, tudo isso parecia mais e mais estúpido.

—Tive uma ideia...e você não vai gostar.

Ele a olhou por muito tempo, o suficiente para que ela finalmente o enfrentasse.

— Sou dominador — ele disse, como se ela já não soubesse — e isso significa que devo cuidar daqueles que são meus. — Encontrou seu olhar fixo, sujeitou-a, lentamente percebeu que gostava que ela pudesse fazer isso. Agradou-a, também. — Você quer entrar na caçada.

—Sim.

Ela esperou que ele a proibisse categoricamente e se deu conta de que uma parte dela tinha estado contando com isso para usar como desculpa e não participar.

Em lugar disso ele simplesmente perguntou:

— Por quê?

— Porque Ric pensa que isso poderia me ajudar... — Ela deixou cair seus olhos e logo os levantou outra vez, firmando a voz. — com o medo infundado que me fez tremer em meu assento ontem, quando o auditório se encheu de Alfas... Que estavam preparados a se aniquilarem para me proteger. Fez-me sentir estúpida e débil. Estava menos assustada quando Chastel entrou no escritório de Angus e tinha bem mais razões para isso ali.

Olhos dourados relampejaram e ele disse, em voz baixa e mais áspera que seu tom usual: — É porque se opôs ao Justin uma vez, e a alcateia te apanhou e sujeitou a ele.

Anna inclinou a cabeça sacudindo-a. Não tinha sido simplesmente por Justin e não tinha sido só uma vez, e ela não estava a ponto de lhe dizer isso, com o Irmão Lobo olhando para fora através de seus olhos.

— Como pensa Ric que isto ajudará?

— Porque estarei focada na caçada. Ele pensa que minha loba me ajudará, que ela me libertará do medo.

— Ele é um psicólogo?

Ela não podia se impedir de sorrir.

— Quase, ele disse. Mas para que não se preocupe, seu mentor pensa que ele é um gênio.

— Não posso me unir à caçada, — ele disse. — Se ganhasse, seria um desastre político. Se perdesse, seria pior. Se você caçar, haverá quem resolva caça-la ao invés do prêmio. Porque é minha companheira e é uma Ômega.

— Chastel.

— Chastel não é o único inimigo que meu pai tem aqui, e eu mesmo tenho alguns.

— Na verdade eu pensei nessa possibilidade. Ric caçará esta noite. Ele vai me vigiar e pensa que seu Alfa, alguém chamado Isaac, concordará em também fazer isso.

Charles inclinou a cabeça e abriu a porta.

— Charles?

Ele se voltou.

— Posso me unir à caçada?

Suas sobrancelhas subiram.

— Isso nunca dependeu de mim. Avaliaste os benefícios e os problemas possíveis. Depende de ti... — Ele fechou a porta.

Anna tirou o cinto de segurança e saiu do carro.

— Então o que houve com “sou dominante e eu protejo os que são meus”?

Ele apoiou o quadril na frente do carro.

— Se te beneficiasse, mataria cada lobo que aqui. Mas há coisas que você precisa fazer, e interferir com isso não te protege, não em meu livro. A melhor forma de eu te proteger é encorajá-la e ser capaz de proteger a si mesma. — Deu a ela um sorriso repentino, pesaroso. — Admito que não me deixa feliz. Mas com Dana e eu observando, e entre Ric e seu Alfa, você estará tão segura quanto pode estar em uma caçada cheia de lobos dominantes. Você já matou um vampiro e uma bruxa, com pouca ajuda.

Ela endireitou os ombros como se a confiança dele lhe emprestasse coragem. Então caminhou para ele e pôs os braços ao seu redor, enterrando o rosto no calor aromático do seu peito. Ele usava uma de suas camisas favoritas de flanela sobre uma camiseta vermelha e o algodão era suave contra sua pele.

— É um homem notável, Charles Cornick.

Ele passou os braços ao redor dos ombros dela e lhe levantou o queixo.

— Sei, — ele confirmou ligeiramente. — E frequentemente pouco apreciado por aqueles que não conhecem ninguém melhor.

Ela respondeu com um golpezinho de dedo.

— Muito engraçado... Mas creio que essa seja outra faceta do seu caráter ainda menos apreciada que sua notabilidade.

— Algumas pessoas ainda não perceberam. — ele disse em uma voz triste fingida.

O aposento principal tinha um teto alto e era suficientemente espaçoso para comportar o triplo dos lobos que participariam da caçada. Os demais lobos, em forte maioria, estavam em pé sobre uma plataforma cinco metros acima. Todos permaneciam na forma humana. Uma parede do quarto estava coberta com TVs de telas.

Dana, postada no centro de uma plataforma elevada, falou.

— A regra é não haver sangue, e eu vigiarei sua observância. As paredes e os pisos destes edifícios e a terra debaixo de nós me dirão se houver sangue. Vocês começarão a caçada como humanos e só mudarão quando o sino soar. Há três bolsas de couro, escondidas vários dias atrás, cada uma contendo um presunto e em uma delas também há um anel de rubi em forma de estrela de dois quilates, fornecido pelo Marrok.

Enquanto ela falava, o último dos monitores acesos mostrava uma mão feminina com um anel em sua palma. O designer da joia era unissex, possibilitando que o anel pudesse ser usado tanto por um homem quanto por uma mulher. A pedra o valorizava. O rubi era de um vermelho semi-translúcido profundo, com uma estrela quase branca.

Era belo e indubitavelmente valioso, mas Anna estava bastante segura de que não havia ninguém parado no piso com ela que estivesse ali pelo prêmio. A caçada era tudo o que importava. Quando um Alfa tinha a oportunidade de disputar contra outros Alfas livremente sem riscos de segurança?

Angus falou enquanto o anel continuava em exibição.

— Nossas terras de caça abrangem ambos os edifícios, os quais se interconectam por túneis subterrâneos. Este edifício tem entre dois e seis andares de labirintos acima e abaixo, os outros três, quatro, e ambos têm três andares dos porões originalmente para as estruturas e dois mais abaixo. As três bolsas estão escondidas aqui, e uma contém o anel.

Anna percorreu com o olhar as pessoas ao seu redor. Chastel estava ali, e ela reconheceu Michel e vários dos lobos espanhóis que ela tinha conhecido no restaurante de andaimes. Arthur, sem embargo, estava em pé atrás da Dana, com seus lobos que haviam escolhido não caçar.

As instruções de Angus continuaram.

—Uma vez que alguém encontre uma bolsa, traga-a aqui. As regras são descobrir e proteger, não roubar. Qualquer lobo levando uma bolsa é intocável. Temos monitores, temos pessoas escondidas, e Dana deu às bolsas um pouco de magia adicional de *fae* por segurança. Quem interferir com um lobo levando uma bolsa será eliminado do jogo e a bolsa será devolvida ao

descobridor. Não poderão abri-la, Dana se assegurou disso. Quando as três bolsas estiverem aqui, soaremos um alarme que pode ser ouvido em qualquer lugar das terras. Retornem... E quando todo mundo estiver aqui, Dana abrirá as bolsas e o ganhador será anunciado.

Depois que Angus conduziu uma ronda de perguntas e respostas foi o turno de Charles. Ele a olhou, depois ao Ric e seu Alfa, que se levantou ao lado dela.

— A caçada, — ele disse, — começa.

Houve um som metálico, as luzes se apagaram, e Anna despiu metade da camisa.

Escutou-se roupa rasgando-se e os sons suaves, atormentados que ecoou enquanto vários homens lobos começaram a mudança de humano a algo mais. Rindo, ofegante, ela tirou as calças e os sapatos, suas meias três-quartos e sua roupa interior antes que começasse sua mudança.

Fragmentos de agonia se propagaram por cima da base de sua espinha dorsal em espiral até suas mãos e dedos dos pés. A umidade anunciou a mudança de forma enquanto sua loba deslizava sobre sua pele. As garras e presas, músculos e pelagem, rastros úmidos deslizavam a seu rosto. A força despertou como a maré chegando em abundância, e ela alcançou as extremidades com um grunhido de esforço.

O quarto estava muito cheio para que ela recolhesse um perfume, e seus discernimentos estavam cegos com a última onda de dor candente. Ela aguentou a sacudida, logo arrojou para trás sua cabeça e uivou. A sós.

Porque ela fora a primeira a mudar, por ser esse o presente de seu irmão Lobo e pela união de companheiros que compartilhavam. Ela nunca tinha conseguido se transformar tão rápido antes. Ela poderia ter iniciado sua caçada, mas Ric e seu Alfa estavam ainda apanhados na mudança. Então ela se sobressaiu por cima deles, em condição de protegê-los se necessitassem disso.

Quando os outros lobos se levantassem. Quando se aproximaram muito dela, ela exibiu suas presas e a deixaram em paz. O alfa de Ric, Isaac, agora era um lobo branco de inverno só um pouco maior que ela, e ambos esperaram Ric, pronto alguns minutos mais tarde. Ele cambaleou como um cordeiro recém-nascido sobre suas patas, não tinha ainda experiência suficiente para esperar o cérebro e o músculo conectar-se. Ela pôs seu ombro contra ele e o deixou apoiar-se nela. Em sua forma humana, ele era de estatura média e constituição magra. Seu lobo era dos grandes, certamente maior que ela ou Isaac. Na escuridão, seus olhos viam as formas, mas não as cores. Ele era mais escuro que seu Alfa, mas vários tons mais claro que ela, porém Anna não podia dizer se a cor dele era escura, cinza, ou vermelha.

Ele se sacudi como se estivesse molhado e, como se fosse um sinal, seu Alfa se adiantou deixando que Anna e Ric o seguissem. Atravessaram primeiro correndo um vestibulo e em uma escada estreita que os levou adiante e os cheiros do ar mudaram de afresco para rançoso e mofado.

Depois de um minuto ou dois a escuridão infernal se transformou em algo mais sondável para a vista superior do lobo de Charles. Uma abertura no céu raso deixava passar um pouco de luz das estrelas, e os monitores começaram a mostrar formas alaranjadas e vermelhas ou cor de ouro quando lobos passavam pelas câmaras infravermelhas esparramadas ao longo do labirinto e iluminavam o quarto grande com o calor de seus corpos.

Embora ele não a pudesse ver, o Irmão Lobo lhe disse que já havia completado sua mudança. *A primeira parte parece bem*, ele pensou. Esperou que ela corresse imediatamente, mas ela esperou.

Por seus guardas, disse o Irmão Lobo com aprovação. Ele não estava muito contente por Anna estar correndo nesta caçada enquanto ele estava irremediavelmente comprometido com os lobos que escolheram não caçar. Ele não estava especialmente feliz por ter perdido a caçada, em particular com Chastel ali fora em alguma parte.

Só o conhecimento de que Anna tinha aliados manteve o Irmão Lobo sob controle.

Os gemidos de dor viraram uivos e sons de garras arranhando em madeira quando o último dos lobos se introduziu na caçada, e finalmente o silêncio caiu sobre o aposento. Charles ouviu um sussurro e um estalo, e uma série de luzes tênues iluminou o ambiente.

— As luzes estão distantes em todas as partes, — disse Angus—. Passará um tempo antes que vejamos qualquer deles outra vez, e nós podemos ficar confortáveis. Venha, meus lobos puseram mesas e cadeiras no primeiro piso, onde podemos observar a ação.

Tomou um momento, mas a maior parte dos observadores perceberam o truque de identificar amigos e inimigos ainda no infravermelho. Houve risadas quando as armadilhas foram brotando e os lobos caíram em água, ou lixo, etc. Redes caíram inesperadamente e alguém apanhou seis lobos em uma rede feita para um. Quando terminaram de se soltar, não sobrou da rede mais que oito polegadas de comprimento.

— Uma forma de matar uma rede indefesa, — disse Arthur secamente, sua voz inglesa nítida se sobrepôs por cima dos outros.

Charles estava de costas, com os braços cruzados e seguindo de perto o rastro de calor da imagem de três lobos quando deixaram um monitor só para reaparecer no seguinte.

Arthur ficou em pé repentinamente, e cambaleou, tombando na mesa ao lado dele. Os ocupantes se voltaram contra ele com emaranhados assombrados, mas ele não pareceu notá-los.

— Sunny? — Ele disse, com a voz quebrada como a de um menino adolescente.

Os lobos que tinham sido maltratados aquietaram seus protestos. E quando seus olhos ficaram brancos, e ele caiu, um deles o apanhou antes que despencasse na madeira do piso.

Por onde? Por onde? Anna, com a língua pendurada para absorver o frescor do ar, decidiu deixar que os outros escolhessem. Seu fôlego cantou fora de sua garganta, e a exultação a fez tremer. A caçada.

Não importava que a canção da lua fosse só um desejo... Ou o vestígio do repique de seu coração, ou que o prêmio fosse uma bolsa de presunto que tinha estado apodrecendo, pois já tinha dois dias, e podia ter ou não um anel dentro. Pela primeira vez, ela amou a caçada, mesmo que Charles não corresse ao lado dela.

Porque estamos contigo, o Irmão Lobo disse a ela. É nisso que implica ser companheiros. Você nunca está sozinha. Nunca enquanto vivermos.

Bom, respondeu a ele.

Tinham seguido o cheiro de Angus por muito tempo antes que acabasse junto a um bilhete apoiado em uma luzinha de emergência. Dizia:

“Eu não escondi nenhuma das bolsas. Angus.”

Não foram os primeiros a encontra-lo e ela pôde sentir o cheiro de vários outros lobos, e outro lobo apareceu justo quando se foram.

Logo Ric tinha recolhido outro cheiro, provavelmente de algum outro lobo da alcateia de Angus, embora ela não o reconhecesse. E ela havia sentido calor em sua cauda quando o Alfa dele atirou seu peso contra ela e ela tropeçou lateralmente contra a parede enquanto uma rede caía de repente e Ric foi fortemente sacudido fora de suas patas em um embrulho bem amarrado.

Entre seus dentes e os de Isaac, só requereu um momento para liberá-lo... Depois que gastaram um pouco de brincadeiras. Cinco voltas mais tarde toparam com um lobo pendendo de cabeça para baixo em um eixo alto que corria ao ar livre uns quatro lances acima de sua cabeça.

Isaac fez ruído em sua garganta que soou solidário e provavelmente não foi. O lobo apanhado grunhiu quando o deixaram para trás, e o Alfa de Ric ficou extremamente feliz por um momento depois disso.

Anna pegou o cheiro de Moira e os conduziu por um túnel de não mais de dois pés, ele estava tão apertado que Isaac ficou muito infeliz, e Ric teve que arrastar-se para abrir caminho com dificuldade.

O túnel os levou a uma câmara pequena, quase sufocante. Tossiam com desassossego quando Ric conseguiu destruir a parede de madeira com uma barreira de umidade que mantinha o ar fora. Anna e ele tiveram que arrastar Isaac pelo pescoço a um lugar com mais ar, embora

fedorento e rançoso.

Alguém aqui tem o número do celular da companheira de Arthur? — Charles grunhiu. Ninguém respondeu e então ele tomou seu celular e discou para seu pai.

— O que está errado? — Bran perguntou quando respondeu ao primeiro toque.

— Isso é o que tentamos descobrir. Você sabe o número da Sunny...o número do celular da companheira de Arthur aqui em Seattle?

— Sim, me dê um segundo. — Tal como disse, Bran retornou em um momento e passou o número.

— Chamarei quando souber o que está acontecendo. — Disse Charles, desligando. Ele chamou, mas não se surpreendeu, pela angústia de Arthur, que não respondesse. Depois ele chamou outro número.

— Preciso saber onde está este telefone celular: O 360-555-1834. A posição do GPS, depois uma localização se por acaso há uma. — Ele não se preocupou em esperar uma resposta, simplesmente desligou.

Arthur estava pálido e suava, sua pele fritava ao tato. Seu corpo se convulsionava, mas ele permanecia inconsciente.

Demoraria para seu contato rastrear o telefone. O sistema de rastreamento sem pistas levava tempo. Ele poderia pegar um computador com acesso a Internet, e em alguns dias... Seu homem era melhor. Mas o tempo não era amigo de Sunny.

Vinte minutos passaram, talvez vinte e cinco, antes que seu telefone tocasse.

— Charles?

— Sim?

— Esse telefone está a uma milha e um quarto de onde você está, e não está se movendo.

Ele olhou para Angus.

— Tenho que ver isto. Velará por ela para mim?

O Alfa da Cidade Esmeralda inclinou a cabeça.

— Eu, minha alcateia, Isaac, seu Ômega e a *fae*, todos nós a observaremos.

Encontraram Sunny fora da cerca, a cem jardas da porteira fechada: Nua, quebrada e morta. No caso de não terem visto o corpo, um Jaguar azul celeste que ele presumiu que fosse seu carro estava bloqueado a um par de lances do corpo, com a porta do condutor aberta.

O corpo de Sunny estava ainda quente, e seus olhos estavam abertos, opacos com a morte.

Um espírito se ajoelhou ao lado dela, um amigo do bosque. Ele raramente os via, embora pudesse saber quando estavam ao redor. As mãos cor de café e magras do espírito acariciaram a bochecha de Sunny, como se cantasse docemente... Assim foi como ele soube que Sunny estava viva quando se desfizeram dela aqui. O espírito era uma coisa tímida, escapou quando os homens, que não notavam sua presença, rodearam o cadáver. Roçou contra Charles e sentia sua dor saindo de seu próprio espírito.

Pobrezinha, disse-lhe. Ela estava tão assustada, tão assustada. Sozinha. Ela estava sozinha.

Charles, distraído, apenas se lembrou de deter os outros antes que pudessem tocá-la.

— Deixem-me pegar o cheiro, — ele disse. — Assim saberei quem é seu assassino. — Não ajudaria perguntar ao espírito. Diziam-lhe só o que queriam, mesmo que ele quisesse ouvir ou não.

Os outros lobos se afastaram, e ele colocou o nariz entre seu pescoço e inalou, onde o cheiro permaneceria muito tempo. E ele cheirou, não inesperadamente, um vilão familiar. Quantas coisas poderiam ocorrer por ali na noite apontando os homens lobos e seus parentes?

Ele não a tocou enquanto se movia de um ponto ao seguinte. Onde os vampiros se alimentaram, a carne estava rota, mas não houve tempo para que aparecesse uma contusão. E tinham se alimentado por toda parte.

Cheirou seu medo, seu sofrimento que deixou testemunho. Ele foi a fundo para assegurar-se de que não tinha deixado nada passar. Mas não ficou surpreso: havia apenas os quatro vampiros que tinham atacado Anna.

O Irmão Lobo saiu do controle nem bem compreendeu que esta poderia ter sido ela, poderia ser sua Anna morta aqui. Charles fechou os olhos e forçou seu corpo a acalmar-se. Contra sua vontade, dedos frescos acariciaram seu rosto e cantaram ao lobo... O que não ajudou.

O que estava fazendo um espírito da floresta no meio da cidade ele não sabia... E ele se valeu da distração que esse mistério lhe ofereceu.

Abriu os olhos e os percorreu ao redor de si. Havia alguns armazéns abandonados perto, e as amoras, a infame erva má do Noroeste Pacífico, assumiam o controle dos estacionamentos vazios, criando um santuário para aqueles que não prestavam atenção aos espinhos.

Um mistério iniciou. Charles deixou que o som de uma das canções de seu avô atravessasse correndo sua cabeça, trazendo clareza e paz... O espírito o aplaudiu e o mimou. Se ele estivesse sozinho, ele teria expulsado o espírito de um golpe, o Irmão Lobo não gostava de ser tocado por

alguém com exceção de Anna. Mas ninguém mais podia ver o espírito... E ele já tinha reputação de extravagante. Ele não precisava que soubessem que ele via coisas que ninguém mais podia ver.

Quando estava razoavelmente seguro de que o Irmão Lobo o permitiria comportar-se civilizadamente, ele ficou em pé.

— Vampiros, — ele disse. — Levem-na a Arthur. — Nada mais podia ser feito pelo lobo britânico além de informar-lhe que ela caíra nas mãos de vampiros.

Frustrada, Anna olhou a bolsa pendurada a vinte pés sobre suas cabeças. Depois do desastre no quarto sufocante, Anna estava bastante segura de que os eixos eram um estratagemas.

Enquanto ela pensava nisso, um lobo arrebatou a vitória de seu alcance. Estava muito escuro para ter certeza de quem ele era mesmo se ela conhecesse todos eles. O lobo se lançou por uma abertura um lance acima da bolsa, arrebatou o prêmio e aterrizou em outra abertura um piso abaixo, ainda sobre a cabeça de Anna. Ver impotentemente como seu prêmio era roubado debaixo... De acordo, por cima de seus narizes, foi enlouquecedor. Isaac bufou com repugnância.

E o Irmão Lobo estava... Rodeando-a com sua ansiedade, seu medo e seu amor, fazendo-a cambalear contra Isaac, e o Irmão Lobo não gostou disso em absoluto.

Algo estava errado. Mas quando ela perguntou, o Irmão Lobo não pôde ou não quis responder. Ela tinha que chegar a Charles. Agora. O problema era que Anna não sabia precisamente como voltar... OH, ela podia voltar sobre seus passos, mas tinham vagado por todo lado e teria tido que passar no túnel estreito outra vez. Por cima seria melhor.

Ela corria a toda velocidade para frente quando um lobo branco empurrou-se diante dela. Um segundo lobo estava duramente em sua cauda — Isaac e Ric.

Foi Isaac quem encontrou o primeiro set de escadas que levavam para cima. Emergiram na planta baixa do armazém menor, e quando se apressaram à porta, um homem lobo em forma humana deteve-os.

— Se cruzarem a porta exterior, oficialmente estão fora. — ele disse.

O lobo Alfa cravou friamente os olhos nele e o homem deixou cair seus olhos, lançando para cima suas mãos quando se jogou para atrás.

— Só estou informando. Aqui estará fora dos limites.

Passaram correndo para o ar fresco. Ric, sua pelagem cinza à luz do pátio, espirrou satisfeito por deixar atrás o labirinto clandestino. Anna inspirou um fôlego profundo e oleoso.... Cheirando como vampiro.

Ela tropeçou ao frear, examinou seus arredores em busca do inimigo. Ao final ela o viu

parado no outro lado da cerca, a cem jardas de distância.

Tomou um momento perceber a específica vestimenta do homem velho como o cruel assassino que ela tinha visto sobre Tom. Mas seu nariz já tinha feito a conexão.

Ela tinha dado duas boas passadas, quando se encontrou ao lado do lobo branco, que tinha deslocado diante dela para detê-la, a atenção dele também no vampiro.

O homem morto pôs-se a rir e fez um gesto com a mão. Uma minivan azul conduziu acima, e ele subiu nela. Arrancou antes que ele tivesse terminado de fechar a porta.

Isaac fez um grunhido baixo em seu peito, um eco do ruído que ela fazia também. Ele sabia o que o outro era. Ric deu a ambos um olhar desconcertado, mas Anna nunca tinha topado com vampiros até anteontem tampouco. Não parecia ter muito sentido ficar ali, assim, Anna girou e foi para o quarto principal onde as luzes resplandeciam, a presença do Irmão Lobo doía-lhe no peito.

Todos os lobos que tinham permanecido em forma humana estavam reunidos em um grupo apertado, enfocados para dentro. Havia muitos deles para que seu nariz lhe dissesse algo. Todas as roupas tinham sido empurradas contra a parede, e tomou um momento para encontrar as dela. Quando as localizou, Charles a tinha encontrado. Seus olhos estavam totalmente concentrados na reunião no centro do quarto, e havia uma rigidez estranha em seu corpo que a deixou preocupada.

Ela se transformou, seu corpo protestando pela mudança até mais que quando ela tinha virado loba. Ela, como todos os lobos, estava bem treinada para não fazer muito ruído enquanto mudava, mas, claro, doía.

— Ai, ai, ai, — ela sussurrou enquanto suas mãos lentamente, com um som irritante, e a contra gosto, se tornavam totalmente humanas. Ela as pôs sob seus braços e apertou - a pressão ajudava à dor. Cada mudança era diferente, mas ela odiava aquelas em que suas mãos eram as últimas a voltarem a ser humanas. Há tantos nervos em uma mão, e todos eles doem. Isso a deixava tonta.

Charles grunhiu frente a sua dor.

Ela olhou para cima, mas não havia ninguém perto deles. Ric e seu Alfa estavam ainda presos em sua mudança do outro lado do montão de roupa. Ela o percorreu com o olhar e deixou seu corpo crescer ainda.

Os olhos dele estavam amarelos, e o canto de sua boca tremia, depois avançou cambaleando, outra vez, como se ele tivesse uma contração nervosa.

— Charles? — Sua voz estava ainda rouca pela mudança.

— Sunny está morta. — Sua voz foi gutural, e ela soube que ele estava no limite... De algo.

Anna se preocupou por isso por um segundo e meio antes de registrar suas palavras.

— A Sunny de Arthur?

Ele inclinou a cabeça uma quarta polegada, seus olhos se fecharam no rosto dela.

— Os vampiros. Encontramos seu corpo fora das porteiras.

E os vampiros se esconderam, esperando que os lobos encontrassem Sunny. Quando ele... Aquele vampiro viu Anna, ele se assegurou de que ela o visse também. Olhando perdidamente para seus olhos dourados selvagens, ela decidiu que era algo que diria a Charles mais tarde. Os vampiros se foram. Ela tinha o número da placa, mas não importava: provavelmente a caminhonete era alugada.

Um lobo uivou, um lamento triste e desanimado, e outra meia dúzia de vozes se levantaram em um canto para mostrar seu apoio ao lobo que tinha perdido sua companheira... Todos eles de gargantas humanas. Charles estendeu a mão e Anna o deixou puxá-la para seus pés. Ela estava um pouco rígida e calada, e ele a encarou como se necessitasse que ela fizesse algo.

Ele usou seu corpo para protegê-la da vista de qualquer um no aposento, como se ele soubesse que ela realmente não gostava de estar nua diante de um montão de desconhecidos. A maioria dos lobos passava por isso no primeiro ano da mudança. Para Anna, era ainda um esforço. Não pela modéstia, mas porque a roupa dava-lhe a ilusão de protegê-la da atenção dos machos de sua primeira alcateia.

Ela agarrou sua roupa e a pôs tão rápido como pôde, colocando os tênis enquanto guardava as meias nos bolsos.

— Arthur está bem? — Ela perguntou.

Charles fechou seus olhos e a puxou para ele, pressionando o nariz em seu pescoço, respirando como um corredor de maratona.

— Não, — ele disse. — Nem eu tampouco.

Sua pele doía, seus ossos doíam e ela desejou ser segurada como uma pessoa adormecida na praia por quatro horas sem bloqueador solar - queria um abraço suave. Mas porque ele necessitava, ela relaxou contra ele.

Sunny tinha sido assassinada por vampiros.

— Sunny teria sido uma Ômega se ela tivesse sido transformada. — Soou como uma declaração, mas ela queria fazer uma pergunta.

— Sim.

Anna tremeu, e seu abraço ficou tenso. Sua pele sensível protestou, seus músculos machucados se queixaram, mas sua loba quis fazer uma toca dentro dele e preservá-lo.

Ela estava aqui, ela estava a salvo. Ele deixou que a realidade dela, de seu perfume, o mantivesse afastado da necessidade de sangue.

Ele a abraçava muito forte, sabia disso. Tanto como sabia que ela necessitava tempo para recuperar-se, mas ele não podia dar. O som de sua dor enquanto ela estava mudando tinha revoltado o lobo outra vez. O Irmão Lobo queria sangue ou sexo, e não ia conseguir nenhum. Nenhum sangue e nenhum sexo, não até que conseguisse acalmar-se. O Irmão Lobo não a machucaria, mas poderia assustá-la. Assim, abraçar Anna era a segunda melhor opção.

Gradualmente, quando ela se abrandou contra ele, o Irmão Lobo concordou em sossegar um pouco. Faltava muito para que ele se acalmasse o suficiente para ceder o controle completo a Charles outra vez. Era muito evidente a agonia de Arthur e fácil saber que poderia ter sido a sua.

Os ataques eram estranhos. Muito focados em coisas equivocadas, pessoas equivocadas, para conseguir algo com eles. O ataque a Anna poderia ter sido uma tentativa de sequestrá-la por resgate ou para tê-la como refém. Mas com a morte de Sunny não ganhariam nada. Com a morte de Anna não ganharia nada. Ele não podia ver por que Ômegas eram alvos, especialmente tendo em conta que os atacantes não eram lobos. Talvez o alvo fossem as companheiras de dois dos três lobos mais poderosos ou dominantes na conferência. O que ganhariam com isso? Especialmente porque nas conversações tinham feito tudo o que puderam.

Ele não podia ver o caminho que os vampiros, ou de quem quer que os tinha contratado, seguiria. Nenhum acidente. Ômega.

Anna pensava que os vampiros trabalhavam para um lobo. Sua experiência pessoal com o inimigo dava peso a seus instintos, e ele confiava em sua perspicácia, o Irmão Lobo também, e isso já o fazia suficientemente bom para ele.

Qualquer que fosse o objetivo final, Charles podia pensar em ao menos uma das razões pelas quais um lobo contrataria alguém para assassinar Sunny ou Anna. Um lobo, especialmente um lobo dominante, teria dificuldades para ferir deliberadamente uma Ômega, inclusive uma Ômega humana. Talvez nem mesmo Chastel pudesse fazer isso.

Charles obrigou-se a liberar Anna e retrocedeu um passo para lhe dar espaço. Ele ignorou o alívio na postura do corpo dela - essa não era uma reação a ele. Foi a percepção de que a mudança ainda permanecia em sua carne e fazia com que ela apenas desejasse estar só.

— São os primeiro a retornar, — disse a Anna. — O que te fez voltar tão rápido?

Ela lhe deu um olhar estranho.

— O Irmão Lobo me disse que me necessitava aqui.

Ele não tinha ideia do que dizer frente a isso. Deveria admitir que não tinha ideia do que seu Irmão Lobo estava fazendo? Estaria preocupado por ela? Antes que tomasse uma decisão, Dana

saiu do grupo que estava rodeando Arthur e se aproximou de Charles.

— Há algo preocupante a respeito da sanidade de Arthur, — ela se queixou brandamente logo que estava perto.

E não havia outros lobos aqui que pudessem controlar Arthur se ele se descontrolasse — era ao que ela se referia. Precisavam de Charles para vigia-lo.

— Vou para lá. — Charles disse.

— Eu vou também. — Anna disse a ele. — Ele não me machucará, não é certo?

Ele não a queria em nenhum lugar onde houvesse outro lobo. Havia muitos deles. Se todos eles a atacassem, não haveria forma de protegê-la. Mas a presença de um Ômega poderia ser útil.

— Obrigado. — disse a Anna enquanto discutia silenciosamente com seu Irmão Lobo.

Arthur estava sentado no chão, acalentando em seus braços sua companheira, sussurrando para ela, enquanto os outros o mantinham sob uma vigilância cautelosa. Seu rosto estava molhado com lágrimas e seu nariz escorria.

— Minha Sunny, minha garota alegre. — Ele olhou para cima, e seus olhos se focaram em Charles. — Ela se foi.

— Sim. — Charles disse.

— Os vampiros fizeram isto, — ele sussurrou. Logo ele rugiu, sua voz fez eco no quarto alto. — A machucaram!

— Eu sei. Vou encontrá-los.

— Mate-os. — A expressão de Arthur era devastadora, quase irreconhecível em sua penalidade e fúria. Em sua dor.

— Farei isso.

Arthur se apertou mais contra a esposa, colocando a cabeça dela contra seu ombro.

— Ela odiava envelhecer, — ele disse, balançando-a. — Agora ela não terá que fazê-lo. Minha pobre garota Sunny.

Angus falou para Charles, sem fazer esforço para baixar a voz: — Ele sobreviverá. Se a loucura fosse tomá-lo, já o teria feito. Se assim estão as coisas, poderia ser uma boa coisa tirar os cansados e feridos das terras de caça.

Ele olhou para Arthur um momento.

— Arthur, deixa-nos te levar em casa? Outros logo estarão aqui, frescos da caçada. — Um cadáver com o cheiro do medo e dor provavelmente não provocará em ninguém um frenesi. Mas não é bom dar a ninguém a oportunidade.

— Sim. — Arthur ficou em pé, sua esposa embalada em seus braços. Charles pensou que Angus podia ter se precipitado ao diagnosticar Arthur como estando bem. Ele cambaleava um pouco e parecia em estado de choque, cada vez era melhor a ideia de afastá-lo da caçada. Mas ele não podia ir sozinho. Ele não tinha trazido ninguém de sua alcateia, uma declaração de força e, talvez, de autoconfiança. Mas isso o deixava sozinho em um país estrangeiro, com sua esposa morta.

Angus chocou os olhos com os de Charles brevemente, talvez ele visse o pânico neles... Charles não tinha planejado confortar Arthur esta noite. Oferecer conforto não era algo no qual fosse muito bom nem em seu melhor dia.

O Alfa da Cidade de Esmeralda olhou sobre seu ombro para um de seus lobos.

— Envie alguém para chamar Alan Choo. Tragam-me Tom. — Ele percorreu Charles com o olhar, não o suficiente para ser uma provocação, justo a adequada quantidade para indicar que falava com ele quando acrescentou — os primos de Alan possuem uma funerária. Sua família tem cuidado de nossos mortos, sabem o que somos, e podem ajudar Arthur agora. E se Tom e sua bruxa podem repelir uma alcateia de vampiros, devem poder manter Arthur no bom caminho.

- Você me chamou, Angus? Estava lá fora. — Tom normalmente se deslocava agilmente e agora estava um tanto rígido, mas era o único sinal de que não estava totalmente recuperado de sua luta. Seu olhar fixo e calmo caiu no lobo perturbado e no cadáver de Sunny. — Entendo. Já enviou alguém para chamar Alan, também?

— Sim. Reúna dois ou mais de membros, sua bruxa e Alan - ele estará aqui em um momento, e veja se pode hospedar Arthur em sua casa esta noite.

Charles arrancou sua carteira e extraiu um dos cartões de Arthur — ele tinha dois, um de seu pai e um de Arthur.

— Este é o endereço de onde ele vive em Seattle. Alguém deveria levar o carro de sua esposa para casa também. É o Jaguar azul estacionado dentro da porteira, não sei quem foi que o conduziu até aqui.

— Eu farei isso. — Tom pegou o cartão. — Eu me ocuparei disto. — E em questão de minutos, ele e um grupo de lobos de Angus tinham levado Arthur e o corpo com a destreza de um cirurgião.

E o primeiro vencedor da caçada entrou no quarto logo que a porta se fechou atrás deles.

Charles olhou ao seu redor procurando Anna e a encontrou conversando com Ric e Isaac, seu rosto solene. Era melhor que ela conversasse com eles e não com ele, neste momento. Ele

queria levá-la embora, voar para sua casa, onde os vampiros e quem quer que esteja por trás deles nunca poderia ir. Queria encerrá-la em sua casa e pôr uma tranca na porta.

Sim, era melhor que ele não falasse com ela justo agora.

O lobo que entrou levava sua bolsa. Anna podia reconhecer o cheiro das mãos de Moira nele, ainda em forma humana. O lobo que o trouxe fez uma pausa diante de seu grupo, e ela apanhou seu cheiro. Este era o lobo que eles tinham encontrado enrijecido com uma armação acima na rede na primeira hora de sua caçada.

—Sim, Valentin, meu caro, — disse Isaac. — Vejo que conseguiu. Felicitações. — Sob o sarcasmo corrosivo, Anna ouviu a diversão relutante de Isaac. —Leve isso daqui, está fedendo.

O cheiro do presunto podre era um pouco esmagador.

O lobo sorriu abertamente ao redor de seu prêmio e continuou até onde Dana e Angus o esperavam. A bolsa estava cheia e etiquetada com um marcador.

—Então as conversas estão condenadas à ruína, — Anna disse, continuando a conversa que o lobo tinha interrompido. Charles não havia dito nada a ela sobre o dia de hoje, talvez não querendo admitir a derrota ainda, mas Isaac parecia bastante seguro.

Isaac encolheu os ombros.

— Qualquer coisa é possível... Com exceção de desafiar Chastel. Presumo que todo mundo irá para casa sem aceitar qualquer coisa que o Marrok tenha oferecido. — Ele sorriu, entretanto havia escuridão sob a expressão. — Depois o chamarão para acalmar os negócios. Nada tão bem como o que poderíamos obter abertamente... Mas talvez, simplesmente talvez, bastante para nossa sobrevivência.

— Por que ninguém vai atrás de Chastel?

— Porque ele é tão bom como presume. Os campos da Europa são tumbas para muitos mortos que tentaram matar a Besta. Talvez o Marrok pudesse derrotá-lo... Mas no próprio território de Chastel, eu não apostaria no Marrok. Aqui? — Ele deu de ombros. — Mas o Marrok não está aqui, e não penso que Charles seja seu oponente.

— Ele fez o Chastel retroceder, — ela disse, — duas vezes.

— Quando Chastel caça, a pessoa não tem oportunidade de enfrenta-lo com o olhar. — A expressão de Isaac era sombria.

— Essa não é a maneira como ele pega sua presa, a menos que sejam meninos ou mulheres humanas. — Ele a olhou. — Nos primeiros cem anos que ele viveu, ele matou trezentos humanos ao que sabemos, provavelmente mais. Muitos, muitos ele tomou em plena luz do dia na frente dos

amigos e familiares. Dispararam contra ele, prenderam-no, e nada aconteceu.

— Pelo final do o século dezoito, Chastel concentrou seus assassinatos em Gévaudan, França. Isso foi tão mau que os camponeses, esses que trabalharam a terra, já não saíam para seus campos. Assustados, os nobres organizaram comitivas de caça, contrataram caçadores de lobos e mataram a cada lobo na região... E muitos homens lobos, também. O rei da França se alvoroçou, logo a história diz-nos que um homem chamado Jean Chastel, que era aquele cuja esposa tinha sido assassinada pela besta, forjou uma bala de mosquete derretendo a prata de um crucifixo de relíquia da família. Ele a benzeu três vezes pelo sacerdote do povo e saiu para seguir a pista do animal. Uma grande Besta apareceu ante eles, e Chastel disparou contra ela uma vez e a matou... E assim morreu a Besta do Gévaudan.

— O que realmente aconteceu para detê-lo?

— O Marrok aconteceu. — disse Ric.

— Ele não era o Marrok ainda, — Isaac corrigiu. — A história que penso ser a mais provável é que Bran Cornick seguiu a pista da Besta e disse-lhe que a menos que ele pusesse fim às coisas, ele faria com que Chastel fosse parar nas mãos das bruxas. — Ele sorriu um pouco. — As bruxas eram mais poderosas nesses dias, e para elas não haveria nada melhor que um homem lobo para torturar pelo sangue, a carne, e a pelagem para seus feitiços. Chastel tinha cem anos de idade, e Bran era... Bran. Era uma ameaça muito boa, então. Agora Chastel é mais forte que o que era então, mais preparado também, e ele odeia ao Bran como qualquer dominante odeia quem o humilha.

— Ele está fazendo isso para vingar-se de Bran?

Isaac negou com a cabeça.

— Por muitas razões, penso. Essa é uma. Então ele disse que ia manter o Marrok afastado de seu território.

— A morte de Sunny muda algo? — Ela estava ainda tentando encontrar uma razão para a morte da mulher, mas não podia encontrar uma.

Outro lobo entrou, cansado e coxeando, mas ele tinha uma bolsa em sua boca. Ele lhes prestou pouca atenção e só Anna pareceu notar sua transição. Isaac encolheu os ombros em resposta à pergunta de Anna.

— Mais que tudo, dá um golpe final ao assunto. Arthur é percebido como o suporte mais forte de Charles: O único de nós suficientemente longe da Besta para arriscar-se ao seu desagrado. Não estou seguro de que seja certo, exceto “o inimigo de meu inimigo”. Arthur e Bran... Não estão completamente de acordo sobre de um monte de coisas... Isso não tem importância, entretanto.

Arthur não estará bem por semanas depois disso. Perder sua companheira é... — Seu rosto

se torceu um pouco, logo, com esforço, recuperou sua expressão usual de bom caráter. — Ele não será de ajuda para Charles, com toda segurança.

O primeiro lobo vitorioso já havia tornado a trocar para humano e, nu, procurava entre os montões por suas roupas. O que recordou a Anna que ela ainda tinha suas meias nos bolsos das calças jeans e seus pés estavam incômodos. Ela tirou com as pontas dos pés os calçados e colocou as meias.

Ela estava ajoelhada amarrando os tênis quando o terceiro ganhador entrou no quarto. Nunca o tinha visto em forma de lobo antes, mas seu cheiro lhe disse exatamente quem era: Chastel.

Logo que ele entrou no quarto, alguém fez soar o alarme e toda a adega soou com um zumbido baixo por uma conta de cinco. Depois outra conta de cinco: O sinal de que a terceira bolsa havia sido encontrada.

Anna apenas o ouviu. Chastel era o homem lobo mais gigantesco que alguma vez tinha visto. Ric era maior que a média; Charles era maior que ele; E Chastel os fazia parecer dois cachorrinhos. Ele se parecia com um cão São Bernardo em um quarto cheio de pastores alemães, o extremo nas estatísticas. Seu pelo era salpicado com vários tons de marrom: A cor perfeita para camuflar-se em um bosque.

Ele chocou seu olhar com o dela, seus olhos amarelos e loucos, e ela recuou, encontrando-se bruscamente com o de Isaac, que a estabilizou pondo as mãos em seus ombros, para mantê-la em posição vertical. Chastel trotou pela porta para ir ao lugar onde estava Anna e seus camaradas de caçada.

Ele se deteve diante dela e deixou cair a bolsa, retrocedendo um passo... Um convite.

—Tenho um companheiro, — ela disse. Ric estava correto a respeito de sua participação na caçada, ela percebeu. Ela estivera no aposento com todos aqueles lobos, e não sentiu nem resquício de medo. Aqui, onde Charles estava, onde seus amigos estavam, sem importar quão recentes poderiam ser... Ela não tinha medo. — E não quero nada de você.

A mandíbula de Chastel caiu e deixou a língua para fora quando ele sorriu para ela, o bastardo horripilante. Ele levantou a bolsa outra vez. Afastou-se um passo deles, depois mudou a direção e se lançou sobre Anna, deixando cair a bolsa no piso para liberar a mandíbula. Ele foi rápido, tão rápido. Ela retrocedeu e esbarrou em Isaac, que estava em pé ali, sem mover-se absolutamente.

Ela não tinha chance de escapar da Besta, e já esperava suas presas cravadas nela. O sangue correu em sua cabeça, e ela teve tempo para entender que ele ia mata-la. Diante de todos estes lobos, ele ia mata-la, e ninguém poderia fazer nada para impedi-lo até que fosse muito tarde.

E ela não tinha medo. Nunca tinha sido a morte o que a assustava... Só estar indefesa.

Ele deteve seu ataque, deu ré no último segundo e estalou suas mandíbulas debaixo de sua

garganta, a qual ele poderia ter alcançado com ambas as patas dianteiras no piso. Muito tarde, Isaac retrocedeu, levando-a com ele. Chastel deu a todos uma olhar de satisfação, girou para recuperar sua bolsa e... O Irmão Lobo cegou-o.

O ataque foi veloz e silencioso; Anna estava tão assombrada como Chastel. Ela nem sequer tinha visto Charles mover-se, não o havia sentido converter-se em lobo.

Chastel grunhiu e grunhiu, mas Charles tinha uma tranquilidade absoluta e era mais atemorizante assim. Houve tal intensidade em seu ataque que Chastel estava perdido: Charles aspirava matar e Chastel estava tentando deixar claro o que estava ocorrendo.

Anna tinha visto Charles lutar antes, mas ele estivera exausto e ferido ou relutante... E em sua maior parte em forma humana. O Irmão Lobo atacando era coisa completamente diferente. Não havia inteligência, nenhuma consciência na forma em que ele lutava agora.

Os outros lobos retrocederam, limpando o local para a luta. Não havia brincadeiras ou comentários ásperos. As testemunhas, como Charles, estavam tranquilos, atentos, como lobos guerreiros escavando profundo com garras e presas. Isso não era um jogo e ninguém o tratou como tal.

Se a diferença de tamanho preocupava Charles em algo, Anna não podia ver. Uma vez que Chastel se estabeleceu para lutar não foi quase tão unilateral como tinha sido ao princípio... E foi brutal. A pelagem dificultou dizer quão feridos estavam, mas ambos estavam ensanguentados. Quando se separaram e se levantaram, as cabeças baixas, presas deixadas ao descoberto, o sangue gotejando fora de seus corpos deixaram poças no piso de madeira sob deles.

Chastel estava sob Charles e mordeu com força uma de suas patas traseiras. Antes que o agarre do lobo Francês fosse mais certo, Charles sacudiu com força a perna, dobrando-se como um contorcionista do *Cerque Du Soleil*, e colou as presas ao nariz de Chastel. De onde estava Anna o rangido pode ser ouvido.

Chastel tentou de tudo e Charles continuava agarrado ao seu focinho – Chastel soltou-lhe a perna, depois a sujeitou de novo, empurro-a e sacudiu... Com o intuito de tirar o outro lobo de cima. O Irmão Lobo, que era Charles, agarrava-se a ele como um bulldog enquanto a resistência do lobo francês ficava cada vez mais débil. Até que seus olhos se fecharam e seu corpo tremeu impotentemente.

Algo tirou a atenção de Anna de Charles. Um suave: *olhe aqui, olhe aqui* de seu interior, mas Anna estava ocupada tentando ver quão ferido ele estava.

Angus deu um passo adiante.

— Deixe-o ir, Charles.

O Irmão Lobo sacudiu com força sua cabeça, levando o corpo maciço e frouxo de Chastel com ele. Ele encarou Angus nos olhos e grunhiu. Angus empalideceu e retrocedeu uma meia dúzia

de passos até chocar-se contra Dana, que observava a luta, parecendo muito satisfeita.

Um arrepio atravessou a coluna vertebral de Anna quando ela olhou para a *fae*, cujo trabalho era assegurar a ordem. *Sim, aqui. Olhe. Olhe. Ela quer causar mal a ele*, sussurrou a loba de Anna. A intenção estava escrita no corpo da *fae*, não em seu rosto, que mostrava só a preocupação. Mas seu corpo a delatava, o movimento ansioso dos dedos, a mudança de peso... Ela estava preparada para saltar e matar. Uma caçada estava desenrolando-se e, para a *fae*, Charles era o anel com o rubi de estrela.

A loba de Anna sussurrou: temos que detê-la. Ninguém machuca o que é nosso.

— Sim. — Anna sussurrou.

Dana falou:

— Charles Cornick, você quebrou a paz. Solte-o.

O Irmão Lobo nem sequer se incomodou em olhá-la. Como a havia chamado? “Ela Que Não É Parente”, que pensava que podia reger um lugar cheio de homens lobos.

Chastel tratou de lutar outra vez e seu oponente aumentou seu agarre. Depois de um momento, o lobo francês ficou imóvel outra vez.

Anna não tinha problemas com a morte de Chastel... As consequências para Charles eram um assunto diferente. Se ela pensasse que Charles se oporia a *fae*, teria estado menos preocupada. Mas seu companheiro era, em seu recôndito, um homem justo. Se Chastel morresse porque tinha tentando aterrorizar Anna e a *fae* decidisse que isso quebrava a trégua, Charles poderia conceder o ponto. Ela não sabia o que a *fae* poderia fazer e não tinha intenção de averiguá-lo.

Anna se libertou de Isaac.

— Charles, deixe-o ir. — Ela disse, caminhando para o meio da área livre. Quase tinha se dirigido a ele como Irmão Lobo, mas de algum jeito pareceu-lhe muito íntimo, muito privado para ser compartilhado. Foi certamente o Irmão Lobo, não Charles, que começou a olhá-la, seus olhos brilhando com ferocidade. Ela tentou abrir a conexão entre eles, mas Charles estava mantendo-a fora, tentando protegê-la do que ele era.

Ela foi até ele e o golpeou ligeiramente com precisão, ignorando a fúria que, finalmente o fez soltar um rosnado retumbante e selvagem.

— Abra-se — Ela não tinha tido medo, mas seus grunhidos, o cheiro de sangue e outras coisas a fizeram recordar muito. Recordar quando tinha sido dela o sangue, o desespero.

Suas mãos vibravam, e ela respirava através de seu nariz como um cavalo ao final da corrida em *Kentucky Derby*. Mas ela inseriu seu polegar em sua boca e puxou, seu canino se deslizo com o passar do bordo de sua mão e a cortou ao abri-la.

Logo que ele saboreou seu sangue, desfez o agarre, deixando ao outro lobo no chão e retrocedendo violentamente para longe dela. Ela não sabia se Chastel estava vivo ou morto e não se importava em nada, mas sabia que isso importaria dentro de um minuto. Agora mesmo, toda sua atenção estava no Irmão Lobo.

O lobo vermelho que era ao mesmo tempo o Irmão Lobo e Charles olhou perdidamente nos olhos de Anna e viu só uma das coisas que podia ver nela. Ela tinha medo da morte, da *fae*, do sangue e da ira, de sua própria audácia... Mas tudo o que ele se permitiu ver foi seu medo, não o que o causava.

Ele olhou nos olhos dela por um momento mais, logo correu para a porta, que se abriu para ele, embora ninguém a sujeitasse, e se fechou de um golpe logo que ele saiu.

— Atrás dele. — disse Dana em uma voz como cristal esculpido. — Ele derramou o primeiro sangue.

Sua voz impulsionou os homens que tinham permanecido imóveis, e estes começaram a ir para a porta.

— Parem, — Anna disse... E depois fez algo que nunca tinha feito, não completamente como isto. Mas a loba sabia como fazê-lo, ela havia usado o poder de Charles para trocar mais rápido do que antes, e ela o usou agora para pôr força em sua voz. — Esperem.

E os lobos, em duas e quatro patas, que tinham começado a mover-se por ordem de Dana, detiveram-se onde estavam e começaram a olhá-la. A *fae* a olhou, também, e sua voz também tinha poder.

— Ele derramou o primeiro sangue. Sou *fae*, não posso mentir. Minha palavra foi que aquele que derramasse sangue durante a caçada seria castigado: sangue por sangue. As paredes demandam minha palavra para cumprir-se. — Ela pousou os olhos em Anna, mas tocou em Angus, que estava perto. — “Liam Angus Magnusson, filho de Margaret Hooper, filho de Thomas Magnusson. Por seu nome verdadeiro, digo a você que me traga Charles Cornick.”

Angus deu um passo para a porta.

— Não, — disse Anna, e sua loba lhe deu força.

Angus virou-se para ela, com um sorriso lento em seu rosto.

— Sim, minha senhora, — ele disse a Anna. O sorriso aumentando. — Você esquece algo, Dana Shea. A caçada estava terminada. Os sinos soaram antes que Charles atacasse, e a regra de sangue já não se aplicava.

O rosto de Dana congelou e, por um instante, Anna leu em seus olhos a ânsia pela morte de Charles, por qualquer morte. Uma luxúria que rivalizava com algo que ela já vira uma vez em um homem lobo. Mas a *fae* recuperou o controle e passou as mãos sobre a jaqueta do traje como se este estivesse enrugado.

— Ah. Tem razão.

— Chastel ameaçou Anna, a companheira de Charles, — Angus continuou energicamente. — Fora da caçada, tal coisa justifica o ataque, sob nossas leis.

Ele estava certo. Anna tinha estado tão absorta em como Charles se sentia a respeito da situação que não tinha reparado completamente na situação a fim de enxergar o quadro todo. Embora Chastel não a tivesse prejudicado, a ameaça era suficiente para justificar o ataque de Charles no calor do momento. Charles poderia não concordar, mas os lobos o fariam, e isso era suficiente para obrigar Dana Shea a mudar sua posição.

— Não justifica a morte. — disse Dana.

— Ele não está morto. — Ric disse e ajoelhou-se cansadamente ao lado do francês, assim como Michel, um Alfa francês. Alguém, talvez Michel, murmurou: — É uma lástima.

Angus caminhou a grandes passos para o lobo caído no chão e o olhou bem.

— Tampouco muito ferido, — ele disse, soando um pouco decepcionado. — Charles só o impediu temporariamente de respirar, ele estará bem em poucos minutos, exceto por um nariz muito machucado.

— Certo. - disse Anna. Ela passou por Angus e Dana, mas fez uma parada na porta. — Se isso termina aqui, — ela disse. — eu irei falar com Charles.

Ele não tinha ido até a porteira, como ela esperava que ele fizesse.

Anna não tinha muita experiência em rastrear, e a maior parte do que ela sabia era sobre a neve. O cascalho a teria derrotado se sua presa não estivesse sangrando como um porco. Impossível negar que o rastro estava na direção exatamente contrária à da portaria.

Tanto sangue a preocupou e ela apressou-se. O cascalho se converteu em barro, e o barro não era uma segunda escolha pior que a neve. Charles tinha patas grandes, e suas garras cavavam profundamente quando se encaminhou para a água que estava próxima ao local em que estavam.

Ele não corria – mas mantinha um trote constante que a fez esperar que ele não estivesse tão ferido, apesar do sangue. Seus rastros a levaram à parte dos fundos do complexo.

Havia alguns metros de correntes e arame farpado, e Charles os havia saltado mesmo ferido. Ela não estava segura de como o fizera, ainda em forma do lobo. E ela não ia voltar a transformar-se a menos que fosse obrigada. Em vinte minutos, talvez. Mas ela não ia esperar tanto. Havia algo errado no olhar fixo do Irmão Lobo. Algo louco... Enlouquecido.

Quando Anna aproximou-se, recordou a indagação que tinha feito quando visitaram Dana

Shea pela primeira vez. Ambos tinham esquecido isso.

— Que tipo de *fae* é Dana Shea? — Ela resmungou para si mesmo enquanto procurava um caminho. Dana era algo suficientemente forte para assustar um troll, certamente forte o suficiente para ser uma Senhora Cinza, mas Anna realmente não tinha ideia do quão forte ela podia ser.

Algo que comia pessoas - a fome que a *fae* tinha demonstrado era inequivocamente de rapina.

Algo a ver com a água - ela vivia em uma casa flutuante e além disso, tinha uma fonte e um lado dentro dela.

A *Belle me Dê Sãs Merci*. A “bela dama impiedosa” que tentava os homens em seu rio ou correnteza e os afogava. Fazendo-os acreditar em algo que não era real. Charles tinha comprovado ser imune ao feitiço da atração de Dana. Mas talvez ele não fosse imune à totalidade da magia dela.

Charles estivera próximo de ultrapassar seu limite esta noite. Mas ele era preparado, tinha uma mente rápida, e ainda assim atacara depois que Chastel havia se retirado. Isso era muito pouco próprio dele. Ela estivera preocupada com as consequências disso, e focada nos sentimentos de Charles sobre suas ações. Não parara para pensar, até então, em como as ações dele tinham sido atípicas.

Seu companheiro conhecia bem Dana, segundo admitira, e provavelmente Bran a conhecia ainda melhor que Charles. Perguntaria a eles sobre isso e contaria o que vislumbrara no rosto de Dana... Depois que encontrasse Charles.

Ela aproximou-se mais da cerca e mordeu o arame até que todos os elos que a mantinham unida ao poste estalaram. Depois a sacudiu com força, sentindo um pouco disso em seus ombros e bíceps. Não era algo que um humano do seu tamanho pudesse fazer: Havia alguns benefícios em ser uma mulher lobo. Quando ela terminou, abriu um espaço suficiente para engatinhar através do arame - teria que lembrar-se de dizer a Angus que precisaria concertar a cerca.

Seguiu o rastro de Charles, sem apressar-se muito porque ele não estaria com pressa de encontrá-la. Ela não sabia o que encontraria ao final do rastro, mas estava bastante segura de que era melhor que não o encontrasse antes de tempo. Ou muito tarde.

Estaria esperando a caçada que Dana se apressara em enviar por ele? Ele estava preparado para confrontar dezenas de lobos europeus? Esperava que Angus fosse atrás dele? Ou a própria Dana? Havia sentido quando Anna tomou emprestado seu poder para deter a *fae*? Podia senti-la indo atrás dele agora? A união entre eles cantou com força e tensão, mas isso foi tudo o que Anna pôde sentir.

Exceto que quando pensou nisso, ela podia dizer onde ele estava. Ele estava soltando o agarre de sua união, e não era tão difícil de esconder. Anna se deteve nesse pensamento. Isso era o

que ele estava fazendo? Escondendo-se dela?

Ele não era um homem violento por natureza. Ela sabia, havia provado sua gentileza por si mesma. Ele tinha se convertido no homem que seu pai necessitava, seu assassino favorito, sua espada. Ele era bom, muito bom em seu trabalho.

Mas o Irmão Lobo desejava ardentemente sangue e carne. Sua loba não: Era uma das diferenças que lhe deu a vida Ômega. Ela recordou quando Charles se deteve frente à casa de seu pai quando sentiu cheiro de sangue e a dor. Tinha perguntado o que ela cheirou, depois havia dito que se ela não fosse Ômega, o cheiro a teria deixado faminta.

Ele tinha tido fome, embora não o havia dito.

Em sua forma de lobo, ela podia comer carne crua e gostava. Mas quando ela era humana, o sangue cheirava como sangue, não a comida.

Anna começou a andar outra vez e notou que ele se dirigiu costa abaixo, para... Ela olhou de esguelha e não pôde resolver se era o som, ou simplesmente outro dos lagos de água salgada que estavam em todo lugar em Seattle. Não lhe tinha ocorrido perguntar quando conduziram aqui; Tinha estado preocupada com a caçada.

Havia um estreito atalho ao lado de um arroio de água doce igualmente estreito, que se deslizava através das amoras, agora estéril de bagos e cheias de folhas mortas e espinhos. O caminho era de barro e chupou seus sapatos, metade tirando-lhe, quando ameaçou lhe cedendo terreno inteiramente e jogá-la no riacho.

As impressões da pata de Charles eram profundas, onde ele tinha parado para beber. Sangrar lhe deu sede, ela soube. O rastro de sangue tinha sido cada vez menos fácil de seguir. Esperou que fosse porque ele se curava. Os lobos mais dominantes se curaram mais rápido, sempre e quando não se combinar feridas com prata, o cansaço excessivo, ou a magia.

Não podia ajudar mas se preocupava com ele de qualquer maneira. Assim que foi um alívio quando divisou uma praia e viu o Charles sacudindo-se. Ele estava limpando o sangue na água.

— Que coragem, — Anna lhe disse. — Essa água está malditamente fria para as palavras. — Mas ela nunca tinha tido motivo para duvidar da coragem de Charles.

Os olhos âmbar a observaram quando ela se deslizava pela costa mais levantada do que ela tinha esperado.

— Então, — lhe disse ao Irmão Lobo, — tenho algumas coisas para falar contigo quando estiver preparado. Mas estamos suficientemente seguros por agora. Deixei Angus encarregado, na adega.

O fez ela?

Talvez Angus se deixou a cargo na adega.

As rochas tinham perto de seis polegadas de altura e largura. Olhou seus sapatos cheios de barro e, decidindo que não havia nada que pudesse fazer que os deixasse pior, ela entrou em seis polegadas de água gelada. O ar a deixou em um surpreso assobio.

— Muito frio. — disse-lhe, e logo começou a correr pela costa porque seu corpo não queria estar quieto.

Charles se levantou de onde estava, a água gelada cobria suas patas e algumas polegadas mais à frente.

Ele estava esperando à brigada de valentões e obteve a beleza em seu lugar e o deixou estranhamente indefeso.

Ela caminhava ao longo da costa, seus sapatos cheios de barro chapinhavam na água que cobria as rochas. Movia-se por cima delas, além delas, e para ambas as partes, pelo estreito mole etc.

A quatro ou cinco docas de distância havia um navio que estava carregando, e podia ouvir os homens falar nos ritmos e grunhidos que os homens fazem ao trabalhar. Estavam o suficientemente longe para não se ver uma mulher e seu cão muito grande caminhando pela borda da água.

Ele decidiu que ela estava indo muito longe dele, e então a seguiu, pisando brandamente atrás dela, para lhe assegurar de que estava segura. Ele não tinha matado à Besta que a ameaçou... Um grunhido aumentou em seu peito com o pensamento. Ele deveria tê-lo matado. Deveria ter-lhe arrancado a cabeça, assim já não machucaria os indefesos e fracos. Não machucaria sua Anna. Sem importar que ela não era nem débil nem indefesa.

O Irmão Lobo farejou o ar, mas o cheiro dos outros lobos estava distante. Diante dele Anna tinha encontrado um lenho em que tinha se limpado em terra, agora um trono para sua senhora. Mas primeiro ela teve que subir nele.

Ele se moveu ao redor, assegurando-se que permaneceria estável, e encontrou difícil fechar a distância entre eles.

Ela o tinha visto em atividade antes, o tinha visto matar, e ela não tinha se sobressaltado com ele. Mas isto tinha sido diferente, Charles sabia. Isto não tinha sido sem provocação, mas certamente não era necessário também.

Chastel estava muito seguro de si, para fazer algo em meio de uma alcateia de lobos inimigos. Ele não a teria machucado, não nesse mesmo momento. Nada disso havia tido importância para o Charles, entretanto, tudo o que pôde ver foram essas presas sepultadas na garganta de Anna e todo o caminho através da construção foi enloquecedoramente lento.

Ele a olhou, simplesmente para assegurar-se de que a sua visão não havia passado nada. Ela tinha encontrado um lugar confortável e tinha se sentado nele, seu rosto inclinado para ele, adormecido em seu braço estendido.

Anna havia dito que queria falar de algumas coisas. Não tinha soado zangada ou, pior,

decepcionada. E havia coisas que ele precisava saber. Como por que não havia dúzias de lobos buscando-o... Ele tinha ouvido a chamada da Dana para caçá-lo, tinha-os esperado. Por que Anna disse que ela tinha deixado Angus a cargo, embora supôs que teve algo a ver com o puxão que havia sentido pouco depois que deixou a adega.

Se o Irmão Lobo não tivesse tomado a dianteira, ele simplesmente teria esperado os outros lobos, em representação da Dana, para lhe atacar na adega. Mas o Irmão Lobo tinha exigido a oportunidade de escolher o campo de batalha. E esse foi à costa, então as águas profundas em sua parte de trás o liberavam de estar flanqueado, os homens lobos não nadam, afundam-se-. E o elemento da Dana era água doce, não salgada.

Mas Anna tinha arrancado o tapete debaixo de seus planos de batalha. Não vinham atrás dele, e Angus, não Dana, ficou a cargo. Anna, que estava a sós em seu lenho, lhe observando com a esquina de seu olho enquanto ele caminhava com passos largos e lentos.

Ele guardou distância por um momento mais. Enquanto ele fosse lobo e Anna estivesse a uma boa distância dele, não poderia dizer que... o que? Seu desgosto pelo ataque ao Chastel? Que ele a havia assustado? Ou, possivelmente ainda pior, que ela desfrutou olhando? Ela não diria nada disso, e a conhecia muito bem para entender isso.

Então não soube por que foi a ela como lobo e não como homem. Ela endireitou-se e deu um tapinha na madeira diante dela. Ele saltou acima e ela abraçou-o, seus dedos indicadores jogando com suas orelhas e os lugares sensíveis em seu rosto. Ela se apoiou contra ele.

— Amo-te. — ela disse.

Isso era o que ele precisava. Tomou um fôlego profundo e mudou. Ela se afastou, lhe dando espaço.

— Por que não tem quatro dúzias de camisetas vermelhas ou azuis e cinquenta pares de botas? — Anna perguntou quando ele acabou. — E pensa que esta coisa de companheiros, funcionária bem em mim, como para poder trocar para humana com roupa e não completamente nua?

Ele percorreu o olhar em si mesmo, com acréscimo vestido como sempre. Não tinha escutado a respeito de nenhum outro homem lobo que pudesse agasalhar-se depois da mudança. Ele não sabia se era magia de homem lobo ou um pouco da magia de seu avô xamã. Só sabia que tinha começado a ocorrer quando tinha quatorze anos ou quinze e estar nu era considerado vergonhoso na tribo de sua mãe. Na época eram de pele... Ele ainda poderia fazer isso se pensasse nisso.

Charles deu a volta para estar de frente com ela, olhou duramente seu rosto sorridente, tomou-a em suas mãos e a beijou como se pudesse encher-se com ela. Ela abriu a boca e lhe deixou entrar, lhe dando as boas-vindas com toques quentes e sons pequenos. Não haviam estado juntos tanto tempo para que ainda os toques mais básicos convertessem-se em rotina, mas ele pensou que nunca poderia dar seus beijos por descontado, o toque de sua língua, dente, e lábios.

Quando ele se afastou, deixou seu rosto contra o dela enquanto disse:

— Não sei. Simplesmente teremos que ver, manter a conta das camisetas vermelhas, talvez.

— Por que vermelhas? — Ela perguntou. — Por que não verdes ou azuis desta vez? Vi-te fazer azul. Você escolhe?

Ele riu, necessitando isto, pequenas intimidades que ele não tinha tido antes de Anna.

— Não sei. Ninguém alguma vez perguntou, e nunca prestei atenção.

Ela pôs a boca contra sua orelha, e a percepção de seu fôlego em sua orelha certamente lhe fez prestar atenção.

— Aposto que perguntariam, entretanto. Deviam estar muito assustados com lobo mau grande para perguntar.

Ele riu outra vez, o alívio de sua presença, não simplesmente por ser Ômega a não ser sua Anna, o fazia rir, sem importar a desculpa.

Ela se afastou, seus olhos seguiam sorrindo.

— Dana é uma *fae* de água, não? As que atraem com enganos os homens na água e os afogam.

— Sim.

— Como ela o faz? É uma compulsão... Ou alguma outra coisa.

Ele não podia ler nada em seu rosto.

— Não sei. Por que está perguntando?

— Você não enlouquece dessa maneira, não sem planejá-lo melhor. E Chastel. Que tão velho é? Seu *modus operandi*, são mais sutis que os desta noite, não? Ele ataca meninos pequenos e mulheres humanas diante de pessoas também fracas para machucá-lo. Você, ele nunca antagonizaria contigo, não onde estaria justificado em enfrentá-lo cara a cara.

Com a Anna aqui, Irmão Lobo se sossegou satisfeito em sua presença.

Charles podia pensar mais claramente, considerar esta noite e as raridades.

— Não é completamente certo. Ele é imprudente algumas vezes, e não um covarde, realmente. Ele gosta de jogar: Sua estocada em ti teria sido fatal se ele quisesse isso, assim é a Besta de Gévaudan. — Mas ela tinha razão de que o comportamento do francês tinha sido estranho.

— Exceto o momento em que ele pôs a bolsa, seu prêmio, em seus pés, isso foi incomum. — Ele pensou um momento. — Romântico inclusive. Não acredito ter escutado que Chastel tenha tido alguma vez uma companheira.

As mulheres, em sua maior parte, ele as mata. Os meninos, também. É como se sua fragilidade tira o pior dele.

— Ele disse ao Ric e a mim que era o contrário de um Ômega. Tudo violência, nenhum espírito protetor.

Charles sentiu suas sobrancelhas subir.

— Isso é perceptivo, — ele disse. — Justamente o teria chamado um sociopata. Meu pai o chama maldade.

— Maldade funciona para mim, — Anna resmungou. Ela brincava com a casca da árvore: Em sua maior parte podre de sua imersão na água, virtualmente se dissolvia sob seus dedos.

— Mas a coisa com a bolsa não foi típica de Chastel, — Charles disse. — E... O que fiz não foi usual tampouco. Não como isso. Senti como se tivesse, arrancado sua garganta, embora soubesse muito bem que ele não tinha te tocado. Pensa que a *fae* teve algo a ver com isso?

— Penso que li o desejo de matar em seu corpo quando atacou Chastel. A primeira coisa que saiu de seus lábios foi uma acusação, de algo que na verdade não tinha feito. A estúpida *fae* não tinha recordado que uma vez que os sinos soassem, a caçada estava terminada. — As unhas de Anna se cravaram na árvore como se tivesse garras, e sua voz foi dura. — Ela te quis como sua presa.

E ele soube, repentinamente, que a razão pela que Dana não o havia capturado estava sentada ao lado dele neste lenho. Ela não se via áspera, sua Anna, com Seu rosto sardento e o corpo que ainda poderia ter a probabilidade de ganhar dez libras, embora estava grandemente mais robusta que quando a tinha visto pela primeira vez. Mas ela era mais dura que o couro de seus velhos sapatos, e cuidava do que era dela.

— Dana não sabia com quem estava jogando, — ele se queixou, e se maravilhou ao mesmo tempo.

— Condenadamente certo. — Disse Anna. — Ela caçava esta noite. Não sei quem era sua presa inicial... Poderia ser como quando um dominante entra em uma alcateia nova e busca ao bruto mais sujo a seu redor para brigar e assim também estabelece sua posição social. Não sei se foi algo planejado ou se só ocorreu.

Charles apanhou um cheiro e virou a cabeça.

— Angus, — ele disse, quando o outro lobo se aproximou deles.

— Pare de me cheirar, — Angus disse, um pouco na defensiva.

— Obrigado. — Charles se decidiu que isso não foi suficiente já que Angus ainda se via inquieto a respeito de interrompê-los. — Aprecio isso. O que é que sabe? — Porque o lobo tinha estado ali um pouco de tempo, e provavelmente teria ido como um fantasma sem dizer nada se ele não tivesse algo com o que contribuir.

— Ouvi um pouco disso, — disse Angus. — Anna está certa.

Saboreei magia da *fae* no trabalho, mas não me dava conta do que ela fazia até que atacou ao Chastel. Ela tentou te fazer matar o Chastel.

— Pensei que não poderiam fazer isso. — Anna disse.

— Obviamente não é impossível. — Disse Charles. — E não sei por que não o fazem. Simplesmente não o fazem. Nunca. Eles não rompem sua palavra, e não mentem. *Não podem* é o que sempre ouvi. Sempre. Mas ela o fez.

— Pergunte ao Marrok. — sugeriu Angus.

Charles tratou de pegar seu telefone celular, logo se deteve.

— Não tenho o celular. — ele lhes disse.

Anna riu nervosamente.

— Todas essas camisetas vermelhas e nenhum telefone celular? Não tenho o meu tampouco, deixe-o no carro.

Angus passou o seu ao Charles.

— Camisetas vermelhas? Quero saber?

— Provavelmente não, — Charles lhe disse enquanto marcava o telefone e punha o celular em sua orelha. Logo seu pai respondeu e ele se ocupou expondo a história completa ante o velho bardo. Bran ouviu tudo sem fazer nenhum comentário. Quando Charles terminou, houve uma pausa pequena enquanto seu pai classificava o que queria discutir.

— Seis vampiros caçando juntos, — ele disse finalmente.

Não foi uma pergunta, mas Charles a respondeu de qualquer maneira.

— Sim.

— O Investigarei. Houve algumas historias, comprová-las-ei mais a fundo. Soam-me como mercenários para mim: Assassinos de aluguel. Angus não teve dificuldade com os vampiros em Seattle por um bom tempo, e Tom os teria reconhecido se fossem locais. Os vampiros em uma minivan soam a aluguel para mim...

— Tenho os números da placa, — disse Anna. — Mas me pareceu um automóvel de aluguel também. Uma minivan americana de menos de cinco anos. — Ela despachou as três letras e os três números. A graça das chamadas telefônicas, com homens lobos de orelhas afiadas, era essa que todas as chamadas telefônicas terminavam sendo conferências telefônicas querendo ou não. Ao menos Charles não tinha que repetir tudo o que lhe dizia.

Ele poderia ouvir a pluma topando-se com papel quando seu pai escreveu o número da placa em uma folha de papel.

— Farei uma comprovação, — ele disse quando terminou de escrever—, mas suspeito que ela está certa. Encontrá-los-emos mais rápido por outros métodos. Pensa que estão adestrados por um homem lobo?

— Brigaram como uma alcateia, — Anna disse. — Fizeram suas escolhas como uma alcateia de lobo o faria. Usaram uma magia que se sentiu como de alcateia.

— Essa foi a valoração de Tom, também, — Angus disse. — Tom tem estado em algumas brigas, e pode perceber a magia das alcateias melhor que nós.

Houve outra pausa, logo o Marrok disse nesse tom agradável ligeiro que advertia a toda pessoa que lhe conhecesse que todo inferno estava a ponto de soltar-se.

— Pode provar que Dana causou a briga?

Charles olhou a Anna.

Ela negou com a cabeça.

— Não. A gente teve que estar ali.

— Assim é, — disse Angus. — O vi, mas duvido que qualquer outro que olhasse reconheceria o que viu. Ela me teria enviado pelo Charles, você sabe, depois que me recusei a ir. Enfeitiçou-me com meu nome verdadeiro. Não respondia a esse nome por perto de cem anos, e cem anos atrás não era ninguém. Não era um Alfa nesse momento, nem sequer estava neste país. Seria interessante saber como soube qual era meu nome de nascimento. Duvido que haja dez pessoas que o soubessem depois de todo esse tempo.

— Disse seu nome verdadeiro, e não seguiu as ordens?

Angus arrojou para trás sua cabeça e riu.

— Por Deus todo misericordioso, Bran. Quando vi pela primeira vez a sua nora, tremendo em suas botas em um auditório cheio de homens lobo, pensei que seu filho tinha encontrado uma mulher coelho.

— Obrigada, — disse Anna com um bordo sujo em sua voz.

Nem um pouco intimidado, Angus sorriu abertamente para ela.

Mas quando ele falou foi dirigido ao Bran.

— Pensei que ela não estava à altura do peso de seu filho. Mas isso foi antes que ela matasse o vampiro, e deixasse à velha *fae* sobre seus calcanhares. Eis-me aqui contra o enfeitiço da *fae*: ALTO, foi o que Anna disse-me. E estaria condenado se não a escutasse, coação de *fae* ou não. O agarre de Dana se quebrou com tanta certeza, como se tivesse quebrado seu próprio ser.

— Deveria tê-la visto matar uma bruxa a um par de semanas, — Bran disse afavelmente. — Asil tinha estado fugindo dela por duzentos anos, e o pequeno coelho de meu filho a matou enquanto ainda estava em forma humana e armada com não mais que uma faca.

— Asil? — Angus perguntou, sacudido pela surpresa. — Asil o Mouro?

— Esse mesmo. — disse Charles.

— Repentinamente não me sinto tão mal sendo resgatado por um coelho. — Angus disse alegremente.

Anna entrecerrou seus olhos nele.

— Um comentário a mais do coelho, e lamentarão.

O Marrok falou no silêncio que seguiu à ameaça de Anna.

— Se eu for agora...

— Não. — Disse Charles em um rechaço instantâneo.

Seu pai suspirou.

— Notou o “Sim” ou não?

Não havia uma boa resposta para isso assim Charles simplesmente esperou. Satisfeito que seu filho tinha entrado corretamente em ordem, Bran disse:

— Não penso que ajudaria a estas alturas. Certamente não faria qualquer diferença para as negociações. Chastel fez exatamente o que queria, e trabalharemos ao redor dele.

— Sinto muito, senhor, — disse Charles.

— Não. Não teria importado se tivesse estado ali. Até que um dos europeus dita liberar o mundo de Chastel, nós todos teremos que trabalhar ao redor dele. Teria sido... Muito inesperado se ele jogasse à bola conosco.

— Ele não é um anti-ômega, — disse Anna. — Ele é um anti-Marrok.

Charles explicou a referência, e seu pai riu facilmente. Algumas pessoas poderiam pensar que isso quereria dizer que ele não estava zangado... Estariam equivocadas.

— Suponho que ambos estão certos.

— Por que não o tira você? — Angus perguntou repentinamente.

— Não é meu lugar, — Bran respondeu. E logo disse, provando que ele havia pensado a respeito disso, — E logo teria a Europa para me encarregar, também. Posso te assegurar que meu prato está mais que cheio. Não necessito de nada mais para fazer. Anda procurando um trabalho, Angus?

— Diabos não. — O líder da alcateia da Cidade de Esmeralda sorriu abertamente. — Não acredito que poderia com o Chastel, de qualquer maneira. Seu filho tem medo, na luta corpo a corpo com esse rato bastardo. Vi-lhe brigar friamente antes, deveria tê-lo visto furioso. Tomou dois minutos para ter ao Chastel no chão.

— As brigas de Charles são sempre rápidas, — disse Bran. — A maioria das brigas sérias o são. Não somos gatos para jogar com nossa comida.

Charles ouviu seu pai aspirar um fôlego profundo quando ele mudou o assunto.

— Assim. Seu trabalho, Charles, pelo que vejo, deve encontrar os vampiros que mataram a nossa pobre Sunny. Elimina-os e averigua quem os contratou..

— Ela quebrou sua palavra. — Anna disse.

— Não podemos provar. — Bran respondeu.

— O que ocorre quando uma *fae* rompe sua palavra? — Charles perguntou a seu pai. — Tudo o que alguma vez ouvi é que não o fazem.

— Não tenho a menor ideia, — disse seu pai. — Não sou *fae*, e não temos nada das *fae* para descobrir segredos. Nunca soube que uma *fae* possa romper sua palavra... Flexioná-la, retorcê-la, sim. Rompê-la, não.

Teria esperado que um relâmpago a derrubasse a golpes do alto.

Desde que isso não ocorreu, sua hipótese equivale à minha. — Ele fez uma pausa. — Tome cuidado. E poderia considerar usar um crucifixo e encontrar algo que funcione com a Anna. Não é a prova de tolos, mas é de ajuda quando trata com vampiros.

E ele desligou o telefone.

— Sabe, — Anna disse atentamente, — estou um pouco decepcionada. Pensei que ele sabia tudo.

— Não tudo, — admitiu Charles. — Ele é simplesmente muito bom dando essa impressão.

— E em improvisar, — disse Angus. — Embora nunca realmente o hei apanhado nisso. — Ele fez uma pausa. — Você sabe, penso que ele poderia ser isso: o disparador do relâmpago. Espero estar ali para vê-lo.

Charles bocejou.

— Então, amanhã será uma reunião a mais. Vou tirar algumas das coisas mais criativas que papai deixou para o final então... Possivelmente cheguemos a um final cedo às negociações que são inúteis agora.

— A morte de Sunny, — Anna disse. — Parece incorreto deixar que sua morte seja útil para nós, mas a morte de Sunny seria uma boa razão para fechar as reuniões cedo.

Angus inclinou a cabeça.

— Ninguém será enganado, sabem o que Chastel fez, mas nos permitirá cobrir as aparências.

Anna se estendeu debaixo dele e grunhiu quando Charles riu quando os frios dedos do pé se fizeram lugar em um sítio onde os pés frios nunca deveriam tocar em um homem adulto. Virou-se sobre ela, e suspirou aliviada, com os olhos abertos e brilhantes de cor azul na escuridão do quarto do hotel.

— Pois bem, olá, — ele murmurou à loba de Anna. — Nós os homens lobo, — informou a ela solenemente, — somos de sangue quente. Muito sangue quente. Não temos frio nem colocamos pés gelados em lugares onde não devem ir.

Ela piscou um par de vezes.

— Quente, — ela disse, com voz rouca.

— Sim, — ele respondeu. — Mas poderia ter levantado a manta antes que te esfriasse.

Ela se arqueou acima fora do colchão e lhe beijou duro, agarrando sua mandíbula com as mãos.

Enquanto ele a beijou, deu-se volta até que ela esteve acima. A loba de Anna algumas vezes fazia coisas com as que Anna não estava muito confortável. Ele tinha aprendido a adaptar-se a isso, e uma das coisas que devia assegurar-se, era que, salvo que Anna estivesse a cargo, ela devia estar acima. Se ela despertava debaixo dele, tinha uma tendência a aterrorizar-se.

Ele não podia se comunicar com a loba de Anna da forma em que ele, e Anna, podiam falar com o Irmão Lobo. Sua loba tendia a sair quando Anna estava adormecida e usualmente só dizia orações de uma palavra.

Ela mordeu sua orelha, puxando fortemente os brincos âmbar que ela tinha comprado para ele.

— Seja amável, — Ele disse. — Eu gosto destes brincos.

Ele pôs suas mãos na parte baixa de suas costas, e ela se arqueou com um som feliz. Ele a deixou brincar como quis por algum tempo antes de apanhar suas mãos.

— Hey, senhora loba. — ele disse ofegante. — Precisamos avivar a sua outra metade antes que as coisas vão mais longe. — Ele realmente não sabia quanto Anna sabia a respeito do que sua loba fazia em momentos como este, se ela chegava a unir-se ao passeio ou se seguia dormindo. Mas não lhe pareceu que estava bem fazer algo sério, a menos que estivesse seguro de que Anna sabia o que sua loba trazia entre mãos.

Ela cravou os olhos nele, e ele observou a mudança ocorrer, simplesmente em seus olhos. Saltou de uns ardentes olhos azuis a uma cor morena de cerveja de raiz em algumas batidas. Ela não parecia assombrada por encontrar-se em cima dele, só sorriu e flexionou suas mãos em seus ombros.

— Tudo bem? — Ele perguntou.

Em resposta, ela retorceu seus quadris e se pressionou contra ele. Charles gemeu ante o movimento inesperadamente agressivo. A loba de Anna fazia coisas como essa... Anna usualmente era mais temperada. Ela estabeleceu um ritmo duro e rápido, e ele a deixou fazer o que ela queria.

— Vou descansar e pensar na Inglaterra, — ele soprou para fazê-la rir.

O tiro saiu pela culatra porque ela se levantou, e logo se deteve, mantendo sujeitos seus quadris com a pressão de seus pés sobre suas coxas.

— Se pensar na Inglaterra, — ela disse, — não devo estar fazendo isto bem.

E ela fez algumas coisas que lhe revolveram o cérebro completamente.

Logo, deitou-se sobre ele como uma manta aromática, só que as mantas usualmente não deixavam beijos em seu pescoço.

Ele disse:

— Recorda quando te disse que era minha companheira, e respondeu que você não gostava do sexo?

Ela riu nervosamente em seu tom presumido.

— Pensei que seria justo te avisar.

— Os coelhos gostam do sexo, — ele disse meigamente.

Ela ficou direita e mordeu seu nariz.

— Lembre-se de um coelho fora de ti. Sei onde estão os pontos que lhe dão cócegas.

Alguém golpeio a porta, um som rápido, urgente.

— É Angus. Deixe-me entrar.

Anna chiou e saiu da cama, pegando-as roupas da noite passada. Charles vestiu suas calças jeans e caminhou a grandes passos para a porta. Era um pouco depois 2:00 A.M. Algo urgente deve ter acontecido. Especialmente tendo em conta que Angus não tinha ligado.

Logo que Anna estava decentemente coberta, Charles abriu a porta e convidou Angus a entrar. O outro lobo vacilou ante a soleira mas não fez nenhum comentário a respeito do que Charles e Anna tinham estado fazendo, entretanto até um nariz humano provavelmente o teria reconhecido.

— Trouxe um pouco de sustento. Tome uma, — Angus disse. Ele tinha uma bandeja com quatro xícaras cheias de vapor: Duas de chocolate, duas de café.

Charles tomou um chocolate e Anna, que usualmente bebia chocolate com ele, abruptamente agarrou o café.

— Preciso despertar, —disse, já que ele devia ter ficado assombrado.

Angus colocou a bandeja na mesa, sentou-se e agarrou o outro café.

— Chastel está morto. — ele disse imediatamente.

— Pensei que suas feridas não eram suficientes para lhe matar.

Charles realmente não poderia recordar quanto dano tinha feito.

— Não da briga. — Angus tomou um gole de café. — Alguém disparou contra ele com bala de prata e então... Parecia como se o tivessem esquartejado. E deram uma surra no Michel, bodes. O conhece? Fratura de crânio, fratura de mandíbula, costelas quebradas, e outros traumas. Passará um tempo antes que esteja em forma para dizer algo a alguém.

— Quem o matou?

— Esse é o problema; seu perfume é o único presente além do de Chastel e Michel.

— Ele esteve comigo toda a noite, — Anna disse indignada.

Charles deu a ela um sorriso contente.

— Não o matei, nem tinha porque fazê-lo.

Angus inclinou a cabeça sombria.

— Desconfiava disso. Mas necessitava que me dissesse isso.

— Esquartejar a uma pessoa toma tempo. — Charles supôs que isso era algo que ele não deveria admitir saber. — Quão profissional foi o trabalho?

— Não podia ter matado um porco tão bem. — Angus disse. — E trabalhei como açougueiro por vinte anos. — Ele vacilou, logo se sentou no bordo da cadeira. — Olhe, sei que não foi. Este não é seu estilo de matar.

Quem quer que seja que fez isto, era um maldito louco. Você apenas teria esmigalhado e terminado aí. Mas a *fae*... Ela não pode reconhecer a verdade quando a ouve. Não, a *fae* não aceitará nossa palavra. — Ele soou um pouco amargurado. — Logo que Dana souber as notícias, virá atrás de você... Já que você escapou dela antes. — Proporcionou uma inclinação de cabeça pequena a Anna. — Vi, também, quando ela enfocou a atenção no Charles como sua presa. Em honra à verdade, encaixa bem nisto. A briga, a tática dele de obstaculizar a convenção, a perseguição a sua companheira. Tom foi policial a maior parte de sua vida. Ele diz que o que ela tem te levaria aos tribunais humanos, e muito provavelmente seria declarado culpado. — Ele levantou seus olhos para Charles, que o consentiu. — Ela não tem que convencer a nós ou seu pai, recorda. A única autoridade superior entre as *fae* é a de um Senhor Cinza... E um pouco similar aos tribunais humanos é o que elas procurarão. — Ele tomou um gole forte de seu café. — Sua palavra. E ela é uma Senhora Cinza. Ela terá cada *fae* dos Estados atrás de ti. Se resistir, ou seu pai resistir, e sabe que ele o fará, seria uma declaração de guerra.

— Ela faria isso? — Anna perguntou.

— Sim, — Angus respondeu sem titubear.

— Temos que descobrir quem o matou antes que ela saiba que Chastel está morto, logo. — Charles disse como se não fosse algo difícil.

— Bem.

— Chama seus ajudantes e cancela o show do cão e o põei por hoje. — disse Charles.

— A morte da companheira de Arthur é uma desculpa bastante boa por agora. Precisamos revisar a cena de morte de Chastel, logo falarei com o Michel.

Angus era um bom motorista, parando em luzes amarelas assim Anna, atrás dele no maltratado Corola, não teve que correr pelas luzes vermelhas ou arriscar-se a perdê-lo.

Ele lhes havia dito que os lobos franceses estavam hospedados em uma residência privada, alugada no distrito Queen Anne, um bairro de casas bem cuidadas ao lado de uma colina não muito longe de seu hotel.

Ela viu a casa antes que Angus acendesse seu sinal. Era completamente moderna, destacando-se de seus vizinhos mais tradicionais como um polegar machucado. E a razão pela qual ela soube que era a casa correta, foi o homem lobo bebendo cerveja no alpendre dianteiro.

Ian, seu anfitrião da pista de aterrizagem, estava sentado sobre uma cadeira de balanço de metal com uma lata em sua mão. A cerveja é uma camuflagem, ela pensou. Estava o suficientemente frio para que um homem estivesse sentado em seu alpendre, às duas e meia da madrugada, para a hora era estranho, e a cerveja o fazia menos... Chamativo. Parecia como se tivesse sido expulso a pontapés e estivesse esperando que o deixassem entrar.

Anna seguiu o carro de Angus e estacionou no caminho de acesso em lugar de na rua. Era um espaço um tanto apertado, já havia dois automóveis estacionados ali – houve já dois automóveis nela – mas o Corola era um carro pequeno.

Anna abriu sua porta, e pôde cheirar sangue. Ela percorreu com o olhar a Charles, mas ele não mostrou qualquer sinal de ter prestado atenção. A fome de carne crua não era algo novo para ele. Ele sabia o que ele era e, normalmente, podia aceitá-lo; Aceitá-lo o suficiente para que ele e o Irmão Lobo pudessem trabalhar em conjunto de uma maneira que nenhum outro lobo o podia fazer. No alto das escadas, Ian sujeitava aberta a porta – enquanto ficava um pouco para o lado, protegendo o mais possível do cheiro de assassinato. Manteve sua atenção firmemente em seu Alfa.

— Senhor, — ele disse. — Ninguém veio desde que você saiu. Temos guardas diante e atrás como você pediu. Os outros franceses estão hospedados no hotel que solicitou.

— Bem.

— Sim, senhor. — Ian parecia um pouco estressado. Impulsivamente, Anna tocou sua mão. Ele tomou um par de fôlegos profundos e cravou os olhos nela. Angus lhe golpeou ligeiramente na bochecha com carinho.

— Lobo ômega, meu menino. Propagar paz e felicidade, é o que eles fazem.

Ele gesticulou, e Anna soltou Ian e seguiu Charles para a casa.

— Se Dana configurar isto, ela já saberá, — disse Anna, quando a porta se fechou atrás deles.

— Sim, — Charles disse. — Entretanto não tem sentido anunciá-lo se ela não o faz. — Ele fez uma pausa no vestíbulo e a olhou. — Entende às pessoas melhor que eu. Pensa que Dana contrataria vampiros? Pensa o que os vampiros puderam operar por sua conta?

Ele se subestima, ela pensou, mas pôs seus instintos para trabalhar de todas as formas.

— Ela é uma Senhora Cinza. Desfruta jogando, ela desfruta fazendo a sua aparência... Pouco atrativa. O que provavelmente significa que ela é de uma vez horrendamente feia ou sensacional sem a ilusão. — Ela fechou seus olhos, tratando de fazer encaixar. — Não há maneira

que ela contratasse um vampiro. Ela não confiaria a eles seus segredos. — Isso é certo. — Ela... Ela estaria bem tendo alguém mais cumprindo com seu trabalho sujo... Mas não por dinheiro, não acredito. Alguém que deve a ela, os servos da *fae*, talvez. Chantagem. Mas não aluguel de assassinos.

— Estou de acordo. — disse Charles.

— No que se refere aos vampiros... Quando vieram atrás de nós, não havia emoção, nada pessoal nisso. Só estavam fazendo um trabalho. Mas então matamos dois deles, e isso o converteu em pessoal certo? Então quando mataram Sunny, machucaram-na e a deixaram onde... Pudessem contar a façanha aos homens lobos.

— Angus? — Charles perguntou. — Dana vive aqui. Conhece-a melhor que nós.

— Não compreendo as mulheres, em absoluto. — Angus rechaçou. — Acrescente *fae* a isso, e estou fora. — Fez uma pequena pausa. — Mas penso que o Coelho dá no prego. Soa-me acertado o dos vampiros, também.

— Anna, — disse Charles brandamente antes que Anna pudesse protestar. — Não Coelho.

Angus inclinou sua cabeça.

— O termo foi de respeito, — Isso é tudo. Anna.

Charles não fez insistiu nisso, ele simplesmente seguiu para o seguinte assunto.

— Os vampiros têm alguma forma de camuflar seu perfume de nós. Nos mantém afastado de seus lugares de descanso durante o dia. Angus se congelou.

— Pensa que este foi um assassinato de vampiros? Quatro vampiros contra o Chastel e Michel?

— A Besta estava muito sentida. — Charles evitava dizer os nomes dos mortos, usualmente. No referente a eles um apelido era aparentemente bom. — Michel... É muito menos autoritário que seu Tom. Seu coração está no lugar correto, mas ele não é guerreiro. De outra maneira, a Besta o teria matado há muito tempo. Onde estavam o resto dos lobos franceses?

— Em uma LAN party toda a noite.

— Uma LAN party? — Anna sabia alguma coisa disso. — Não é onde os geeks se reúnem e jogam o mesmo jogo em uma rede de computadores?.

Angus inclinou a cabeça.

— Alan pensou que poderia ser interessante, deixá-los liberar sua agressividade sem matar ninguém. — Fez uma pausa. — E ninguém realmente o fez... Não ali, de qualquer maneira. Continuando, ele e alguns membros de sua família, vários de minha alcateia, e... pensamos que um

dos espanhóis convocaram-se eles mesmos para arrumar uma LAN party de algum jogo e disparar na primeira pessoa.

— Quem sabia que só haveria dois lobos aqui? — Anna perguntou.

— Qualquer um que lesse o pôster sobre isso, que está disponibilizado em nosso site na Internet. Isso significa que toda minha alcateia e qualquer dos lobos que vieram à convenção que tomaram o tempo de checar os materiais de boas-vindas que nós provemos.

— Assumindo que nossos vampiros trabalham para um de nós, — Charles filosofou, — o teriam sabido.

— Se forem os vampiros, movem-se terrivelmente rápido. — Anna comentou. Ela se deu conta de que todos estavam tentando evitar mover-se para frente, para a casa, perto do cheiro de sangue.

— Tom, Moira, e eu fomos atacados anteontem, Sunny ontem, e Chastel mais tarde ontem à noite. — Ela não queria vê-lo, dar um passo para a prova de tudo o que era dor e morte. Ela pensou que talvez os outros estavam brigando em uma batalha oposta batalha.

— Os assassinos com brancos múltiplos tomam seu tempo para fazê-lo tão rápido como podem. — Angus sugeriu. — Golpear antes que o inimigo tenha a possibilidade de levantar suas calças e devolver o golpe. Tão ativos como pequenas abelhas.

— A pergunta é, o que eles estão fazendo? E por quê? — Charles soou prudente, como se falasse de um jogo de xadrez em lugar de discutir de um assassinato, em um prazenteiro lugar tão impregnado de morte. — E Dana faz parte disso? Ou é ela uma matéria inteiramente separada? — Ele olhou a Anna. — Pode ficar aqui.

— Mas quer que eu vá. — Ela sabia que estava certa, e a assombrou.

— Você nos brinda com um olhar diferente, — ele disse. — Angus e eu, podemos decifrar a batalha. Você nos conta sobre a pessoa. A quem caçamos e o que essa pessoa está tentando conseguir. — Deu a ela um sorriso premente. — Você vê coisas, por que as pessoas fazem as coisas. Vampiros que atuam como lobos. Quero que fique aqui, mas temo que poderemos precisar de você ali dentro.

Ela aspirou profundamente.

— OK. Mas se eu vomitar, vou por a culpa em você.

— Concedido.

Ela se inclinou para atar seu tênis e viu momentaneamente a cara de Angus.

— Ele é muito protetor, — lhe disse. — De uma forma muito Nietzscheana “O que não nos mata nos faz mais fortes”. Ao menos não haverá vinte pés de neve aqui.

Charles riu.

Ninguém sorria quando entraram no quarto. O sangue molhava o tapete, e as paredes estavam orvalhadas com ele. Estava apodrecendo; Em poucas horas começaria cheirar a podre. As paredes estavam café em vez de vermelho. Ela não olhou os dois montes das partes de carne e de osso e do corpo ainda. Um passo pequeno de uma vez. O que dizia todo o sangue para ela?

— Quem teria pensado que este homem velho teria tanto sangue nele. — Anna murmurou.

— Pensei que só fazia entrevistas em latim, — disse Charles.

— Não posso citar Shakespeare em latim. — Ela pensou a respeito disso um pouco porque isso significava que não teria que ver mais de perto o que havia na habitação, ainda. — *Cui bono*, logo. Quem se beneficia disto?

— Não vejo como poderia ser dinheiro, — disse Angus. — Ou não só o dinheiro. Ou o amor, o que seja. Sunny talvez, mas Chastel?

Anna caminhou todo o caminho para a habitação, e o tapete esmagado, da maneira em que o tapete no apartamento de seus amigos ficou depois de que um barril de cerveja foi aberto à força (Uma pessoa brilhante tratou de abri-lo com uma chave de fenda e um martelo quando o grifo tinha melhor efeito).

Ela poderia dizer onde Michel tinha estado, porque havia um lugar moldado por uma pessoa onde o sangue não tinha saturado o tapete de cor café claro.

E ali estava o corpo... ou os pedaços dele. Ela se obrigou a olhar. A vida de Charles poderia depender de descobrir quem tinha feito isto. Não tinha o luxo de ser afetada.

As mãos, os pés, a cabeça (parecia-se muito mais a uma escultura de cera para um filme de horror que algo que caminhou e falava) sentada em cima do monte. A cabeça olhava para a porta através da qual tinham entrado, uma mão em cada lado, os pés no exterior disso. O resto desse monte era vísceras e ossos.

Um quadrado de tecido, que não lhe dizia como se via originalmente, mas ela estava bastante segura de que tinha sido uma toalha pela forma, estava estendida no piso ao lado do monte de partes do corpo. No quadrado de tecido estavam um monte de cortes de carne em bifés e dois cabides de costelas, como se alguém tivesse planejado um churrasco.

Por que lhe incomodava o sangue?

— Não conheço os vampiros, — ela disse, falando rápido para que sua mandíbula não vibrasse. — Mas li o Drácula quando estava na escola secundária. Desperdiçariam todo este sangue? Ou isto foi feito para horrorizar? A quem querem atemorizar e por quê?

— Não, — disse Charles repentinamente. — Não desperdiçam o sangue. Não sem uma boa razão. Está certa, isto foi deliberado. Com a intenção de parecer-se com esses assassinatos em

série. Isso está tudo errado para um vampiro. Um vampiro que deixou a vítima, como se este teria sido assassinado antes que ele, ou ela, o fizesse pela segunda vez. Eles podem permitir a atenção humana muito menos do que podemos nós.

— Isto foi planejado para ter efeito. Uma grande quantidade de esforço. — Ele cravou os olhos nas partes do corpo, e sorriu com satisfação. — Muito esforço, aparentemente.

Fez um gesto com o braço no que ficava de Chastel.

— Fizeram armadilha. Temos um corpo ermo, e ali há simplesmente muita massa, por aí a respeito de vinte libras. Arrumado que encontramos preparados comerciais de vaca no meio da carne e que ali há mais que o francês sob os despojos. A carne nos ossos. Realmente não tiveram tempo para fazer um trabalho cabal. Só tinha que ver-se bem para a audiência.

— Quem é a audiência? — Angus perguntou.

— Não nós, — disse Anna. — Eu do lado... Isso é ruim a não ser para lobos que saem fora cada lua enche e caçam? Ali não é só uma quantidade de horror deixado no sangue e carne. — Ela não assinalava que Angus tinha muita dificuldade de tirar seus olhos do monte de bife.

— Especialmente quando a vítima é alguém como Jean Chastel. Apostaria que os lobos franceses se sentiram mal a respeito do Michel, mas disseram: “Bom descarte” quando viram o Chastel. Pensa que isto é para o público? Para forçar ao Marrok a não sair à luz pública? Ou isto é para a *fae*, que não tem nenhuma ideia de quão açougueiro Chastel era? Para somar ao horror da morte a fim de que a caçada de Charles se percebesse como justa?

— Soa como um psicólogo. — disse Angus.

Anna negou com a cabeça.

— Não. Ômega equivocado, Ric é o psicólogo. Eu simplesmente vejo TV e leio um lote de mistérios forenses. Sentir-me-ia bastante mal sobre esta cena se fosse Sunny. Se este for dos vampiros, e não cheiro a ninguém exceto ao Charles, Michel, e Chastel, então soa como tenha que ser eles, logo tem que haver uma razão para que tenham feito isto com o Chastel... E outro com a Sunny.

— Sunny foi pessoal, — Charles disse. — Não esteve perto de seu corpo, nem o cheirou. Assustaram-na e a sangraram lentamente. Ela sentiu dor e sofreu. Qualquer homem lobo que estivesse perto de seu corpo saberia isso. Quiseram que nós soubéssemos que ela sofreu. Isto é... Simplesmente horripilante. Mas não é sincero. É encenado. — Ele olhou a Anna e deu a ela uma inclinação de cabeça solene. — E para alguém que não é nós — quem, esperamos, não o viu ainda.

— Então precisamos nos pôr a limpar, agora, — disse Angus e ele sacou o telefone e fez uma marcação rápida. — Dirá a seu pai que ele financie isto: Nossa bruxa é cara. Tom?

— Sim? — A voz de seu segundo foi silenciada, como se ele guardasse silêncio para não perturbar com quem quer que seja que ele estava.

—Traga uma tripulação de limpeza total – eficientes e rápidos – e a tua bruxa. Sim, pagaremos por isso, ou o Marrok o faz, e você diz a ela que lhe acuse acima do nariz. Leva-os a casa de Chastel, e te direi mais quando vier. Sim, alguém finalmente matou o bastardo.

Ele pendurou o telefone e Anna se deu conta, com um pouco de diversão, que Tom não havia dito uma palavra só depois dessa primeira aceitação. Angus era um Alfa que sabia que sua palavra seria obedecida.

— O açougueiro, — disse Charles, atentamente. — Talvez isto não foi tudo pelo show. Os vampiros não quiseram dizer, mas estão abaixo de ordens. — Ele olhou a Anna. — Penso que está certa, veja. Mas também penso que isto foi simbólico. Um fim do açougue para a Besta. Não fúria, porque logo a pessoa atrás disto o haveria feito ele mesmo. Mas há alguma conexão entre o Chastel e o homem que fez os preparativos para fazer isto.

Anna recordou algo que o Marrok havia dito.

— Talvez o assassino não quer ocupar o lugar de Chastel na hierarquia europeia. Esperariam isso? Que um homem lobo que matasse o Chastel teria que entrar e assumir o controle, convertendo-se no Marrok de Europa? Até se não foi um apropriado desafio.

Charles sorriu um pouco – o que não foi correto, não nesse quarto, mas ele tinha sido um homem lobo por um tempo muito longo e provavelmente não tinha essas respostas dela, ainda humanas, para este sangue.

— Salvou-me de um pior destino do que acredita quando me impediu de matá-lo mais cedo. Tenho poucas vontades de fazer o trabalho por meu pai.

— Tenho uma pergunta mais, — Anna disse, tomando um último olhar ao redor do quarto. Do que ela precisava sair. Pode que se ela fosse lobo neste momento, não se incomodaria, mas seus olhos se mantiveram olhando a cabeça de Chastel, e seus olhos ermos a olhavam.

— Sim?

— Por que deixaram o Michel vivo?

— Não penso que fosse sua intenção, — disse Angus. — Penso que acreditaram que ele estava morto. Ele está muito mal, mas é preparado e fingiu estar mais machucado do que estava.

Anna sabia disso. Se pensassem que tinham quebrado ossos da primeira vez, podiam não golpear uma segunda vez. — Assim é, — ela disse, saindo cegamente do quarto. — Isso é todo o que posso fazer.

E ela correu a velocidade para o banheiro que tinham passado ao entrar. O café não ficara em seu estômago tempo suficiente para cheirar mal. Ao menos ela não havia tomado o desjejum.

Anna pegou uma toalha limpa e a molhou com água fria. Quando terminou, limpou a sola de

seus sapatos. Eram de couro e só tinham um par de semanas, e o sangue não tinha estado neles bastante. Em sua maior parte estavam limpos.

Michel estava mau. Quase morto de tão mal. E ele não ia poder dizer nada a ninguém de imediato. Alan o tinha em uma cama de hospital, em uma jaula no porão de sua casa, a vinte minutos de distância. A jaula era necessária porque feridas sérias em homens lobos, que não eram atendidos por lobos mais dominantes, tinham a tendência de torná-los violentos.

Provavelmente não seria de utilidade tentar falar com ele, até que ele tivesse ao menos um dia ou dois para recuperar-se. Charles se decidiu. Amanhã iria com um dos lobos franceses para falar com o Michel.

Anna parecia cansada... Doente, ele se corrigiu. Ela estava certa. O horror da cena escapou dele e provavelmente também de Angus. Se estivesse em cena enquanto Chastel estava ainda vivo... Provavelmente teria incomodado mais. Se tivesse sido alguém que importava, ou que supostamente devia proteger... Teria sido diferente.

Mas Anna era jovem, e apesar de que seus primeiros anos como loba tinham sido difíceis, havia muito que não tinha visto, ou possivelmente era só que ela podia ver o lugar do crime e não pensar no café da manhã.

— Angus, nós voltaremos ao hotel para descansar um pouco. Chama-me quando a limpeza total estiver feita?

Angus, no telefone outra vez – agitou seu acordo, e Charles tocou o ombro de Anna para pô-la em movimento.

— Pensei que íamos falar com o Michel? — Anna disse.

— Não esta noite. Demos-lhe algum tempo para recuperar-se. Isto foi feito pelos vampiros. Não fui eu. Não vejo que Michel pudesse ter feito. Ainda se ele pudesse ter pegado um Chastel ferido, o qual realmente não penso que seja uma possibilidade, não há maneira de que um homem mau ferido possa tomar o tempo e esforço necessário para arrumar assim o quadro. Isto se fez friamente, profissionalmente:

Vampiros.

Ela se deteve.

— Por que a habitação tinha seu cheiro?

Ele a levou para frente outra vez.

— Não tenho nem ideia. Angus, olhe isso por favor?

Angus inclinou a cabeça sem fazer uma pausa em sua conversação.

Ela tomou um passo e se deteve outra vez.

— E quem ganhou a caçada?

— É importante isso?

— Talvez. Se Chastel tinha o anel de rubi, e Dana teve acesso a ele. As *fæe* podem pôr feitiços em objetos, não podem?

Charles olhou e viu que Angus ainda os escutava.

— Espera um minuto, — Angus disse a quem quer que seja que ele falava. — Valentin ganhou. O lobo alemão.

Anna disse:

— Merda. — Ele nunca tinha ouvido alguém usar essa palavra com tal sentimento antes. Deu-lhe um sorriso aberto cansado. — Valentin arrebatou essa bolsa de nós. Quase o obtivemos.

— Ele o tirou de ti e dos italianos? — Charles perguntou Isso elogiosamente agradecerá ao Valentin, desferrar um pouco depois que o Ômega se decidiu a ficar na alcateia do Isaac.

— Assim não há nenhuma magia *fæe* envolta. — Anna disse.

— Parece que não. — Charles guiou a Anna através da porta principal e fora na noite fresca ... Ou de madrugada de qualquer maneira.

Ian os saudou com a lata de cerveja na mão quando saíram e Charles acomodou a Anna no assento do passageiro.

Ela estava suficientemente cansada para deixar passar algumas quadras antes de dizer:

— Ouça. Por que conduz?

— Porque está tão cansada que te arrasta, — lhe disse. — Fecha os olhos, e eu nos levarei de volta.

— Quanto tempo podemos dormir? — Anna perguntou, tirando suas roupas antes que ele fechasse completamente a porta do hotel detrás deles.

— Até que tenhamos que nos levantar, — Charles disse a ela. Ele estava cansado, também, mas lhe tirou suas roupas e as lançou sobre uma mala antes de tratar às suas de uma maneira similar. Deixou sua roupa interior, como usualmente fazia agora: Pareceu fazer às coisas um pouco mais fáceis para a Anna.

Uniu-se a ela na cama, deitou-se de barriga para baixo e gemeu com o prazer de relaxação. Quatro da manhã, mas com as cortinas fechadas poderiam ter quatro ou cinco horas de sonho, sempre e quando Angus não tivesse nada novo para reportar.

Ela estava no outro extremo, deixando dois frios pés de colchão entre eles. Ele sabia que ela ficaria adormecida assim... E então viraria de lado até que ela ficasse contra ele. Logo ele poderia dormir, também.

— Charles? — Ela disse.

— Hmm?

Ela se moveu, mas com sua cabeça abaixo, não poderia saber se ela havia girado afastando-se, ou aproximando-se mais a ele. Havia algo tentativo em sua voz, e o Irmão Lobo, o caçador velho e ardiloso, disse-lhe que mantivera sua cabeça abaixo e seu corpo depravado enquanto sua presa ia para eles.

— Você se importa? — Ela sussurrou.

Ele considerou todas as coisas que lhe poderiam incomodar, mas não encontrava uma apropriada para esta situação.

— O que me pode incomodar?

— Esta noite. — Pausou. — Eu. Minha loba. — E logo ela não disse nada mais.

Foi suficiente. Ela falava de fazer amor mais cedo. Como responder? Tomaria você de qualquer forma que viesse para mim, como agora, por exemplo, não parecia realmente a resposta correta.

— Isso incomoda a ti? — Charles perguntou.

Um golpe suave, um golpe, outro golpe, e uma vibração sutil lhe disse que ela golpeava ligeiramente seus dedos na cama. Logo a cama ricocheteou quando ela ficou direita. Ele volteou sua cabeça então ele poderia abrir um olho e olhá-la.

Ela estava nua. Uma parte dos movimentos tinha sido dela tirando-as últimas de suas roupas. Enquanto ele observou, ela estendeu sua mão, inclinou-se para frente, e tocou suas costas nuas.

Ela só se deteve ali. Enquanto estava sentada ali, seu pulso se acelerou até que pôde ver golpear em seu pescoço... E não foi paixão.

— Maus pensamentos? — Ele perguntou.

Ela inclinou a cabeça.

— Acabou-se. Feito. Passou muito tempo. Por que tem ainda tal poder? — A mão que

estava em suas costas se fechou em um punho, a tirou, logo voltou a deixar onde tinha estado com os dedos estendidos.

Palavras. Ele não era bom com elas. Mas faria um intento.

— Não está terminado em sua cabeça. E isso está bem, Anna. Não espere que isso fique superado tão rápido. É como... Como a prata que saiu de minha ferida. Precisa supurar, e algumas vezes se sentirá pior que a ferida original.

— Se deixo entrar a loba, — ela disse um pouco ferozmente, — não é uma luta absolutamente.

— A loba é emoção: As necessidades e agora, — ele estava de acordo. — Ela não se preocupa com o passado com tal de que não faça rupturas no agora.

— Ela sabe que não nos machucará, — Anna disse, soando frustrada. — Sei, também, mas não ajuda. Ela pode estender a mão e pode tomar o que ela quer.

Ele se virou, tomando-se seu tempo na ação. Quando terminou estava a um pé mais perto dela e poderia olhar sem ter uma cãibra no pescoço.

— E você me quer?

Ela tinha arrancado com força sua mão quando ele se moveu, e agora estava sentada erguida e rígida. Algo começou a mudar...

— Não sua loba, — ele disse. — Você me quer? Ou é só a loba.

Ela era a única em fazer o melhor possível para viver com a criatura dentro dela? Dando-lhe o que queria? Isso era o que seu pai fazia com sua companheira. Lobo com lobo estavam tão unidos como qualquer casal que tinha visto... Homem com mulher... Eles não encaixavam. Ele não queria isso para a Anna.

Ele não pensava que a Anna não gostasse dele, não pensava que tudo entre eles era por sua loba. Mas inclusive a possibilidade disso era realmente dolorosa.

— Quero-te, — lhe disse com um polegar em seu peito. — O faço. — Logo lhe deu um pequeno sorriso pesaroso. — Como o faz ela.

Então, ele retomou a pergunta original. Era muito importante conhecer a resposta.

— Você se incomoda quando sua loba inicia nosso fazer amor?

Ela deixou cair seus olhos, não por nenhum desejo de submeter-se, mas como um impulso humano para esconder o que ela sentia.

— Não da forma a que te refere, — ela disse finalmente.

— E a que me refiro?

Deu-lhe um olhar exasperado.

— Não estou jogando, Anna, — disse a ela, sujeitando seu olhar fixo quando ela o tinha baixado. — Preciso saber como manipular isto. Preciso saber mais.

— Quer saber se estou completamente disposta a ter relações sexuais quando ela inicia as coisas. — Sua voz foi quebradiça com a vergonha tão evidenciada em suas maçãs do rosto.

— Isso é o que eu quero saber.

Ela tragou.

— Sim. — E logo disse, em um passo rápido, como um globo desinflando-se, — penso que lhe dou a ideia em primeiro lugar.

O alívio caiu através dele. Com qualquer outra coisa ele poderia trabalhar. Qualquer coisa.

— Assim.. Você se incomoda quando ela inicia o de fazer o amor na forma em que lhe dá a entender?

Ela deu um bufido de risada.

— Sinto muito. Mas soa estúpido quando o põe desse modo. — Ela deixou cair sua cabeça, logo a levantou, jogando para trás o cabelo e lhe mostrando seu rosto, brilhante com vergonha e calor. — Me incomoda quando ela o pode fazer sem mim. Mas não posso te tocar, a pele nua contra a pele nua, sim um pouco da ajuda dela.

—Ah, — ele disse. — Então façamos um pequeno intento e vejamos se, com minha cooperação, em lugar da dela, podemos obter frutos.

Ela evitou.

— O que? São quatro da manhã. Vai ter que falar em frases mais curtas para que tenham mais sentido.

Ele se deitou de barriga para cima, levantando seu queixo em uma atitude total que ele só alguma vez tinha devotado a seu pai antes.

— Eis-me aqui, — ele disse. — Entupido e apertado. — Ele pôs suas mãos como se seus punhos estivessem atados ao colchão. Balançando seus pés. — O que vai fazer comigo?

Ela cravou os olhos nele. Submisso? Charles? Mas essa garganta deixada ao descoberto estava ainda ali. Nenhuma ameaça.

Ele não poderia tê-la feito acreditar com palavras que ele não a machucaria, porque ela já acreditou nas palavras. Mas seu corpo lhe dizia a mesma coisa, que ela confiasse até seus ossos.

Porque ela confiou, pôde mover-se mais perto, até que seus joelhos se encontraram bruscamente com seu corpo. Pôs seu nariz contra sua garganta e ele se moveu para lhe dar mais espaço, ainda quando ela abriu sua boca e deixou seus dentes deter-se contra sua pele.

Sob sua língua, seu pulso começou a acelerar-se. Não de medo, ela cheirou sua excitação, e a pura chamada desse cheiro que afrouxou algo dentro dela, fazendo-a gemer de prazer. Ela lambeu o lado de seu pescoço, apreciando o sabor de sal e o homem, apreciando a liberdade que ele tinha dado para tocar e saborear a prazer.

Ela tomou o tempo, seus toques foram tentativos ao princípio. Sentiu-se... Como se violasse sua privacidade. Intrrompendo-se.

Ela recordou algo abruptamente.

— Alguém me disse que você não gostava de ser tocado, — disse. Não podia recordar quem tinha sido. Asil, Talvez.

Seu peito levantou da cama, seguindo seus dedos quando ela começou a levantá-los. Desconcertada, ela deixou suas mãos onde estavam, então ele teve que esforçar-se em mantê-los nele.

— Não usualmente, — ele admitiu, soando um pouco ofegante. — Mas amo seu toque. Toque-me em qualquer momento. Em qualquer lugar. Onde você queira. — Foi sincero e honesto: E ela teve uma visão repentina dele falando com seu pai e com ela com suas mãos em lugares impróprios.

Ela ia compartilhar a imagem com ele, mas então obteve um bom olhar em seu rosto e percebeu que ele quis dizer o que havia dito, e o impulso de rir saiu tão rapidamente como tinha vindo.

Deliberadamente, ele empurrou acima mais alto, pressionando suas mãos nele, usando os músculos de suas costas porque ele conservava suas mãos e seus pés onde tinham estado.

— Me acaricie, — lhe disse. — Eu gosto.

Seu coração pulsava tão forte que ela podia ouvir... Temor, um pouco, sim. Mas também havia algo transcendental e o poder de ter o Charles a sua mercê. Ele era tão bom como sua palavra: Não importa o que ela fizesse, suas mãos e seus pés permaneciam onde estavam.

Algo vibrou sob sua cabeça. Foi uma sensação tão estranha que embora meio consciente, Anna fez um intento para descobrir o que era. Suas orelhas disseram a ela que havia um motor de carro em alguma parte muito perto, e tratou de figurar-se como tinha passado de sua cama a um

automóvel sem dar-se conta.

E logo ela cheirou os vampiros.

— Ela está acordada, Ivan, — disse a voz de uma mulher.

Anna abriu seus olhos e viu o vampiro que tinha atacado a Moira. A mulher lhe sorriu.

— Agora eu, — ela disse, — eu não gostava de Krissy. Ela era uma garota bonita e uma pequena parva insistente. Mas Ivan tinha algo com ela, e ele não gosta de você absolutamente. Então seja um bom cachorrinho, e não teremos qualquer problema, Entendido?

Anna não se incomodou em responder. Ela estava nua, atada de pés e mãos e dentro do que só poderia ser a parte traseira da minivan azul que os vampiros tinham estado dirigindo de um lado a outro. Tinham tirado os assentos traseiros e tinham instalado parafusos tensores enormes aos quais a tinham encadeado.

Pagaram uma dinheirama à companhia de aluguel quando devolveram a caminhonete. Ela estava bastante segura que ainda o seguro de aluguel não cobriria coisas como brocar parafusos tensores através do piso.

A mulher vampiro se apoiava contra uma das grandes portas corrediças. Seus pés estavam apertados contra o lado de Anna. Ao lado dela estava um homem que se via ao redor de quarenta e cinco, mas ele era um vampiro. Ele provavelmente tinha tido quarenta e cinco anos de idade por anos.

As perguntas borbulharam na ponta de sua língua.

O que quer comigo? Como me tirou do hotel? O que fez com o Charles?

Charles simplesmente não teria deixado tomá-la. Ela fechou seus olhos e sentiu o final de sua união... E foi tal como era usualmente quando o Irmão Lobo não lhe deixava entrar. O que quer que tivesse ocorrido, Charles estava bem.

Quão último ela recordava é que se apoiava abaixo dele para saborear a pele de sua barriga. Mas não devia mostrar-se fraco frente a seus inimigos. Então escolheu sua pergunta cuidadosamente.

— Quem os contratou?

A mulher sorriu exibindo um set de presas.

— Não é minha parte do show, — ela disse. — Tudo o que sei, é o trabalho.

Devemos te encerrar e te enviar através do mar brilhante em um avião.

Não lhe faremos nenhum dano se não nos der problemas. — Seu sorriso cresceu. — É

obvio, se nos der trabalho, teremos que te machucar.

Diversão, diversão, diversão.

Através do mar soa como a Europa, Anna pensou. Um dos lobos sequestrando-a? Pensaram que Charles não a poderia encontrar fora do país? Se for assim, estavam equivocados. Entretanto, seria mais fácil se ela não fosse em primeiro lugar.

Ela se levantou cambaleando, usando os grandes músculos de suas costas e as coxas para fazer força. O metal das algemas cortava sua pele, mas ela ignorou a dor. Ao que for que suas mãos estavam atadas com cadeias era duro, mas o gancho do olho prendendo a seus pés começaram a dobrar-se, o chão baixo dela atirava para cima.

— Merda! — O homem que estava sentado a seus pés olhou para a dianteira do carro. — Te disse que não era bom lugar para pegar as cadeias neste pestilento automóvel rendido.

— Lhe dispare, — disse o condutor.

Ela não podia levantar sua cabeça e girar o suficiente para ver quem conduzia, mas apostava que era o homem que tinha visto no armazém. Uma escopeta veio voando, atirada por alguém no assento do passageiro da frente. O vampiro masculino que podia ver a apanhou e disparou a três pés de distância, lhe pegando no ombro.

Charles se incorporou e agarrou sua cabeça dolorida. Tomou um momento para apanhar a mensagem frenética do Irmão Lobo.

Ela se foi. Têm-na. Não podia mover-se. Não os pude deter. Não te podia avivar. Apresse-se!

Anna?

Ela se foi, indiscutivelmente. Não havia ninguém ao lado dele na cama. O quarto tinha cheiro de vampiro e o ar de noite, ambos os cheiros vinham da janela quebrada. Ele agarrou suas calças jeans e vestiu. Agarrou os sapatos e meias três-quartos porque se seus pés não estavam destroçados os poderia alcançar mais rápido.

Do sétimo piso teria sido impossível, mas o segundo quarto que ele tinha obtido, estava no quinto. Ele saltou fora da janela quebrada, aterrizou em seus pés, e começou a rodar para mitigar a queda. Ficou em pé, seus ombros e seus joelhos doíam mas funcionavam.

Ele poderia rastreá-los, ainda na cidade, mas havia uma maneira melhor. Ele imprudentemente abriu de repente a união entre ele e Anna.

A primeira coisa que descobriu foi que ela não estava longe, mas se movia rápido. E estava muito machucada... Provavelmente o que a tinha machucado foi o que tinha permitido romper

completamente com o feitiço que o manteve inconsciente. Ele sentiu os últimos rastros disso que ainda tratava de lhe sujeitar, acordado e consciente foi capaz de queimar a magia. O feitiço era bruxaria pura.

Enquanto o resto dele focou a atenção em encontrar a Anna, uma parte pequena advertiu que os vampiros pareciam ter alguma forma de acessar uma grande quantidade de magia: de lobos e de bruxas.

Ele fechou a união com sua companheira até que não a pôde sentir sofrer, até que tudo o que teve foi uma direção. De outra maneira, distraído pela preocupação e as coisas que não poderia influir até que conseguisse chegar, não poderia funcionar eficazmente. Primeiro, tinha que encontrá-los. Ele correu.

O problema com as grandes cidades, especialmente Seattle com a via fluvial em toda a parte que ele não só tinha que saber onde estava ela, a não ser aonde a levavam.

Para o sul, ele pensou, correndo a velocidade imprudentemente abaixo da colina. O que havia no sul? A Colina do Farol, o Oeste Seattle, Kent, Renton, Tacoma. A maior parte dos lobos ficavam perto no Centro, mas pensava que os italianos poderiam ficar em alguma parte do Oeste de Seattle.

O aeroporto. O Irmão Lobo foi realmente claro e certo. Talvez ele tinha captado um pouco de Anna que Charles tinha passado por cima. Sea-Tac, ele pensou, a quinze milhas do hotel. Ele poderia correr mais rápido em forma do lobo, mas perderia o tempo, e alguém os poderia ver na estrada. Mas se tinham chegado longe, nem sequer o Irmão Lobo os poderia alcançar. Teria que roubar um automóvel, o qual poderia fazer. Isso deixaria Anna nas mãos deles por mais tempo. Então ele escolheu tratar de agarrá-los agora.

Ainda nesta forma ele corria mais rápido que o carro podia ir em as ruas da cidade. Os vampiros não quereriam atrair a atenção da polícia, não com uma mulher ferida em seu veículo. Obedeceriam os limites de velocidade e sinais de pare.

Ele se aproximava. Estava ainda escuro, e não havia muito mais tráfego que quando ele os tinha conduzido de retorno a seu hotel. Não mais tarde que cinco da manhã, estimou. Ele não tinha estado muito tempo inconsciente. Pararam. Ele poderia ver os faróis de uma minivan a não mais de uma quadra, detida pela luz vermelha.

Ele focou a atenção no semáforo e deixou que os detivesse mais o sinal vermelho. Não foi algo que tivesse feito antes, e não estava seguro de que surtiria efeito em uma cidade. Mas a luz permaneceu vermelha o tempo inteiro que correu essa quadra. O vermelho permanecia quando se lançou a través da janela de atrás. Aterrizou em cima de um dos vampiros. Sem previsão ou planejamento lhe rasgo a cabeça e o atirou no compartimento do condutor para acrescentar a confusão.

Um menos. Três para seguir.

Ao lado de seu joelho havia algo comprido e duro. Ele o agarrou.

— Dispara contra ele! — O condutor começava a ir para a parte de atrás, mas não abundava o espaço entre os assentos dianteiros, e o retardou. Isso deu tempo ao Charles para tratar com o último vampiro na parte traseira. O passageiro dianteiro abriu sua porta e saiu de um salto. Ele escapava ou planejava entrar através da porta lateral. Qualquer cara da moeda, dava ao Charles uma janela de oportunidades curta onde ele confrontava a um só.

A fêmea gritava algo a respeito da escopeta quando Charles se deu conta de que a coisa que ele tinha arrebatado do piso para usar como uma arma era certamente uma escopeta. Ele a incrustou de um empurrão através de sua caixa torácica e continuou, fazendo-a passar pela janela e fora na rua. Ela não estava morta, mas não ia a qualquer parte tampouco.

Dois menos. Faltavam dois.

Anna ficou sem fôlego quando o condutor, montando-se nos assentos dianteiros, pisou-a. Dentro da caminhonete, Charles tinha a vantagem. O lugar estreito lhe desacelerou abaixo de um pequeno, mas os vampiros eram geralmente mais rápidos e mais flexíveis, e estar dentro da caminhonete lhes pôs muito mais obstáculos.

Mas dentro da caminhonete significava que Anna, encadeada ao piso, estava correndo perigo. Então ele agarrou ao vampiro, sentindo a dor de ser captado em troca, e saltou fora da porta lateral de passageiro quando o quarto vampiro a abriu de repente com um pequeno som explosivo. O inesperado do movimento significava que o condutor estava revigorando a queixa e Charles poderiam pôr muito força em seu salto sem perder sua força lutando contra do motorista.

Os dois pegaram o quarto vampiro criminalmente rígido, e ele deixou cair a vara que levava, era do tamanho de uma fortificação ou uma vara para brigar. Charles não perdeu tempo em decidir qual era, ele nunca tinha visto um vampiro que levasse uma arma tão facilmente, se voltou para seu portador. Mas com a suficiente distancia para contemplar outra estupidez. Charles soltou ao que tinha cativo e, lhe balançando no lado da caminhonete, escapou em troca. Ele agarrou a vara e apunhalou o vampiro sob a caixa torácica e atravessou o coração. Um homem lobo não necessita uma estaca *afiada*; Desafiada funcionava o engate.

Isso deixou a só um.

Ele deu voltas para olhar para a caminhonete – e só viu danos no metal da chapa. Ele inspirou, tratando de perceber o outro – e ouviu alguém escapando. Ele rodeou o lado da caminhonete para assegurar-se de que era o condutor que corria e não algum humano aterrorizado que havia visto o açougue, mas não havia forma de confundir a velocidade de um vampiro com a de um humano.

— Não me deixe.

Ele baixou os olhos à fêmea vampiro com a escopeta golpeando duramente através de seu peito.

— A saída do sol, — ela disse, como algo escuro e molhado e borbulhado apagado ao redor do barril da arma. — Não falta muito. Mate-me. Por favor.

Com a Anna ferida, tinha poucas vontades de se incomodar de interrogá-la. Nem queria deixá-la como uma ameaça possível. Ele realizou seu desejo e se encarregou do outro vampiro enquanto ele estava nisso. Menos de quatro minutos tinham passado depois que ele saltou através do vidro traseiro da caminhonete, e tinha três corpos decapitados e suas cabeças na parte de atrás da caminhonete.

O perigo imediato acabado, ele checou a Anna. Ela falava com ele, mas o Irmão Lobo estava mais interessado em ver o que fazia doer tanto nela. Ele não tinha as ferramentas ou a paciência para tratar com as cadeias, mas a cadeia se rompeu quando ele usou o barril da escopeta como uma espécie de alavanca.

Logo que ele a Liberou, ela tratou de ficar direita e fez um som atormentado. Tinha sido golpeada no ombro a curto alcance;

O disparo logo que tinha tido possibilidade de expandir-se. Era uma carga ligeira, chumbo grosso. Chumbo. Não a queriam morta, simplesmente incapacitada. Não quis dizer que não pudesse morrer disso de qualquer forma.

— Estou bem, — lhe disse, repetidas vezes, tratando de reconfortá-lo.

Não era certo.

— Shh, — disse a ela. — Simplesmente fica quieta.

Seu telefone celular estava ainda no bolso de suas calças, e funcionava. Ele chamou Angus.

— Onde está Choo? — Ele perguntou logo que o outro lobo respondeu. — Anna recebeu disparos.

— Anna recebeu disparos?

— Tenho a três vampiros mortos em uma minivan azul que pelo aspecto geral parece que esteve em vários acidentes esta manhã. E dispararam contra Anna. Preciso do Alan Choo. Ele está com o Michel? — Ele esperava que não. A casa de Angus ficava em Issaquah. Ele precisava obter ajuda para a Anna antes disso.

— A companheira de uma dos lobos franceses é uma enfermeira. Foram para casa com o Michel. Alan está com o Arthur no Distrito Universitário.

— Sei onde vive Arthur.

— Direi aos vampiros locais que temos uma limpeza total para eles, e se encarregarão dos corpos e a caminhonete. Chamarei o Alan e o direi que lhe espere. Precisa a alguém mais?

— Não. — Charles pendurou o telefone.

Não gostou de deixar a Anna na parte de atrás da caminhonete com os vampiros mortos, mas movê-la ao assento dianteiro só a machucaria mais, e uma mulher nua, sangrenta chamaria até mais a atenção que as amolgaduras e janelas quebradas.

— Ficaré ali, — disse a ela. — Eu terei que conduzir. Não será muito.

Ela inclinou a cabeça, fechou seus olhos.

— Sabia que viria, — ela disse. — Só não quis que tivesse que cruzar o oceano para me encontrar.

— Que bom que seja rápido, — ele disse.

Ela sorriu, ainda com seus olhos fechados.

— Uma boa coisa.

Ele teve problema fechando a porta lateral; Estava amassada e não queria fechar-se. Depois de um esforço fracassado para dobrar a porta para trás em forma, ele se entrou de volta na caminhonete e tirou um cinto de um dos corpos. Ele baixou rodando pela janela dianteira do passageiro e segurou a porta para fechá-la atando-a ao marco com o cinturão.

Os vampiros tinham deixado a caminhonete com as chaves na ignição. Ele entrou e quando se sentou no assento do condutor, a luz se voltou verde.

— Charles? — Sua voz estava tensa. — Falaria comigo? Mantenho-me pensando que os vampiros se movem.

— Estão mortos, — ele disse. — Mas podemos falar.

Ele se preocupou de que teria que tirar de entre mãos um tema, quando tudo o que ele queria fazer era matar a alguma outra coisa. Mas Anna veio em seu resgate.

— Pôde ser nosso Arthur realmente *o Arthur*?

— Meu pai diz que o Arthur foi uma estrategista notável, um batalhador impressionante, e um homem extremamente prático que teria rido de si mesmo como um parvo pelas histórias do Rei Arthur, código de cavalaria, e ir atrás do Santo Graal. Papai diz que houve uma Dama branca mas ela não tinha parecido com Gwenevière de Camelot. Nimue, Morgana a fada, e Merlin, sim, mas não como são esboçados. Nenhum Lancelot em absoluto. Nem a Mesa Redonda. Simplesmente um montão de homens desesperados tratando de manter os anglo-saxões fora de suas terras natais. Ele diz que a história verdadeira é melhor que a que todos conhecem, mas nem proximamente tão encantadora. — Ele percorreu o olhar a Anna mas não poderia dizer se ela estava melhor ou pior. — Ele nunca conta as histórias verdadeiras.

— Então Arthur o homem lobo...

— Gosta de discursar a respeito de como Lancelot arruinou isso tudo, — disse Charles secamente. — Se ele for uma reencarnação, ele tem pouco parecido com o verdadeiro. Mas então há um pouco de inconformidade entre meu pai e Arthur; desagradam-se cordialmente entre eles. Tem que ter em conta isso.

— Arthur não parece te desagradar. — Anna disse.

— Levamo-nos bem, aqui.

— A reencarnação?

Ele se encolheu de ombros.

— Nunca vi qualquer prova de que seja verdadeira. Mas nunca hei visto algo que a desmente tampouco. Acredito que a outra vida é melhor que o que temos aqui, e se requereria algo extraordinário para fazer a alguém desejoso de retornar.

— O que há a respeito da espada?

— Velha, mas meu pai diz que não é Excalibur. Ou se for, perdeu toda a magia que a fazia Excalibur.

— Houve uma Excalibur, entretanto?

— Assim é segundo papai: foi o resultado de um acordo com as *fae* que não estavam mais felizes com os anglo-saxões que os humanos nativos. Arthur está certo com que Excalibur não era a única arma. Houve uma lança e uma adaga, também.

Por algumas quadras Anna guardou silêncio. Logo ela disse em uma voz notavelmente mais débil.

— Seu pai é o suficientemente velho para ter conhecido o Arthur?

Ele não tinha visto nenhuma evidência de um sangramento abundante, mas talvez não tinha comprovado o suficientemente a fundo. Ele pisou fundo no acelerador.

— Tem que lhe perguntar, talvez te responda. Nunca me respondeu.

Alan e um par de pessoas que ele não conhecia estavam esperando-o do lado de fora quando entrou no caminho de acesso à casa de Arthur. Tão logo como Charles saiu da caminhonete, ele se deu conta de que os desconhecidos não eram da alcateia de Angus.

— Vampiros. — ele disse.

— Para encarregar da desordem, — Alan esclareceu. — Onde está Anna?

Charles abriu a porta corrediça que ainda funcionava. Alan colocou sua cabeça.

—Hey, Alan, — Anna disse.

—Tem um disparo. Ele disse depois de um olhar profundo.

— Oops.

Ele riu.

— Tem-no. — Ele se virou, e disse, — leve-a para dentro, e tiraremos essas coisas dela.

Charles a recolheu tão cuidadosamente como pôde. Alan mantinha aberta a porta principal, e Charles passou roçando-o e se deteve.

Arthur estava em meio dele e o resto de casa. Ele se via terrível, seus olhos cavados e tinha sua pele em vários tons de cinza. Em qualquer outro momento, Charles teria jogado os jogos necessários para um dominante entrando no território de outro, mas Anna sangrava em seus braços.

— Onde quer que eu a deixe? — Ele disse, a qual foi a maior concessão que ele foi capaz de fazer.

— Venha. — A voz de Arthur foi cansada e tensa, mas não pouco acolhedora. Talvez Charles tinha lido mal sua linguagem corporal. Ele se virou e lhe indicou o caminho. — Há um dormitório de reposição por aqui. Acima poderia ser mais seguro, mas Sunny... Sunny está no piso de cima.

O quarto de hóspedes cheirava ao Alan Choo, que evidentemente havia estado dormindo aqui esta noite. Arthur moveu para trás as cobertas mais à frente assim Charles pôde colocar a Anna.

— Angus disse que foram os vampiros. — Arthur disse.

Recordando que Arthur tinha direito de saber, Charles explicou brevemente. Ele levantou as mantas sobre ela até que só as feridas em seu ombro estivessem ao descoberto.

— Lástima que alguém escapou, Arthur disse.

— Ivan, — Anna lhes disse. Ele tinha pensado que Anna estava inconsciente, ela tinha estado tão quieta. — Ivan é seu nome.

Charles apartou a vista de Anna por um momento, logo olhou ao Arthur.

— Ele pode correr, mas lhe encontrarei.

Arthur cobriu seus olhos com suas pestanas em lugar de baixar a vista, mas ao Charles não importou.

— Sim. Diga-me quando o tiver.

— O farei.

— Pensa que são assassinos contratados. — Arthur olhou pela janela na escuridão antes de amanhecer. — Descobriu para quem trabalham.. Ou por que mataram Sunny?

— Não. Não estava de humor para discutir coisas, — Charles disse. — Talvez Ana...

— Não, — Anna se queixou. — Não foi um homem lobo local. Não Angus ou sua alcateia. O... — ela percorreu com o olhar ao Arthur e não mencionou o nome da Dana — ...Qualquer outro aqui. Alguém fora do país.

Queriam me levar cruzando o oceano.

— Isso não tem sentido, — disse Alan, entrando no quarto com uma bandeja que tinha implementos cirúrgicos diversos. — Matar a Sunny, fazer um intento de sequestrar a Anna, matar ao Chastel. Não há padrão.

— Tem sentido para alguém, — disse Arthur. — Há algo mais que posso fazer?

— Não, — disse Charles. Ter o Arthur no quarto com a Anna ferida era provar sua paciência. — Obrigado.

Arthur lhe deu um sorriso apenas perceptível.

— Me chame se necessitar alguma coisa. — E ele os deixou.

— Tenho morfina, — Alan disse a Anna. — Mas os lobos têm reações diferentes para isso. Certa quantidade que não ajuda em absoluto. Para certa quantidade é pior que inútil, não detém a dor e não os deixa preparar-se para ela tampouco.

— Nenhuma morfina, — Anna disse—. Só tira-os.

Alan contemplou ao Charles.

— Sujeitá-la-ei por você. — ele disse, deslizando-se atrás de Anna a fim de que a parte de acima de seu corpo estivesse reforçado com o dele. Isso lhe daria mais controle. Ele poderia ser um homem lobo...

— Há um intento e te relaxe, — disse a ela.

Alan estava sentado sobre a cama, também, dando voltas até que esteve de cara a Anna. Ele colocou a bandeja na mesa de noite e uma tigela perto de seu quadril. Ele começou com um par de

fôrceps de nariz afiado e escolheu aos fâceis para começar.

— Viu-o? — Anna disse, seus olhos estavam fechados.

— Ver o que?. Charles perguntou.

— O vampiro maneta. Pergunto-me o que fez com seu braço? — Ela assobiou logo quando Alan segurou e puxou outro comprimido.

— Não sei. — Ele beijou a parte superior de sua cabeça.

Anna não lutou contra seu agarre enquanto Alan tirava mais comprimidos da superfície. Ela não se moveria mesmo que ele tivesse que cavar mais profundo.

Anna estava suando e amaldiçoando e Charles estava em condições de ser amarrado e um pouco em caminho de precisar moderar-se a si mesmo. Alan tinha nervos de aço, porque suas mãos se mantinham estáveis apesar de que Charles não podia manter seus grunhidos para si mesmo. Por último, Alan deixou o fórceps no recipiente.

— Já está, — ele disse. — Há pista quieta ali dentro. Posso-o cheirar, mas estarei condenado se o posso encontrar. Ao menos não é de prata. Uma máquina de raios X poderia localizar o resto.

— Temos um desses Aspen Creek. — Charles disse.

— Ou você pode deixar o resíduo supurar. Não há um lote, não penso que seja suficiente para pô-la doente.

— É aí onde meu voto vai. — A pele luminosa de Anna estava esverdeada, e havia círculos escuros sob seus olhos. — Não mais prova, por favor.

Charles se deslizou fora desde atrás dela.

— Mudará de ideia quando começarem a supurar...

— Farei isso. — Ela lançou bufos indignados. — Supuração. Que pensamento tão precioso.

Ele a beijou ligeiramente, logo se fixou bem nas cadeias que haviam usado na Anna.

— Posso tirar estas, — ele disse, — se Arthur tiver as ferramentas corretas por aqui.

— Vê e olhe, — Anna lhe disse. — Se for supurar, eu gostaria de fazê-lo na comodidade. E estas coisas não são muito cômodas. São muito pegajosas.

Charles sorria quando deixou o quarto, fechando a porta atrás dele. Enquanto ela sofria, e ele teve que obter ajuda para isso, ainda não tinha pensado a respeito de sua nudez. Mas ele não queria o Arthur entrando no quarto, então ele fechou a porta.

A casa estava escura, e ele pensou que Arthur devia ter voltado para a cama, a manhã estava ainda um pouco longe. Ele não ia dormir outra vez, não na casa de Arthur, e não ia mover a Anna até que ela se tivesse curado um pouco.

Foi às gavetas da cozinha e as abriu para ver se podia encontrar algo útil.

— Charles? — A voz de Arthur. Veio do quarto onde ele conservava seus tesouros.

— Sim, — ele respondeu. — Ando procurando algo para tirar as cadeias de Anna. Teria um

jogo de pinças?

— Provavelmente tenha algo que funcionaria. — Arthur disse.

Charles deixou de procurar desordenadamente na gaveta do implemento de cozinha, levantou sua cabeça. Havia algo... Estranho na voz do outro homem.

Talvez não fosse nada. Talvez. Ele removeu uma faca de cortar fatias do bloco e deslizou no bolso de suas calças jeans.

— Isso seria estupendo. — Ele teve o cuidado de conservar sua garganta frouxa, então Arthur não teria qualquer razão para imaginar que Charles tinha notado algo diferente. — Ela é forte, ela o manobraria, mas os quero fora. — Ele se moveu pausadamente através da sala de estar escura... E captou o cheiro persistente de Sunny no sofá próximo a ele.

Pobrezinha. Ele não a conhecia o suficiente para fazer algo mais que sentir lástima por ela/. Não é estranho que Arthur estivesse apagado. Curiosamente, a simpatia que sentia pelo Arthur era muito mais sincera, que qualquer duelo que podia fazer por Sunny.

Ele fez um intento para não pensar a respeito de quanto pior esta noite poderia ter sido. Eles queriam sequestrar a Anna, não matá-la. Eles sequestrando a Anna, o fazia ficar furioso, tão furioso que nem sequer ter matado aos três o tinha apaziguado. Nem ao Irmão Lobo tampouco.

Se a tivessem matado... Ele teria se unido a ela. Ele fez uma pausa, não tinha tirado isso antes. Mas em particular não lhe incomodou. Se ela morresse, ele a seguiria. Tal como ele a teria seguido em qualquer lugar que eles pretendiam levá-la se tivessem tido êxito.

Ela era sua e ele era dela.

— Charles?

Seu telefone timbrou.

— Estarei em um minuto. Angus chama. — Ele abriu o telefone, — Sim?

— Sua Anna deu no prego. Faz uma hora, quinze minutos depois de a tripulação de limpeza deixou a casa de Chastel, tivemos à polícia em todas as partes. Alguém tinha chamado reportando gritos, cães, disparos, e não sei que infernos mais. Trouxeram luminol, essa coisa que se avermelha em presença de sangue. Estamos devendo a Moira uma grande quantidade. A última bruxa que tivemos nunca pôde ter limpo tão bem. A polícia ainda faz migalhas no lugar, mas são mais agradáveis a respeito disso.

— A armadilha saltou muito tarde, — disse Charles, consciente de que Arthur tinha saído a escutar.

— Sim. — Angus fez uma pausa. — E seu cheiro? Moira encontrou roupas em um de... Bem, nos restos das partes do corpo. Como melhor podemos acreditar, alguém tomou as roupas

que trazia posta para a caçada, arrastou-os ao redor do quarto, e os jogou.

— Deliberadamente.

— Absolutamente. E nem ainda a *fae* lhe pode atribuir isso a ti agora. Sei que deixou as terras de caça com roupas completamente diferentes.

— Bem.

— Quanto a outras notícias interessantes, como a caminhonete? Os vampiros locais que estavam fazendo a limpeza, reconheceram a vara que atçou através de um dos meninos maus. Chamou-lhe um spellcatcher.

Charles franziu o cenho.

— Spellcatcher?

— Um hocus pocus vampírico, aparentemente. Muito secreto, os vampiros aqui realmente não querem problemas com seu pai sobre isto nos diz muito. Só um par de vampiros os podem fazer, e carregam à conta bastante para eles. Se nossa equipe de vampiros, de fora da cidade, fossem assassinos de aluguel, seriam bem-sucedidos e caros, para poder comprar tal coisa. Aparentemente esta vara pode absorver até quatro feitiços, e a pessoa a quem é destinada a pode usar para lançá-los, ainda se essa pessoa normalmente não pudesse fazer magia.

— Isso explicaria o feitiço de sombras e o “Não Me Veja” que os vampiros usaram quando atacaram a Anna a primeira vez. E como sequestraram a Anna enquanto estávamos ambos no quarto do hotel, devem ter usado o spellcatcher para nos expulsar com o feitiço de sonho de uma bruxa.

— A coisa a recordar é que só pode absorver feitiços jogados voluntariamente pela roda giratória de feitiço. Quero dizer que um lobo lhes deu as sombras e o Não Me Veja.

— A teoria de Anna se confirma. — Disse Charles. Ele caminhava com passos compridos e lentos. Havia muitas coisas que não gostava a respeito dos telefones celulares, mas não ficar amarrado a cabos era um benefício definitivo.

— Anna está bem?

— Ela estará bem logo que algumas partes mais de chumbo saiam, e vou tirar lhe as algemas, assim ela não terá que explicar sua escolha interessante em joalheria.

Arthur estava apoiando-se contra o marco da porta de seu quarto de tesouros, não fazendo esforço para fingir que não ouvia.

— Bem. — Angus esclareceu voz. — O fez bem, filho.

O “filho” fez o Charles sorrir. Ele era mais velho que Angus por alguns decênios.

— Acredito que sim. Ela... Ela me completa.

— Diga isso a ela. — Angus aconselhou comicamente. — Às mulheres gostam de ouvir seus homens soltar a língua.

— Farei isso.

Ele fechou o telefone.

— Equipe de limpeza? — Arthur perguntou.

E Charles se deu conta de que havia bastante que Arthur não sabia.

— Chastel foi assassinado ontem à noite em uma em particular moda sangrenta que requereu alguma ação rápida.

— Foi você quem o Matou?

— Não. Os vampiros.

— Ah. — Arthur apartou o olhar. — Chastel. É estranho pensar que finalmente ele está morto. Não lhe pôde ter ocorrido a uma melhor pessoa. — Ele voltou o olhar atrás e deu ao Charles um sorriso arruinado. — E suponho que o fez não? Pobre Sunny. — Ele esfregou seu rosto, escondendo-o por um minuto. — O sinto. Sinto muito. Assim Chastel requereu uma equipe de limpeza?

Charles considerou lhe oferecer simpatia, e decidiu que não ajudaria.

— Anna sugeriu que o assassinato era tão ensanguentado, especialmente dado que foram os vampiros que o fizeram...

— Os vampiros mataram o Chastel? Está seguro?

Charles inclinou a cabeça.

— Irônico, considerando quantos lobos que conheço teriam gostado de lhe matar.

— Quem chamou à polícia? Os vampiros?

Charles se encolheu de ombros.

— A oportunidade do momento passou. Queriam que a polícia encontrasse a cena em toda sua glória. — Talvez para impedir que seu pai tire os homens lobos à luz. Talvez para manter aos lobos fora da cena, então qualquer que tivesse tratado de lhe tender uma cilada ao Charles seria fácil. Sem acesso ao sítio homicida, os homens lobos nunca poderiam ter determinado como o cheiro de Charles apareceu em um lugar no qual nunca tinha estado. — Mas nos deram muito o tempo. A polícia não encontrará nada agora.

— Não, suponho. Angus é notavelmente eficiente.

— E, acredito, que seu segundo trabalha de dia como policial. Tom sabe o que eles procuram e como livrar-se de que eles o encontrem. — Charles fez uma pausa.

Ocorreu-lhe que ele poderia ver Arthur contratando alguém para matar por ele. Mas ele descartou sua suspeita. Sunny tinha sido assassinada. Um lobo nunca mataria a sua companheira.

Mesmo assim, Charles cedeu a seu impulso de jogar uma ceva.

— Quem quer que chamou a polícia o fez horas muito tarde. Poderia ter sortido efeito se ele tivesse chamado imediatamente depois que o trabalho foi feito. — Ele negou com a cabeça — Isso é o que está me incomodando, penso. A incompetência disso. A maioria dos lobos são melhores caçadores. Os vampiros trataram de pegar a Anna, antes que nos aproximássemos para jantar, de fato. Falharam, e perderam dois de seu grupo fazendo isso. Michel, um dos homens lobos franceses, estava com o Chastel quando ele foi assassinado. E o deram por morto. Ele sobreviverá, e em poucos dias ele nos dirá exatamente o que os vampiros disseram quando atacaram. Talvez o disseram quem os contratou.

— Contrato?

— Foram contratados para vir a Seattle para fazer ao menos três coisas. — Charles fez a contagem com seus dedos. — Sequestrar a Anna. Matar a Sunny. E assassinar Chastel, fazendo de sua morte algo horrível e ensanguentado, algo que gritasse: “Monstro” para a polícia. — Charles cantarolou atentamente para si mesmo. — Não foram os vampiros que foram incompetentes. Se tivessem tido sabor do que enfrentavam quando trataram de sequestrar a Anna a primeira vez, teriam tido êxito. Alguém menosprezou a escolta que mandei com Anna. Pensou que o único que seria um problema era o segundo de Angus, Tom. A morte de Chastel foi... Genial. Qualquer humano que tivesse entrado e visto a cena, recordaria disso pelo resto da vida. Mas a pessoa que supostamente ia chamar à polícia foi muito lenta.

Charles tinha estado observando ao Arthur pelo canto do olho. A cara do lobo mostrava nada menos que o interesse educado. Seu corpo, por outra parte, tinha estado fechado hermeticamente com cólera durante todo o discurso de Charles.

— O incompetente, — ele disse outra vez. E observado a força com que o Arthur fechava o punho.

Arthur.

Seu pai tinha suspeitado da morte de um Alfa que recentemente tinha sido assassinado em Londres. O rude homem e muito dominante, decapitado em um acidente automobilístico. Poderia estar deliberadamente organizado.

Charles reatou seu andar com passos largos e lentos, ignorando o Arthur como se ele não estivesse ali absolutamente. Então Arthur não percebeu que tinha se delatado.

O retiro de Chastel tinha sentido. Chastel ameaçou o Arthur. Permitia a Arthur expandir-se na Europa. Sua morte deixava um vazio enorme de poder, e Arthur não teria aguentado uma oportunidade boa luta contra o Chastel. Ele só não poderia ter assassinado e poderia deixar a morte aberta, entretanto, se alguém soubesse que Arthur havia tomado a forma do covarde para matar ao Chastel, nunca lhe haveriam seguido. Arthur não era Bran, ele não era o suficientemente forte para reger um continente baseado em seu poder, ele necessitaria que eles o legassem o poder. Ele precisaria conectar a morte de Chastel em alguém mais.

Charles não pensava que Arthur se preocupava em um ou outro caso que os homens lobo saíssem à luz. Ele era precisamente a classe carismática de lobo que Bran planejava mostrar ao público a primeira vez. Mas a fabricação da cena do assassinato de Chastel como se fosse desenhada para atrair a atenção humana, era uma maneira de enviar a suspeita em outros lugares. Havia um monte de lobos que estavam descontentes com os planos de seu pai. Bran não acreditaria que Charles tinha matado Chastel, apesar de tudo, de forma que Arthur necessitava de um vilão desconhecido para Bran culpar. Alguém que contratou os vampiros, e logo, desapareceu convenientemente.

Essa coisa inteira do açougueiro... Foi Arthur fazendo uma observação. Chastel era um bárbaro, Arthur claramente seu superior. Ele não via as similitudes. Em sua mente, um bruto que matou por prazer era incivilizado.

Arthur não matava por prazer.

Chastel dominava matando a quem desafiava seu lugar, e aterrorizando o resto. Arthur tinha começado a matar os Alfas na Grã-Bretanha, logo se deteve. Ou encontrou uma melhor maneira para desfazer-se dos lobos que lhe desafiariam. Bran poderia resolver fora daqui. Quanto ao Charles estava preocupado, Arthur e Chastel eram simplesmente dois lados da mesma moeda, toda sua necessidade de poder e nenhuma necessidade de tomar cautela do que era deles.

Arthur não o via desse modo, entretanto possivelmente ele necessitava mais clareza com o método brutal usado para desfazer do corpo de Chastel.

Sunny.

Se a razão para contratar os vampiros foi que teria sido difícil para um homem lobo atacar a uma Ômega, contratá-los para matar a sua própria companheira, que era Ômega, ou quase então, teria sido imperativo.

E repentinamente, a tentativa de sequestro de Anna teve mais sentido.

Arthur não era o único homem lobo em ter seu próprio avião, mas ele tinha um. E Anna era o que poderia ter sido Sunny. Uma ômega. Prezado não só por quem era ela, mas sim por quem todos outros pensaria que ela era. Uma apreciada posse. E, a diferença de Sunny, ela viveria para sempre. Sunny estava envelhecendo, como os humanos faziam-no. A dor de Arthur sobre esse dado era genuína. Então ele a tinha matado para economizar o sofrimento. De suas reações na adega, Charles pensou que Arthur tinha subestimado a dor de sua morte. Ele esperou isso.

Casualmente, ele tirou seu telefone e se dispôs a mandar uma mensagem de texto.

— Esqueça pôr a papai a par, — ele disse. — Ele estará tomando o café da manhã agora e não gosta que o interrompam. Enviar-lhe uma mensagem de texto com os sucessos desta noite, e ele pode me chamar quando terminar.

Nenhuma mentira que Arthur pudesse ouvir. Ele escreveu uma mensagem simples.

É ARTUR.

Ele manteve o telefone inclinado afastado de Arthur assim ele pensaria que ainda estava escrevendo ao Bran e escreveu uma mensagem para Angus.

NÃO CHAME. ENVIE AJUDA PARA CÁ. ARTHUR É O VILÃO.

Charles achou um tanto melodramático, mas o texto era curto, simples e impossível de ser mal interpretado por Angus. Pressionou o SEND.

Ele podia manipular Arthur. Arthur não tinha sido lobo o suficiente para encarregar-se de Chastel. Mas Anna e Alan Choo estavam ali, e necessitavam ser protegidos da melhor forma, o que implicava em pedir ajuda.

— Andava procurando umas pinças. — disse Arthur.

—Sim.

—Tenho algo ali dentro. — Arthur inclinou sua cabeça e indicou seu quarto do tesouro. — Estive recolhendo coisas para empacotar, não quero voltar.

Charles lhe seguiu para dentro. Via-se como se Arthur tivesse estado fazendo justo o que havia dito. As tapeçarias estavam fora da parede, no Marcos de dois por quatro, para lhes manter estáveis estavam dentro de uma caixa de madeira do tipo que os museus usam para transportar trabalho de arte. Uma caixa de madeira menor já tinha sido selada. A única coisa fora da caixa era o recipiente que continha a espada.

— Entendo o resto. — Charles disse, passando seus dedos sobre a madeira que guardava a espada velha. — Mas como subornou a Dana para que quebrasse sua palavra?

Ele olhou para cima e observou o Arthur ainda passeando. O lobo britânico... Estava alterado sutilmente. Tinha perdido a aura de pena quase por completo.

— Da mesma maneira que obriguei os vampiros a cumprir minhas ordens. Ofereci a ela algo que ela desejava. — Arthur sorriu. — Embora isso não tivesse funcionado se a tivesse feito zangar.

—E como fiz isso? — logo que Charles fez a pergunta, recordou a reação extrema da Dana para a pintura que seu pai a tinha enviado. Perdeu-se, esse lugar que uma vez tinha sido dela, e seu

pai lhe quis dar uma lembrança, mas talvez ela tinha pensado que uma piada em vez.

Arthur lançou para cima suas mãos teatralmente.

— O que sei eu? As *fae* são suscetíveis. Pelo que respeita ao que o propus a ela... — ele fez um gesto para a coberta da espada.

— Essa não é Excalibur, — Charles disse. — Quando descobrir que não a tem, estará... Ofendida.

Arthur passou seus dedos amavelmente sobre a coberta, e se abriu um lance de madeira em um extremo.

— Há algo que dizer a respeito de como ocultar as coisas a simples vista. A espada que ele removeu do compartimento escondido não era a que tinha mostrado, embora se via bastante parecida. Ambas eram armas de espadachins em vez de escoras do filme. Assim que a espada coberta deixou a caixa, o cabelo da nuca de Charles se arrepiou.

Excalibur ou não, não se podia negar que a espada na mão de Arthur era uma folha de *fae*: Ele podia sentir a magia em sua pele, podia cheira-la. Arthur era um espadachim, Charles sabia disso. Tinha estudado esgrima e teve o mesmo treinamento marcial de Charles. O balanço de Arthur era correto e sua empunhadura... Nem muito apertada nem muito solta, mostrando que o treinamento não tinha sido desperdiçado.

Charles não tinha se preocupado com uma espada, mas essa... era um possível que ele fosse um homem morto, provavelmente. Mas Angus vinha com ajuda. Ajuda o bastante para que, apesar da espada, Anna estivesse segura. Tudo o que Charles tinha que fazer era atrasar Arthur tanto quanto possível. E Arthur sempre gostara de cenas dramáticas.

— Anna não irá com você. — ele declarou a Arthur. — Ela não permanecerá fielmente ao seu lado. Esperará até que você não esteja prestando atenção mesmo que por um momento, então ela abrirá seu estômago.

Arthur sorriu.

— Você realmente não acredita em reencarnação, não é? Ou em destino. Vim aqui para matar Chastel e seu pai. Para Chastel tinha um plano. Quanto a seu pai, necessitava mais.

— Por que o meu pai?

Arthur o encarou como se Charles fosse estúpido.

— Porque eu sou ele, é claro. O rei Arthur. É meu destino ser o rei supremo.

Certamente ele está louco, pensou Charles.

— Mas meu pai não veio.

— Não, — concordou Arthur. — O destino é uma coisa estranha. Você realmente sabe quem Dana é?

— Obviamente você vai me dizer. — Charles respondeu secamente.

— Pergunto-me se seu pai sabe. O que quero dizer quando me referi ao destino é... Eu, que sou Arthur, encontrei Nimue, a Senhora do Lago, aqui. Há algumas décadas eu soube que ela estava aqui em Seattle, na primeira vez que a vi, de fato. Soube que viria um tempo importante, então comprei esta casa para Sunny.

Obviamente, Charles pensou, não ia ser difícil conservar Arthur monologando.

O sorriso de Arthur tornou-se artiloso.

— Não encontrei Excalibur em uma escavação arqueológica, embora fosse isso o que eu estava praticando na época. Em Cambridge, fiz amizade com um rapaz de uma família antiga, Cornish. Ele me convidou para passar o natal em sua casa. Descobri que estiveram protegendo um tesouro por tantas gerações, que haviam esquecido disso por completo. O que me motivou a encontrá-lo outra vez. Estava escondido sob a laje da garagem da carruagem. Uma espada na pedra, como dizem. — Ele riu de sua engenhosidade.

— A irmã maior do menino era muito parecida com a Dana como para ser sua gêmea. — Com sua mão livre, ele esfregou seu polegar sobre seus primeiros dois dedos. — Um pouco de investigação, e compenetração se converte em conhecimento. Então soube quando vi Dana que tinha a coisa perfeita com a que suborná-la. — Ele balançou a espada amavelmente. — Ela não tinha ideia que não estava sob a pedra onde ela a tinha colocado até que a mostrei, uma foto. Não sou estúpido.

— Posso estar em desacordo contigo sobre isso, — Charles disse. — Há feito um número de coisas tolas das quais escolher. Mas tratar de tirar o melhor de uma Senhora Cinza é a maior estupidez. Nunca teve nenhuma intenção de lhe dar a espada.

Arthur oscilou de cima abaixo sua cabeça, um acordo educado.

— O primeiro trato tinha sido honesto. Excalibur não é a única coisa que descobri ali. Havia outras armas, você sabe. Ofereci-lhe a adaga. Ela recusou-se, e me esclareceu que me caçaria “até o fim do mundo”, acredito. Conheço-a, para que veja, mas ela não me conhece. Não acredita que seja Arthur.

Charles soube qual Arthur ele falava.

— Mas meu papai não veio.

— Não, veio você. E trouxe-a contigo.

— Ela?

—Gweneviére. Minha senhora branca.

E logo Arthur provou que não era tão estúpido como Charles havia começado a acreditar. Porque sem lhe telegrafar seu movimento por um tanto assim como um fôlego, enquanto Charles ainda cativando a atenção da ideia que Arthur procurava Anna porque acreditava que ela era dele, Arthur atacou.

A espada em seu estômago não o machucou, só despojou Charles de sua força. De sua habilidade de mover-se.

Ele ouviu a Anna gritar, mas sua atenção estava no frio glacial que o sugava. Quando suas pernas se derrubaram, Arthur o seguiu abaixo.

— Uma briga veloz, — Arthur disse—, é o melhor tipo de luta. Eu conheço você. Quando seu pai não veio, fiquei tão decepcionado. Mas quando a vi... Minha Gweneviére, eu entendi. — Ele fez uma careta. — Ela era minha, e você a tinha, justo como antes. Podia tê-lo matado limpamente, você sabe. Mas quero que você sofra. Lancelot.

— Não havia nenhum Lancelot, seu tolo.

Por um momento, Charles pensou que ele havia dito essas palavras, pois tinha pensado exatamente nelas. Mas a voz era de uma mulher. Dana.

Arthur sacudiu com força a espada para liberá-la e tropeçou mas se levantou de novo. Logo que o aço deixou seu corpo, o frio se dissipou. Charles pôs uma mão a sua barriga para deter o sangramento. Não lhe tinha atravessado tanto, Arthur queria que ele sofresse, deixando-o morrer sangrado, o Irmão Lobo poderia sanar. A ferida era bem pequena para curar-se rápido.

O aço afiado, o Irmão Lobo disse a ele, *corta mais rápido, os danos são mínimos, cura rápido*.

Charles deu à magia da alcateia um puxão pequeno e recebeu uma generosidade em troca. Ele não era o Alfa, mas seu pai lhe poderia conceder ajuda se queria. E Bran era um líder generoso.

A dor se desvanecia. Mas não tinha nenhuma necessidade de alardear que não morria, entretanto. Ainda não. Ele permaneceu derrubado, distante. Não me ponham atenção, não sou uma ameaça. Charles poderia ficar menos notável se tinha que fazê-lo, embora não tanto como Bran, seu pai tinha aperfeiçoado a técnica. É mais fácil passar despercebido, Bran gostava de dizer, quando todo mundo está focado a alguma outra coisa.

— Dê-me a espada, — ela disse.

— É minha espada, — Arthur disse, fortaleceu seu agarre e a levanto até o ponto de uma posição de guarda. — Minha desde o começo. Ela veio a minha mão da tua, e quando morri, não fui eu quem lhe deu as costas.

Dana se moveu para a vista de Charles. Ela tinha descartado o glamour, ou adotou um novo. Não é que ela tivesse mudado muito algo, mas ela se converteu em mais. E Anna estava certa, ela era fascinante.

Bem. Conserva a atenção de Arthur.

Charles moveu sua mão, e quando o sangue não derramou, moveu sua camisa e olhou a crosta. Muito afresco para mover-se ainda, mas logo.

— Roubou-a, — Disse Dana, sua voz foi baixa e aguda. — Não é tua. Não foi nunca. Que o rei certamente pode vir outra vez, está profetizado. Mas não é você. Nunca foi você. Não é Arthur.

— Não se supõe que me conheça, — Arthur disse a ela. — E nosso trato está quebrado. Chastel não matou o Charles, como prometeu. E quando Charles derrotou o francês, foi incapaz de encontrar outra forma de lhe matar, de matar o Charles. Falhou. Não te devo nada.

Ela levantou sua mão.

— *Caladbog. Caledfwych.* Excalibur. Entreguei-a nas mãos de grandes homens, guerreiros, heróis. Suas mãos a profanam. Um covarde que contrata suas mortes e mata a aqueles que são mais preparados e fortes do que você é.

— Não a pode tirar de mim, — Arthur disse. — Não a menos que mate o Charles. E não me pode machucar enquanto Charles siga com vida. Sei como funcionam os entendimentos com as *fae*.

Não estaria tão crédulo se fosse você, Arthur, pensou Charles. Pensei que meu pai tinha feito um trato com ela, e olhe o que nos passou. Excalibur significou mais para ela que sua palavra, e ainda o faz.

— Bem, — ela disse, e deu uma mão.

E Charles teve a mesma estranha experiência de vê-lo cair até o piso enquanto ele se sentava e observava. Que era melhor que a vista que ele brevemente tinha tido de si mesmo desabando-se sem vida.

— Não pode me matar assim. — Disse Arthur, sua voz se interrompeu com um medo repentino. Ele levantou a espada entre eles, como se a folha pudesse manter afastada a magia da *fae*, e se realmente esta fosse Excalibur - e a julgar por sua aparência poderia mesmo ser - talvez pudesse fazê-lo.

Arthur estava certo, pensou Charles, quando ele ficou em pé. Dana não poderia matá-lo assim, mas podia arrojar ilusões de morte durante todo o dia. Sua ferida ainda esta se fechando, mas era improvável que se abrisse e o deixasse morrer sangrado quando ele se movesse.

— Não posso? — Dana perguntou. — O que você sabe sobre as *fae*? Não tanto quanto acredita, penso eu. Quando o trato se completar, me devolverá a espada.

Enquanto ela mantinha Arthur ocupado, Charles se arrastou sobre a plataforma até a cobertura. A espada que estava lá não era Excalibur, mas ainda assim uma espada requintada. Uma cópia, Charles pensou, criada há muito tempo para proteção da original. Ele abriu a caixa e tomou a espada a fim de usá-la com o propósito para o qual foi criada.

Arthur se virou para ver que foi esse ruído e, por seu rosto, ele agora podia ver o Charles, seja que o ruído tinha quebrantado o feitiço, ou Dana o tinha deixado cair.

— Arthur Madden, — Charles disse formalmente. — Pelo assassinato de inocentes no território do Marrok, você é considerado culpado e condenado à morte.

Ele não teve que dizer algo mais porque Arthur levantou a espada e veio por ele.

Arthur podia ter os anos de artes marciais atrás dele, mas Charles tinha sido treinado por seu pai, um homem que realmente tinha usado uma espada como esta para permanecer vivo. Charles era mais forte e mais rápido, e Arthur tinha medo dele.

Tudo o que se diz, Charles nunca realmente tinha usado uma espada em combate verdadeiro antes.

Recorda, a memória da voz de seu pai ecoou em suas orelhas, os lobos não são humanos. Se enfrentar a outro lobo e pega a sua espada com a suficiente força, destruirá sua espada. Precisa conservar sua arma, vira e golpeia o corpo não o metal.

A voz de seu irmão repicou dentro em ajuda, esquivar é melhor que bloquear, menos arriscado.

Então Charles fugiu do primeiro golpe que Arthur apontou para ele. Ele conservou ambos os pés no piso, um efeito fantasma sobre a madeira dura. O dar um passo rápido lhe permitiu golpear com melhor balanço e trocar de direção mais rápido.

O quarto era pequeno. As espadas eram curtas. Isso significava que havia poucas possibilidades de retirar-se, e a luta seria de perto.

— Está morto, — Arthur disse. — Te matei.

— Apunhalou-me com aço e te regozijou muito rápido. — Charles murmurou, mantendo sua mente no salvamento de sua espada. Esquivando bloqueando, fazendo-se a um lado, trocando de direção, deixando o Arthur fazer o trabalho no momento.

Visivelmente enervou o lobo britânico quando não lhe pôde pegar a nada, assim Charles se concentrou em não estar ali quando a espada de Artur se deslizasse.

— São malditamente bem rápidas feridas pequenas como esta. — Não havia necessidade de mencionar a magia da alcateia, deixando Arthur comer o medo.

Charles estava consciente da presença de Dana, que tinha se retirado da briga real. Ele tinha

decidido ignorá-la. Ela não era uma aliada, não mais, no entanto ficaria ao seu lado caso ele ganhasse a luta. Não lhe importava que ela tomasse Excalibur.

Ela poderia ter quebrado sua palavra, mas ele, e, o mais importante, sua companheira, não tinham sido diretamente prejudicados por isso. O Irmão Lobo estava mais inclinado a considerá-la responsável pela ferida de Anna, mas o máximo que Dana poderia ter feito para evitar isso era contar sobre Arthur.

Arthur estava perdendo. Os muito simples e treinados ataques se tornando aleatórios e desfocados.

Charles aumentou seu ritmo. Já não só esquivava, intercalando com bloqueios, mas sim começou a tecer ataques: Dois golpes à esquerda, e um giro e um bloqueio; Bem, esquerda, direita, abaixo e outra vez, padrões praticados e afinados nos anos, nunca se esquecendo de que a espada de Arthur era provavelmente menos propensa a ser danificada.

Arthur deixou completamente de bloquear os golpes e uma linha vermelha apareceu através de seu peito.

A dor disso, ou possivelmente o medo, emprestou ao Arthur um impulso repentino de devolver o golpe, e pegou à outra espada em ângulo reto. A espada de Charles ficou destroçada. Ele deixou a energia do golpe de Arthur lhe fazer girar ao redor. Meteu-se em todo o lado esquerdo de Arthur, desarmando-o, e voltou atrás, tirando a faca de fatiar da parte posterior das calças. Com toda a força que pôde reunir, apunhalou Arthur na coluna, justo onde se conectava com o crânio. E a faca, uma cara ferramenta bem elaborada, deslizou entre o osso, através do mais suave disco, e cortou a medula espinhal.

Arthur caiu adiante, sua espada afastando-se de suas mãos.

— Eu... — Arthur disse antes que ele perdesse a habilidade para falar.

Charles recolheu a espada da *fae* e cortou o pescoço do lobo britânico inteiramente. Logo, com a espada em sua mão, olhou a Dana.

— Sabia que ele ia matar a sua companheira? — Perguntou.

Ela sorriu com ar de desculpa.

— Ele tinha à espada como refém.

— Não é uma resposta, — disse a ela. — Mas suponho que a vida de um humano não tem importância, não para ti. São tão curtas suas vidas de qualquer maneira. O que valeu sua vida? Ou a Chastel, ele era um monstro, não? O que valeu suas vidas quando estava de medido por uma espada como esta?

— Os comentários sarcásticos não vão bem contigo, — Dana disse com dignidade.

— Não, — Charles disse. — Suponho que não. Ele te contratou para matar meu pai?

Ela inclinou a cabeça.

— Recusei-me até que ofereceu Excalibur. Ela foi confiada a mim, ela é a razão de minha existência... E este parvo a tinha encontrado.

— E meu papai não veio. — Enquanto ele tinha a espada, ela falaria com ele, e Charles queria saber exatamente o que ela tinha feito, então poderia informar a seu pai.

— Não. Sabia que Bran não viria, os elementos me disseram que ia ser assim. Mas tinha que encontrar uma razão para que esse parvo me trouxesse a Excalibur. Sua fortaleza no Cornwall está protegida contra *fae*; Necessitava que a trouxesse aqui. Tive a intenção de não fazer acordos com o Arthur, só queria recuperar a espada.

— Não teria matado a meu papai?

— Não se ele permanecia em Montana. E ele permaneceu em Montana? Mas então escolheu vir em seu lugar, e trouxe algo contigo que Arthur quis mais que a morte de seu pai. Tive que enganar algo para que Chastel te matasse. Isso tinha obtido duas coisas: Asseguraria que Chastel não estivesse na melhor das condições quando os assassinos de Arthur fossem ao chamado, e que sua morte deixaria a sua companheira livre para que Arthur a reclamasse.

Charles aspirou profundamente. Ele não teve bases sustentáveis para condenar a de maldade. Ela não tinha matado ninguém, não havia derramado sangue, nem sequer o de Arthur. O intento não era suficiente para que ele atuasse contra ela, nem tampouco seu desgosto por seu guia moral.

De repente, com urgência, queria mais que nada uma ducha para enxaguar o sangue, o suor, e as sujeiras desta noite. Abriu a mão até que se sustentou o punho da espada com dois dedos e o ofereceu a ela.

— Isto é teu, ele admitiu o roubo. Cuida melhor desta vez.

Ela tomou com sua esquerda e seus nódulos se branquearam quando ela suspirou como um amante satisfeito a fim de contas. Ela estendeu sua mão direita.

— Sem remorsos?

Ele olhou a mão e não sentiu desejo de tomá-la. Tinha ressentimentos em abundância.

— Por favor, — ela disse.

Ele tomou sua mão.

— Meu papai falará contigo a respeito disso. Faltou a sua palavra para com ele. Sua mão estava apertada na dele, e ela olhou para baixo.

— Sei. Sei. E não posso ter isso. Ninguém deve saber. Se ninguém souber, estará bem. Entende.

Pela segunda vez na noite Charles se encontrou em seus joelhos com muito pouca ideia de como tinha ocorrido. Ele olhou a sua mão, seguia no agarre pela Dana, padrões fantasmas de azul percorreram seu braço.

Quando paralisou completamente a seu lado, a dor começou, mas ele não pôde abrir a boca.

— Se fosses humano, já estaria morto, — Dana disse. Ela retirou um cabelo que se liberou de sua trança fora de seu rosto — isso tomará mais tempo, mas não deixará rastros que possam ser seguidos.

Seu pai suspeitará, indubitavelmente, mas com tal de que ninguém conheça minha parte, estará bem.

Ela se inclinou e lhe beijou na bochecha.

— Eu gosto, Charles. Nunca teria fechado um bom trato com Arthur para te matar violentamente mas devo sua morte a seu pai. Ele me deu um aviso disso que nunca pode recuperar, só o devolvo o mesmo a ele, como prometi que o faria.

O Irmão Lobo se expressou com um grunhido, mas a dor os manteve imóveis no piso duro.

— Diga a ela que estaremos em quatorze minutos, — Angus disse tão logo como respondeu o telefone. — E, por mais tentador que seja, não vou conduzir cegamente ao redor da quadra, então suspeito que da próxima vez que você for chamado chegaremos em treze minutos.

Alan sujeitava seu telefone de forma aberta para assegurar-se de que Anna ouvisse isso.

— Sim, senhor, — ele disse, e acabou a chamada.

Anna sabia que devia se desculpar, mas não podia. Depois de perceberem que o ruído ouvido alguns minutos após Charles fechar a porta vinha de uma fechadura, e que o aposento era o lugar mais seguro para manter homens lobos que havia, descobriram que o telefone de Alan não funcionava. Demoraram um pouco para encontrar a estúpida caixa negra que impedia o celular de Alan de chamar, um tipo de desestabilizador telefônico de celular.

Quando telefonaram para Angus, ele já estava a caminho, alertado por uma mensagem de texto de Charles. O Marrok estava a trinta minutos de Seattle, pois tivera um mau pressentimento mais cedo, e quando Charles não respondeu ao telefone, Bran havia subido a bordo do avião e se dirigia para Seattle.

A este passo, Anna pensou, poderia alcançar Angus aqui. Tinha se passado dez minutos desde que o ruído identificado por Alan como uma briga de espadas parou. Oito minutos desde o

Charles havia fechado sua união tão apertadamente que tudo o que ela podia dizer era que ele não estava perto e não se estava movendo.

Suas feridas se fecharam, entretanto, algumas ardiam e alguns lugares estavam machucados.

Ela tinha agarrado um lençol e se enrolou com ele como um vestido improvisado. Quando caminhava com passos largos e espaçosos, as longitudes curtas das cadeias que penduravam de seus punhos e tornozelos faziam sons alegres que incomodavam a ela. Provavelmente incomodaram ao Alan mais, mas ele não disse nada.

Dezesseis minutos depois de sua última chamada, a porta se abriu.

— Perdão, — Tom disse. — Tivemos um problema pequeno encontrando o ferrolho eletrônico, estava no quarto com o corpo de Arthur.

— Charles?

— Moira cuida dele. — Tom disse.

Anna encontrou ao Charles descansando sobre seu lado no quarto de tesouros de Arthur em meio de um derramamento de pedaços de vidro quebrado acerados, sangue, e córneas. Moira estava ajoelhada ao lado dele com ambas de suas mãos em seu ombro nu.

— Tenho-lhe estabilizado agora mesmo, mas não vai ficar desse modo. Alguém aplicou uma maldição de morte a ele. Ele está lutando, e eu o ajudo.

Anna olhou a seu rosto. Ele não estava inconsciente e cada músculo de seu corpo estava tenso, as veias saltadas como se ele estivesse levantando pesos.

— Como o detemos? — Anna perguntou, não reconhecendo sua voz. Ela sabia bastante da magia para manter suas mãos fora.

— Encontrando quem o aplicou, e obrigando-o a retirar-lhe — Moira disse. — Ou matando a quem o fez.

— Pode saber quem fez isso?

Moira negou com a cabeça.

— Isto é algo novo para mim. Inclusive não posso dizer de tudo, se foi bruxaria, *fae*, ou alguma sorte de truque de homem lobo, esta muita entrelaçada com a magia dele. E sua magia é algo que nunca hei encontrado.

— Sua mãe era Índia, a filha de um xamã. — disse Angus.

— E seu pai nasceu de uma bruxa, — acrescentou Anna, sem considerar que Bran poderia não desejar que isso fosse do conhecimento geral. Nascido de Bruxa significava que Charles tinha

muito mais magia que o homem lobo comum, talvez isso ajudasse a Moira a lhe manter vivo.

Ela olhou ao redor do quarto, tratando de pôr em claro o que poderia ter ocorrido assim ela poderia figurar como arrumá-lo: Uma espada quebrada, uma faca de cozinha, Arthur morto. Magia... Os vampiros tinham podido usar magia, e ficava um vampiro. Ou poderia ter sido a mulher *fae*.

— Quanto tempo? — Ela perguntou a Moira.

— Até que não lhe possa aguentar mais, — a bruxa disse a ela. — Uma hora. Talvez duas.

— O Marrok está vindo. — A voz de Angus soou sombria. — E se alguém pode arrumar isso, é ele.

Houvera apenas uma luta no aposento. De Charles e Arthur. Quem quer que fizera aquilo com Charles, pegara-o de surpresa. Algo que o vampiro nunca conseguiria. Anna tinha que pensar. Precisava encontrar quem machucara Charles e mata-lo.

— Se Charles estava certo quando enviou esse texto, e Arthur era o vilão, então Arthur a matou — Anna disse. — matou sua própria companheira.

— Ou foi quem enfeitiçou Charles. — Angus retrucou.

Anna olhou o corte limpo que partira o pescoço de Arthur. O estilo de execução, de Charles. Ela não discutiu com Angus, mas sua loba estava segura: Arthur tinha matado sua esposa.

— Vou tentar encontrar algumas roupas.

— Você e Sunny são do mesmo tamanho, — disse Angus. — Não penso que ela se importaria que você pegasse suas roupas emprestadas.

Ela seguiu o cheiro de morte no quarto de Sunny. Ignorando o corpo deitado sobre a cama, foi à cômoda e agarrou uma calça solta cor de rosa brilhante e uma camiseta. Depois de vestir-se, colocou rapidamente meias e tênis de Sunny, os quais, por milagre, também se adaptavam a ela como uma luva.

Anna começou a caminhar para a porta, tomou uma pausa, e olhou à mulher morta.

— Meu marido se encarregou de seu assassino.

A boca de Sunny se abriu e sugou o ar. Anna congelou.

A mulher morta disse: — Anna Latham Cornick, companheira de Charles Cornick, Ômega da alcateia de Aspen Creek. Loba. Irmã. Filha. Amante. Amada. — Os olhos mortos de Sunny estavam abertos e giravam, e a cabeça dela também se virou até ela encarar Anna diretamente. — Aquela que já foi Nimue, a Senhora do Lago e agora se chama Dana Shea, desonrou sua fé ao quebrar sua palavra. Ela deve ser castigada, e a ti escolhemos como o instrumento de nossa

justiça. Nós a recompensaremos com a verdade e com isto — A mão de Sunny se levantou, e nela estava uma adaga com uma folha mais larga que seu antebraço. O cabo parecia ser de osso ou marfim, era difícil de dizer ao certo. — Pegue Carnwennen como o meio. A vida de seu companheiro como a razão. Nossa arte como o custo. O amor verdadeiro você recompensa. Recorde-a da Caçada Selvagem.

Anna não fez qualquer movimento para tocar a adaga.

— Quem é você?

— Somos as Senhoras Cinzas. Quem faz os mortos falarem, é aquela que toma os mortos dos campos de batalha. — O corpo de Sunny se sacudiu com força, a adaga caiu de sua mão para a cama. — Apressa-te, ou ele morrerá, e a justiça e a vingança ficarão sendo sua única recompensa.

Os olhos de Sunny se fecharam, e seu corpo voltou a ser um simples corpo. Anna aproximou-se dela e pegou a adaga, uma parte dela esperando que Sunny agarrasse seu punho. Mas nada ocorreu até ela tocar a adaga.

Logo, a magia roçou sua mão, primeiro lhe esquentando a pele onde tocou a adaga, logo a esfriando. Um presente de descobrimento, a Senhora Cinza havia dito, e uma recompensa de amor verdadeiro.

— Onde está Dana Shea? — Ela disse. E ela soube a resposta.

Ela subiu as escadas em dois saltos e saiu pela porta, passando roçando ao Tom e ignorando o grito de Angus. Ela passou correndo pelos automóveis estacionados e fora na rua, girando para a água. Por suposto que Dana estava dirigindo-se para a água.

— Onde vai? — Tom perguntou, correndo ao lado dela.

— Carnwennen é a maneira. — Anna respondeu, mostrando a adaga.

Ele tropeçou uma vez, mas a alcançou.

— *Fae*, que merda. — disse.

— A Senhora Cinza, — Anna acordou. — Carnwennen é a maneira. A justiça é a causa. O amor verdadeiro é a recompensa. Suas artes é o custo.

— Muito rápido, — ele disse, arrancando seu telefone celular. — Yeah, Angus. As *fae* se manifestaram. O melhor que posso supor, é que enviam Anna por Dana, não acredito que estão conectadas com o vampiro que escapou, e ele é o único outro jogador nisto. Anna está falando por enigmas, mas soa como se talvez elas tenham lhe prometido salvar Charles.

— Fique com ela. Ajude-a se for possível. — Angus soou frustrado.

— Ele vai me matar se algo acontecer com ela.

— Charles? — Anna perguntou através da neblina que a mantinha longe dele.

— Sim, ele também, mas eu falava de Bran.

Ela fez um som impaciente.

— Charles está ainda conosco, — Angus disse. — Moira diz se Dana fez isto, provavelmente isso se deterá com sua morte. Mas as *fae* são difíceis de matar.

— OH, penso que a adaga que deram a Anna matará uma *fae* muito bem, — Tom disse. — Fede aos céus de magia. E tem um nome. As coisas de *fae* que têm um nome usualmente matam qualquer coisa. Já ouviu falar de uma adaga chamada Carnwellen?

Angus repetiu a pergunta para o benefício da única pessoa na casa de Arthur que não podia escutar a conversação inteira.

— Moira, você conhece uma adaga chamada Carnwellen?

— Carnwennen? — Moira chiou.

— Provavelmente. — Tom disse ao outro.

— Carnwennen era a adaga do Rei Arthur. Significa pequeno punho branco. Arthur a usou para caçar uma grande Bruxa Negra.

— Tem um punho branco, — observou Tom. — Não vê tão pequena para mim. É tão larga como o antebraço dela, quase o suficiente como para ser uma espada pequena em lugar de uma adaga.

— Não pôde ter sido muito pequena, — disse Moira, quando a resposta do Tom tinha sido repetida para ela. — Ele supostamente cortou pela metade à bruxa com isso.

Anna viu o Tom olhar a adaga outra vez.

— Sim, — ele disse. — Penso que poderia servir para algo como isso.

— Mantem seguro. — Angus lhe disse.

— Recorda, — Moira disse, urgentemente. — Nunca terá que confiar nas *fæe*.

Anna franziu o cenho, — o troll nos disse isso.

— Disse-lhe o que?. — perguntou Tom.

Mas Anna estava mais preocupada em encontrar a Dana que em falar repetitivamente. Um rastro pavimentado se quebrou da estrada, e Tom apanhou seu braço, puxando-a para um alto.

— Anna, nós vamos ao bote da Dana?

— Não sei, — lhe disse, e assinalou com seu dedo. — Por aí.

— Podíamos ter tomado um carro, você sabe? — Ele disse, pegando seu telefone celular fechado com uma mão e preenchendo-o em um bolso.

Ele estava equivocado.

— Não, não o carro.

Ele subiu as sobrancelhas.

— Claro que não. Magia de fadas, né? O ferro frio. — Ele se fixou bem nas cadeias de seu punho. — Teria pensado que esses lhe preservariam.

— Tenho que ir, — lhe disse intensamente—. Agora.

— Esta é a rota do Burke Gilman, — lhe disse. — Se vai encaminhado ao bote da Dana, este rastro vai bem por sua doca. É uma rota mais direta que baixar correndo pela estrada, e

teremos maior probabilidade de chamar a atenção com essa coisa. Não muitas pessoas saem a correr na metade do inverno a esta hora da manhã.

Logo deixou ela ir. Deixando-a decidir.

Ela baixou correndo seguindo o rastro, estirando suas pernas e deixando à caçada tomá-la. A Caçada Selvagem. Era cedo de amanhã, mas a escuridão ainda exercia uma vigilância sobre eles, escuridão e a lasca mais fraca da lua. Estava quase o tempo da escuridão da lua, ela pensou, mas ainda havia luz para a caçada noturna.

Estavam quase perto das docas quando os encantos se desvaneceram. Ela poderia ver a casa flutuante da Dana, mas pôde forçar a suas pernas a caminhar. Uma vez que ela tinha desacelerado, não era uma coisa tão dura para deter inteiramente. As cadeias estavam fazendo o truque, ela pensou, porque pareceu que suas mãos e seus pés retornaram a seu controle antes de qualquer outra parte de seu corpo.

— Tom? — Anna perguntou, ofegando.

— Elogiada seja a virgem, — ele disse—. Está de volta comigo.

— Magia, — ela disse.

— Magia. O que te passou?

Disse-lhe, falando mais rápido como sua língua começasse a andar bem outra vez.

— Cadáveres falando, né? — Ele disse. — Sujo. — Logo ele chamou a Moira e Anna contou a história para a bruxa... E provavelmente todos os homens lobos se reuniram ao redor do telefone.

— Ela que toma a morte. — Moira soou exausta. — Provavelmente era uma das Morrigan. Babd ou talvez Nemain, provavelmente não Macha. Sinto muito, não necessita isto. Minha concentração disparou. Querem que mate a Dana. Por quê?

— Ela faltou a sua palavra, — Angus disse. — Agora ela será um exemplo. Eu não gosto que usem a Anna para fazê-lo.

— A caçada selvagem, — Disse Anna. — Ela mencionou a Caçada Selvagem, penso que isso é o que disse. Certa quantidade disso foi um pouco difícil de interpretar. Soou como se a caçada fosse justamente para mim.

— Eles enviaram a uma loba apanhada no corpo humano com uma adaga, embora seja encantada, atrás de uma mulher que casualmente é uma Senhora Cinza. — Angus disse com excesso, para quem quer que estivesse escutando, ou talvez só para si mesmo. — Não acredito que ela esteja destinada a ter êxito.

Ela é Nimue, a Senhora do Lago. O irmão Lobo falou com ela em palavras claras pela primeira vez. Sua voz soou como ao Charles, mas não muito e trovejou através de sua união.

Depois das palavras, ele somou uma inundação de informações que não teve palavras. A dor que ele tratou de manter-se dissimulado dela, não o silenciando, mas protegendo a disso. A adaga era parte de um tesouro furtado por Arthur, incluindo Excalibur, a qual Dana agora tinha. Com preocupação lhe ordenou que devia retornar ao apartamento de Arthur e esperar ao Marrok. Ela devia manter-se longe da Dana. Ele pensava que ela estava sendo usada para devolver a adaga a Dana, para a custódia.

Ele pensou que ela era só uma advertência, o que implicava que ia a ser destruída depois de que entregasse sua mensagem.

E logo o Irmão Lobo se foi outra vez, e a união se sentiu... mais débil.

— Nunca confie numa *fae*, — Anna disse. Acreditou no Irmão Lobo. Mas ela era quão única o tinha ouvido, graças a Deus, ou não a deixariam fazer o que ela precisava fazer.

— Moira. Como Charles está?

— Não bem.

Ela sabia disso, sentiu-o enquanto o Irmão Lobo se comunicava com ela.

— Quanto tempo ele tem?

— Posso ajudar para talvez quinze minutos mais, e logo é simplesmente uma matéria de tempo. Ele está em uma grande quantidade de dor, penso, e isso não ajuda.

— Se ele... — Ela teve que aspirar e fazer outro intento. — Se ele morrer antes que consiga chegar, poderia dizer quem o Matou? Que foi uma maldição de morte? Que uma *fae* a colocou sobre ele?

— Não, — Moira disse. — Não lhe posso dizer quem o colocou sobre ele agora. Se ele estivesse morto, provavelmente ninguém até poderia dizê-lo de tudo com certeza que foi algo mágico que o Matou. Se Charles não seguisse lutando contra isso...

— E Dana não tinha forma de saber que Angus e eu sabemos que ela faltou a sua palavra para com o Bran. Ela pensou que Charles era o único.

Ela falava para si.

— Que tão longe está o Marrok?

Ela não estava segura de que Bran pudesse ajudar. Tinha aprendido que ele não era infalível, só horripilante.

— Ele aterrizará em Seja Tac em dez minutos.

— Não o suficientemente logo, — disse Anna. Cortou a chamada.

— O que está planejando? — Perguntou Tom.

— Penso que esse é muito cerebral para lhe pôr um nome, — ela disse. — Monte de ouvido. Mas penso que esta é a única oportunidade de Charles. — Isso significava sua própria morte. Charles estava morrendo.

O telefone timbrou. Tom olhou para o telefone.

— Angus. Ele poderia nos dizer que sigamos adiante.

— E se não o faz?

Tom fechou seu telefone.

— Vamos entrar junto, ou me quer como respaldo?

Ela pensou a respeito disso.

— Ela gosta dos homens. Penso que poderia ir melhor se vier comigo. — Ela o olhou de novo. — Mas me deixe pedir emprestada sua jaqueta. — As pessoas a menosprezavam todo o tempo. Talvez a Senhora Cinza também.

A água era negra sob o dique flutuante, e Anna não teve nenhum desejo de brincar. Ela golpeou a porta, contente por ter Tom a suas costas.

— Quem está aí? — A voz da Dana soou como se ela estivesse em pé ao lado deles.

— Sabe quem é, — disse Anna, não se incomodando em elevar a voz, Dana podia ouvir. — Tenho algo para ti. Um presente, uma advertência... Depende de ti.

— Estou no estudo. — A porta se abriu.

Anna abriu caminho através do bote subindo as escadas para o estudo.

As luzes estavam acesas e o cenário era muito parecido com o que a *fae* tinha criado na primeira vez que Anna estivera aqui. Ela estava trabalhando em uma pintura que Anna não podia ver.

A pintura que o Marrok tinha lhe enviado estava pendurada na parede esquerda. Uma espada se apoiava casualmente contra a mesma parede, mas do lado mais longínquo do quarto. Era uma arma muito parecida com a que Arthur tinha exibido, clamando que era Excalibur. Partindo do que

Irmão Lobo dissera, esta podia ser a verdadeira. Sua cópia estava em pedaços espalhados por todo o quarto do tesouro de Arthur, depois da defesa de seu companheiro.

— A Senhora Cinza me enviou para matar você, — Anna disse à mulher *fae*, que não tinha olhado por sobre sua pintura sequer uma vez. — No entanto, o Irmão Lobo acha que na verdade sou uma mensageira — Anna continuou, — enviada aqui apenas para avisar você de que da próxima vez a própria caçada selvagem será enviada por ti. Ele acredita ainda que eu fui enviada para entregar um presente a você. E para ser morta.

Anna inspirou profundamente. — E eu penso que ele está certo.

A *fae* olhou por acima de sua pintura. Ela era bela. Não uma beleza fria, perfeita, mas impactante. Esta era uma mulher terrível em sua cólera e feroz em combate. Anna sentiu a mesma fascinação por Dana que da primeira vez que a tinha visto. Inspirou profundamente e fechou a mão direita sobre o bracelete em seu pulso esquerdo.

Quando ela olhou de novo, Dana parecia ainda bela, mas Anna já não sentia como se estivesse sendo sugada por sua beleza.

Dana sorriu, como se a resistência de Anna a divertisse.

— Quem é o Irmão Lobo?

— Um amigo. — Anna não quis dar a Dana algo que ela pudesse usar. — Tive a intenção de vir aqui e te atacar, mas elas não contaram com o pequeno presente que os vampiros de Arthur me deixaram.

— Ela mostrou a Dana uma de suas cadeias no punho e sacudiu um pie para fazer as cadeias tilintar. — Seu enguiço me deixou com poucas opções, e a ti igualmente. Se eu te atacar e você me matar... Ficaria sob seu poder, não do teu.

— Sou uma Senhora Cinza, eu não presto contas a ninguém.

— Se Charles morrer e você me matar, o Marrok seguirá sua pista. Você seria forçada a escolher entre a morte ou o abandono deste lugar. Teria que voltar para a Europa. E ficaria a mercê delas.

Os lábios da Dana estreitaram-se de cólera e... O nariz de Anna captou uma pontada de medo.

— Você falou que tinha um presente para mim?

Dana tentava mudar de assunto. Mas Anna estava comandando a conversa.

— você não sabe que..., — ela começou a dizer, com algum esforço, — quando amaldiçoou Charles, todos nós já sabíamos que você faltou com a sua palavra de proteger aos lobos que assistiam a convenção, não? Eu percebi isso, assim como Angus, e nós contamos isso para Bran e

Charles. Não era suficiente para uma acusação formal. Mas é o suficiente para, caso Charles morra de causas antinaturais, Bran apontar diretamente a você.

A *fae* baixou o pincel e o usou como uma desculpa para não olhar. Mas Anna podia entender melhor a partir do cheiro que Dana exalava do que sua expressão facial, de qualquer maneira. O cheiro de pânico era claro. Ela não tinha medo de Anna, mas tinha medo do Marrok.

Muito bem. Com sorte, seria o bastante.

Anna se moveu ao redor da pintura, até estar a uns dois pés de distancia de Dana.

— Nimue, Senhora do Lago, — Anna disse, chamando seu dom de apaziguar e acalmar. — Retire a maldição de meu marido. Eu dou a você minha palavra de que nem uma palavra sobre as suas faltas será dita. — E minha palavra é boa, ela pensou, mas não disse em voz alta. — O Marrok não caçará ou expulsará você, de suas terras.

A *fae* cravou os olhos na pintura no suporte de livro. Picasso era uma escolha melhor do que Vermeer, Anna pensou vagamente. Nem mesmo peritos poderiam concordar quanto ao que Picasso tentava transmitir com seus quadros. Ninguém poderia dizer a Dana que sua cópia estava ruim.

— Não, — disse Dana, sua voz foi grossa com ferocidade. Ela levantou sua mão e apontou na pintura, não a dela, a não ser a que está na parede, o presente do Marrok. — Não tive dor em mil anos. Vê o que ele fez a mim. Cada vez que olho isso, sinto... Sinto como o dia que tive que deixá-lo. Jurei ante vocês que lhe pagaria com a mesma moeda. E ele vai a pagar da mesma maneira que eu... Com a mesma dor. Perdi minha casa, ele perde seu filho. Eu voltarei para a Europa, e ele...

Anna a apunhalou com a adaga que ela havia encoberto na jaqueta do Tom. Sob as costelas e através do coração, assim como seu programa de televisão forense favorito tinha ensinado.

Os olhos da *fae* transmitiram surpresa, só por um instante, antes que não houvesse nada neles.

— Não foi a resposta errada, — informou Anna.

— Não se mova, — disse Tom, e usou a espada que estivera apoiada contra a parede.

Anna tirou a adaga do corpo e a limpou com um farrapo que Dana tinha na mesinha junto à suas pinturas. Procurando evitar pensar no que ocorrera. E fracassando miseravelmente.

— Com este, são seis corpos decapitados nesta viagem, — ela disse, odiando o tremor em sua foz. — E não estou contando os primeiros dois vampiros que matamos, porque seus corpos viraram pó. Seis são simplesmente um pouco demais, não acha?

— Talvez ela permanecesse morta, — Tom disse a ela. — Não sei muito a respeito de matar às *fae*. Supõe-se que ferro frio funcione, e essa adaga tem bastante disso, ferro frio, afiado e bonito. Mas para estarmos condenadamente seguros de que não toparemos com ela outra vez, não

faria mal assegurar-se.

— Você poderia... poderia chamar? — Teria chegado a tempo? Teria funcionado? Charles estava morrendo enquanto ela estava ali?

Tom pegou o farrapo ensanguentado e limpou totalmente a espada com golpes eficientes. Depois entregou a Anna seu celular.

— Hey, Moira, — ele disse. — Como Charles está?

— Melhor. — Moira soava um tanto desanimada. — Um pouco. Não muito bem. Mas a maldição se dissipou há alguns minutos. Ele melhorará.

— Isso é o que acontece quando uma Ômega negocia, — Angus declarou. — nem mesmo uma *fae* pode opor-se a ela.

Tom baixou o olhar para o corpo de Dana.

— Nem mais nem menos que isso, — ele concordou. — Embora eu não saiba se alguém esperaria exatamente este resultado.

O troll, com sua aparência de vagabundo, esperava-os fora da porta apoiado contra o bote, fumando um cigarro e observando os próprios pés.

Tom deu um passo à frente de Anna.

— Bem, — disse o gnomo, com voz suave. — Suponho que isto demonstra... Hum... Não que alguém pensasse que havia isso dentro de vós, Senhora. Mais especialmente isso. — Ele inclinou sua cabeça para o bote.

— Ela ia matar meu companheiro. — Anna declarou

O troll assentiu.

— E me parece que a você também. Ela deveria saber que algumas pessoas tomam coisas como o assassinato de companheiros direto ao coração, bem. — Ele apagou o cigarro em seu polegar e o lançou na água. — Supõe-se que devo tomar posse do...

Anna deu um passo ao redor do Tom, a adaga em uma mão e a espada na outra.

— Não são meus, — ela disse. — Não os quero.

O troll deu um passo atrás, logo teve que fazer algum jogo de pés para não cair na água.

— Você não desejaria que essas coisas estivessem comigo. Não faça isso. Supõe-se que

devo tomar posse do corpo. Ocupar-nos-emos de que a Senhora Dana Shea não fique exposta. — Ele parecia mais tranquilo depois que Anna deixou cair as mãos e parou de tentar lhe entregar as armas. Supõe-se que eu devo pedir a você que cuide delas por um tempo. Alguém chegará para reclama-las mais tarde. Alguém mais. — E no caso dela não ter entendido, ele acrescentou: — Alguém que não eu.

—Bem, — disse Anna. — De acordo.

Ele tirou o impermeável velho que usava.

— Talvez você queira guarda-las aqui dentro. Ficarão...fora da vista, escondidas por um pouco de maga e uma grande quantidade de tecido.

Ela teve que reprimir um agradecimento. Tom, pegando o casaco do Troll, não pareceu ter o mesmo problema. — Providenciarei para que o casaco seja entregue a quem vier buscar as armas, — Tom disse ao invés de agradecer. — Talvez ele possa ser devolvido a você.

O troll inclinou a cabeça uma vez e entrou no bote.

— Troll, — disse Tom atentamente, e bateu duas vezes em um lado do bote com os nós dos dedos. — Suponho que não era preciso cortar a cabeça, afina. *Bon appetit*.

Estavam a meio caminho de volta, talvez - Anna tropeçava de cansaço e sua estimativa de distância podia estar errada - quando ela notou um carro caro, mas anônimo, ronronando em uma junção entre o caminho onde estavam e o cruzamento da rua.

—Estou vendo, — Tom disse, movendo-se entre ela e o carro.

Muito consciente do que levava, Anna não protestou. Ela não queria as armas, mas muitas pessoas não as quereriam com ela, tampouco. Como o vampiro que escapou.

Ela ficou atrasada uma dúzia de pés e deixou Tom tomar a dianteira. Se ao menos a espada fosse uma pistola...ela sabia como usar uma pistola.

A porta traseira do carro se abriu e Bran saiu. Tom não parecia aliviado. Então Anna acelerou o passo, embora supostamente devia estar correndo, mas tudo o que conseguiu foi um passo acelerado.

— Tudo bem, tudo bem...Tom, apresento-lhe Bran Cornick, o Marrok. Bran, este é Tom. Não recordo o sobrenome, mas ele salvou minha vida.

—Tom Franklin, — Bran disse. — Obrigado. Anna... — ele balançou a cabeça. — As palavras me faltam.

— Aqui. — Anna entregou o casaco com a espada e a adaga a Bran. — Pegue isso você.

Não as quero. Alguém, supostamente, virá busca-las mais tarde.

— Ah, — Bran disse, e baixou o olhar para o casaco puído. — Seattle não é o lugar onde eu teria esperado encontrar isto. — Ele parecia saber o que segurava, embora ambos os objetos continuassem completamente tampados.

Tom sorriu.

— Seattle é uma cidade com certo...charme. A gente nunca sabe o que vai encontrar quando alguém vem visita-la. Boa comida, pessoas amigáveis, lendárias armas antigas. Sempre algo diferente.

— Entrem em carro, — Bran disse. — Estão todos em caminho à casa de Angus.

— Charles? — Anna não pôde evitar soar ansiosa.

— Ele queria vir comigo, — disse Bran. — Mas eu respondi que ele teria que esperar se mover com seus próprios pés. Ele está a caminho da casa de Angus, se não estiver ali já. — O carro se aproximou e Anna deslizou dentro ao lado dele, deixando o assento junto à janela para Tom.

Bran a encarou sorrindo.

— Ele não estava muito feliz comigo. Nem contigo, tampouco. Prepare-se para ouvi-lo gritar, porque o assustou muito desta vez.

— Soa injusto, para mim, — Anna disse, embora não estivesse incomodada. — Arrisco meu pescoço para salvá-lo, e ele grita comigo. — Charles estava vivo, ele poderia gritar com ela tudo o que quisesse.

— Quando ele se aproximar, apenas solte algumas lágrimas, — resmungou Tom. — Ele se calará. Funciona para Moira.

— Arthur está morto, Dana está morta. Cinco dos seis vampiros estão mortos, —Anna disse. — Há só um vilão solto.

— Não temos que nos preocupar com o vampiro que escapou, — Bran respondeu. — Os vampiros locais o encontraram e se encarregaram do assunto. Aparentemente, enviaram a prova para Angus.

— Bom, — disse Tom.

“Bom” é uma palavra equivocada, Anna pensou. “Bem” não deveria aplicar-se a corpos sem cabeça e pessoas mortas. Mas ela não tinha uma melhor palavra.

Anna teve que perguntar.

— Bran? Poderia ter feito algo para impedir que a *fae* matasse o Charles? Deveria ter esperado? — Matei desnecessariamente?

Ele deve ter ouvido sua preocupação tácita.

— Em tribunais humanos, os cargos mínimos que confrontaria Dana seriam conspiração para cometer assassinato. Charles confirma que ela sabia que Arthur planejava matar Sunny. Jean Chastel. Charles. Ela estava em processo de assassinar ao Charles. Isso é intento de assassinato. — Ele negou com a cabeça. — Não lamente sua morte.

— Ela era a Senhora do Lago. — Anna disse em voz baixa.

— E ter fama a deveria ter feito imune às consequências de suas ações?

Ele tomou sua cabeça e beijou sua frente. “Eu te absolvo”. Ali um pouco de latim para ti, minha querida. Absolvo-te de sua culpabilidade. Fez bem. A única forma que poderia ter detido era da mesma forma que o fez você. E teria chegado tarde.

— *De duobus malis, minus est semper eligendum*, — ela se queixou. — Sua morte foi o mal menor.

Charles estava sentado no esplendor solitário de um sofá enorme, na metade da sala de estar de Angus... Enquanto as outras dez ou doze pessoas presentes estavam todas juntas no outro lado da habitação.

Anna examinou a cena.

— OK, — ela disse. — Quem está sendo um grosseiro.

Ele a olhou. Por esse olhar, ela pensou, faria muito mais que matar. Ele deu umas batidinhas no sofá ao lado dele, mas ela se meteu em seu regaço em seu lugar.

— Tive uma noite realmente má, — ela disse. — Há alguma possibilidade de que possamos dormir um pouco?

Charles a beijou, um comprido, complexo beijo que não tomava prisioneiros.

Quando ele concluiu, ela se chupou seus lábios, e disse, em uma voz que estava um pouco ofegante:

— Isso quer dizer não?

— Mataria dragões por ti, — disse. — Suspeito que encontrar um dormitório desocupado será mais fácil.

Ela se separou só um pouco, o suficientemente para ver seu rosto.

— Dragões, hã. Pois bem, Eu matei a Senhora do Lago por você, senhor.

Ele cavou seu rosto em suas mãos, — Sinto muito, Anna.

Absolve-te, certamente, ela pensou. Tendo de frente a carne quente e inegavelmente viva de Charles, soube que teria matado a *fae* outra vez.

— Eu não o sinto, — ela disse. — Te amo.

Angus suspirou.

— Apaixonados. — ele disse.

FIM

[1] Nome próprio, por isso foi deixado no idioma original.

[2] Mais ou menos entre 30 e 40 quilos.